

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

Arthur Almeida Passos

A ESTÉTICA DO FUTEBOL NA FICÇÃO DE SÉRGIO SANT'ANNA

Belo Horizonte

2024

Arthur Almeida Passos

A ESTÉTICA DO FUTEBOL NA FICÇÃO DE SÉRGIO SANT'ANNA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcio de Vasconcellos Serelle
Coorientador: Prof. Dr. Lee Hugh McGowan

Belo Horizonte

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P289e Passos, Arthur Almeida
A estética do futebol na ficção de Sérgio Sant'Anna / Arthur Almeida Passos.
Belo Horizonte, 2024.
196 f.

Orientador: Marcio de Vasconcellos Serelle
Coorientador: Lee Hugh McGowan
Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Sant'Anna, Sérgio, 1941-2020. 2. Futebol - Ficção. 3. Literatura brasileira.
4. Literatura - Estética. 5. Futebol na arte. 6. Futebol na literatura. 7. Futebol -
Aspectos sociais. I. Serelle, Marcio de Vasconcellos. II. McGowan, Lee Hugh.
III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-
Graduação em Letras. IV. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 869.0(81)-94

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Arthur Almeida Passos

A ESTÉTICA DO FUTEBOL NA FICÇÃO DE SÉRGIO SANT'ANNA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Literaturas de Língua Portuguesa

Profº Drº Marcio de Vasconcellos Serelle (Orientador – PUC Minas)

Profº Drº Lee Hugh McGowan (Coorientador – Universidade de Sunshine Coast)

Profº Drº Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG)

Profª Drª Vera Lucia Follain de Figueiredo (PUC Rio)

Profª Drª Márcia Marques de Moraes (PUC Minas)

Profª Drª Raquel Beatriz Junqueira Guimarães (PUC Minas)

Profº Drº Cláudio Rodrigues Coração (UFOP – Suplente)

Profº Drº Alexandre Veloso de Abreu (PUC Minas – Suplente)

Belo Horizonte, 9 de maio de 2024.

Para Raquel e Caio.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por todo amor, incentivo, paciência, resiliência e apoio demonstrados e propiciados durante meu doutorado. À minha esposa, Raquel, e ao meu filho, Caio, a quem tudo dedico e que tanto suportaram durante minhas ausências frequentes, prolongadas e absolutamente desgastantes para estudo. À minha mãe, Anadabe, por todo auxílio concedido sempre que a ela recorria. Aos meus sogros, Silvana e Marcos, por cuidarem da minha esposa e do meu filho enquanto estive fora do país, em doutorado-sanduíche.

Aos meus orientadores, pelo acolhimento, incentivo, atenção e sabedoria dedicados e dispensados a mim e à minha pesquisa. Ao Prof^o Marcio Serelle, por ter me aceitado como orientando no meio do percurso, pelas leituras sempre cuidadosas, pertinentes e enriquecedoras dos rascunhos da tese e por todo aprendizado que tem me proporcionado desde os tempos de Prédio 13. Ao Prof^o Lee McGowan, por todo apoio concedido muito antes e durante meu período em Brisbane, pelas diversas oportunidades acadêmicas que têm me propiciado desde então e por ter colaborado enormemente para o andamento de minha tese.

Aos membros da banca, pelo tempo despendido com a leitura da minha pesquisa, pelas contribuições mais do que excelentes para os textos da qualificação e da defesa e pela chance de conversarmos sobre literatura, futebol e estética em momentos tão importantes de minha trajetória acadêmica.

Aos meus professores, com quem muito aprendi em meu tempo no Pós-Letras. À Prof^a Marcia de Moraes, por ter me aceitado como seu orientando no início do curso, pelos livros do José Miguel Wisnik e do Edilberto Coutinho com que me presenteou ainda durante meu mestrado e pelo incentivo decisivo que me deu quando eu ainda começava a investigar relações entre futebol e literatura. À Prof^a Raquel Guimarães, que me fez perceber, pela primeira vez, que o futebol podia ter protagonismo na literatura, e que esse papel podia ser investigado a fundo e com todo o entusiasmo de um apaixonado pelo esporte e pela palavra.

Aos colegas e amigos feitos no doutorado, que me ajudaram de diferentes maneiras e que também muito me ensinaram. À Dênia Andrade, por ter me apresentado o conto de Sérgio Sant'Anna que analiso mais de perto neste trabalho, antes mesmo de sua publicação em livro. À Letícia Myrrha, pelas dicas valiosas sobre o visto australiano, que me fizeram economizar tempo, energia e dinheiro. À Dayane Argentino, pela parceria acadêmica e pelos desabafos via WhatsApp. Ao David Forrest, pelas caronas até a Universidade de Sunshine Coast, pelas conversas instigantes sobre futebol e estética e pelas referências bibliográficas que me indicou com sua dissertação de mestrado. À Amanda Fiedler e aos demais colegas e professores do

grupo de estudos sobre futebol feminino na Oceania, que muito gentilmente me acolheram na equipe e com quem tive o privilégio de colaborar em projetos únicos dentro de meu percurso acadêmico. Aos amigos que fiz na UniLodge, especialmente ao Bruno, à Ludmila, ao Huang, ao Rafael e ao Vítor, companhias que tornaram mais tolerável a saudade de casa.

Aos graduandos da PUC Minas. Àqueles que, participando das oficinas de literaturas de língua inglesa que ofereci ao longo de um ano, muito contribuíram para que eu aprofundasse meu segundo idioma e me sentisse preparado para os desafios linguísticos e culturais com que viria a me deparar no exterior. Àqueles que me concederam, através do Prof^o Marcio Serelle, a grata oportunidade de retornar ao Prédio 13, depois de tantos e tantos anos, fazendo-me aprender mais sobre as ricas relações entre os campos da arte, especialmente no que concerne à literatura, ao futebol e ao cinema.

Aos meus primos, aos meus colegas de infância e adolescência e aos meus amigos de torcida, com quem dividi, na rua, na escola e na arquibancada, minhas experiências mais significativas no futebol até hoje. Ao Tiago, ao Marcel e aos “Heróis”.

Ao Cruzeiro Esporte Clube, por me revelar, por intermédio do meu pai, João, a quem também sou imensamente grato, toda a exuberância estética de que o futebol pode se revestir – um aprendizado para a vida, que se reflete em muitas linhas deste trabalho. Ao Marcelo Ramos, pelos gols inúmeros e inesquecíveis, como aquele contra o Palmeiras, que vi e revi, vezes sem conta, em VHS. Ao Ricardinho, pela classe com que atuava e pelos tantos e importantes títulos de que participou. Ao Valdo, pelos gols de falta na memorável goleada sobre o Atlético Mineiro e cuja brilhante passagem pelo clube será, infelizmente, para sempre ofuscada pelos três vice-campeonatos consecutivos meses antes. Ao Dida, por me mostrar, com suas diversas defesas de pênaltis e com seus reflexos e agilidade impressionantes, que um goleiro pode muito bem ser o craque de um time e um gênio da bola. Ao Geovanni, pelo dramático e monumental gol contra o São Paulo, a experiência futebolística mais fulminante que já vivenciei. Ao Alex, por ter jogado em Belo Horizonte, simplesmente, *tudo* o que sabia. Ao “Professor” Vanderlei Luxemburgo, por ter montado e dirigido um dos maiores times de nossa história, extremamente técnico e vencedor, que tive o prazer e o orgulho inextinguíveis de acompanhar jogo a jogo.

À PUC Minas e à Universidade de Sunshine Coast, que dispuseram toda estrutura necessária, material e humana, para o desenvolvimento desta pesquisa.

À CAPES, que financiou integralmente meus estudos no Brasil e na Austrália, apesar dos desafios e obstáculos impostos à ciência no país em anos recentes.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que este trabalho viesse à luz.

Não demora muito, os craques já estarão cobrando direito autoral. Com o videoteipe, o futebol entrou na História da Arte. E o gol, o passe viraram obra de museu. Aquele passe matemático do Gérson para o Pelé, por exemplo, no segundo gol do Brasil na Copa de 70. É como se aquela bola nunca fosse cair. Como se sua trajetória fosse eterna, é o que eu quero dizer. Mas tem de ser gol ou passe em jogo importante. No jogo de hoje pode acontecer a maior jogada de todos os tempos que se for do nosso time ninguém vai arquivar nas estações de TV. As mesmas estações que não se cansam de repetir as jogadas imortais do Pelé naquela Copa que não se concretizaram em gol. Como o chute do meio do campo contra a Tchecoslováquia ou o drible de corpo no goleiro Marzukiewsky, do Uruguai, quando Pelé depois fez o mais difícil: concluiu para fora (SANT'ANNA, 1997b, p. 214).

Beleza pura também tem função? A arte deve ser aplicada? A esfera é a mais perfeita das formas? O gol bonito junta o útil ao agradável? (Já o gol de pênalti costuma ser apenas útil, a não ser quando o cobrador joga o goleiro para um lado e a bola de mansinho no outro canto, às vezes na trave ou para fora.) Mas útil exatamente para quê? Ganhar ou perder faz diferença diante da morte? (SANT'ANNA, 2012, p. 71).

[...] Didi é meia-armador e um exímio cobrador de faltas, que bate com sua famosa folha seca. A folha seca é assim: a bola vem pelo alto, mas perto do gol, perto de mim, de repente perde a força e cai, tantas vezes na rede. Didi acaba de bater uma falta dessas, só que a bola bateu na trave, eu, bem no ângulo. Não sei se devo sentir orgulho ou decepção, acho que ambas as coisas. Pois a cobrança foi perfeita, uma obra-prima, que assisti do meu posto privilegiado, mas ao mesmo tempo me sinto defendendo o gol do Castilho, meu irmão quase, eu diria. Didi sorriu para dentro, com seu jeito discreto, pois foi bonito e engraçado. Pode isso? Pode (SANT'ANNA, 2021, p. 93-94).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o futebol na ficção de Sérgio Sant'Anna. Seu principal objetivo consiste em investigar a hipótese segundo a qual essa modalidade esportiva constituiria, para além de tema literário, um fenômeno estético em contos e novelas do autor. Para verificar essa suposição interpretativa, a tese, de cunho fundamentalmente bibliográfico, é organizada em três partes, que se afunilam progressivamente, partindo da consideração do futebol como fenômeno cultural abrangente para o estudo do futebol como fenômeno estético na ficção de Sérgio Sant'Anna, e obedecendo ao pressuposto de que o jogo pode ser examinado como tema e/ou como forma. Na primeira parte, o futebol é tratado de uma perspectiva cultural ampliada, com base em consultas a fontes de diferentes tipos, como ensaios acadêmicos, artigos de periódicos e levantamentos estatísticos. Encarado como tema sobre o qual se pode falar, refletir e criar, o esporte tem focalizados sua prática singular; suas origens, hipotéticos e efetivos parentescos e principais derivações; sua relevância na contemporaneidade enquanto experiência do corpo, do olhar e do discurso; e seu lugar no universo letrado, particularmente nas ciências humanas e na literatura brasileira. Na segunda parte, o futebol é observado de um ângulo estético, com a colaboração de verbetes, entrevistas, artigos e ensaios produzidos nos campos da filosofia, dos estudos linguísticos e literários e da crítica literária. Tida como objeto significante, produtor de sentidos, a modalidade tem ressaltados os aspectos que lhe conferem beleza; sua possível assimilação de componentes diversos e relevantes das artes, senão necessários a elas, como técnica e criatividade; e suas relações intersemióticas com a literatura, ora interpretadas como produtivas, ora como improdutivas de efeitos no campo artístico. Na terceira parte, o futebol é investigado, enquanto tema e forma, no contexto da vida e da obra de Sérgio Sant'Anna, a partir de consultas a entrevistas, perfis, artigos, ensaios e críticas em torno do assunto, bem como de leituras, categorizações e análises de contos e novelas do autor. O percurso mostra que o futebol é um elemento recorrente, significativo, fundamental e paradoxalmente pouco estudado na ficção de Sérgio Sant'Anna; pode refletir, literariamente, experiências de diversas ordens do autor, principalmente em sua produção memorialística, predominante na parte final de sua trajetória como escritor; colabora para constituir, quando tema narrativo primário, uma categoria específica de textos dentro de sua poética, a chamada ficção de futebol; e adquire, com efeito, uma condição estética em determinados contos e novelas do autor, do que a tese procura dar mostras genéricas, merecedoras de estudos futuros mais aprofundados, e específicas, com o exame mais detido de "Das memórias de uma trave de futebol em 1955".

Palavras-chave: Sérgio Sant'Anna. Estética do futebol. Ficção de futebol. Literatura brasileira. Futebol e cultura.

ABSTRACT

This research has as its object of study football in Sérgio Sant'Anna's fiction. Its main purpose is to investigate the hypothesis according to which this sport would constitute, in addition to being a literary theme, an aesthetic phenomenon in the author's short stories and novels. To verify this interpretative assumption, the thesis, fundamentally bibliographic in nature, is organised into three parts, which progressively narrow down, starting from the consideration of football as a comprehensive cultural phenomenon to the study of football as an aesthetic phenomenon in Sérgio Sant'Anna's fiction, and obeying the assumption that the game can be examined as a theme and/or as a form. In the first part, football is treated from an ample cultural perspective, based on consultations with different types of sources, such as academic essays, journal articles, and statistical surveys. Viewed as a topic on which one can talk, reflect and create, the research focuses on the sport's unique practice; its origins, hypothetical and actual kinships, and main derivations; its relevance in contemporaneity as an experience of the body, gaze, and discourse; and its particular place both in the human sciences and Brazilian literature. In the second part, football is observed from an aesthetic angle, with the collaboration of entries, interviews, articles, and essays produced in the fields of philosophy, linguistic and literary studies, and literary criticism. Considered as a significant object, producer of meanings, the aspects that give the modality its beauty are highlighted, as well as its possible assimilation of diverse and relevant, if not necessary, components of the arts such as technique and creativity, and its intersemiotic relationships with literature, which are sometimes interpreted as productive, sometimes as unproductive in the artistic field. In the third part, football is investigated, both as a theme and a form, in the context of Sérgio Sant'Anna's life and work, based on interviews, profiles, articles, essays, and criticisms on the subject, as well as readings, categorisations, and analyses of his short stories and novels. The research shows that football is a recurring, significant, fundamental, and paradoxically little studied element in Sérgio Sant'Anna's fiction; it can reflect, in a literary sense, different kinds of experiences of the author himself, mainly in his memoiristic production, which predominates in the final part of his career as a writer; collaborates to constitute, when it is the primary narrative theme, a specific category of texts, the so-called football fiction, within his poetics; and indeed acquires an aesthetic condition in some of his short stories and novels, of which the thesis seeks to provide generic examples, worthy of more in-depth future studies, and specific ones, with a closer examination of the short story "Das memórias de uma trave de futebol em 1955" ["Of the memories of a football goalpost in 1955"].

Keywords: Sérgio Sant'Anna. Football aesthetics. Football fiction. Brazilian literature.
Football and culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
PARTE I – FUTEBOL E CULTURA: UMA VISÃO DO ESPORTE COMO TEMA DE REFLEXÃO E DE CRIAÇÃO.....	21
1 FUTEBOL: ASPECTOS GERAIS.....	21
1.1 O jogo de futebol.....	21
1.2 Práticas antigas semelhantes ao futebol e estabelecimento da modalidade na Inglaterra.....	23
1.3 O futebol no mundo contemporâneo: sua popularidade e privilegiada condição de objeto de discursos.....	27
2 FUTEBOL, PENSAMENTO E CRIAÇÃO: O JOGO NAS CIÊNCIAS HUMANAS E NA LITERATURA.....	34
2.1 Uma alegada ausência.....	34
2.2 O futebol como fenômeno de massa.....	41
2.3 A questão política.....	46
2.4 O futebol nas ciências humanas e na literatura.....	51
2.4.1 <i>O futebol nas ciências humanas.....</i>	<i>51</i>
2.4.2 <i>O futebol na literatura.....</i>	<i>60</i>
PARTE II – FUTEBOL E ESTÉTICA: RELAÇÕES DO ESPORTE COM O SENSÍVEL, O BELO, O ARTÍSTICO, O LINGUÍSTICO E O LITERÁRIO....	69
1 ESTÉTICA.....	69
2 FUTEBOL E BELEZA.....	76
3 FUTEBOL E ARTE.....	82
3.1 Futebol e intencionalidade artística: natureza, gênio e artifício.....	82
3.2 Futebol e valor artístico: aspectos lúdicos, relacionais e semânticos.....	87
3.3 Futebol como arte: fundamentos e limites epistemológicos e conceituais.....	93
4 FUTEBOL E LINGUAGEM.....	102
5 FUTEBOL E LITERATURA.....	107
PARTE III – SÉRGIO SANT’ANNA: FICÇÃO, FUTEBOL E ESTÉTICA.....	124
1 SÉRGIO SANT’ANNA E O FUTEBOL: ASPECTOS BIOGRÁFICOS E FICCIONAIS.....	124

2	COMENTÁRIOS CRÍTICOS SOBRE A PRESENÇA DO FUTEBOL NA FICÇÃO DE SÉRGIO SANT'ANNA.....	139
3	A FICÇÃO DE FUTEBOL DE SÉRGIO SANT'ANNA.....	147
4	A FICÇÃO DE FUTEBOL DE SÉRGIO SANT'ANNA EM ÂNGULO ESTÉTICO: APONTAMENTOS PRELIMINARES.....	152
5	O FUTEBOL COMO FENÔMENO ESTÉTICO EM “DAS MEMÓRIAS DE UMA TRAVE DE FUTEBOL EM 1955”.....	161
	CONCLUSÃO.....	175
	REFERÊNCIAS.....	182

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos verificar a hipótese segundo a qual o futebol, reelaborado literariamente na ficção de Sérgio Sant’Anna, assume nela uma condição estética. Como proposta de estudo acadêmico propriamente dito, essa hipótese foi concebida enquanto cursávamos a disciplina “Literatura brasileira: formas breves: crônica e conto brasileiros”, ministrada pelos professores Marcio Serelle e Márcia de Moraes, no segundo semestre de 2021, no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Nessa disciplina, estudamos, entre outras produções, o conto “O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro”, do próprio Sant’Anna, publicado em livro homônimo lançado em 1982. Durante estudo preparatório para a aula em que discutiríamos o texto, percebemos que o autor empregava estratégias narrativas que pareciam fazer aproximar o futebol a outras artes, como a música e a própria literatura. Entre tais estratégias, chamaram nossa atenção, particularmente, a construção de um personagem secundário capaz de reverenciar a música de João Gilberto com base em suas experiências futebolísticas de menino, assistindo a treinos do Botafogo em que Garrincha se destacava com seus dribles, e a do narrador como um autor que aspirava elaborar um texto cuja escritura, pautada pela busca da descontração e do prazer, fosse associável a atitudes estéticas dos referidos compositor e jogador.

Ao longo de nossa pesquisa para a tese, já com seu objeto de estudo relativamente bem definido, conseguiríamos reforçar, do ponto de vista crítico, o potencial de nossa hipótese. Descobriríamos, por exemplo, que André Luis de Paula Arneiro (2011), Marcelo de Souza Pereira (2013) e Fabrício Tavares Moraes (2020) já haviam tentado explorar a possível condição estética, artística mesmo, que o futebol adquiriria no referido conto de Sérgio Sant’Anna, a partir de abordagens que podiam privilegiar a música, a literatura ou a cultura brasileira como um todo. Verificaríamos também que Giovanna Ferreira Dealtry (2003), em estudo do conto “As cartas não mentem jamais”, de **O monstro**, publicado em 1994, havia analisado o uso literário do futebol por Sant’Anna enquanto modo pelo qual o protagonista, o pianista clássico Antônio Flores, procurava desvencilhar-se do peso da tradição e da família, ao valer-se do tema esportivo em suas composições sem abandonar de todo o caráter popular da modalidade ou a relevância que o jogo adquiria em sua infância. Observaríamos ainda que diversos leitores especializados de Sant’Anna, tais como Gustavo Pacheco (2021b), Rodrigo Casarin (2020), Pedro Henrique Brandão (2020) e Marcelo Moutinho (2020), embora nem sempre avançando de maneira clara ou incisiva nesta direção, endossavam de alguma forma a possibilidade de o futebol ser tomado como um fenômeno estético na obra do autor.

Paralelamente a esses achados iniciais na fortuna crítica de Sérgio Sant’Anna, os quais reconheciam haver, de algum modo, conexões entre o futebol e as artes no conjunto de sua obra, estávamos atentos a determinados procedimentos narrativos utilizados com certa frequência na poética do autor. Possibilitado, em linhas gerais e de maneira provavelmente mais enfática, pela técnica da *écfrase*, um desses procedimentos tinha como suposto objetivo aproximar a literatura a outras artes, como acontece em relação à música nos dois contos já citados. Outros exemplos desse uso literário, que pretende, *grosso modo*, transladar o que é da ordem do visual, como as artes plásticas, para o campo do verbal, pautando-se de maneira relevante pela descrição, podem ser identificados, em leituras de estudiosos como Izabella Borges (s. d.), Roberto Meneses (2017), Márcia Arbex (2018) e Maria Luiza Guarnieri Atik (2018), no romance **Um crime delicado**, de 1997; nos contos “A mulher nua”, “A figurante” e “Contemplando as meninas de Balthus”, de **O voo da madrugada**, de 2003, e “Madonna”, “Este quadro” e “Amor a Buda”, de **O homem-mulher**, de 2014; e em determinadas histórias de **O livro de Praga: narrativas de amor e arte**, de 2011. Vale destacar, mais particularmente, o conto “Cenários”, também constante de **O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro** e examinado por Atik (2018). Outro dos textos de Sérgio Sant’Anna estudados na referida disciplina de pós-graduação, esse conto nos fez perceber a *écfrase* como um recurso narrativo por meio do qual o autor conseguia combinar descrição e comentário em sua reconstrução literária do quadro *Nighthawks*, de Edward Hopper, indo além de uma suposta tentativa de repetir em palavras a natureza pictórica da obra.

Ao mesmo tempo em que aprendíamos crítica e teoricamente sobre a poética de Sérgio Sant’Anna, mergulhávamos ainda mais fundo nesse conjunto de textos, com atenção especial à produção contística do autor. A escolha desse recorte, que acabou sendo totalmente preservado em nossa tese, acrescido da inclusão da novela “Páginas sem glória”, do livro homônimo de 2012, explica-se, basicamente, por dois motivos. O primeiro corresponde ao reconhecimento crítico virtualmente unânime que o escritor, ao longo de sua trajetória literária, conquistou no cultivo desse gênero, cujas formas geralmente breves eram preferidas por ele em razão das possibilidades de concentração e experimentação que lhe facultavam, como conta em conversa pública mediada por Luís Henrique Pellanda (SANT’ANNA, 2011). O segundo motivo diz respeito à presença de um volume significativo de narrativas curtas em sua produção, ultrapassando a casa dos cento e trinta, desde os livros **O sobrevivente**, de 1969, até **A dama de branco**, de 2021, o que já nos propiciava bastante material para estudo, pelo menos para as fases iniciais da pesquisa. Com o recorte devidamente definido, nossa intenção, ao explorá-lo, consistiu em mapear os textos que fizessem qualquer menção ou

alusão ao futebol, organizá-los de acordo com a importância narrativa que a modalidade adquiriria neles e destacar aqueles em que o jogo pudesse ser visto como um fenômeno estético.

Ainda que incipiente, tal intenção já apontava, em larga medida, para as lacunas de natureza crítica e teórica com que iríamos nos deparar durante nossa investigação, dando-nos margem para a continuidade do trabalho. Embora diversos críticos e estudiosos reconhecessem a presença do futebol na ficção de Sérgio Sant’Anna, inclusive como um dos temas mais frequentes de sua obra (SANT’ANNA, 2018; MOUTINHO, 2020; PACHECO, 2021a, 2021b; RESENDE, 2022), e afirmassem o valor literário de textos seus que contemplavam o jogo, a ponto de haver quem o destacasse muito positivamente entre os ficcionistas de futebol no Brasil (CASARIN, 2020; RIBEIRO, 2021; RUFFATO, 2021; TRUCCO; ANDREUCCI, 2021), faltava ainda um estudo sistemático nesse sentido. Com o propósito de conceber uma contribuição do tipo, dedicamo-nos a ler toda a contística do autor, partindo do volume **Contos reunidos**, de 1997, que agrega todos os livros do gênero então publicados por ele, até chegarmos ao livro póstumo **A dama de branco**; a identificar menções ou alusões ao jogo de bola, por mínimas e aparentemente insignificantes que fossem, desde o simples registro da palavra “futebol” em “O conto fracassado”, de **Anjo noturno: narrativas**, de 2017, até o uso da modalidade como assunto indiscutivelmente central de narrativas como “No último minuto”, de **Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)**, de 1973; e a organizar o *corpus* em questão segundo a relevância das funções que o esporte exercia em cada texto, a partir dos conceitos de *football fiction*, ou ficção de futebol, elaborados por Shawn Stein (2016) e Lee McGowan (2019).

Antes, no entanto, de trilharmos esse caminho, inquirimos, de modo relativamente discriminado, as duas facetas do futebol identificadas por Edônio Alves do Nascimento (2011) e Marcelino Rodrigues da Silva (2014), isto é, tema e forma, ao tratarmos da modalidade como um fenômeno cultural mais amplo na Parte I, denominada “Futebol e cultura: uma visão do jogo como tema de reflexão e criação”, e como um fenômeno especificamente estético na Parte II, “Futebol e estética: relações do esporte com o sensível, o belo, o artístico, o linguístico e o literário”. Dessa estratégia, acompanhada da complexidade do tema que nos propusemos a abordar, decorre a divisão da tese em partes, que por sua vez contêm capítulos e subtítulos que lidam, cada vez mais especificamente, com determinados aspectos de tal problema e que interessam de perto à nossa tese. No primeiro caso, procuramos abordar o futebol em viés culturalista, englobando, principalmente, perspectivas de caráter histórico, humanístico e literário. Dentro dos limites de nossa tese, os objetivos da

Parte I consistem em delimitar o jogo enquanto prática e acontecimento histórico, dimensionar sua importância na contemporaneidade e compreender seu lugar no mundo letrado, especialmente nos domínios das ciências humanas e da literatura. No segundo caso, buscamos explorar o futebol sob ângulo estético, levando em conta sentidos atribuídos a este campo do saber e suas possíveis conexões com o esporte. O propósito central da Parte II repousa em levantar, organizar e discutir possíveis subsídios críticos e teóricos que nos permitam verificar a hipótese que orienta nossa investigação.

Conquanto tais partes do trabalho não tenham, por princípio, a pretensão de oferecer contribuições de última hora nos planos específicos a que se referem, alguns de seus componentes podem se mostrar particularmente relevantes para o campo dos estudos literários, ao qual nosso trabalho se associa. Isso porque, ao abordarmos o futebol em sua dimensão temática, procuramos apontar em que medida o jogo se faz presente na literatura brasileira, a partir de levantamentos já realizados nesse sentido e de leituras próprias, e, ao tratarmos do esporte em sua faceta estrutural, buscamos apontar relações entre a modalidade e a palavra literária, muitas vezes marcadas, em nosso referencial bibliográfico, por um caráter polêmico. Além de nos auxiliarem significativamente no estudo principal que visamos empreender, tais exposições podem ter como outro possível mérito, se nossos argumentos fizerem sentido, a defesa da importância do futebol na produção literária nacional e das possibilidades de cruzamento produtivo entre as duas artes em questão. Nesse sentido, embora o excepcional trabalho de Sérgio Sant'Anna com a modalidade e sua estética, pautado no profundo conhecimento sobre o jogo, no domínio do ofício da escrita e no próprio tratamento da condição humana, pareça constituir, por si só, prova cabal para os dois casos, tentamos, ao longo das discussões empreendidas e com base nas consultas que fundamentam nosso estudo, adotar perspectivas mais positivas acerca dos dois problemas mencionados – um tom raramente frequentado quando o assunto são os contatos entre literatura e futebol.

Quanto aos esforços exploratórios e classificatórios acerca da presença do futebol na literatura de Sérgio Sant'Anna, seu resultado pode ser consultado na Parte III de nossa tese, intitulada “Sérgio Sant'Anna: ficção, futebol e estética”, mais particularmente em seus Capítulos 1 e 3. Nela, também procuramos colaborar para o preenchimento de outras lacunas surgidas durante a investigação, inicialmente não previstas no escopo de nosso projeto. Uma delas diz respeito à própria fortuna crítica do autor, geralmente interessada em outros recursos – não menos importantes, é claro – de sua obra, como a metaficção, a memória e a já citada écfrase. Quando nos propusemos a visitar o que já havia sido dito acerca do trabalho do escritor, procuramos começar por outro lugar, o do futebol, em vez de nos arriscar a repisar o

que especialistas dessa obra já conhecem de muito perto e sobre o que provavelmente teríamos menos a contribuir. Nosso objetivo inicial com essa escolha, desenvolvida no Capítulo 2, consistia simplesmente em entender melhor o uso do jogo em sua ficção, no sentido de nos familiarizarmos com o assunto o suficientemente bem para o estudo que pretendíamos fazer e evitar repetições de outra ordem, mas acabamos por produzir uma perspectiva que talvez possa ser vista como original dentro da fortuna crítica do autor, na medida em que parecia inexistir também um esforço acadêmico voltado à organização de pontos de vista críticos acerca da presença do futebol em sua literatura.

A tal perspectiva, agregamos ainda, também no Capítulo 1 da terceira parte, aspectos biográficos de Sérgio Sant'Anna, encontrados em entrevistas, perfis e obituários. Tais aspectos destacam sua relação bastante próxima com o futebol e com o Fluminense, seu time de coração. Do ponto de vista temporal, essa relação perpassa a infância e adolescência do autor, na qual se percebem as influências de membros da família na predileção pelo tricolor carioca, sobretudo de tios participativos no clube e do pai, e as experiências menos ou mais sérias com o jogo na rua, na praia e na escola, no Rio de Janeiro e em Londres, onde viveu por um período, e chega até a fase mais madura de sua existência, na qual demonstrava, de fato, conhecer e apreciar o esporte, e durante a qual ainda acompanhava pela TV jogos de Copa do Mundo, do Campeonato Brasileiro e, é claro, do time das Laranjeiras. Esse nosso percurso buscava colaborar para uma contextualização, digamos, mais subjetiva das diversas referências e alusões ao futebol na obra de Sant'Anna. Tal contextualização teve como pressupostos que parte significativa da poética do autor, sobretudo a desenvolvida nos anos finais de sua carreira literária, é claramente marcada por um viés memorialístico, transpondo literariamente as experiências que acabamos de citar, e que seu trabalho com o futebol, colocasse o jogo como tema primário ou secundário de suas narrativas, repousava em bases intelectuais e afetivas sólidas, verificáveis, por exemplo, em seu conhecimento histórico sobre a modalidade, em seu declarado prazer em assistir a partidas e em sua capacidade de avaliar jogos, times e atletas.

Também na Parte III, procuramos responder à hipótese norteadora de nossa pesquisa. Para fazê-lo, procedemos, basicamente, a dois exercícios, compreendidos em seus Capítulos 4 e 5. Delimitada a ficção de futebol de Sérgio Sant'Anna em oito textos, com base na premissa de que o jogo estabelece neles um papel narrativo realmente significativo, o primeiro exercício consistia em parafraseá-los, de modo a oferecer uma visão ao mesmo tempo breve e global a respeito de sua forma e conteúdo, com vieses mais ou menos pronunciados em favor do futebol, e em apontar possibilidades analíticas para investigações futuras desse *corpus* que

tomassem a construção literária do esporte em perspectiva estética. Limitamo-nos a fazer tais apontamentos, em vez de análises individuais mais completas, devido à quantidade de textos que perfazem a ficção de futebol de Sant’Anna e que podem ser lidos sob tal ângulo e à diversidade de formas com que a modalidade é elaborada literariamente enquanto fenômeno estético em tal conjunto de textos. Embora tenhamos nos limitado, no Capítulo 4, a fazer tais apontamentos, fica claro, em nosso entender, que o jogo de bola é constantemente encenado na poética do autor como um objeto que dispõe de forma e significado, que é capaz de propiciar a seus espectadores fictícios a experiência da beleza e que guarda, ao olhar desses personagens, significativas relações com as artes consagradas, para não dizer que se constitui propriamente como uma, ainda que fora da redoma do cânone. Aplicado ao futebol, o procedimento da écfrase, recorrente na obra do escritor quando aborda literariamente as semioses artísticas tradicionais, é um dos diferentes recursos utilizados por Sant’Anna que parecem apontar para essa possibilidade – o que, conseqüentemente, ampliaria o campo ecfástico visado por ele em sua escrita, algo possivelmente ainda não considerado dessa maneira pela crítica especializada, em razão, talvez, da própria recusa, consciente ou inconsciente, de tomar o jogo como uma arte.

Para lidar parcialmente com a referida limitação em termos de *corpus* analítico, examinamos mais de perto, no Capítulo 5, o conto “Das memórias de uma trave de futebol em 1955”, de **A dama de branco**. Nesse texto, Sérgio Sant’Anna institui como narradora uma trave de madeira, já envelhecida e prestes a ser substituída. Entre melancólica e empolgada, ela assiste a um treino do Fluminense que antecede a um clássico de domingo contra o Flamengo, com parte do elenco tricolor da época transformado em personagens. Destacando craques da época, como Didi, Castilho e Telê, a enunciatória descreve, comenta e avalia os lances que acompanha em campo, no que entendemos como tentativa de dividir conosco, por meio da palavra, a exuberância estética que o jogo de futebol, com a arte e beleza com que parece ser praticado naquela situação, adquire diante de si mesma. De acordo com nossas leituras da obra de Sant’Anna, “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” constitui, provavelmente, o exemplar de sua ficção de futebol que melhor condensa tal exuberância, justificando nossa escolha por estudá-lo aqui com maior atenção, embora esse mesmo aspecto, como já indicamos, também possa ser identificado em outros textos seus, inclusive com grande destaque. Um sinal preliminar nessa direção, o qual poderá ser reforçado com a leitura de uma de nossas epígrafes e com o próprio estudo que elaboramos, é que nosso projeto inicial previa a análise de “Páginas sem glória”, sob a mesma perspectiva – uma empreitada que, por motivos práticos, que impediriam a conclusão de nosso trabalho em um

prazo mais razoável, tivemos que colocar de lado, ao menos temporariamente.

Dito isso, o estudo da estética do futebol na ficção de Sérgio Sant'Anna, com suas limitações e potenciais contribuições para a fortuna crítica do autor, pretende ser o principal avanço oferecido por nossa pesquisa. No que se refere ao futebol, esse estudo visa explorar conjuntamente, na Parte III, as condições temática e estrutural identificadas no jogo por Nascimento (2011) e Silva (2014), quando se dedicam a investigar a presença da modalidade na literatura brasileira, com ênfase no conto, ou em outros tipos de discurso que com ela estabelecem interface, como os que Silva denomina de “híbridos”, e as relações do esporte com a linguagem. Conforme propõem os pesquisadores, embora cada um a seu modo, o futebol pode se configurar tanto como um assunto sobre o qual se fala quanto como um fenômeno que cria sentidos. Em nosso caso, de acordo com o que já expusemos, procuramos examinar em que medida o jogo de bola se apresenta como tema na ficção de Sant'Anna, seja em condição narrativa de ordem primária ou secundária, e se esse jogo, tal como reconstruído literariamente, pode ser percebido, nessa obra, como um fenômeno de natureza estética, baseada, antes de mais nada, na dimensão concreta, formal, significante que o esporte parece ser capaz de assumir.

PARTE I – FUTEBOL E CULTURA: UMA VISÃO DO ESPORTE COMO TEMA DE REFLEXÃO E DE CRIAÇÃO

Na Parte I de nossa pesquisa, pretendemos oferecer uma perspectiva a respeito do futebol, focalizando sua dimensão cultural mais ampla e sua presença nos domínios filosófico e artístico. Para tanto, iremos destacar, no Capítulo 1 – Futebol: aspectos gerais, em que consiste o esporte enquanto prática, qual o seu lugar em termos históricos e quão relevante pode ser considerado no mundo contemporâneo. Nosso objetivo é situar a modalidade em sua materialidade própria, um elemento que será fundamental na análise literária do futebol enquanto fenômeno estético na ficção de Sérgio Sant’Anna, e em sua condição de objeto cultural de notáveis popularidade e repercussão, fora mesmo dos domínios específicos que iremos focalizar em nosso trabalho, mas já sinalizando possibilidades de contatos com a estética e com a literatura. Já no Capítulo 2 – Futebol, pensamento e criação: o jogo nas ciências humanas e na literatura, iremos apresentar pontos de vista geralmente pessimistas e negativos acerca da presença do esporte nessas duas esferas, classificando-os, discutindo-os e buscando possíveis razões para os argumentos encontrados, e contrapô-los a uma visão que nos parece mais consistente, em especial, mas não apenas, quando consideramos avanços mais recentes, no que se refere a essa mesma presença, com foco em contribuições da academia mundial e na produção literária brasileira. Mais do que tentar refrescar o debate, um exercício talvez já superado em alguma medida, nosso propósito principal é servir-nos desse percurso para elaborar uma revisão bibliográfica o mais ampla possível, dentro dos limites de nossa tese, sobre o uso do futebol como tema de reflexão e de criação nos referidos âmbitos.

1 FUTEBOL: ASPECTOS GERAIS

1.1 O jogo de futebol

Em sua forma mais consagrada, o futebol (do inglês *football*, que justapõe as palavras *foot*, “pé”, e *ball*, “bola”) é um esporte disputado em campo de grama, demarcado por linhas retas e traçados circulares ou angulares. As linhas retas definem o espaço interno da disputa, de formato retangular; dividem o campo em duas metades iguais; e limitam o lugar da plena atuação de cada goleiro, nas chamadas pequenas e grandes áreas. Já os traçados circulares ou angulares demarcam o centro do campo; o espaço de início ou reinício da partida, quando se alternam as etapas do jogo ou após a marcação de um gol; a entrada de cada grande área; e o

local das cobranças de escanteios e penalidades máximas. Ao meio de cada uma das duas linhas de fundo, menos extensas em comparação com as linhas laterais, instala-se uma trave, também retangular, de dimensões razoáveis, formada por duas barras verticais unidas no topo por uma horizontal, com redes ao fundo presas ao campo e às próprias barras.

O objetivo central do jogo consiste em que uma das equipes faça a bola, de formato arredondado, atravessar por completo a linha situada entre e sob a trave adversária mais vezes do que sua oponente o fizer em relação a sua. A cada vez que a bola cruza tal linha, marca-se um gol (também do inglês *goal*, “meta”, “objetivo”). A vantagem, no entanto, só é, em tese, validada pelo árbitro e seus assistentes de campo e de vídeo segundo a observância de critérios fundamentais. Entre esses critérios estão, por exemplo, a posição regular de quem participa da jogada em seus momentos cruciais – o último passe e a finalização – e o recurso a qualquer parte do corpo exceto mãos e braços para fazer o gol. Caso os jogadores que participam de tal jogada recebam a bola quando têm menos de dois adversários pela frente, configura-se impedimento, implicando na anulação de toda a jogada, ao passo que o uso de mãos e braços constitui prerrogativa do goleiro de cada equipe enquanto defensor de sua baliza, nos limites da grande área, e dos atletas de linha enquanto reiniciadores do jogo em cobranças de laterais, que precisam ser continuadas com os pés antes de qualquer tentativa de finalização dos participantes em direção à meta adversária.

Onze jogadores, devidamente uniformizados e divididos entre os dez de linha e o goleiro, compõem cada uma das duas equipes em confronto, podendo ser substituídos, ao longo da partida, por atletas reservas. As substituições, recentemente ampliadas de três para cinco por jogo, dão-se de acordo com o entendimento do respectivo treinador dos times, que pode ter como motivações para fazê-las a contusão ou o esgotamento físico de seus titulares, ou a tentativa de desempenhar determinada estratégia elaborada junto a sua comissão técnica. Advertências e punições, na forma de faltas, cartões ou expulsões de campo, estão previstas no jogo, sendo aplicadas aos participantes pelo juiz, por observação própria ou com a assistência de seus colegas de arbitragem, diante de ocorrências cuja gravidade é variável. Tais ocorrências incluem, entre outras, entradas excessivamente violentas de um jogador contra seu adversário, o uso das mãos ou braços por atletas de linha e reações consideradas contundentes ou extravagantes pelo dono do apito e proibidas na presente regulamentação do jogo, como reclamações com o recurso a palavras tidas como ofensivas e retirada da camisa no momento da comemoração do gol.

Cada partida divide-se, necessariamente, em pelo menos duas etapas, cada uma delas sendo composta do tempo regulamentar de 45 minutos. Interrompidos apenas em situações

excepcionais, que não contemplam, assim, paralisações corriqueiras do jogo, como cobranças de faltas, de escanteios e de tiros de meta, os 45 minutos convencionados podem ser acrescidos de quantos mais a arbitragem entender como devidos em razão da quantidade de tempo de jogo com bola parada durante o confronto. Em jogos eliminatórios, havendo empate no número de gols após concluídas as duas etapas, outras duas, divididas em 15 minutos cada e chamadas de prorrogação, podem ser concedidas à disputa, com o objetivo de se superar a igualdade e definir a equipe vitoriosa. Prevalecendo empate no placar ao fim dos 30 minutos de prorrogação, aos quais também se podem dar acréscimos, os times revezam-se em cobranças de penalidades máximas, até que um deles, marcando mais gols do que o adversário, alcance classificação para a próxima fase ou o título da competição que disputam.

Essa descrição relativamente minuciosa do jogo de futebol objetiva, em primeiro lugar, colaborar para uma melhor definição do esporte a que faremos referência nesta tese na maioria das vezes. Embora Sérgio Sant'Anna não se limite a tratar do chamado futebol de campo em suas narrativas, abrindo, pelo contrário, espaço para práticas derivadas, como o futebol de areia, e embora nosso próprio trabalho vá fazer algumas menções a atividades formais ou informais ligadas àquele esporte, é o *football association* que servirá de baliza para a maior parte de nossas reflexões sobre o esporte nos âmbitos cultural, estético e literário. Esse privilégio terá, certamente, grande influência em nossa análise, apesar de buscarmos levar em conta também, nesse movimento, especificidades de modalidades derivadas que porventura exibam, na economia dos textos examinados, caráter estético.

O segundo propósito da descrição ora realizada é salientar a dimensão concreta e sensível do futebol, antes mesmo de partirmos para os campos simbólicos propiciados pelo jogo. Tal dimensão corresponde, aliás, a um dos três pilares da estética com o qual lidaremos em nosso trabalho, paralelamente aos aspectos de beleza e de arte ligados ao termo. Essa dimensão também se revelará importante no que se refere à presença do futebol na literatura de Sérgio Sant'Anna, uma vez que a descrição de lances, empregada pelo autor em diversas narrativas, é um dos expedientes – talvez o principal – por ele usados para ressaltar, pelo menos nesse sentido, a condição estética do jogo.

1.2 Práticas antigas semelhantes ao futebol e estabelecimento da modalidade na Inglaterra

Enquanto jogo historicamente localizável na Inglaterra da segunda metade do século XIX, como veremos a seguir, e estruturalmente dotado de características relativamente

próprias, como as descritas no item anterior, pode-se dizer que o futebol diferencia-se, em significativa medida, de atividades mais antigas, encontradas em outros tempos e espaços, porém muitas vezes lembradas em estudos sobre a modalidade. José Miguel Wisnik (2008), por exemplo, dá conta de algumas dessas práticas, como o *tlachtli*, o *soule* e o *calcio* florentino, que guardam com o futebol, acima de tudo, a similaridade do uso da bola como objeto de disputa. A exposição do estudioso nos mostra que esses fenômenos podem adquirir, entre outras coisas, implicações que ultrapassam o lúdico e o competitivo, como a dimensão predominantemente ritualística, com o que se afastam, em relativa medida, do caráter essencialmente moderno do futebol. Nos termos de Wisnik, “[...] é sempre vão equiparar o futebol moderno com modalidades pré-modernas de jogos com bola. Mesmo que tivessem, hipoteticamente, as mesmas regras, eles seriam jogados sempre, no limite, segundo outras lógicas” (WISNIK, 2008, p. 75)¹.

Tendo em vista tal advertência, não é demais fazer um brevíssimo passeio pelas três práticas mencionadas. O *tlachtli*, cujo nome significa, em língua náuatle, “o que se dá a ver”, configura-se como uma espécie de “jogo-rito”, destituída, como tal, da lógica racionalizada do esporte em sua constituição moderna, nos termos da “competição no mundo burguês-capitalista”, tendo sido praticado por civilizações pré-hispânicas no México, como os maias e os astecas; estando etimologicamente próxima ao teatro, ou “aparato de tornar visível”; e surgindo, de maneira considerada fundamental por Wisnik, na narrativa mítica maia **Popol Vuh** (WISNIK, 2008, p. 70-74). Considerado “citação obrigatória quando se estuda a história do futebol”, o *soule*, por sua vez, é localizado na França da Idade Média, tem enfatizada sua feição ritualística e é comparado a “outras modalidades registradas nas ilhas britânicas”, como o *foeth-ball* e o *knappan* (WISNIK, 2008, p. 76-83). Por fim, o *calcio* florentino corresponde a uma variação do *calcio*, “jogo de bola com uso dos pés, praticado no quadrilátero da praça pública”, nascida, como o adjetivo indica, em região da Itália, tendo suas regras estabelecidas no século XVI e com a relevância histórica de ter sido, acredita-se, o único jogo de bola anterior ao futebol a recorrer à figura do árbitro como mediador de suas disputas (WISNIK, 2008, p. 104)².

¹ Vale lembrar também que do futebol não parece estar de todo ausente um caráter ritualístico, sagrado mesmo. Ver, por exemplo, a definição de futebol como “religião leiga da classe operária”, de Hobsbawm (1987, p. 262), e os aspectos ritualísticos do jogo destacados por Sevcenko, que chama a atenção, nesse sentido, para as “batalhas simbólicas dos campos de futebol”, com as “misteriosas e para sempre inconciliáveis divisões” entre diferentes grupos sociais, não só os de natureza religiosa, mas também os de ordem regional, social e civil (SEVCENKO, 1994, p. 35). Cf. também **O pensamento selvagem**, de Lévi-Strauss, em que se estuda a relação entre o jogo e o mito.

² Atualmente, “*calcio*” é o nome dado ao *association football* na Itália. Se considerarmos, porém, a visão de Gumbrecht (2007), isso não passaria de uma coincidência, ou de uma equívoca tentativa de associação. Segundo ele, “quanto mais aprendemos sobre o contexto do boxe na Grécia antiga, ou do *calcio* na Itália

Temporalmente mais próximo a nós, o futebol corresponde, do ponto de vista histórico, ao jogo estabelecido oficialmente, de maneira mais ou menos consensual, na Inglaterra, em 1863. Sua criação, enquanto modalidade competitiva e então destituída de caráter profissional, é fruto da tentativa, empreendida pela Football Association – instituição esportiva estabelecida no mesmo ano, em Londres –, de unificar certas práticas lúdicas então em voga no país e que eram chamadas, sem distinção, de *football*. Para Adrian Harvey (2005), essas atividades podiam ser encontradas em toda a comunidade inglesa, que teria participado de maneira decisiva no estabelecimento do jogo tal como o conhecemos hoje, embora outros estudiosos, como Hans Ulrich Gumbrecht (2007), tendam a enfatizar o papel da própria FA nesse empreendimento. Ged O’Brien (2019), em linha com Harvey (2005), também destaca o aspecto comunitário dessas primeiras práticas consideradas como futebolísticas, mas aponta que elas têm suas raízes em atividades encontradas na Escócia de pelo menos quinhentos anos antes.

Em um entendimento tradicionalmente mais bem aceito sobre a questão, compreende-se que as referidas práticas lúdicas se achavam, se desenvolveram e se consolidaram em grande medida, sobretudo, em escolas inglesas, como as de Winchester, Harrow, Cambridge e Rugby, em que se jogava segundo regras relativamente diferentes entre si. Concordando com essa perspectiva, Marcelo Cedro detalha que “as variações resumiam-se quanto às dimensões do campo de jogo; na permissão ou não de se tocar a mão na bola e na proibição ou não do jogo violento resultante do agarramento de adversários” (CEDRO, 2014, p. 18). Ao destacar a relação inicial do futebol com setores privilegiados da população inglesa e a função moral da modalidade, Eric Hobsbawm reforça a ideia de que as bases mais bem definidas do jogo têm origem escolar. Segundo ele, o futebol é “a princípio desenvolvido como esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular”, antes de se tornar, em 1885, “proletarizado” ou “profissionalizado” (HOBSBAWM, 2008, p. 296) – uma tensão que, como veremos em diversos momentos da tese, repercutirá de diferentes maneiras no esporte.

Já as primeiras convenções do futebol, que receberam o nome inicial de “Cambridge Rules” (CEDRO, 2014, p. 18) e ainda hoje, apesar de sua “versão (quase) final em 1892” (GUMBRECHT, 2007, p. 94), têm se desenvolvido no que se chama, na Inglaterra, de “Laws of the Game”, constitutivas das regras oficiais do esporte segundo a Football Association,

renascentista, menos convencidos ficamos de que eles são os antecessores do boxe e do futebol moderno” (GUMBRECHT, 2007, p. 68). Outro ponto curioso é que, diferentemente de Wisnik (2008), Gumbrecht (2007) considera o *calcio* mais parecido com o rugby do que com o futebol.

parecem ter tido melhor aceitação desde seus primórdios³. A partir de leitura de artigos de Nicolau Sevcenko (1994) e David Hepburn (2021), a boa aceitação das regras do novo esporte poderia ser indicada, pelo menos em parte, com o rápido desenvolvimento do jogo na paisagem inglesa, já nas três primeiras décadas de seu estabelecimento oficial. Esse crescimento relativamente acelerado poderia ser demonstrado com a organização de competições, inclusive profissionais, que se provariam relevantes naquele contexto de “desenvolvimento das cidades industriais” (SEVCENKO, 1994, p. 35), como a FA Cup, em 1872 – ainda em andamento –, e a English Football League, em 1888, e com o estabelecimento de pelo menos 128 clubes de futebol no país já em 1887 (HEPBURN, 2021). Gumbrecht sintetiza perspectiva semelhante às de Sevcenko (1994) e Hepburn (2021), ao tratar mais especificamente do futebol profissional na Inglaterra:

Fotos dos primórdios do futebol profissional dão a impressão de que ele um dia foi uma modalidade de pouquíssimos entusiastas. Mas já em 1888 a Associação de Futebol representava uma liga profissional cujos jogos seguiam as regras da entidade e cujos jogadores eram recrutados principalmente entre operários de fábricas (GUMBRECHT, 2007, p. 94).

No entanto, para André Mendes Capraro (2002) e Marcelo Cedro (2014), o início do processo de consolidação do jogo em sua versão moderna também teve seus desencontros. Segundo Capraro (2002), entre os praticantes das atividades que antecederam e serviram de base, em alguma medida, para o futebol em sua configuração como esporte, houve indivíduos que, estando mais inclinados ao desenvolvimento da “virilidade” do que da “civildade” por meio de atividades físicas, preferiram manter-se afastados do que veio a denominar-se *football association*. O intuito de tais indivíduos acabou se provando estabelecer outros jogos, como o rugby, que privilegia, mais do que sua contraparte histórica, o uso da força física para alcançar a vitória (CAPRARO, 2002). A percepção de cisão imediata entre essas duas modalidades complementa a perspectiva de Cedro, que entende que “as discussões e controvérsias permitiram que os esportes como o futebol e o rugby seguissem caminhos diferentes quanto ao seu conjunto de regulamentações e de instituições” (CEDRO, 2014, p. 18). Cedro (2014) acrescenta ainda que, conquanto o futebol e o rugby tenham vindo a se apresentar como modalidades independentes, resolvendo, em algum grau, as diferenças entre seus respectivos participantes, a autonomia de que eles passaram a gozar a partir de então não impediu totalmente que fossem praticados segundo regras alternativas, adotadas pelas instituições que os incluíam em seus currículos.

³ Segundo Gumbrecht (2007), esse “consenso” só parece ter chegado de fato em 1892.

Na literatura de Sérgio Sant'Anna, algumas tensões presentes na história do futebol, como aquelas ligadas às classes sociais, parecem sobressair em determinadas narrativas. Embora não constituam nosso foco principal, essas tensões serão tratadas de maneira teórica em nossa tese, sobretudo em sua parte culturalista. Isso porque algumas delas, como o caráter massificado que o futebol ganhou ao longo do tempo, são ou já foram usadas para explicar a suposta escassez ou mesmo ausência de reflexões e criações futebolísticas no âmbito da cultura. Mais do que abordar essas tensões, vale ressaltar que a literatura de Sérgio Sant'Anna recorre à própria história do futebol, principalmente no Brasil, na economia dos textos. Como veremos na Parte III da tese, não é raro que jogadores históricos, lances inesquecíveis e anedotas dividam espaço com situações, jogadas e personagens imaginados pelo autor.

1.3 O futebol no mundo contemporâneo: sua popularidade e privilegiada condição de objeto de discursos

Apesar das numerosas e patentes diferenças que hoje existem entre o futebol, o rugby e outros esportes assemelhados, entre as quais podemos enumerar o formato da bola, o número de jogadores dispostos em campo por cada equipe, o modo de fazer e de contabilizar vantagem no placar e o nível de importância atribuído ao uso da força física, diferentes modalidades têm sido chamadas, indistintamente, de *football*. Na Inglaterra, tal termo diz respeito, o mais das vezes, ao *association football*, ao passo que, em países como África do Sul e Nova Zelândia, a mesma palavra concerne, em geral, ao rugby. Em outros países de língua inglesa, o vocábulo tem sido utilizado em referência a outras atividades esportivas, que também empregam bola e pés como elementos relevantes ou mesmo centrais do jogo, em linha com a morfologia da palavra. Esse uso é verificado, por exemplo, na Austrália, onde *football* pode implicar futebol australiano; na Irlanda, onde pode querer dizer futebol gaélico; e nos Estados Unidos e Canadá, onde pode indicar, respectivamente, futebol americano e futebol canadense.

A propósito, nos países em que o termo em destaque tende a apontar para outra modalidade que não o *association football*, é comum que este ganhe a denominação de “soccer”, considerada por Bill Murray como uma “derivação de *association football*” (MURRAY *apud* CEDRO, 2014, p. 18). De maneira correspondente, a palavra *football* parece vincular-se, nesses mesmos espaços, ao jogo de bola praticado em alguma medida com os pés e que nesses mesmos contextos é tido como o mais popular. Dos países citados no parágrafo

anterior, a exceção nesse sentido parece ficar por conta da África do Sul, onde, embora o rugby, ou *football*, seja extremamente apreciado, o *soccer* constitui a preferência nacional, segundo levantamento recentemente feito pela World Population Review (2022). No Canadá, a modalidade mais acompanhada, também segundo tal levantamento, não é o *football*, seja ele “inglês” ou canadense, mas o hóquei no gelo (WORLD POPULATION REVIEW, 2022). De toda forma, cumpre destacar uma observação de Gumbrecht (2007), segundo a qual os jogos com bola, independentemente de sua nomenclatura ou formulação específica, são extremamente populares em virtualmente todos os cantos do mundo. Como diz o estudioso,

Há quase um século, os esportes com bola fascinam multidões mais numerosas em todo o mundo que qualquer outro tipo de competição. Sua popularidade é verdadeiramente um fenômeno global. As preferências regionais variam, é claro – o rúgbi compete com o futebol no Hemisfério Sul; os Estados Unidos, o Caribe, o Japão e a Coreia são a terra prometida do beisebol; e o críquete é acompanhado com paixão nos países que pertenceram ao Império Britânico –, mas não existe nem um único país, que eu saiba, onde o esporte predominante em termos de público não seja um jogo com bola (GUMBRECHT, 2007, p. 130-131)⁴.

Se, no entanto, partindo do mesmo viés global de Gumbrecht (2007), levarmos em conta outros espaços, línguas e culturas, o *association football* parece merecer, mais do que seus parentes mais próximos, a prerrogativa de ser chamado, à moda inglesa, de *football*, ou, similarmente como o denominamos no Brasil, de “futebol”⁵. Esse suposto merecimento, potencializado pela perspectiva de Nascimento, segundo a qual a bola constitui uma “metonímia extensiva do próprio jogo de futebol” (NASCIMENTO, 2011, p. 76), poderia ser justificado com a gigantesca popularidade do jogo. Disseminada no planeta, ela é maior, em termos absolutos, do que a do rugby e a das outras espécies de “futebol”, as quais parecem ser consideravelmente limitadas, enquanto modalidades efetivamente praticadas ou acompanhadas por um número significativo de pessoas, aos países em que foram concebidas. Segundo levantamento recente da World Population Review, o futebol é, de longe, o esporte mais popular do mundo, dominando como “rei em virtualmente toda a Europa, América do Sul, África, Oriente Médio, América Central e Ásia” e contando com “aproximadamente 3,5 bilhões de entusiastas ao redor do planeta e 250 milhões de jogadores espalhados por 200 países” (WORLD POPULATION REVIEW, 2022, tradução nossa)⁶. Em contrapartida, logo

⁴ Cf. Gumbrecht (2007), que discute de modo mais específico sobre a popularidade dos jogos de bola.

⁵ Em nosso país, o futebol é chamado também de futebol de campo. Essa terminologia, de maneira semelhante a *association football*, ajuda a diferenciá-lo ainda mais claramente de práticas derivadas, embora menos populares, da modalidade, como o futebol de areia ou de praia (em inglês, *beach soccer*) e o futebol de salão ou futsal, praticados em superfícies diversas do campo de grama.

⁶ *While it may not be apparent in the United States, association football—also known as soccer—is the most popular sport in the world by a vast margin. Soccer is king in virtually all of Europe, South America, Africa, the Middle East, Central America, and Asia. The sport has roughly 3.5 billion fans worldwide and 250 million*

depois dele, as modalidades mais acompanhadas pelas pessoas não são as outras espécies de *football*, mas o críquete, o basquete e o hóquei sobre grama (WORLD POPULATION REVIEW, 2022).

O grande fascínio que o futebol, em particular, exerce no mundo tem sido constatado por diversos acadêmicos, como Capraro (2002), Murray (*apud* CEDRO, 2014), Sevcenko (1994), Gumbrecht (2007) e Hobsbawm (1995). A principal nuance entre suas perspectivas parece repousar no que diz respeito a quando teria tido início a disseminação de tal popularidade. Capraro e Murray, por exemplo, dão a entender que o frenesi causado pelo jogo de bola na população mundial teria começado em algum ponto entre o fim do século XIX, logo após sua diferenciação em relação ao rugby (CAPRARO, 2002), e o início do XX, em período que compreende o florescimento de “diversas formas de futebol [...] nos países de língua inglesa” e a adoção do futebol “pelos povos que não falavam o inglês” (MURRAY *apud* CEDRO, 2014, p. 18). Mais preciso em termos de datas, Sevcenko, de certa forma sustentando o parecer já citado de Gumbrecht (2007) sobre o estabelecimento do futebol na Inglaterra, demarca como ponto inaugural da popularidade do esporte a década de 1880, a partir de quando “o futebol conquistou por completo toda a população trabalhadora inglesa e, em breve, conquistaria a do mundo inteiro” (SEVCENKO, 1994, p. 35). Por sua vez, Gumbrecht, ao tratar do astro uruguaio Andrade, coloca as Olimpíadas de 1924, em Paris, como aquelas em que “o futebol virou a maior atração, provavelmente pela primeira vez na história, de um evento esportivo internacional de grande expressão” (GUMBRECHT, 2007, p. 172), e Hobsbawm, que reconhece a existência da genuína universalidade do futebol, entende que ela começou a se manifestar, propriamente, quando da realização da primeira Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai (HOBSBAWM, 1995)⁷.

Pelo menos dois motivos, do ponto de vista da prática do futebol, poderiam ser citados para ajudar a explicar sua enorme e histórica popularidade. Apesar de ainda existirem discrepâncias, sob diferentes aspectos, entre o futebol profissional e de base (O’GORMAN *et al.*, 2018), entre o futebol exercido por pessoas com e sem deficiência (KITCHIN; CROSSIN, 2018), entre o futebol desempenhado por verdadeiras potências econômicas e clubes financeiramente frágeis (HESS, 2020) e entre o futebol masculino e feminino (HOFFMANN *et al.*, 2006)⁸, um dos fatores que contribuiriam para o massivo engajamento na modalidade é

players across 200 countries around the world. The next most popular sports in the world are cricket (2.5 billion fans), basketball (2.2 billion fans), and field hockey (2 billion).

⁷ Cf. o conceito de fato social total em **Sociologia e antropologia**, de Marcel Mauss.

⁸ Como argumenta Stacey Pope (2022), desigualdades entre homens e mulheres no futebol incluem e ultrapassam o campo de jogo. Segundo a autora, embora temas como misoginia, assédio sexual e discriminação de gênero tenham ocupado o cerne do debate público, e embora as mulheres tenham participado

o fato de ela poder ser jogada, em tese, por virtualmente qualquer pessoa, quase que sem impeditivos de ordens como idade, capacidades físicas, poderio aquisitivo ou gênero. O caráter “simples e elegante” do jogo, a dispensa de “regras e/ou equipamentos complexos” para praticá-lo e a possibilidade de fazê-lo “em qualquer espaço aberto mais ou menos plano do tamanho exigido”, conforme descrição de Hobsbawm (1995, p. 196-197)⁹, podem ser interpretados como fatores que facilitariam o acesso a ele por um grande número de indivíduos, contribuindo, conseqüentemente, para sua popularidade.

Outra razão plausível para o mesmo fenômeno, de certa maneira próxima à anterior, corresponderia à possibilidade de jogá-lo informalmente, dos modos mais variados e insuspeitados. Tais modos podem escapar ao desempenho mais estritamente competitivo, ilustrado pelo caso exemplar do *football association* profissional, mas não prescindir dos elementos básicos do jogo – a bola, assuma a forma que seja, e os pés – ao ponto de se confundir com outras práticas. Com efeito, na condição de brincadeira, jogar futebol pode significar, simplesmente, chutar uma bola – ou qualquer outro objeto que lhe faça as vezes, como indicado –, seja sozinho(a) ou com um(a) outro(a), sem necessidade de outros aparatos à disposição, determinação prévia de lugar onde praticá-lo a contento ou a própria consideração do gol como objetivo crucial. Ecoando Hobsbawm (1995), Sevchenko destaca a abertura da atividade futebolística a uma pletera de aspectos não previstos pela condição oficial do jogo: “esse esporte [...] não requer material esportivo específico, tudo podendo ser improvisado, do campo à bola, às traves, aos uniformes, com um mínimo de custos e um máximo de emoção e divertimento, além de algumas canelas escoriadas” (SEVCENKO, 1994, p. 36). Ou, como diz Chico Buarque de Hollanda, em referência à pelada – espécie de apropriação do jogo inglês feita inicialmente pelos latino-americanos, sobretudo talvez pelos brasileiros –, “nesse esporte todas as linhas são imaginárias [...] e o próprio gol é coisa abstrata. O que conta mesmo é a bola e o moleque, o moleque e a bola, e por bola pode se entender um coco, uma laranja ou um ovo, pois já vi fazerem embaixada com ovo” (HOLLANDA, 1998)¹⁰.

Tamanha é a plasticidade estrutural do futebol – ou, hipoteticamente, dos jogos de bola em geral ou mesmo de práticas imemoriais que tiveram o mesmo objeto como centro das atenções –, que hoje se reconhecem outras modalidades que dele derivam ou com que, no mínimo, estabelecem significativa similaridade. Dentre as mais populares, podemos lembrar

do esporte em diversos papéis, o jogo, a despeito de sua popularidade, continua sendo um privilégio masculino.

⁹ Cf. também Lev Kreft (2014) e David Forrest (2015).

¹⁰ Cf. também Luiz Uehara *et al.* (2018).

o futebol de areia ou de praia, assim como o futebol de salão ou futsal, e acrescentar o futebol soçaito e o futebol de rua. Como já antecipado, a literatura de Sérgio Sant’Anna traz cenas da prática do futebol de areia em praias do Rio de Janeiro. Em determinadas passagens da novela “Páginas sem glória”, por exemplo, ressaltam-se até mesmo aspectos próprios da modalidade em comparação com o jogo de futebol mais consagrado, como a irregularidade da superfície onde se pratica o esporte e a consequente possibilidade de se fazer dessa irregularidade uma aliada na construção de lances simultaneamente inusitados e relevantes no contexto de uma partida. Em outras narrativas, como o conto “As cartas não mentem jamais”, o futebol de rua ganha destaque, ao ser tratado pelo protagonista da trama como uma das lembranças fundamentais de sua vida e carreira como músico. Ainda, em diversas outras, alter-egos do autor aparecem jogando bola em diferentes tempos e espaços, sobretudo a infância e adolescência, nas ruas do bairro de Botafogo, mas também em campos de Belo Horizonte, e diferentes espaços, como o internato no Rio, a escola em Londres e a própria praia.

Se existem muitas pessoas jogando futebol, no sentido estrito do termo, há muitas mais acompanhando o jogo e seus bastidores. Segundo levantamentos recentes da Fédération Internationale de Football Association – FIFA (2018) e da World Population Review (2022), o número de quem segue de alguma forma o *association football* é cerca de quatorze vezes a quantidade de quem o pratica, o que corresponde a algo próximo da metade da população mundial atual. Não por acaso, no mundo de hoje, de feição marcadamente capitalista e testemunha de inúmeros novos avanços tecnológicos, proliferam-se os meios e as formas de se apresentar ou vender ao público o espetáculo futebolístico, visto ou consumido em suas variadas dimensões e que, muitas vezes, vai além da presença física em um estádio. A título de ilustração do caso mais reconhecível de se acompanhar futebol – a assistência ao jogo em si –, mencionamos a transmissão televisiva de incontáveis campeonatos disputados ao redor do planeta, desde as principais ligas do futebol masculino europeu, em nível nacional e continental, como a Premier League, na Inglaterra, e a Liga dos Campeões da Europa, até torneios hoje relativamente menos prestigiados pelo público, como os de que participam grupos menos privilegiados da sociedade, podendo ser citado, nesse caso, o incipiente Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

Um exemplo recente dentre inúmeros outros que poderiam ser citados para ilustrar o grande interesse despertado pelo futebol no mundo contemporâneo, em sua condição mesma de jogo, é a audiência alcançada pela televisão britânica durante a última final da Eurocopa feminina, ocorrida em 31 de julho de 2022. Embora tenha se realizado na cidade de Londres, contando com a lotação máxima do emblemático estádio de Wembley, com capacidade atual

para 90 mil torcedores, e embora o futebol feminino, mesmo o do mais alto nível de disputa, ainda não desperte e mantenha a mesma atenção que o masculino, a partida decisiva da competição, entre as seleções de Inglaterra e Alemanha, atingiu o pico de 17,4 milhões de espectadores no canal BBC One. Segundo o jornalista Mark Sweney, a disputa, presente nas telas de 80% dos televisores ligados naquele momento conforme os números oficiais – que, no entanto, não levam em conta o número de aparelhos sintonizados em bares, por exemplo –, corresponde ao “jogo de futebol feminino mais assistido na história da TV britânica e o evento televisivo, no ano, com mais espectadores” (SWENEY, 2022, tradução nossa)¹¹.

Além da tradicional transmissão televisiva do futebol em si, cuja forma ganha relevo em narrativas de Sérgio Sant’Anna como “No último minuto” e “O torcedor e a bailarina”, vale lembrar também a quase ininterrupta cobertura jornalística das grandes competições do esporte na atualidade, como as ligas e copas nacionais e internacionais, feita por canais de TV especificamente esportivos, como os do SportTV e da ESPN, e por periódicos igualmente especializados, como as revistas Placar, Corner, The Blizzard e When Saturday Comes. De um ângulo mais particular, que pode preservar ou não a abordagem tradicionalmente jornalística do esporte, cabe ressaltar a atenção especial que tem sido concedida, principalmente, ao dia a dia de clubes que contam com torcidas imensas, compostas por milhões de adeptos, como é o caso de algumas agremiações europeias, cujo alcance é global (JONES, 2021), e de várias instituições esportivas tradicionais do Brasil, que se destacam, sobretudo, dentro do território nacional (GE, 2022).

Vale ressaltar que a cobertura de competições futebolísticas e da jornada de clubes em uma temporada – algo de certo modo reconstruído em narrativas de Sérgio Sant’Anna, como “Páginas sem glória” – acha-se hoje fortalecida com a aparição recente de aparelhos eletrônicos móveis como *laptops*, *smartphones* e *tablets*. Essas novas mídias, por meio de seus aplicativos e da própria Internet, têm permitido acesso quase instantâneo a sítios eletrônicos, redes sociais e influenciadores digitais que contemplam o futebol ou mesmo o têm como foco principal. Como exemplos desses fenômenos, podemos citar o *site* Superesportes, as redes sociais YouTube e X e os jornalistas e/ou fãs de futebol Casimiro

¹¹ *A peak TV audience of more than 17 million tuned in to watch England’s historic win over Germany in the Euro 2022 final, making it the most-watched women’s football game in UK television history and the most-watched TV event of the year. The Lionesses’ dramatic 2-1 victory ended England’s 56-year wait for a major football trophy and 80% of all TV viewers were watching as the extra-time winner went in at a sold-out Wembley on Sunday night. The peak audience of 17.4 million viewers makes the BBC One broadcast the biggest TV event of the year so far and there was an average audience of 11 million across the entire Match of the Day programme from 4.50pm to 9.30pm. [...] In terms of average viewing audience, the Queen’s platinum jubilee concert remains the most-watched programme of the year, with 13.1 million viewers. However, many more viewers would have been watching the Euros final in pubs and fan zones up and down the country, and this is not captured in official TV viewing figures.*

Miguel, Bolívia Zica e Fred Bruno. Tal tem sido a presença dessas mídias no mundo contemporâneo e, mais especificamente, no cotidiano esportivo, que elas parecem estar colaborando para transformações de outras, mais antigas e não menos relevantes, do ponto de vista histórico, para a popularização ou manutenção da popularidade do esporte em países como o Brasil. Estações de rádio como a Itatiaia, por exemplo, embora ainda presentes na mídia tradicional, parecem estar assumindo recentemente um caráter mais audiovisual, ao tornar-se disponível em plataformas digitais de vídeo.

Uma explicação plausível para a grande popularidade do futebol do ponto de vista da assistência corresponde a um componente teórico fundamental de nossa tese: a dimensão estética. Segundo determinados autores, tal explicação não se limita ao jogo de bola, dizendo respeito, na verdade, à generalidade dos esportes. Victor Andrade de Melo, por exemplo, sugere que o aspecto estético, para ele encontrável em outros jogos de competição que não apenas o futebol, é “um dos elementos fundamentais na consolidação da popularidade do fenômeno esportivo”, e procura defender que práticas do tipo constituem “forma[s] de arte” (MELO, 2005, p. 113). Gumbrecht, por sua vez, embora não observe os esportes em perspectiva artística, propõe, com maior ênfase, que a “popularidade disseminada” dessas atividades encontra sua “explicação central e conceitualmente mais óbvia” no “apelo estético” que detêm diante do público, rejeitando expressamente, como causas para o mesmo fenômeno, o que chama de “truísmos da psicologia pop” – a identificação dos “perdedores na vida real” com os “vencedores no estádio”, a descarga emocional propiciada pelo “torcer de forma ruidosa por um time”, e a validação da “sociedade capitalista de consumo” mediante a competição promovida pelos esportes (GUMBRECHT, 2007, p. 36-37).

Apesar disso, o futebol, mais especificamente, também tem suas dimensões estética e mesmo artística sugeridas ou expressamente assinaladas por outros estudiosos, ainda que essas dimensões não sejam claramente lembradas como argumento para explicar a enorme popularidade do jogo. O próprio Melo (2005), embora, como vimos, não restrinja tais dimensões à referida modalidade, ilustra-as primeiramente com fatos e exemplos retirados do mundo do futebol, como a recepção de lances protagonizados por Garrincha pelo jornalista Mário Filho. Como lembra o estudioso, “dizia [Mário Filho] que quando o jogador [Garrincha] fazia suas ‘peripécias’, instaurava-se um verdadeiro deleite estético em todos os espectadores, independente do clube de preferência” (MELO, 2005, p. 112). Hobsbawm (1995) é outro acadêmico que verifica dimensão estética no futebol. Além de identificar nesse esporte o que denomina “elegância” – um atributo de clara ressonância estética – quando busca explicar a já mencionada dimensão “genuinamente universal” assumida pela prática a

partir da Copa de 30, ele recorda a “pretensão à condição de arte” da prática futebolística da seleção brasileira em seus “dias de glória” (HOBSBAWM, 1995, p. 196-197)¹².

O próprio Sérgio Sant’Anna chegou a reconhecer expressamente a dimensão estética do futebol e a tomá-la como um dos principais motivos para acompanhar a modalidade. Em entrevista a Casarin, por ocasião da Feira do Livro de Paraty de 2018, pouco após a Copa do Mundo daquele ano, o autor confidenciou, entre outras coisas relacionadas ao jogo, que a beleza desse esporte o atraía (SANT’ANNA, 2018). A nós caberá investigar, na Parte III de nossa tese, em que medida afirmações como essa se materializariam, literariamente, em narrativas suas, sobretudo naquelas que classificamos, conforme os conceitos de Stein (2016) e de McGowan (2019), como ficção de futebol, no sentido de verificarmos se a modalidade assume de fato caráter estético nesses textos. Para fundamentar essa investigação, faremos, na Parte II do trabalho, uma revisão bibliográfica sobre as relações entre futebol e estética, explorando não apenas o sentido de beleza adquirido por este termo, mas também o de forma e arte. Antes, no entanto, de nos dedicarmos ao cerne de nossa pesquisa, vale continuar examinando o sentido cultural – intelectual, social e político – desse esporte, com foco em sua condição de tema de reflexão nas ciências humanas e de criação no campo artístico, principalmente o literário.

2 FUTEBOL, PENSAMENTO E CRIAÇÃO: O JOGO NAS CIÊNCIAS HUMANAS E NA LITERATURA

2.1 Uma alegada ausência

No artigo “Eric Hobsbawm e o futebol”, Raul Milliet Filho (2012) revela diálogos que travou com o historiador inglês em torno da modalidade e comenta trechos de obras do estudioso que, em alguma medida, analisam-na enquanto relevante elemento cultural do século XX. Nesse percurso, o autor lembra que, em sua época de estudante de História, na década de 1970, no Rio de Janeiro, seus “professores doutores”, via de regra, mostravam-se pouco afeitos ao jogo de bola, não sabendo “bater um reles escanteio”, para usar expressão de

¹² Conforme depoimento de Milliet Filho, duas apresentações do escrete canarinho na Copa do Mundo de 1970, em especial – contra a Inglaterra, em sua estreia na fase de grupos, e contra a Itália, na grande final da competição –, bem como dois jogadores daquele mesmo time – o atacante Tostão, do Cruzeiro, e o meia Gérson, então no São Paulo – causaram “admiração” em Hobsbawm (MILLIET FILHO, 2012). Esse sentimento, muito provavelmente, devia-se mesmo à beleza do jogo desempenhado por aquela seleção, considerada pela revista inglesa World Soccer como o melhor time de futebol da história e o que melhor teria representado o chamado “Jogo Bonito” (BELL, 2007).

Nelson Rodrigues, e chegavam a olhá-lo “com o nariz em pé”, duvidando de sua capacidade de estimular reflexões (MILLIET FILHO, 2012). Embora se concentre no contexto brasileiro, Milliet Filho também reconhece, expressamente, que a escassez de trabalhos em torno do futebol, “desacreditado” na academia, em especial nas ciências humanas, correspondia a um dado disseminado, encontrado nos “meios universitários do Brasil e de todo o mundo” (MILLIET FILHO, 2012).

No início dos anos 1980, Ivan Cavalcanti Proença (1981), concentrando-se ainda mais de perto no contexto universitário brasileiro, também identifica significativo desinteresse reflexivo a respeito da modalidade. Segundo ele, o desenvolvimento de seu livro **Futebol e palavra**, inicialmente construído como trabalho de conclusão de doutorado, esteve sob risco desde o princípio. Também com formação acadêmica no estado do Rio, o estudioso explica que tal dificuldade se dava “porque o assunto era inédito em teses oficiais e porque, principalmente, não era considerado ‘mui digno’ como tema de ‘tais eventos’” (PROENÇA, 1981, p. XV). Conquanto admitisse desejar que sua “colaboração” fosse, “o mais possível, despojada de conceitos ou citações preexistentes”, o crítico literário argumenta que, na época da feitura do estudo, eram “escassos mesmo, no país do futebol, os livros sobre futebol”, e o “assunto” a que se propôs investigar era, desse modo, “quase inexplorado” (PROENÇA, 1981, p. 78).

Em publicações do início do século XXI, perspectivas como as de Milliet Filho (2012) e Proença (1981) ainda têm algum eco no ambiente universitário, podendo mesmo abarcar outros locais além do Brasil e referir-se aos esportes em geral. Focalizando o campo das ciências sociais, Túlio Velho Barreto (2004) entende que as modalidades esportivas não constituem assunto frequentemente visitado pelos acadêmicos da área, seja no país ou fora dele. Embora pontue textos, obras e autores que mereçam destaque pelo tratamento reflexivo que deram a jogos ou práticas esportivas, Barreto observa-os como exceções, ao dizer que, “de um modo geral, o esporte não tem sido estudado com frequência pelos cientistas sociais, mas não só no Brasil” (BARRETO, 2004, p. 234)¹³. Essa opinião também se aplica, mais particularmente, ao caso do futebol tal como visto pela intelectualidade nacional, que teria em Gilberto Freyre um dos primeiros e ainda raros exemplares a lidar a sério com o tema no

¹³ Barreto menciona **Homo ludens**, de Johan Huizinga, de 1938; **Sport and Society in Contemporary England**, de Anthony Giddens, de 1961; “Como é possível ser esportivo?”, de 1984, de **Questões de sociologia**, e “Programa para uma sociologia do esporte”, de 1987, de **Coisas ditas**, ambos de Pierre Bourdieu; **Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process**, de Norbert Elias e Eric Dunning, de 1986. O estudioso destaca ainda o que chama de “olhar de soslaio” de Hobsbawm sobre o futebol (BARRETO, 2004, p. 234-235).

país¹⁴. Para Barreto, “a despeito de ser um dos traços mais característicos de nossa cultura, o interesse dos nossos intelectuais pelo futebol, como objeto de estudo, tem sido também bissexto” (BARRETO, 2004, p. 235).

Três anos mais tarde, Gumbrecht (2007) endossa, em boa medida, o entendimento de Barreto (2004) acerca da escassez de estudos sobre os esportes na universidade. Duas diferenças entre os pareceres, no entanto, merecem ser destacadas. A primeira é que a perspectiva do filósofo alemão pretende abranger todo o campo das ciências humanas, nele incluindo explicitamente a dimensão cultural ao lado da social, em qualquer geografia. A segunda é que, embora também enumere intelectuais e estudos de relevo em meio à referida escassez, ele identifica que as práticas esportivas são consideradas, no máximo, como tópico secundário de reflexão (GUMBRECHT, 2007)¹⁵. Perseguindo o problema central do livro **Elogio da beleza atlética**, que consiste em compreender “por que assistir a esportes captura de forma tão irresistível a atenção e a imaginação de tanta gente” (GUMBRECHT, 2007, p. 20), o estudioso sugere que, em geral, os intelectuais não conseguem encontrar razões realmente dignas para o fenômeno, como se nada ou quase nada de positivo – como a dimensão estética por ele identificada, conforme citado no capítulo anterior –, pudesse ser associado a tais práticas.

No ano seguinte à publicação de Gumbrecht (2007), Wisnik (2008) sugere que pode haver um abismo entre quem se ocupa das chamadas coisas do espírito, de um lado, e os esportes, particularmente o futebol, de outro. Segundo ele, enfatizando o aspecto cultural da reflexão filosófica em sentido lato e a forte presença da modalidade fora dos circuitos especificamente voltados ao pensamento, “no limite, a onipresença do jogo de bola soa abusiva e irrelevante para quem acompanha a discussão cultural” (WISNIK, 2008, p. 11). Ao mesmo tempo, o estudioso, pondo em cena a figura do torcedor no lugar do futebol em si, acrescenta que a “resistência” é “dupla”, na medida em que “viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele” (WISNIK, 2008, p. 11). Sendo assim, não só o intelectual, em sua versão mais radical de negação ao futebol, evitaria a modalidade, por compreendê-la como assunto indigno da “discussão cultural”, como também

¹⁴ Em referência às reflexões do sociólogo brasileiro, Barreto lembra, particularmente, os textos “Fair play”, de 1929; “Foot-ball mulato”, de 1938; outros – ao que parece, sem título – veiculados pela revista **O Cruzeiro** em 1955; “Futebol desbrasileirado” e “A propósito da derrota do time brasileiro na Alemanha”, ambos vindos a lume pela primeira vez durante a Copa do Mundo de 1974; e uma “conferência proferida nos Estados Unidos, em 1944” e transcrita no livro **Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas**, de 1945 (BARRETO, 2004, p. 235-237).

¹⁵ Dois intelectuais citados por Gumbrecht (2007) também foram lembrados por Barreto (2004): Bourdieu (2003, 2004) e, em parceria com Dunning, Elias (2008). Além deles, o estudioso cita o trabalho de Roger Caillois, **Les jeux et les hommes**, de 1958.

o aficionado pelo jogo, em sua condição mais extrema, buscaria se afastar da reflexão acerca do fenômeno futebolístico. Como consequência, haveria um efeito negativo – desta vez gerado por duas fontes distintas, nas pontas da produção e da recepção – para a escassez de estudos sobre o tema na universidade.

Marcelo Martins Barreira (2014) reitera, em boa medida, os pontos de vista coligidos até aqui, sobretudo os de Milliet Filho (2011), Proença (1981) e Wisnik (2008). A principal diferença de opinião é que sua perspectiva focaliza, mais especificamente, o campo da filosofia em sentido estrito. De um ângulo mais abrangente, ele reconhece, primeiro, que “[...] o termo ‘filosofia’ é geralmente aplicado a matérias universais e abstratas, e não a matérias que são contingentes e relacionadas à vida cotidiana” (BARREIRA, 2014, p. 15, tradução nossa)¹⁶. Se é assim, o futebol não constituiria assunto filosófico em razão de sua dimensão prática e por supostamente ser incapaz de suscitar elucubrações sobre problemas permanentes da condição humana. Ainda segundo Barreira, esse tipo de pensamento seria sustentado, em especial, por “escolas filosóficas” marcadas por uma “inclinação metafísica”, que observariam abertamente um fenômeno como o jogo de bola enquanto “tema menor” (BARREIRA, 2014, p. 15, tradução nossa)¹⁷. Assim qualificado, o jogo não mereceria assumir a condição de objeto de reflexão no âmbito filosófico, por supostamente haver temas “maiores” a serem tratados nesse domínio.

De maneira mais ou menos explícita, referindo-se a diferentes tempos, espaços e subdomínios da reflexão acadêmica, Milliet Filho (2012), Proença (1981), Barreto (2004), Gumbrecht (2007), Wisnik (2008) e Barreira (2014) parecem sinalizar para a existência de uma espécie de preconceito ou elitismo intelectual da parte de estudiosos pertencentes ao campo das ciências humanas relativamente aos esportes ou ao futebol. Tal fenômeno pode se manifestar na forma como estes estudiosos olham para as mencionadas práticas, colocando-as parcial ou inteiramente de lado em suas reflexões, como se tais atividades não merecessem grande ou qualquer atenção de sua parte, ou no volume de produções acadêmicas identificadas, considerado baixo e hipoteticamente consequente do modo como as modalidades esportivas são vistas no campo das humanidades. Levando em conta perspectivas relativas ao âmbito da literatura brasileira, o qual nos interessa ainda mais nesta tese, parece que o mesmo preconceito ou elitismo, voltado mais especificamente para o futebol, também se verifica.

¹⁶ [...] the term 'philosophy' is generally applied to universal and abstract matters rather than matters that are contingent and related to everyday life.

¹⁷ For some philosophical schools — notably those with a metaphysical inclination — soccer would be a lesser theme [...]

Já na década de 1960, Milton Pedrosa (1967) entendia que os artistas e escritores brasileiros buscavam evitar tratar do futebol em seus trabalhos estéticos. A justificativa para essa distância, segundo o estudioso, é que o jogo de bola “não possuía aquele caráter de nobreza capaz de fazê-lo assunto de suas criações artísticas e literárias” (PEDROSA, 1967, p. 23). Tal caráter era, ainda de acordo com Pedrosa (1967), reservado a temas caros na Europa entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX, os quais interessavam mais aos intelectuais brasileiros, de formação predominantemente europeia, do que os problemas que podiam haver no país naquele tempo. Nessas circunstâncias, parece mesmo reverberar o problema de o futebol ser tratado por tais indivíduos como um tema de menor importância, que, por isso mesmo, não ganharia lugar de destaque na literatura ou em outras artes que eles dominassem. Como consequência, produções estéticas brasileiras com foco na modalidade, desde sua aparição no Brasil até, pelo menos, a publicação do livro de Pedrosa (1967), foram tidas pelo autor como escassas, tardias e pouco relevantes em comparação com a própria importância cultural que o jogo já vinha assumindo no país ao longo desse período.

A distância tomada por intelectuais em relação ao futebol parece atingir também a crítica literária brasileira. Isso porque, mesmo quando existem autores nacionais de relevo que se valem da modalidade de maneira significativa como tema de suas obras, os leitores especializados desses textos tendem, aparentemente, a colocar de lado a temática esportiva constante desses trabalhos. Na visão de Bernardo Borges Buarque de Hollanda, que também verifica o preconceito segundo o qual o esporte seria “pouco apropriado a indivíduos refinados e entretidos com questões elevadas” (HOLLANDA, 2003, p. 11), é o que ocorre, por exemplo, com a literatura de José Lins do Rego. Na avaliação do pesquisador, as crônicas, ensaios e romances do autor que fazem referência ao jogo de bola são, em geral, marginalizados no estudo de seus textos, e o esporte consta menos do que um tema digno de exame literário em meio a essas produções do que como um “dato pitoresco ou excêntrico da personalidade do escritor paraibano” (HOLLANDA, 2003, p. 11). Para ilustrar essa prática de marginalização do futebol na literatura pela crítica – um fenômeno que também parece acontecer, de certa forma, relativamente à obra de Sérgio Sant’Anna, como veremos na Parte III de nossa tese –, Hollanda (2003) lembra que as crônicas esportivas de Lins do Rego, apesar da representativa quantidade de 1.571 textos, foram completamente ignoradas, em 1981, pelo bibliófilo Plínio Doyle, quando, na condição de diretor da Biblioteca Nacional, coordenou um índice de referência das publicações do autor em periódicos.

Em parecer sobre o futebol como tema da parcela mais aclamada da literatura brasileira, Silva assinala, antes de mais nada, o “caráter elitista da atividade literária” no país

(SILVA, 2014, p. 16). Complementarmente, ele observa que, no âmbito do “cânone literário legitimado pela crítica e pela academia” (SILVA, 2014, p. 15), a que poucos escritores têm acesso, a presença do jogo de bola é escassa. Com efeito, ele cita apenas alguns dos considerados raros exemplos de autores importantes que se referiram à modalidade em suas obras, como Oswald de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, sem deixar de acrescentar que o tratamento dado à prática é muitas vezes eventual e que textos de “maior fôlego”, como o romance **Flô, o goleiro melhor do mundo**, de Thomaz Mazzoni, e o livro de contos **Maracanã, adeus**, de Edilberto Coutinho, são também raríssimos no país (SILVA, 2014, p. 14). Embora não chegue a afirmar categoricamente que tal escassez se deve a algum tipo de preconceito ou elitismo intelectual por parte da maioria daqueles que são tidos como os grandes escritores do Brasil, limitando-se a sugerir que essa posição de distância “talvez” explique o problema, Silva afirma que “o futebol não recebeu [desses escritores] a atenção que merecia”, uma vez que também nota, ainda recentemente, uma discrepância entre a “amplitude” da presença do esporte na sociedade brasileira e sua quase ausência na literatura nacional mais consagrada (SILVA, 2014, p. 15-16).

Em perspectiva mais incisiva, Ruffato menciona o elitismo como argumento para explicar a “distância” que os escritores brasileiros, em especial os ficcionistas, guardariam, desde “sempre”, em relação ao tema futebolístico, “rejeitando-o” não só como “motivo principal”, mas também como “referência secundária” de suas narrativas (RUFFATO, 2021)¹⁸. Sob esse ângulo, a modalidade seria quase inexistente na história da ficção brasileira, uma vez que nem mesmo rápidas passagens dos textos que estão em seu curso incluiriam o jogo de bola. O argumento do autor, todavia, tem, pelo menos de maneira direta, menos a ver com os espaços privilegiados a que costumam pertencem os artistas que as elaboram, como sugerido por Pedrosa (1967) e Silva (2014), do que com o lugar social que as criaturas ficcionais desses artistas ocupam nas histórias. Na visão de Ruffato, o trânsito dos “personagens de nossa prosa de ficção” se dá, em geral, em um “nível da sociedade em que o futebol é ignorado como manifestação coletiva”, isto é, a narrativa brasileira tenderia a retratar a vida das camadas mais bem-situadas da população, cujo âmbito social não contemplaria o fenômeno de massas do jogo de bola (RUFFATO, 2021).

Integrante de uma geração de escritores brasileiros que começou a fazer literatura mais para o final da década de 1960, ou seja, próximo ao diagnóstico de Pedrosa (1967), Sérgio

¹⁸ Em entrevista a Tiago Rogero, Ruffato, ao buscar motivos para a suposta ausência do futebol em nossa literatura, argumenta também que “a literatura ‘pertence’, em sua maioria, à elite branca da sociedade brasileira, que sempre teve desprezo por coisas ligadas ao povo. E o futebol é a alegria do povo” (RUFFATO, 2018).

Sant'Anna não apenas parece ter passado ao largo do argumento da ausência de “nobreza” do futebol, pelo simples fato de abordar o jogo em sua obra ficcional, como parece ter observado, de maneira supostamente positiva, outro aspecto, relacionado à midiaticização do esporte, sobretudo por meio da televisão, como razão relevante para tratar do jogo em tais produções (SANT'ANNA, 1997a). Ainda que possa ser visto como mais uma exceção no cânone literário brasileiro, somando-se aos autores citados por Silva (2014), o autor parece ter concedido à modalidade, em suas narrativas, uma significativa importância, como tentaremos mostrar, com mais detalhes, na Parte III de nossa tese. Adiantando-nos um pouco, tal importância parece se manifestar, por exemplo, no uso do jogo como tema principal de quase uma dezena de suas narrativas, à luz das definições de ficção de futebol propostas por Stein (2016) e McGowan (2019), assim como no registro do esporte, utilizado de modo secundário, em diversos outros textos de sua autoria. Além disso, contrariamente, ao que parece, à opinião de Ruffato (2021), os usos do futebol na literatura de Sérgio Sant'Anna parecem contemplar tanto personagens pertencentes às camadas mais altas da sociedade brasileira, como são os casos do pianista clássico e entusiasta do jogo Antônio Flores e do craque descompromissado José Augusto, respectivos protagonistas do conto “As cartas não mentem jamais” e da novela “Páginas sem glória”, quanto figuras situadas em extratos não tão privilegiados dessa mesma sociedade, como são os casos do goleiro narrador e protagonista do conto “No último minuto” e do treinador do São Cristóvão protagonista do conto “Na boca do túnel”.

Bem antes, no entanto, de passarmos para a literatura de Sérgio Sant'Anna, vale continuar explorando as relações do futebol com o âmbito da cultura no que diz respeito à universidade e às artes. A propósito, se o preconceito ou elitismo intelectual e artístico constitui, de fato, um empecilho para a reflexão, criação e mesmo avaliação dos esportes e do futebol na cultura, seja no âmbito mais específico das ciências humanas ou da literatura, como sugerem ou propõem os autores aqui consultados, esse outro tipo de distanciamento, de tipo social, pode, talvez, ser apontado na mesma direção. Ele se insinua, por exemplo, na visão de Pedrosa (1967) sobre a negação mais generalizada de artistas e escritores brasileiros que exerceram suas atividades até o fim da década de 1960, de passado ou formação aristocráticos, em abordar esteticamente o futebol. Nesse caso, em específico, o hipotético preconceito de caráter social em relação ao jogo de bola poderia estabelecer relações próximas com o de cunho intelectual ou mesmo dever a ele sua razão de ser. No próximo item, iremos observar como determinados autores apontaram esse outro tipo de elitismo, geralmente devido à reconhecida condição de fenômeno de massas dos esportes e do futebol, tenham tido ou não tais autores o intuito de explicar a suposta escassez ou ausência de

produções intelectuais e artísticas sobre tais temas na academia e na literatura.

2.2 O futebol como fenômeno de massa

O suposto preconceito ou elitismo de caráter social de intelectuais em relação aos esportes parece se dever, em termos históricos, ao processo de profissionalização dessas práticas, o qual teria colaborado, pelo menos em parte, para sua imensa popularização. Essa massificação das atividades esportivas, que pode ter se iniciado, como vimos no Capítulo 1, por volta da década de 1880, na Inglaterra, no que diz respeito ao futebol pelo menos, teria feito com que as parcelas mais privilegiadas da população começassem a observá-las como algo de menor valor. Cumpre lembrar que, antes do início do referido processo, as práticas esportivas eram definidas, pelo menos aos olhos das elites, por valores supostamente superiores e mais verdadeiros, associáveis à ideia relativamente genérica de amadorismo. Embora não faça menção a tais valores nem à palavra que os aglutinaria em torno de si, a perspectiva de Gumbrecht (2007) parece dar respaldo a nossas observações. Segundo ele, “[...] a popularidade sem precedentes dos esportes profissionais [costuma] ser imediatamente interpretada como sinal de decadência ou no mínimo de alienação em relação a uma suposta ‘autenticidade’ atlética, que jamais é definida com clareza” (GUMBRECHT, 2007, p. 28). No que tange ao futebol, e como é o caso do Brasil, essa transformação teria feito com que as elites, que detinham o privilégio da prática esportiva (BARRETO, 2004) e parte dos intelectuais como seus entusiastas (ROSSO, 2010), perdessem o interesse pelo jogo, tanto como atividade física quanto como matéria de reflexão.

Pedrosa (1967) reconhece que um interesse maior pelo jogo por parte das elites brasileiras existiu com grande ênfase no país nos primórdios da modalidade, que ainda dispunha de alcance limitado naquele período, compreendido, mais ou menos, entre 1897 e 1930. Em referência à época de prevalência do amadorismo no Brasil, o estudioso diz que, “na fase inicial, quando ainda não era o esporte das multidões, o futebol contava, como prática esportiva, com a participação das camadas bem situadas” (PEDROSA, 1967, p. 23). Pedrosa também destaca o aspecto eminentemente lúdico, não profissional, da prática futebolística em seus anos iniciais no país, e enfatiza o desempenho da modalidade pelas classes superiores na escala social: “[...] houve tempo em que jogar futebol era como ir à caça, como faziam os fazendeiros ou o filho do fazendeiro, por divertimento. Os moços de posses iam ao ‘field’, lembra Mário Filho” (PEDROSA, 1967, p. 23). Mais tarde, porém, com a progressiva possibilidade de fazer da prática do esporte ganha-pão, as elites nacionais

começaram a se distanciar do jogo, pelo menos no que se refere a sua condição como tema de pensamento. Segundo Pedrosa, apoiando-se, em parte, em reflexões de Sérgio Buarque de Holanda em **Raízes do Brasil**,

a evolução permitiu que jogar futebol também se tornasse trabalho, esforço de operários, artesãos, de brancos pobres e negros, enfim, trabalho sujo, que “suja as mãos”... e os pés. E o conceito de que gozava o futebol na sociedade mudou. Não mais o “field” elegante. / Pouco podia, pois, interessar à inteligência brasileira do princípio do século. O alheamento prosseguiu após a implantação do profissionalismo, quando o jogo da bola se impôs em decorrência de suas implicações como trabalho, como coisa que “fatiga o corpo” (PEDROSA, 1967, p. 23).¹⁹

Pelo menos até pouco tempo atrás, segundo Gumbrecht (2007), ao referir-se aos contextos ocidental e europeu principalmente, era possível notar que intelectuais, se não se afastavam de todo dos esportes, procuravam manter algum distanciamento em relação a sua dimensão massificada. O filósofo admite, por um lado, que não era raro estudiosos se apresentarem a seus pares e à comunidade mais ampla como “torcedores”, denotando interesse pelas práticas esportivas; por outro, ele afirma que esse movimento parecia-lhe corresponder a um “tipo narcisista de condescendência”, que tinha como intuítos verdadeiros “produzir capital cultural na forma de comprometimento social” e fazer com que tais indivíduos se sentissem “bem consigo mesmos” (GUMBRECHT, 2007, p. 24-25). O que motiva tal leitura é a percepção de Gumbrecht (2007) quanto às escolhas clubísticas mais realizadas pelos sujeitos que ele critica. Para o filósofo, esses acadêmicos-torcedores, em vez de apoiarem agremiações com um grande contingente de adeptos, ou “os times que ocupam os sonhos daqueles a quem eles se referem como ‘as massas’”, preferiam adotar como seus os times “mais fracos ou desamparados” (GUMBRECHT, 2007, p. 24-25), geralmente dotados de menor apelo popular e localizados fora do circuito esportivo *mainstream*.

A dimensão popular dos esportes e do futebol constitui não apenas motivo de reserva pessoal para alguns acadêmicos, como aponta Gumbrecht (2007), mas também razão de crítica mais direta por parte de outros estudiosos. É o caso, por exemplo, de Theodor W. Adorno (*apud* VAZ, 2018), que, quando escreveu sobre tais práticas, acabou guardando delas certo alheamento, fazendo-lhes críticas parcialmente fundadas em sua feição massificada. Conforme Alexandre Fernandez Vaz, em leitura de “O esquema da cultura de massas” e “Opinião, loucura e sociedade”, o filósofo alemão faz duras ressalvas a tais atividades, sobretudo “em sua versão de espetáculo”, constitutiva, para ele, de “expressão do coletivismo e da diluição do sujeito quando o indivíduo vocifera nos estádios” (VAZ, 2018, p. 1.399). É

¹⁹ Cf. também Barreto (2004) e Sevcenko (1994).

como se as práticas esportivas, enquanto dirigidas à contemplação das multidões, representassem para Adorno ocasião para o comprometimento da subjetividade. Estabelecendo oportunidade para que o indivíduo se misture às massas, os esportes lhe retirariam a capacidade de ser, por assim dizer, ele mesmo – por mais discutível que hoje seja a noção de um ser íntegro e coeso, como argumenta Stuart Hall (2006) –, podendo até mesmo lhe conferir um aspecto menos humano, entrevisto em seu peculiar comportamento nas arquibancadas dos estádios – uma posição bastante negativa se comparada ao “prazer” de “fazer parte da multidão” e à ideia de “comunhão” verificados pelo próprio Gumbrecht sobre o mesmo fenômeno (GUMBRECHT, 2007, p. 151-153).

Vale complementar que Adorno, na **Dialética do esclarecimento**, de 1947, e em **Minima moralia**, de 1951, além de atacar o aspecto “coletivo” ou massificado dos esportes e do futebol, ainda que em sua problemática condição de entretenimento ou mesmo de diversão, também denuncia um suposto papel pernicioso desses fenômenos culturais, nas dimensões contemplativa e prática, no que diz tange ao sofrimento humano (ADORNO *apud* VAZ, 2018). No caso contemplativo, Vaz, reproduzindo o postulado adorniano segundo o qual “é com o sofrimento dos homens que se deve ser solidário: o menor passo no sentido de diverti-los é um passo para enrijecer o sofrimento” (ADORNO *apud* VAZ, 2018, p. 1.399), conclui que, na visão do filósofo, “divertir é uma espécie de bálsamo legitimador do sofrimento” (VAZ, 2018, p. 1.398). No caso prático, o ensaísta afirma que, “para Adorno, o esporte em sua versão de espetáculo é [...] promotor da dor e do sofrimento quando o corpo é submetido ao martírio das exigências do rendimento” (VAZ, 2018, p. 1.399). Em ambos os casos, as modalidades esportivas, incluindo-se o futebol, deveriam ser, conseqüentemente, evitadas, e, se a contemplação, em específico, é desencorajada, refletir sobre tais fenômenos seria difícil, senão impossível, o que limitaria, ao longo do tempo, sua presença no campo das ciências humanas.

Em um plano mais genérico, a condição de fenômeno de massas do futebol constitui, para Barreira (2014), outra explicação possível para a comum desconsideração reflexiva de filósofos sobre o jogo, mencionada no Capítulo 1. Segundo o estudioso, uma vez que a modalidade pertence à “cultura de massas”, determinados pensadores, como aqueles mais próximos a escolas predominantemente metafísicas, preferem evitá-lo, com o argumento de que refletir sobre elementos ligados a esse tipo de cultura corresponderia a uma “decadência” e a um “desvio” relativamente à “essência teórica do pensar” (BARREIRA, 2014, p. 15,

tradução nossa)²⁰. Se é assim, parece manifestar-se, com efeito, um preconceito ou elitismo de tipo social desses pensadores em relação ao futebol, que não é tomado como objeto de reflexão filosófica pelo fato de constituir interesse da maior parte das pessoas, ultrapassando um círculo mais restrito de adeptos, e não por aspectos que se relacionariam mais diretamente com o jogo, como, por exemplo, seus supostos atributos estéticos.

Discussão bastante parecida é trazida por Anthony May (2016), quando se refere à presença de investigações sobre o uso do futebol nos estudos literários. Tal como Barreira (2014), o estudioso reconhece que a modalidade, como produto da sociedade de massas, é uma “forma popular de cultura” (MAY, 2016, p. 2) e que, como tal, sofre preconceito no referido domínio reflexivo. Esse preconceito deriva, segundo ele, de uma divisão da produção cultural, sustentada por intelectuais como Frank Raymond Leavis, em dois níveis distintos. O primeiro nível, o da chamada “alta” cultura, abrangeria artefatos da “música clássica, belas-artes e literatura ‘canônica’”, com esta última, em particular, sendo considerada aquela que lida com problemas de uma suposta “moral ‘universal’”, observados como “merecedores de análise”, enquanto o segundo nível, o da denominada “baixa” cultura, incluiria fenômenos como o próprio futebol, tidos como “inerentemente prejudiciais àqueles que os produzem e os recebem” e “dignos de estudo apenas no sentido de assinalar o grau de prejuízo causado à sociedade em geral” (MAY, 2016, p. 2-3). O pesquisador assinala ainda que esse tipo de divisão e seus desdobramentos têm motivação de cunho social. Como diz ele,

Tais argumentos tendem a encontrar fundamento em questões de classe. “Alta” cultura tende a ser produzida por indivíduos com extração na classe média ou alta. Em contraste às “altas”, formas “baixas” da cultura popular são, como [Tim] Edensor (2002) discute, aquelas “das massas” (MAY, 2016, p. 3, traduções nossas)²¹.

Encontrada por Ruffato (2021) no contexto próprio dos textos literários produzidos no Brasil, como vimos ao fim da seção anterior, e sugerida por Hollanda, ao mencionar o caráter

²⁰ [...] to address the “culture of the masses” would be, in this case, decadent and deviant from the theoretical essence of thinking.

²¹ Football is a popular form of culture, and such forms are still too often considered to be “low” culture, unworthy of serious analysis. This is due to the invidious influence of, amongst others, the literary critic F.R. Leavis who argued that it is possible to place a value upon culture depending on the form that it takes (Edensor, 2002). Classical music, fine art, and “canonical” literature are all considered (by those who accept the term) to be “high” culture. Canonical literature is that which is deemed to be concerned with questions of “universal” morality; ideas about what is “universal” are of course based upon value judgements. The movement with which F.R. Leavis is associated, liberal humanism, has fallen out of favour, but the argument that “high” culture exists and is particularly worthy of analysis remains influential. Such arguments tend to have a basis in issues of class; “high” culture tends to be produced by those of a middle or upper class background. In contrast to “high” culture, “low” forms of popular culture are, as Edensor (2002) discusses, those of “the masses”. F.R. Leavis argued that “mass” culture was inherently harmful to those who produce it and receive it, and that as such, it was worthy of study only in order to ascertain the level of harm it was doing to society in general.

“popular e coletivo” do futebol (HOLLANDA, 2003, p. 11), a existência de um preconceito de caráter social de intelectuais relativamente à modalidade parece ser historicamente identificável também na atitude de afastamento de escritores do país no que diz respeito ao jogo. Pedrosa (1967) entende que a distância que a elite pensante brasileira buscava manter em relação à modalidade devia-se não apenas a sua formação intelectual específica, realizada na Europa ou por influência desta, como vimos no item anterior, mas também aos significados sociais, observados por tal grupo como de menor valor e, de certa forma, até revolucionários, que o jogo de bola ia adquirindo no país à medida que o amadorismo dava lugar a uma nova configuração do esporte. Segundo o estudioso, os artistas e escritores do país, fazendo eles parte da elite nacional, fossem eles de origem aristocrática ou burguesa, não tinham interesse em elaborar artisticamente um “assunto cuja essência era produto de baixa extração e gozava de má reputação [...] e que ao mesmo tempo ganhava prestígio ao possibilitar a promoção social de pessoas tidas como inferiores, descendentes, talvez diretos, dos antigos escravos” (PEDROSA, 1967, p. 23). Nessa perspectiva, abordar esteticamente o futebol, aos olhos da maior parte dos artistas e escritores brasileiros até o década de 1960 pelo menos, poderia ser interpretado como uma espécie de rebaixamento social e como apoio a um suposto potencial da modalidade em modificar a organização social do país^{22 23}.

No entanto, como veremos na Parte III de nossa tese, o fato de Sérgio Sant’Anna pertencer a um espaço social mais privilegiado do que a maior parte da população brasileira – tendo sido filho de ex-funcionário de alto escalão do governo brasileiro, vivido diferentes experiências formativas no exterior desde a infância e ocupado ele mesmo cargo público de alguma relevância durante uma parte da vida – não o impediu de lidar com o futebol em sua literatura. Pelo contrário, a modalidade constitui, com efeito, uma constante em sua obra, surgindo, como já adiantamos, tanto como elemento principal quanto como recurso secundário de composição de várias de suas narrativas. Mais do que isso, como também já indicamos, o aspecto popular e massificado do futebol é abordado em seus textos, seja para

²² Esse preconceito de fundo classista, porém, não seria o único obstáculo à presença do jogo na arte e na literatura brasileiras, aliando-se ainda à “falta de mercado para a produção literária e artística ligada ao futebol” no período (PEDROSA, 1967, p. 24), que parece continuar, em parte, em visão mais recente de Wisnik (2008) sobre a recusa de torcedores em ver o futebol de outras formas, e à constituição profissional do esporte “como coisa que ‘fatiga o corpo’”, em oposição à atividade intelectual (PEDROSA, 1967, p. 27), algo também presente em observações de Hollanda (2003), Gumbrecht (2007) e Barreira (2014).

²³ Já do ponto de vista de torcedores contemporâneos de clubes grandes, principalmente entre rivais, é comum que tal superioridade se inverta: aqueles que consideram seu clube como fundamentalmente ligado às classes populares ou trabalhadoras consideram-se a si mesmos “superiores” em comparação com aqueles cujo clube, na visão dos que se julgam participantes legítimos das “massas”, é tido como parte das “elites”. Ver, por exemplo, campanhas publicitárias recentes de Cruzeiro e Atlético em torno do autoatribuído epíteto de “Time do Povo”.

salientar o caráter midiático do jogo, em sua potência de ser recebido por um grande número de pessoas por meio da televisão, como ocorre no conto “No último minuto”, seja para destacar o uso político que dele, com efeito, se pode fazer, como se insinua no conto “Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)”.

A propósito, antes de nos determos um pouco mais nessas e noutras formas em que o futebol aparece na literatura de Sérgio Sant’Anna, cumpre chamar a atenção, ainda que brevemente, para o aspecto político negativo que os esportes, particularmente o jogo de bola, são capazes de assumir na visão de estudiosos e escritores, em diferentes tempos e espaços. Assim como os preconceitos de cunho intelectual e social que pensadores e artistas podem manifestar ou ter manifestado, em algum ponto da história, em relação a tais práticas, parece que problemas de cunho político, como o uso dos esportes como ferramenta de controle social, a possibilidade de governantes ou aspirantes ao poder se valerem dos esportes para auferir ou fazer crescer sua influência na sociedade e, talvez principalmente, a suposta alienação das pessoas sobre questões que atingem direta ou indiretamente seu cotidiano também podem ser vistos como motivos hipotéticos para o distanciamento daqueles sujeitos em relação a tais atividades. A relação dos esportes e do futebol com a política, nessas três dimensões específicas, parece assumir, na visão dos estudiosos e escritores que serão citados, um caráter potencialmente pernicioso, em particular, em razão da própria dimensão massificada dessas práticas, que estariam sujeitas a ser cooptadas como estratégia para manter as respectivas organizações sociais de momento.

2.3 A questão política

Pelo menos no que diz respeito a nossas fontes de pesquisa, críticas feitas aos esportes e ao futebol dão-se de maneira mais recorrente no campo da política, hipoteticamente contribuindo para a suposta má vontade de estudiosos das ciências humanas em relação a tais atividades. Segundo alguns desses posicionamentos, as modalidades esportivas constituiriam, entre outras coisas, meras ferramentas de controle utilizadas pelo Estado, independentemente de sua orientação ideológica ou do alcance de seu poder, para impor limites ao corpo humano e uniformizar o interesse das pessoas. Nesse sentido, o ponto de vista de Adorno (*apud* VAZ, 2018) sobre os esportes como promotores do sofrimento e como diluidores da subjetividade poderia ganhar, também, um aspecto político, já que os elementos sob suspeita poderiam estar a serviço de instâncias de governo – como seria, expressamente, o caso de ideais nacionalistas –, e não do sujeito que pratica ou acompanha tais atividades. Embora Gumbrecht (2007) não

se refira explicitamente à perspectiva de seu compatriota, mas à de Elias, Dunning (2008) e Bourdieu (2003, 2004), parte de suas reflexões termina por estabelecer algum paralelo com o pensamento adorniano em torno das modalidades esportivas. Como diz ele, “alguns críticos acadêmicos chegaram até a denunciar que o esporte é uma conspiração biopolítica originária da delegação do poder estatal a micropoderes autorreflexivos”, isto é, “pela prática e acompanhamento do esporte, regulamos e contemos nossos corpos contra nossos interesses individuais” (GUMBRECHT, 2007, p. 27-28).

No contexto brasileiro e concedendo atenção especial ao futebol, Proença (1981) denuncia uma tentativa de cooptação da modalidade pelo governo de direita vigente no Brasil na época da publicação de **Futebol e palavra**. Não inédita no país, como indicam Sevcenko (1994) e Silva (2014), essa tentativa teria como objetivo reforçar, naquele momento, a suposta validade do poder ditatorial das Forças Armadas sobre o país. De início, o estudioso condena veementemente essa estratégia política quando identifica que a raiz do interesse pelo futebol na academia nacional naquele contexto devia-se, em parte, ao alinhamento de determinados intelectuais com o poder estatal do período no Brasil (PROENÇA, 1981). De maneira complementar, ele afirma que o vínculo do esporte com a política tal como vislumbrado e costurado pelo governo militar brasileiro a partir de 1964 afastava do futebol – ainda que de maneira tênue, como mostra Wisnik (2008), referindo-se à Copa de 1970 – sujeitos críticos ao mando do Exército, alguns dos quais entendiam que acompanhar o jogo, ou, mais precisamente, torcer pela seleção nacional, era sinônimo de alienação quanto ao estado de coisas no Brasil daquele tempo (PROENÇA, 1981).

É possível constatar, em outros espaços, a relação que o poder estabelecido, também na condição de ditaduras, busca articular, de maneira supostamente virtuosa, com o futebol. Ampliando o escopo para o continente sul-americano, vale destacar opiniões de alguns ficcionistas contemporâneos da região, em entrevistas concedidas a Shawn Stein e Nicolás Campisi, quando questionados sobre como futebol e política se intersectam na Argentina, no Chile e no Paraguai. Dentro desse pequeno recorte, Selva Almada (2016), Roberto Fuentes (2016) e Javier Viveros (2016) relembram tentativas, nos respectivos países, dos governos autoritários atuantes na segunda metade do século XX em auferir vantagens políticas e/ou econômicas mediante apropriação ideológica do jogo de bola. Segundo Almada, referindo-se ao caso argentino, “se voltarmos um pouco na história, não podemos esquecer que uma Copa do Mundo aconteceu neste país [em 1978] para propiciar uma interpretação positiva de uma ditadura brutal e que todos nós passamos a ignorar a realidade” (ALMADA, 2016, p. 31,

tradução nossa)²⁴. Por sua vez, Fuentes entende que “a ditadura dominava o futebol chileno, e ainda se pode sentir o cheiro disso. Hoje os proprietários dos clubes são todos empresários de direita que, em algum ponto, acumularam suas fortunas graças à ditadura” (FUENTES, 2016, p. 104, tradução nossa)²⁵. Já Viveros argumenta que, no Paraguai,

[...] a política sempre tentou estar do lado do futebol, pois é assim que se ganha a simpatia das massas. Os fiéis apoiadores do ditador [Alfredo] Stroessner costumavam chamá-lo de “o esportista número 1 do país”, e todos sabiam que ele era torcedor do Club Libertad. Libertad significa liberdade. Um paradoxo, certo? Acontece que Horacio Cartes era o presidente do Club Libertad. Ele entrou com o dinheiro e o clube ganhou vários torneios locais e até foi bem na Copa Libertadores. Foi assim que ele garantiu sua imagem de vencedor, e atualmente ele é o presidente de nosso país... É a aplicação do latino *panem et circenses* (VIVEROS, 2016, p. 208)²⁶.

Aplicada aos esportes e/ou ao futebol, a noção de “pão e circo”, embora vista de maneira menos acusatória por Gumbrecht (2007) no próprio contexto da antiga Roma, também se manifesta, mais contemporaneamente, para além do continente sul-americano. Contudo, do ponto de vista teórico, tal ideia pode se apresentar sem relação necessária com ditaduras ou mesmo com governos de direita. Para Umberto Eco (1984), não haveria nada de condenável na prática em si dos jogos. Diferentemente de Adorno (*apud* VAZ, 2018), que enfatiza e critica o sofrimento causado pelo esforço físico no esporte profissional, ele entende que o esporte constituiria atividade benéfica ao corpo. O problema, para ele, estaria na falsa consciência que tais atividades provocariam enquanto espetáculo, criando no sujeito a ilusão da prática e se manifestando de maneira maciça no discurso esportivo em detrimento do discurso político – o tipo de discurso que realmente importa para Eco (1984) afinal. Por sua vez, já destacando o papel da direita e o caso do futebol, Terry Eagleton compreende a modalidade como a “solução” provavelmente unânime entre “*thinktanks* de direita” para “distrair as massas da injustiça política e compensá-las pelas vidas de trabalho duro”, a partir do quê defende que “seja abolido” com vistas a uma verdadeira “mudança política” (EAGLETON, 2010, tradução nossa)²⁷.

²⁴ [...] if we go back a little in history, we can't forget that a World Cup took place in this country to put a positive spin on a brutal dictatorship and that we all ignored the reality back then.

²⁵ The dictatorship managed Chilean football. And you can still smell that. Today the owners of the clubs are all right-wing businessmen who at some point amassed their fortunes thanks to the dictatorship.

²⁶ [...] politics always tried to be on the side of football, because that's the way to earn the sympathy of the masses. The dictator Stroessner's faithful supporters used to call him “the country's first sportsman” and everyone knew he was a fan of Club Libertad. Libertad means freedom. A paradox, right? As it happens, Horacio Cartes was president of Club Libertad. He put up the money and the club won several local tournaments and even did well in the Copa Libertadores. That's how he secured his image as a winner, and currently he's our country's president... It's the application of the Latin *panem et circenses*.

²⁷ If every rightwing thinktank came up with a scheme to distract the populace from political injustice and compensate them for lives of hard labour, the solution in each case would be the same: football. [...] Nobody

Atentando-nos ao ambiente europeu da década de 1930, por exemplo, notamos que há, de fato, situações patentes de tentativas, ainda que frustradas, de uso político dos esportes e do futebol por governos de direita. Embora prefira ressaltar o fracasso de Adolf Hitler diante da “excelência [...] e visibilidade internacional obtida pelos atletas afro-americanos na sua capital”, Gumbrecht lembra que o caso emblemático das Olimpíadas de Berlim, de 1936, em que o ditador, aproveitando-se do *frisson* esportivo, buscou endossar a legitimação de seu poder na Alemanha, é com frequência “invocad[o] para decretar definitiva e irrefutavelmente que o esporte é um instrumento de manipulação política” (GUMBRECHT, 2007, p. 28-29). Também rejeitando a ideia da “‘pura’ manipulação política”, com o argumento de que, “muitas vezes, as estratégias e ações dominantes geram reações não planejadas, inesperadas, efeitos nem sempre favoráveis”, Fabrício Luís Duarte, partindo de exposição de Gilberto Agostino (2002), recorda que, em 1938, durante a primeira Copa do Mundo realizada na Itália, Benito Mussolini tentou “hostilizar o governo francês”, seu futuro adversário na 2ª Guerra Mundial, e viu o plano cair por terra quando compatriotas presentes no confronto entre a seleção local e a da Noruega, em protesto ao ditador, voltaram-se contra o próprio escrete italiano (DUARTE, 2012, p. 299-300).

Levando-se em conta a maior parte de nossas referências, a relação vista como negativa da política com os esportes e o futebol tende a se revelar mais forte quando o fator político envolvido na equação é de direita, como ilustrado pelos casos das ditaduras latino-americanas e europeias citadas. Todavia, alguns intelectuais observam que instâncias governamentais e mesmo acadêmicas mais alinhadas ao socialismo e ao comunismo também podem estabelecer um vínculo no mínimo discutível com as modalidades esportivas e, em particular, com o jogo de bola. Gumbrecht, por exemplo, menciona, em tom crítico, a existência do “inverso” das intenções elitistas e racistas de Hitler, ao perceber o intuito de certos acadêmicos em “transformar o esporte num meio de identificação com os oprimidos” (GUMBRECHT, 2007, p. 29). Por bem intencionado que soe, é preciso concordar com o estudioso alemão em que tal propósito pouco consegue colaborar no oferecimento de abordagens mais positivas sobre os esportes, assim como é necessário reconhecer que esse tipo de leitura não deixa de ser outra forma de se valer do esporte como uma espécie de instrumento político. Por sua vez, o escritor russo Victor Yerofeyev, em entrevista ao jornalista Kyle James (2006), denuncia a relação que o poder soviético, ao longo do século XX, procurou tecer com o futebol. No entendimento do autor, tal associação era perpassada por elementos que caracterizavam o regime, como coletivismo e militarismo, e, dado o

serious about political change can shirk the fact that the game has to be abolished.

desprezo que esses elementos causavam em parte da população, serviam como motivos para que as pessoas torcessem para o adversário da vez da seleção nacional, conquanto a modalidade em si, para além de implicações políticas, fosse bastante popular entre os soviéticos.

Vale trazer ainda a perspectiva de Juan José Sebreli (*apud* WISNIK, 2008), que, **En la era del fútbol**, também se referindo ao futebol, critica implicações políticas da suposta insignificância do jogo. O intelectual argentino propõe que a modalidade, em razão dessa hipotética desimportância intrínseca e tendo o apoio de sua popularidade sem precedentes, teria como função e marca o esvaziamento de sentidos no plano mais amplo da cultura, com especial ancoragem nos campos político e econômico. Na explicação de Wisnik, Sebreli procede a dois movimentos reflexivos básicos: um recrudescimento da noção marxista de “ópio do povo”, originalmente aplicada à religião como “forma ricamente contraditória do ‘espírito de um mundo sem espírito’”, na **Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel**, e uma inversão histórica da visão hobsbawmiana do futebol, segundo a qual o futebol constituiria “a religião laica da classe operária”, conforme exposto em **Mundos do trabalho** (WISNIK, 2008, p. 43). Com tais movimentos, Sebreli interpretaria o futebol como a “consumação do não espírito de um mundo sem espírito” e entenderia que a “maneira intensa pela qual a massa da população trabalhadora se envolveu nas batalhas simbólicas dos campos de futebol durante a expansão das cidades industriais”, no fim do século XIX, cede lugar, no fim do século XX, “à despolarização e à desqualificação dos conteúdos culturais, substituídos, no mundo do espetáculo massificado e mercantilizado, pelo vazio do mais difundido dos jogos de bola” (WISNIK, 2008, p. 42-43). Em resumo à tese de Sebreli, Wisnik entende que

o futebol, que já serviu ao populismo, ao fascismo e ao totalitarismo, serviria agora ao totalitarismo do poder econômico, que lhe dá o seu rematado alcance mundial, e presta-se a promover a aceitação conformista do trabalho alienado, a mentalidade do puro rendimento, a competição brutal, a agressão, o sexismo, o fanatismo, o bairrismo, o ativismo irracional das torcidas, o desprezo pela inteligência e pelo indivíduo, o culto dos ídolos, a massificação, o autoritarismo, a fusão mística nos coletivismos tribais, a supressão do espírito crítico e do pensamento independente (WISNIK, 2008, p. 43-44).

Não obstante os diagnósticos negativos das relações dos esportes e do futebol com o mundo político, cumpre notar que tais práticas, seguramente, não se limitam a ser instrumentos de controle, poder e alienação. Ainda que se reconheçam tais possibilidades, em especial no que se refere ao jogo de bola, é preciso admitir o contrário. Barreira, por exemplo, ao apresentar o enquadramento teórico de seu ensaio, apoiado na hermenêutica contemporânea e voltado para a construção de uma abordagem estética sobre a modalidade,

observa-a como um “fenômeno multifacetado”, por isso dotado de alguma “complexidade” (BARREIRA, 2014, p. 16, tradução nossa)²⁸. Wisnik, por sua vez, relativiza o que chama de “crítica já pronta da indústria cultural e da sociedade do espetáculo” em torno da prática no país, ressaltando as “contradições e paradoxos” identificados no objeto (WISNIK, 2008, p. 19). Definida “sob o mote do veneno remédio”, a leitura do acadêmico recusa “a visão simplificadora e conspiratória de que o futebol se resume aos seus bastidores empresariais, se reduz à sua manipulação publicitária e a seus efeitos espetacularizantes”, ao mesmo tempo em que admite as “qualidades” oriundas da assimilação e ressignificação do esporte no Brasil, marcadas pela presença dos aspectos “coletivo e individualista, pragmático e artístico, útil e inútil, surpreendente e belo, carnavalesco e trágico” e “reconhecidas em toda parte” (WISNIK, 2008, p. 18-20).

Sendo assim, os esportes podem ser interpretados sob diferentes pontos de vista e propiciar discussões em variados campos do saber e da criação humana, algo de que nosso próprio percurso até aqui parece ter conseguido dar alguma prova. Em outros termos, essas práticas são capazes de adquirir contornos mais positivos, como aqueles relacionados a suas interseções com a estética, por exemplo, e estabelecer pontes com outros domínios, produzindo sentidos nos campos intelectual, social e político. No próximo subitem, procuraremos ressaltar, justamente, uma visão mais positiva em torno desses fenômenos nas esferas acadêmica e artística, com ênfase na literatura, de forma a aprofundar nosso percurso cultural mais amplo sobre o tema e a indicar que, apesar da histórica posição de reserva de intelectuais e artistas em relação aos esportes, particularmente o futebol, tais práticas sempre estiveram de algum modo presentes em ambas as esferas, podendo mesmo se destacar em produções culturais de reconhecido valor, como seria o caso da literatura de Sérgio Sant’Anna.

2.4 O futebol nas ciências humanas e na literatura

2.4.1 O futebol nas ciências humanas

Nesta seção, procuraremos mostrar, de maneira bastante resumida, que estudos sobre esportes e futebol parecem hoje existir, em quantidade e qualidade relativamente significativas, no campo das ciências humanas. Embora o tema mereça ampliações e aprofundamentos, nossas fontes parecem oferecer bons indícios de que o que entendemos por

²⁸ [...] *the complexity of such a multifarious phenomenon.*

preconceito em relação a tais práticas, nos âmbitos intelectual, social e político, assim como críticas mais diretas feitas a elas, conforme discussão elaborada nos subitens anteriores, não têm impedido de todo que acadêmicos de diferentes tempos e espaços interessem-se por esses elementos da cultura e desenvolvam algum tipo de reflexão sobre eles. Como tentaremos mostrar ou reforçar, a ocupação intelectual motivada pelo fenômeno esportivo é identificável em trabalhos de pensadores de reconhecida envergadura no mundo ocidental, estejam eles ligados diretamente ou não aos estudos dos esportes, tais como Eric Hobsbawm, Allen Guttmann e Hans Ulrich Gumbrecht; em disciplinas como a história, a linguística e a estética, na condição de tema primário ou secundário de reflexão; e localiza-se, como é o caso do Brasil, em diferentes momentos do século XX e início do XXI, desde as crônicas mundanas dos anos de 1910, passando com certo relevo pelas décadas de 1980 e 1990, até os nossos dias.

Com efeito, parece-nos extremamente sugestivo que vários intelectuais de influência na academia ocidental, no campo mais restrito das ciências humanas, tenham cedido, ao longo das décadas, parte de seu tempo a pensar sobre os esportes e o futebol. Isso, por si só, poderia indicar que tais fenômenos, por sua própria presença no conjunto das reflexões desses estudiosos, constituem problemas “elevados” ou “sérios” o bastante para serem considerados. É verdade que, levando em conta a observação de F. R. Leavis sobre os “perigos” da cultura de massas (MAY, 2016), é possível contestar-se a pertinência da aplicação desses atributos às modalidades esportivas no âmbito do pensamento de determinados autores, conforme vimos anteriormente. Afinal, não nos parece nada elogioso observar o futebol, em particular, em sua suposta irrelevância absoluta, como fazem Sebrelí (*apud* WISNIK, 2008) e Eco (1984); em sua condição de diversão inconsequente, como faz Adorno (*apud* VAZ, 2018); ou em seu uso como instrumento de alienação política, como faz Eagleton (2004, 2010). No entanto, torna-se evidente que outros importantes estudiosos, diretamente ligados ou não aos estudos do esporte, consideram-nos muito mais do que um tema de menor valor ou interesse.

No âmbito mais específico da história dos esportes, merece menção o trabalho de Guttmann, que tem como um de seus méritos colocar tais fenômenos no centro de suas investigações. Prova disso são os livros voltados para a história dos esportes estadunidenses ou nos Estados Unidos, como **A Whole New Ball Game: An Interpretation of American Sports** e **Sports and American Arts: from Benjamin West to Andy Warhol**, e para a história dos Jogos Olímpicos, como **The Olympics: A History of the Modern Games**. Mais do que isso, o estudioso é considerado por Gumbrecht como “o mestre de todos os historiadores do esporte” (GUMBRECHT, 2007, p. 179). Como veremos brevemente na Parte II de nossa tese,

Guttman é um dos autores que procura estabelecer vínculos do esporte com as artes, principalmente no que se refere à gestação dos jogos olímpicos modernos, mas também na presença das atividades esportivas em produções estéticas.

De outros âmbitos dos estudos históricos, vale destacar a figura de Hobsbawm (1987, 1995, 2008). Pesquisador da classe trabalhadora britânica e do mundo contemporâneo globalizado, o erudito inglês, como conta Milliet Filho, reconhece o futebol como “assunto de relevo para os historiadores” (MILLIET FILHO, 2012). Foi ele quem definiu o jogo como “culto proletário de massa” (HOBSBAWM, 2008, p. 296) e “religião leiga da classe operária” (HOBSBAWM, 1987, p. 262), a qual, ainda no século XIX, via-se envolvida, de maneira “empolgada e ativamente empenhada”, nas “batalhas simbólicas dos campos de futebol” (SEVCENKO, 1994, p. 35), e observou que essa mesma parcela da população teria se apropriado de um “esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular”, mediante a profissionalização ou proletarização do jogo e com o apoio do “momento decisivo simbólico – reconhecido como um confronto de classes –” da “derrota dos Old Etonians pelo Bolton Olympic [Blackburn Olympic] na final do campeonato [FA Cup] de 1883” (HOBSBAWM, 2008, p. 296). Embora ressalte o caráter “paradoxal” do futebol na leitura de Hobsbawm sobre o esporte em contexto mais atual, Wisnik também evidencia a importância que o jogo adquire na interpretação histórica do estudioso, ao notar que

Eric Hobsbawm observou, recentemente, que “o futebol carrega o conflito essencial da globalização”, suportando de maneira paradoxal, talvez como nenhuma outra instância, a dialética entre as entidades transnacionais, seus empreendimentos globais e a fidelidade local dos torcedores para com uma equipe. A globalização consegue depauperar os campeonatos locais em países periféricos onde eles sempre foram fortes, como os do Brasil e da Argentina, e não consegue extinguir, até aqui, a forte demanda pela representação nacional contra a sua descaracterização globalizada (WISNIK, 2008, p. 17).

No domínio dos estudos da linguagem, feitos na academia brasileira, também existem ensaios e livros dotados de alguma relevância que tratam do esporte, mais particularmente do futebol. Partindo de reflexões de Eco (1984), Silva reporta-se a textos e volumes produzidos no país que exploram, de algum modo, a “ideia do jogo [o esporte em geral] como linguagem ou discurso” (SILVA, 2014, p. 16). Algumas das colaborações por ele lembradas incluem os artigos “O futebol no Brasil”, de Anatol Rosenfeld, cuja primeira versão saiu em alemão, em 1956, e “Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol”, de Luiz Felipe Baêta Neves, que apareceu inicialmente no volume **O paradoxo do coringa e o jogo do poder e saber**, de 1979, e os livros **Futebol e palavra**, de Ivan Cavalcanti Proença, e **História política do**

futebol brasileiro, de Joel Rufino dos Santos, ambos de 1981 (SILVA, 2014). Mais recentes, as demais compreendem os ensaios “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social?”, de Roberto DaMatta, de 1982 e reeditado em 1986, “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, de José Sergio Leite Lopes, de 1994, e “Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40”, de Plínio José Labriola, de 1999, por exemplo, e os livros **Footballmania**, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, de 2000, **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**, de 1997, e **Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**, de 2003, ambos do próprio Silva, **O futebol em Nelson Rodrigues**, de José Carlos Marques, também de 2003, entre outros já citados aqui (SILVA, 2014).

Em se tratando do campo da estética, é curioso notar que o próprio Gumbrecht (2007), além de lembrar autores que, de um modo ou outro, lidaram com os esportes, tais como Elias, Dunning (2008) e Bourdieu (2003, 2004), parece ignorar a existência de trabalhos universitários que se encaixam perfeitamente no recorte que ele estabelece para a revisão bibliográfica de **Elogio da beleza atlética**, os quais indicam que os esportes têm, sim, uma boa ressonância nesse domínio. Entre as “publicações acadêmicas” que tomam o esporte “como fenômeno social ou cultural”, inclusive na condição de tema primário de interesse (GUMBRECHT, 2007, p. 24), poderiam ser incluídas reflexões que, além de cumprirem com esses critérios, não parecem constituir exatamente exceções, dado seu volume relativamente significativo, e, antecipando-se à obra que resultou da pesquisa do estudioso, observam as modalidades esportivas à luz de perspectivas estéticas e em sentido minimamente positivo. Para ilustrar tais reflexões de modo extremamente sumário e seguramente incompleto, vale citar os artigos de Jeanette Marie Boxill (1985), Joseph Kupfer (1985, 1988), Arlei Sander Damo (2001), David Best (1985), retomados por Luísa Gagliardini Graça e Teresa Oliveira Lacerda (2011) em sua investigação sobre a estética do futebol, bem como os ensaios de Louis Arnaud Reid (1970), Paul Ziff (1974), David Best (1980, 1985), Stephen Kiefer Wertz (1984) e Christopher Cordner (1988), citados por Wolfgang Welsch (1999) em sua defesa da condição artística dos esportes. Ambos os textos incluem ainda outros autores, tais como Pierre Frayssinet, D. W. Masterson, J. R. Moderno, Robert G. Osterhoudt, I. Sumanik e S. Stoll.

Para reforçar nosso argumento, sem deixar de antecipar que a presença dos esportes e do futebol, como veremos na Parte II de nossa tese, é de fato significativa nos campos dos estudos linguísticos e da estética, vale trazer perspectivas igualmente positivas sobre a existência de estudos desse tipo em torno do jogo de bola na academia atualmente. Apesar de notar que persistem tensões entre a modalidade e as ciências humanas e entre o torcedor e o

intelectual – figuras que podem “se encontrar”, chocando-se, “numa pessoa só” (WISNIK, 2008, p. 11-12) –, Wisnik observa que “o fenômeno geral [do futebol] tem sido objeto de uma bibliografia crescente” (WISNIK, 2008, p. 18). Essa opinião, mais otimista em comparação com a de Barreto (2004), por exemplo, e aparentemente pautada por pesquisas que remontam, no mínimo, à década de 1990, como é o caso do livro de Sebreli (*apud* WISNIK, 2008), é ilustrada pela possibilidade de se examinar aspectos do “significado político extraordinário” que Eagleton (2004) identifica no futebol em um contexto de esfacelamento da vida contemporânea e do vazio característico do “cotidiano capitalista”. Nesse sentido, Wisnik menciona temáticas que têm sido analisadas nas humanidades, como “as situações raciais” e “de gênero”, “o *hooliganismo*”, “o futebol feminino, o africano, o asiático”, “o futebol e a violência”, entre outras (WISNIK, 2008, p. 18). Considerando seu lugar como pesquisador no país e o recorte analítico definido para seu livro, Wisnik (2008) não deixa, no entanto, de tecer duas ressalvas relativamente ao crescimento da bibliografia em torno do futebol. Segundo ele,

[...] a participação brasileira ainda é magra, e comparece mais com estudos sociológicos, históricos e biográficos do que com ensaios culturais interpretativos e literários, mais frequentes, por exemplo, em língua espanhola. / A esmagadora maioria dos livros, no entanto, por mais interessantes e esclarecedores que sejam, fala de futebol sem falar *do futebol*. O assunto é o entorno, aquilo que cerca, mobiliza, reage, produz, envolve, explora o mundo do jogo – o grande universo do futebol subtraído daquilo que é a sua razão de ser. A tentativa, aqui, é tratar desse buraco negro que é o próprio campo do jogo, perguntando sobre o que acontece nele, e seus efeitos. Tentar perseguir as ligações entre o jogo e os processos que o cercam, o interno e o entorno (WISNIK, 2008, p. 18, grifo do autor).

No que se refere à parcela de estudos universitários nacionais sobre o futebol, situados no domínio das ciências humanas, Barreto afirma que a bibliografia em torno do esporte começa a se firmar em 1982, “o ano [que] marca [...] a entrada em campo de alguns dos precursores dos estudos acadêmicos sobre o futebol” (BARRETO, 2013, p. 6). Como exemplos, o estudioso lembra **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira, com Roberto DaMatta, Luiz Felipe Baêta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel, conjunto de artigos visto como uma “iniciativa inédita entre pesquisadores e professores para superar preconceitos, ainda não de todo suplantados, é fato, contra o tema no meio acadêmico”, e **Futebol e cultura**, organizada por José Carlos Sebe Bom Meihy e Claudio Bertolli Filho, entendida como uma “coletânea de ensaios” “tão importante e diversificada quanto à anterior” (BARRETO, 2013, p. 6). Como espécie de ilustração dessa mudança de paradigma – para ele possivelmente devida ao processo de redemocratização do Brasil perto do fim da ditadura iniciada em 1964, porém também provavelmente influenciada, por exemplo, por uma

progressiva valorização da cultura popular e pelo questionamento da “alta” cultura e seus produtos, como vemos em Barreira (2014) e May (2016) –, Barreto (2013) menciona diversas outras pesquisas desenvolvidas no país após 1982.

Debruçada sobre “o surgimento e a violência das torcidas organizadas”, uma dessas investigações é a pioneira e laureada **Torcidas organizadas de futebol**: lazer e estilo de vida na metrópole, de Luiz Henrique de Toledo, de 1994, a que se seguiram estudos, em temática similar, de Rosana Teixeira, Rodrigo Monteiro, Tarcyanie Cajueiro Santos, Maurício Murad e Heloísa Helena Baldy dos Reis (BARRETO, 2013, p. 7). Outra é a “análise histórica e cirúrgica da relação entre o esporte no Brasil, em especial o futebol, e a esfera política, com ênfase em sua institucionalização”, realizada em **Política de esportes no Brasil** por Eduardo Dias Manhães, em 1986 (BARRETO, 2013, p. 7). Outras ainda, constitutivas de “livros absolutamente imprescindíveis para os que desejam entender o futebol de maneira mais ampla, como fenômeno social e cultural”, são **Lógicas do futebol**, também de Luiz Henrique Toledo, de 2002, **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura, de Hilário Franco Júnior, de 2007, **Do dom à profissão**: a formação de jogadores no Brasil e na França, de Arlei Sander Damo, também de 2007, e o próprio **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil, de José Miguel Wisnik, de 2008 (BARRETO, 2013, p. 7-8).

Mas, antes mesmo do marco temporal estabelecido por Barreto (2013), o próprio estudioso destaca terem surgido outras duas importantes obras nacionais, de viés histórico, escritas por “autodidatas”, antes jornalistas esportivos do que acadêmicos propriamente ditos (CAPRARO, 2011; RIBEIRO, 2015), e hoje, inclusive, consideradas clássicas, em razão, ao que parece, do estatuto que elas adquiriram ao longo do tempo e/ou das discussões que fomentaram nas décadas seguintes, no Brasil e além dele. A primeira obra lembrada por Barreto (2013) é **História do futebol brasileiro**: 1894-1950, de Thomaz Mazzoni, de 1950. Considerada pelo pesquisador “um dos primeiros grandes livros sobre a história do futebol brasileiro”, ela confere “forma e conteúdo” ao “mito fundador” da “introdução do futebol no Brasil”, isto é, a importação do esporte por Charles Miller (BARRETO, 2013, p. 3). Segundo Barreto, essa versão é polêmica, tendo, por um lado, continuadores, como Waldenyr Caldas, com **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro (1894-1933), e John Robert Mills, com **Charles Miller**: o pai do futebol brasileiro, de 2005, e, por outro, contestadores, como José Moraes dos Santos Neto, em **Visão de jogo**: primórdios do futebol no Brasil, de 2002 (BARRETO, 2013). Outro estudioso, Aidan Hamilton, com **Um jogo inteiramente diferente**: a maestria brasileira de um legado britânico, de 2001, acha-se em meio do caminho no que se

refere à tese da “paternidade” de Charles Miller (BARRETO, 2013, p. 3)²⁹.

A outra obra em destaque é **O negro no futebol brasileiro**, de Mário Filho, com a primeira versão datando de 1947 e a segunda, de 1964, atualizada conforme “os resultados das Copas do Mundo e suas consequências na posição do negro no esporte e na sociedade brasileira” (SILVA, 2014, p. 23). Tido por Barreto como “o maior clássico sobre a história do nosso futebol”, o livro chega a ser comparado a ensaios fundamentais para se compreender o próprio Brasil, como **Casa grande & senzala**, de Gilberto Freyre – sociológico que, ainda no início do século XX, tratou do futebol brasileiro em inúmeros artigos de jornal, como mostra Barreto (2004) –, **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Hollanda, e **Formação do Brasil contemporâneo**, de Caio Prado Júnior (BARRETO, 2013, p. 4). Segundo o pesquisador, o texto defende teses como a “contribuição decisiva” dos negros para a “popularização” do futebol e para “a definição de um estilo próprio brasileiro de praticá-lo”, e o “sucesso do futebol brasileiro como resultado da miscigenação cultural, observando, nele, um importante meio de ascensão social dos negros” (BARRETO, 2013, p. 4) No entanto, a última tese e o processo de construção da obra têm encontrado críticos. Segundo Barreto, Rosenfeld, por exemplo, entendia que “a ascensão econômica propiciada aos negros pelo futebol não implicaria reconhecimento ou ascensão social”, ao passo que parte dos “novos leitores” de Mário Filho, “sobretudo de origem acadêmica”, como alguns dos presentes em **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**, de Antônio Jorge Soares, Ronaldo Helal e Hugo Lovisoló, de 2001, “não sem uma certa dose de exagero, têm contestado até sua validade como fonte histórica” (BARRETO, 2013, p. 4).

Aqui vale abrir um parêntesis para ressaltar que a suposta ausência de rigor científico atribuída a **O negro no futebol brasileiro**, mesmo quando aparentemente reconhecida por outros intelectuais, não é de todo interpretada como motivo de demérito para o livro. Sérgio Rodrigues (2010a), por exemplo, valoriza o que entende como aspecto estético da obra de Mário Filho. De modo positivo, o escritor a inclui no âmbito da literatura e da própria ficção. Para ele, “seu valor literário não encolheu um centímetro” desde sua publicação, podendo até ter “crescido”, ao contrário do que pode ter ocorrido com sua “dimensão sociológica”, e não lhe parece absurdo classificá-la como “o grande romance do futebol brasileiro”, provavelmente em razão da construção de “personagens imponentes como heróis de uma epopeia e, ao mesmo tempo, humanos, acessíveis, com qualidades e defeitos” (RODRIGUES, 2010a). Embora categorize **O negro no futebol brasileiro** como produção memorialista, com

²⁹ A título de curiosidade, lembramos a entrevista em que O’Brien (2019) defende que outro sujeito, o engenheiro escocês Archie McLean, teria “inventado” o futebol brasileiro.

o que relativiza a constituição ficcional sublinhada por Rodrigues (2010a), Silva (2014) também identifica e louva o caráter estético da obra. Segundo o estudioso, aproximando o memorialismo à crônica, a “dimensão literária” destes dois gêneros encontra-se em sua condição de “textos híbridos e fronteiriços”, “em que o literário e o ficcional se encontram em tensão com a opinião, a notícia e a historiografia”, e mostra-se relevante para o “exercício” das “funções” de “produção e deslocamento dos sentidos atribuídos aos signos esportivos” (SILVA, 2014, p. 25).

Seguindo a pista deixada por Silva (2014) em sua formulação acerca dos “textos híbridos e fronteiriços” e nos exemplos de gêneros que fornece nesse sentido, é possível puxar ainda mais para trás, temporalmente, a observação da importância do futebol como tema primário de reflexão no Brasil. Essa observação se torna especialmente verdadeira quando concebemos determinadas manifestações da crônica brasileira, veiculadas em artigos de jornal, como discursos especulativos sobre a modalidade. Tocando a seara crítica, ensaística e filosófica, a crônica, por meio de autores de peso do pensamento nacional e de nossa cultura literária, tem elucubrado sobre o jogo, no país, desde, pelo menos, o final das décadas de 1900 e 1910. Embora outros cronistas, pertencentes a décadas as mais diferentes e posteriores, também possam ser citados nesse sentido, tais como Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Rubem Fonseca e Nelson Rodrigues, para citar apenas alguns dos nomes mais representativos da literatura brasileira que fizeram do futebol objeto de reflexão, vale ressaltar duas figuras que perfazem um caso de contornos paradigmáticos no Brasil. Trata-se de Coelho Neto e Lima Barreto, que constroem uma controvérsia capaz de mostrar como a modalidade ocupa, com efeito, desde suas primeiras décadas no país, motivo de discussão intelectual, e de servir mesmo como exemplo de tendência que Mário Rosso (2010) localiza já naquele tempo. Como diz ele,

apesar de todo esse sucesso [inicial do futebol no Brasil], nem tudo se deu tranquila e consensualmente. Logo surgiram polêmicas entre defensores e detratores do futebol, que não ficaram restritas a espaços sociais específicos e foram parar nos jornais, nos ambientes literários mais destacados e entre os mais respeitados intelectuais da época (ROSSO, 2010, p. 47).

Para fazer uma rápida menção ao teor do debate específico, nem sempre direto, entre Coelho Neto e Lima Barreto, e que precisa ser colocado em perspectiva à luz de desenvolvimentos posteriores no campo das ciências humanas e dos estudos dos esportes, vale a pena levantar alguns dos principais pontos trazidos por Rosso (2010) em sua pesquisa. Por um lado, Coelho Neto, considerado um entusiasta dos esportes em geral e torcedor

declarado do Fluminense Football Club, já propunha, em entrevista à “Época Sportiva”, concedida em 1909, uma “série de argumentos para enaltecer o futebol enquanto prática de aprimoramento físico e instrumento de otimização social” (ROSSO, 2010, p. 51). No entender de Rosso, tais argumentos baseavam-se em ideias eugenistas, então em voga em grande parte do mundo, aplicadas localmente, com o propósito de “melhoria da raça brasileira” – ideias que exaltavam como valores positivos, atribuídos a “raças superiores” e, por isso, dignos de serem implantados no país, “o senso de disciplina, a harmonia social e o amor à pátria” (ROSSO, 2010, p. 51). Por outro lado, Lima Barreto, aos poucos transformado, ainda segundo o estudioso, numa “espécie de paladino de combate ao futebol” (ROSSO, 2010, p. 66), criticaria o futebol em inúmeras crônicas posteriores. Em duas delas, “Sobre o futebol”, de 15 de agosto de 1918, e “A liga contra o futebol”, de 13 de março de 1919, o escritor atacaria, respectivamente, a violência que observava no esporte – excessiva, em seu entender, diante da pouca importância que a modalidade lhe inspirava (ROSSO, 2010, p. 65) –, e a condição do jogo, também em sua perspectiva, como “fator de discriminação social – consubstanciado, por exemplo, no entender dos clubes constituídos de ser o futebol um esporte que só poderia ser praticado por ‘gente de mesma educação e cultura’” (ROSSO, 2010, p. 84).

Com essa breve exposição, esperamos ter conseguido sustentar que o futebol, com efeito, ocupa lugar em reflexões de estudiosos ligados às ciências humanas e às próprias letras, no Brasil e fora dele, há décadas, inclusive em posição privilegiada, como é o caso da maioria dos textos mencionados nesta seção. Na Parte II de nossa tese, essa visão ficará, acreditamos, ainda mais reforçada, ao nos debruçarmos mais detidamente sobre contribuições específicas em torno dos esportes e do jogo de bola nos campos da elucubração estética e artística, sobretudo a literária. Como veremos, são vários os autores, em diversos tempos e espaços, que sugeriram relações entre as modalidades esportivas e a estética ou chegaram mesmo a abordar tais fenômenos à luz de conceitos correlatos, como beleza e arte. Fazendo jus a nosso objeto de pesquisa específico, contatos do futebol com a literatura, em suas manifestações épica, lírica e dramática, também serão explorados na referida seção de nosso trabalho.

Além de os esportes e o futebol fazerem parte de inúmeras reflexões, as quais, por isso mesmo, não se configuram, a nosso ver, como meras exceções no mundo acadêmico e letrado, vale lembrar, conforme Wisnik (2008), que o lugar de relevância do jogo de bola, em particular, no âmbito especulativo continua sendo ampliado, apesar de, como é natural em qualquer campo de investigação, ainda haver algumas lacunas importantes a serem exploradas. Nesse sentido, cumpre apontar, em um exemplo talvez definitivo, para as centenas

de livros sobre a modalidade publicadas pela editora Routledge ao longo das últimas décadas, o que pode ser constatado com uma simples pesquisa no sítio eletrônico da casa. Ao mesmo tempo, importa ressaltar nosso propósito de contribuir para essa crescente mas já numerosa bibliografia em torno do tema, a partir do exame da hipotética dimensão estética do jogo em narrativas de Sérgio Sant’Anna, procurando observar a prática como um fenômeno que, no *corpus* analítico selecionado, estabelece interseções com os campos da sensibilidade, da beleza e das artes, principalmente a literária.

Antes, porém, de oferecermos nossa contribuição mais específica, procuraremos observar como o futebol se manifesta na literatura brasileira. Assim, no próximo subitem, traremos uma visão diferente, mais contemporânea, sobre as relações entre futebol e cultura de massas, com esta última sendo observada como catalisadora, e não mais como obstáculo, de produções artísticas que usam o esporte como tema. Um indício desse fecundo contato entre o esporte e a escrita literária, em seus gêneros mais consagrados – o romance, a novela, o poema, o conto, a crônica –, a partir da caracterização do jogo como componente da cultura de massas, é a existência de autores, tais como Plínio Marcos (2006), Flávio Moreira da Costa (2006), Sérgio Rodrigues (2013) e o próprio Sérgio Sant’Anna (1997b, 2012, 2014), que trabalham literariamente recursos de mídias como o rádio e a televisão em textos que se debruçam sobre a modalidade. Além disso, ressaltaremos que diversos escritores consagrados da literatura nacional, tais como Rachel de Queiroz, Moacyr Scliar, Hilda Hilst e Luiz Vilela, para citarmos de saída apenas alguns poucos, já trataram do tema como elemento principal de obras suas, ainda que esse tratamento, em alguns casos, restrinja-se a gêneros literários mais curtos, como o poema, o conto e a crônica. No conjunto do subitem, enumeraremos outros autores, textos e livros que trazem o futebol como tema central de suas produções, sejam eles reconhecidos com menor ou maior ênfase por parte da crítica, de modo a construirmos uma visão breve, mas relativamente ampla, da criação literária no Brasil nesse campo.

2.4.2 O futebol na literatura

Segundo Costa (2006), são escassas as produções literárias que usam o futebol como tema. No caso brasileiro, mais especificamente, ele aponta, de um ângulo cultural mais amplo, duas possíveis explicações para o problema. A primeira é pautada no estatuto apenas “recente” do futebol “enquanto fenômeno de massa” (COSTA, 2006, p. 13). Para o escritor, o caráter massificado da modalidade no Brasil só se tornou possível a partir de eventos como a inauguração do Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, em 1950, e a formação da

Confederação Brasileira de Futebol como instituição esportiva autônoma, totalmente dedicada ao jogo de bola, em 1979 (COSTA, 2006). Antes de adquirir as dimensões épicas e problemáticas que o autor identifica haver no esporte mais recentemente, com a existência de “vários ídolos locais em cada cidade, além dos que se destacam nacional e internacionalmente”, o futebol consistia em um fenômeno de alcance restrito, que se limitava a alguns poucos “ídolos”, como Arthur Friedenreich, Heleno de Freitas e Leônidas da Silva, que até então “despontavam praticamente sem concorrentes” (COSTA, 2006, p. 13). Nessa perspectiva, o futebol pouco podia interessar como uma questão cultural e, conseqüentemente, refletir-se em produções artísticas.

Para Costa, essa mudança, pelo menos no tempo da escrita de seu texto, ainda não tinha sido capaz de propiciar, no campo do romance brasileiro, a escrita da “grande obra” ou de “textos ficcionais de qualidade sobre o futebol” (COSTA, 2006, p. 13). No entanto, o autor reconhece que ela teria contribuído para que aparecessem no país “manifestações artísticas tendo o futebol como ponto de partida, ou como ponto de chegada”, em exemplos mais ou menos significativos retirados da poesia, da música popular, do teatro, das artes plásticas e do cinema (COSTA, 2006, p. 13). Nesse sentido, ele lembra nomes como Carlos Drummond de Andrade, Chico Buarque, Jorge Ben Jor, Skank, Oduvaldo Vianna Filho, Miguel Paiva, Zé Rodrix, Rubens Gerchman, Joaquim Pedro, Gilberto Macedo, Nelson Pereira dos Santos, Leon Hirzsmann e Nelson Rodrigues (COSTA, 2006). É curioso notar que, embora o romance pareça ser um gênero privilegiado por Costa (2006), como se fosse o único capaz de chancelar a entrada definitiva do futebol no plano artístico mais consagrado, ele enumera vários artistas de grande repercussão e/ou reconhecimento no país, sinalizando que, já há algumas décadas, o esporte desperta interesse como tema de criação.

E, apesar de sua visão um tanto quanto reticente sobre a presença do futebol na literatura brasileira e de sugerir uma suposta superioridade do romance em relação a outros gêneros literários, Costa (2006) chama a atenção para o conto, que já possuiria obras de valor a tratar do esporte, por exemplo, em textos da antologia que ele próprio organiza, em três versões, ao longo de quase três décadas: **Onze em campo**, de 1978, **Onze em campo e um banco do primeira**, de 1998, e **22 contistas em campo**, de 2006 (COSTA, 2006). Uma vez que o escritor não indica, de modo expresso, quais seriam os contos que lhe dão a “certeza” de que “existe, sim, material de boa qualidade sobre o ex-esporte bretão” (COSTA, 2006, p. 14), vale ressaltar que os autores que colaboram para a coletânea definitiva, tais como João Ubaldo Ribeiro, Edla van Steen, João Antônio, Anna Maria Martins, Rubem Fonseca e o próprio Sérgio Sant’Anna, estão, em sua grande maioria, entre os mais prestigiados da literatura

brasileira contemporânea. Para completar o quadro, importa lembrar que Nascimento (2011) enumera e comenta dezenas de contos nacionais com a temática do futebol, sublinhando o tratamento do assunto por autores com diferentes graus de aclamação crítica, e reforçar que Sérgio Sant’Anna produziu não apenas uma narrativa, como a presente nas coletâneas de Costa (2006), “Na boca do túnel”, mas quase uma dezena que se debruça predominantemente sobre o futebol, além de várias outras em que o jogo aparece com menor destaque.

Se o argumento histórico-cultural de Costa (2006) faz sentido, a feição de esporte de massa do futebol, em vez de dificultar ou impedir o contato da literatura, principalmente a mais canônica, com a modalidade, como sugerem ou mesmo defendem estudiosos lembrados anteriormente, tem servido, na verdade, para estimular o tratamento literário do jogo já há mais de meio século. A leitura do escritor encontra algum eco em reflexões de David Wood (2017), que trata das relações entre futebol e literatura na América do Sul. Iniciando seu raciocínio, o estudioso explica que a popularização do esporte no continente, a partir do final da década de 1920, coincidiu com a aparição do rádio e com a introdução da crônica de futebol na mídia impressa, sobretudo no Brasil. Esses dois elementos da cultura de massas, até o fim dos anos de 1940, por um lado “contribuíram para a queda do número de romances, poemas e histórias a tratar do jogo”, antes voltados à discussão sobre a “promoção de valores supostamente britânicos e europeus nos círculos intelectuais locais”, como já apontado por Rosso (2010), e sobre concepções de “nacionalidade” e “modernidade” (WOOD, 2017, p. 215-216, tradução nossa)³⁰.

Vale abrir um parêntesis para ressaltar que, de acordo com a visão de Wood (2017), o futebol fez parte de textos literários produzidos na América do Sul antes mesmo de 1940. Trata-se de algo que o próprio Pedrosa (1967), no que se refere ao Brasil, demonstra com sua importante e pioneira coletânea de textos que fazem uso da modalidade em algum grau.

³⁰ *Following the introduction of football to major cities across the continent in the latter decades of the nineteenth century, and its adoption by local elites, football quickly came to constitute a means of promoting supposedly British and European values among local intellectual circles, with literary texts and other forms of writing an important forum for accompanying debates [...]. South America was, of course, far less affected by the horrors of the Great War, and by the time it finished several authors there had already published poems, short stories and novels that featured football to a greater or lesser degree as a practice around which new conceptions of nationhood could be constructed in the context of recent independence and mass immigration. Football, as a practice and a subject of representation, simultaneously offered possibilities of engagement with notions of modernity in societies that were becoming increasingly urbanised and industrialised, as well as enabling the working through of influential ideas and scientific thinking, such as social Darwinism and Lamarck’s concept of acquired characteristics, in societies that were undergoing rapid change. [...] football’s status as a mass-based practice was accompanied by the rise of radio and, especially in Brazil, where the sport enjoyed particular prominence as a national discourse through the 1930s and 1940s, the development of the football chronicle, which arose from the increasing presence of football in the printed media. The prominence of these new modes of discussing matches and players, which created their own football narratives and discourses, undoubtedly also contributed to the downturn in the number of novels, poems and stories to feature the sport during this period.*

Embora note predominância de trabalhos técnicos e apresente reservas quanto à utilização geralmente apenas acidental do jogo na literatura, o pesquisador, citando textos de inúmeros autores do país, entre celebrados e esquecidos, mostra que o futebol acrescentou, sim, algum volume à literatura nacional desde a chegada do jogo ao país, no fim do século XIX, até o ano de publicação de seu estudo e coletânea de textos sobre a modalidade (PEDROSA, 1967). Dentre os nomes coletados por Pedrosa (1967), podemos destacar, por exemplo, os de Aníbal Machado e Dias da Costa, no conto; os de Anna Amélia de Mendonça, Gilka Machado e Vinícius de Moraes, no poema; e os de Augusto Meyer, Fernando Sabino, Ferreira Gullar, Octávio de Faria, Raul Bopp e Rubem Braga, em artigos e crônicas.

Continuando o raciocínio de Wood (2017), a partir de 1968, por outro lado, com a publicação da seleção de textos de diversos gêneros feita por Eduardo Galeano **Su majestad el fútbol**, com a popularização da televisão e com o desafio colocado pela nova mídia à “primazia de narrativas estabelecidas em torno do futebol via programas de rádio e imprensa escrita”, a literatura de futebol experimentou um “ressurgimento” no continente, ao “incluir narradores de rádio ou autores de crônicas em suas criações ficcionais”, inclusive como exercício de “contestação política, parte de esforços mais amplos em retomar dos generais as narrativas nacionais” (WOOD, 2017, p. 215-216, tradução nossa)³¹. Nesse caso, vale destacar, sobretudo, a relação positiva que a literatura, nesse contexto, passa a desempenhar com a cultura de massas no que tange ao futebol. Com efeito, no lugar de procurar se afastar por completo das então recém-chegadas mídias, como o rádio e a TV, e da própria imprensa escrita, com seu amplo alcance, as quais lidavam mais de perto com o futebol, a literatura passa a se apropriar de recursos que se fazem presentes nelas, tendo o mesmo propósito em vista. Para ficarmos apenas com alguns exemplos, a maioria deles mais recente, vale lembrar os contos “O suborno”, de Plínio Marcos (2006), e “A solidão do goleiro”, de Flávio Moreira da Costa (2006), em que há locutores de rádio como narradores; os contos “No último minuto” e “O torcedor e a bailarina”, de Sérgio Sant’Anna (1997b, 2014), e o romance **O drible**, de Sérgio Rodrigues (2013), em que a TV constitui elemento relevante; e a novela “Páginas sem glória”, também de Sérgio Sant’Anna (2012), em que a narrativa jornalística, na forma de reportagens ficcionais sobre o futebol, ganha lugar de destaque, com função polêmica na trama.

³¹ O próprio Sérgio Sant’Anna estabelece claramente uma ligação entre futebol, literatura, cultura popular e televisão em entrevista concedida ao crítico José Geraldo Couto, ao comentar um de seus contos centrados no esporte: “[n]o conto ‘No Último Minuto’, do ‘Manfredo Rangel’, eu fui, que eu saiba, o primeiro cara a descobrir que o futebol já era uma coisa diferente, que era um fenômeno midiático. O protagonista, um goleiro, se vê pela televisão” (SANT’ANNA, 1997a).

De modo coerente com o argumento da redução de barreiras entre a chamada “alta” cultura e a cultura de massas, o “elitismo de artista”, constitutivo da segunda razão mencionada por Costa como possível motivo para a escassez de obras estéticas “de qualidade” sobre o futebol no Brasil, é posto em dúvida de imediato em sua reflexão (COSTA, 2006, p. 12-13). Para o antologista, “qualquer conclusão” nesse sentido, atualmente, pode ser tida como “apressada”, sendo, quando muito, insuficiente para resolver a questão (COSTA, 2006, p. 12-13). Rodrigues procura endossar, com ênfase ainda maior, a proposta oferecida por Costa (2006), também pondo em dúvida a tese do “esnobismo” dos escritores brasileiros face ao esporte (RODRIGUES, 2014)³². Para ele, quando considera seu círculo de colegas formado por “um monte de jornalistas e escritores apaixonados por futebol”, não faz sentido a ideia de que “nossos escritores são elitistas e não admitem se rebaixar a tratar de um tema tão identificado com o povo” (RODRIGUES, 2014). O próprio Rodrigues escreveu um romance sobre futebol, já citado algumas vezes em nossa tese, e comentou outros textos com a temática desse esporte, como é o caso de **O negro no futebol brasileiro**, brevemente abordado no item anterior; de poemas e crônicas de autores de grande expressão na cena nacional, como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Paulo Mendes Campos e Nelson Rodrigues; e de “No último minuto”, de Sérgio Sant’Anna (1997b), que teria servido de grande inspiração para seu **O drible** (RODRIGUES, 2010a, 2010b, 2014).

Curiosamente, Ruffato (2021), apesar de seu diagnóstico altamente desfavorável sobre a presença do futebol na literatura brasileira, trazido no início deste capítulo, procede, em um exercício que certamente contradiz o tom incisivo de suas palavras, a uma revisão relativamente abrangente e muito informativa sobre a produção literária com o tema do futebol no Brasil. Ao longo desse percurso, Ruffato (2021) recorda, inicialmente, textos produzidos entre as décadas de 1900 e 1920. Trata-se de discussões propostas por João do Rio, Coelho Neto e Lima Barreto em “crônicas mundanas” e “colunas sociais”, conforme assinalado também por Rosso (2010); uma “pequena obra-prima” de Alcântara Machado, “Corinthians 2x1 Palestra”, constante de **Brás, Bexiga e Barra Funda** e presente em diversas coletâneas de literatura de futebol; e a “pequena aparição” do jogo no clássico modernista **Macunaíma**, de Mário de Andrade (RUFFATO, 2021). Debates de ordem cultural em torno do esporte ocorridos pelo menos até os anos de 1930 tiveram ainda a participação de outras importantes figuras das letras nacionais, como Graciliano Ramos, cuja crítica à modalidade é também lembrada por Deonísio da Silva (2002), e Olavo Bilac e Afrânio Peixoto, cujo

³² Cf. João Antônio (1975).

entusiasmo pelo jogo é destacado por Mauro Rosso (2010)³³.

Além dos textos mais iniciais sobre o futebol produzidos no Brasil, Ruffato enumera novelas e romances, publicados entre 1941 a 2013, em que o esporte é “evocado” de algum modo (RUFFATO, 2021). São eles *Água-mãe*, de José Lins do Rego; *O sol escuro*, de Macedo Miranda; *Crônica do Valente Parintins*, de Ewelson Soares Pinto; *À saída do primeiro tempo*, de Renato Pompeu; *Segunda divisão*, de Clara Arreguy; *O segundo tempo*, de Michel Laub; e *O drible*, de Sérgio Rodrigues (RUFFATO, 2021) – este último, vale acrescentar, vencedor do Prêmio Portugal Telecom de Literatura de 2014. Ruffato cita ainda o então mais recente romance de José Trajano sobre o esporte, *Aqueles olhos verdes*, posterior a outros dois do mesmo gênero escritos pelo mesmo autor: *Tijucamérica*, de 2015, e *Os beneditinos*, de 2018 (RUFFATO, 2021). No gênero romanesco, acrescentam-se ainda *O paraíso é bem bacana*, de André Sant’Anna, de 2006, tratado como “grande livro” por Jorge Murtinho (2013); *Em campo aberto*, de Cláudio Lovato Filho, de 2011; e *A cobrança*, de Mário Rodrigues, de 2018, que, segundo Casarin, é parceiro de *O drible* no “esfacelamento do papo de que o Brasil não tem grandes romances sobre o futebol” (SANT’ANNA, 2018)³⁴. Vale lembrar que Silva (2014) menciona o romance de Thomaz Mazzoni *Flô, o goleiro melhor do mundo* e adicionar que Pedrosa (1967), em sua antologia, cita romances em que o futebol aparece em determinados excertos, sem constituir tema principal: *Passagem dos inocentes*, de Dalcídio Jurandir; *Informação ao crucificado*, de Carlos Heitor Cony; e *O trapicheiro*, de Marques Rebelo (PEDROSA, 1967).

Mas os gêneros literários que Ruffato (2021) realmente sublinha são a crônica futebolística propriamente dita e, tal como Costa (2006), o conto. A primeira é aquela produzida pelos “ocasionais” cronistas Carlos Drummond de Andrade, com textos reunidos na coletânea *Quando é dia de futebol*, de 2014, e José Lins do Rego, cuja vasta produção esportiva é estudada por Hollanda (2003), e pelos “profissionais” Mário Filho, João Saldanha, Roberto Drummond e Nelson Rodrigues, que contam com livros e/ou antologias em torno do tema futebolístico (RUFFATO, 2021). Do último, geralmente considerado o maior cronista de futebol do Brasil, Silva (2014) cita coletâneas como *À sombra das chuteiras imortais* e *A pátria em chuteiras*. Entre os cronistas, vale mencionar ainda Ruy Carlos Ostermann, cujo texto é lido por Proença (1981) ao lado do de João Saldanha, Armando Nogueira e Nelson

³³ Vale lembrar ainda os modernistas brasileiros, como os citados por Pedrosa (1967) na condição de exceções dentro da elite brasileira. O mesmo pode ser dito de João do Rio e Coelho Neto, lembrados por Ruffato (2021).

³⁴ O crítico valoriza também a categoria de não ficção, em que há, segundo ele, “títulos excelentes”, como o próprio *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho, de 1947/1964, e *Estrela solitária*, de Ruy Castro, de 1995.

Rodrigues; Luis Fernando Verissimo, que dedica ao futebol boa parte da antologia **A eterna privação do zagueiro absoluto**, de 1999; Décio Pignatari, com a coletânea **Terceiro tempo**, de 2014; e Tostão, cuja “leitura” sobre o jogo de futebol enquanto prática se pauta, segundo Wisnik, por um “modelo de análise abalizada, equilibrada e crítica” (WISNIK, 2008, p. 401), sendo elogiada pelo próprio Sérgio Sant’Anna (2016a) em entrevista a Stein e Campisi e estando disponível em livros como **A perfeição não existe**, de 2012, embora o autor não se considere propriamente um escritor como os demais³⁵.

Já o segundo gênero sublinhado por Ruffato (2021), o conto, pode se encontrar disposto em várias coletâneas, sendo elaborado por inúmeros autores, entre ilustres e obscuros, como mostra a pesquisa do escritor. São elas **Onze em campo**, de 1986; **Onze em campo e um banco de primeira**, de 1997; **22 contistas em campo**, **Contos brasileiros de futebol**, **11 histórias de futebol** e **Donos da bola**, de 2006; e **Entre as quatro linhas**, de 2013, esta última organizada pelo próprio Ruffato. Complementando esse quadro, Gustavo Cerqueira Guimarães (2016), embora ressalte a baixa presença de mulheres escrevendo sobre futebol na literatura brasileira, identifica outras onze coletâneas contendo textos literários sobre o esporte, não raramente incluindo autores estrangeiros entre os nacionais: **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**, de 1967, **A palavra é... futebol**, de 1990, **Outras copas, outros mundos**, de 1998, **Meia encarnada, dura de sangue: literatura e esporte**, de 2001, **A vez da bola: crônicas e contos do imaginário esportivo brasileiro**, de 2004, **Histórias de futebol** e **A bola gira com o mundo**, de 2006, **Paixão e ficção: contos e causos de futebol** e **A cabeça do futebol**, de 2009, **Livro Bravo!: literatura e futebol**, de 2010, e **Futebol: histórias fantásticas de glória, paixão e vitórias**, de 2014. Ruffato (2021) cita ainda dois livros de contos centrados no jogo: **Maracanã, adeus**, de Edilberto Coutinho, de 1980, também destacado por Silva (2014) e vencedor do Prêmio Internacional Casa de las Américas daquele ano, e **Contos de futebol**, de Aldyr Garcia Schlee, de 1997. Entre os livros de contos, interessa citar ainda **Na marca do pênalti**, de 2002, e **O batedor de faltas**, de 2008, ambos também de Cláudio Lovato Filho, e antologias como **Sete a um**, organizada por Lidiane Nunes e Tom Correia, em 2018³⁶.

A essas produções, se pretendêssemos elaborar uma lista ainda mais extensa,

³⁵ No entanto, é válido notar que há quem acredite que o melhor da crônica esportiva brasileira já tenha ficado para trás, seja pela perda de uma “vocalização para aquela visão profunda sobre os fatos menores”, como entende Douglas Ceconello (*apud* ÁLVARES, 2014), seja por uma ausência de inventividade dos cronistas atuais, que apenas copiariam os mais antigos, como observa Ruy Castro (*apud* ÁLVARES, 2014).

³⁶ Em língua portuguesa, há também o livro **Fora de jogo: sete contos inéditos sobre futebol**. Lançado em 2010, em Portugal, traz como autores Francisco Duarte Mangas, Jacinto Lucas Pires, João Tordo, Manuel Jorge Marmelo, Moacyr Scliar, Patrícia Portela e Sérgio Almeida.

poderíamos acrescentar outras, pertencentes ao que Silva denomina de “discursos híbridos” (SILVA, 2014, p. 16). Na definição do estudioso, tais discursos, geralmente não considerados como parte do cânone pela crítica especializada, são aqueles em que “a literatura – como modo de utilização da linguagem que explora deliberadamente suas potencialidades, conferindo-lhe uma dimensão de autonomia e ficcionalidade – se encontra eventualmente implicada” (SILVA, 2014, p. 16). Nessa perspectiva, entrariam como gêneros ligados a esses discursos “os hinos e livros sobre a história dos clubes, os cantos das torcidas, a multiplicidade de gêneros jornalísticos, o cinema e até mesmo alguns trabalhos acadêmicos” (SILVA, 2014, p. 16). Contudo, em respeito aos limites de nossa tese, e considerando que nosso objeto de estudo são narrativas ficcionais de Sérgio Sant’Anna que se valem do futebol como tema, deixaremos para outra oportunidade esse exercício – que poderia incluir também, por exemplo, produções ligadas à literatura infanto-juvenil, aparentemente abundante, nesse recorte, no Brasil, e frequente em programas educacionais do país.

De toda forma, tendo em vista o conjunto de autores e textos aqui lembrados, pertencentes aos mais variados gêneros literários, é possível afirmar que o futebol está longe de ser um tema ignorado e, menos ainda, mal-tratado na literatura brasileira, mesmo quando lidamos com o universo restrito do cânone. Dos pontos de vista histórico e crítico, dois gêneros em especial, a crônica e o conto, apesar de talvez desfrutarem hoje de um estatuto diferente entre si em termos de sua produção mais recente, sobressaem em nossa pesquisa, sendo produzidos em qualidade há algumas décadas, ou pelo menos em determinado período de nossa história literária, e por reconhecidos escritores da literatura nacional. Apesar, no entanto, do destaque dado à crônica e ao conto, textos elaborados nos campos do poema e do romance não parecem deixar a desejar em comparação com os produzidos naqueles gêneros. Enquanto poemas têm, ao que se indica, uma reputação mais antiga no meio literário, pelo menos no que se refere aos autores que as compuseram, em períodos relativamente mais afastados da produção literária brasileira, como é o caso de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto – embora o que eles escreveram sobre o futebol não pareça ganhar tanta repercussão no conjunto de suas respectivas obras –, romances têm tido um reconhecimento mais recente por parte da crítica, como é o caso de Sérgio Rodrigues e Mário Rodrigues.

Antes de aferirmos o lugar que Sérgio Sant’Anna, em particular, ocupa nesse contexto, com suas narrativas sobre futebol, observaremos, na Parte II de nossa tese, que relações têm sido identificadas e discutidas entre os esportes, sobretudo o jogo de bola, e a estética. Tal porção de nosso trabalho terá alguns objetivos em vista. Um deles será aprofundar o percurso

sobre a relevância cultural das práticas esportivas, realçando, mais uma vez, seu espaço significativo nos ambientes acadêmico e letrado. Outro intento será compreender o teor dos contatos e afastamentos desses fenômenos com ideias como forma, beleza e arte, enfatizando, na seção final de nossa exposição, tais relações no âmbito mais específico da literatura, no que se refere ao épico, ao lírico e ao dramático e à própria materialidade literária. O terceiro propósito, mais ligado a nossa contribuição específica pretendida com a presente investigação, será lançar algumas noções que poderão servir de base teórica para abordarmos a hipotética dimensão estética que o futebol adquire em narrativas de Sérgio Sant'Anna.

PARTE II – FUTEBOL E ESTÉTICA: RELAÇÕES DO ESPORTE COM O SENSÍVEL, O BELO, O ARTÍSTICO, O LINGUÍSTICO E O LITERÁRIO

Na Parte II de nosso trabalho, iremos perseguir relações entre futebol e estética, em diferentes frentes, com o principal objetivo de encontrar subsídios capazes de fundamentar e enriquecer, teoricamente, o teste da hipótese que orienta nosso estudo. No Capítulo 1, “Estética”, iremos buscar alguns sentidos básicos e discussões preliminares relativos ao termo, incontornáveis em nossa exposição teórica e indispensáveis para nossa análise, valendo-nos de conceitos estabelecidos na filosofia e nos estudos literários, observando aspectos que podem atravessar e transcender tais definições e introduzindo alguns vínculos históricos, teóricos e críticos da estética com os esportes. No Capítulo 2, “Futebol e beleza”, iremos nos concentrar nas associações entre esses dois domínios, afirmando que elas constituem uma virtual unanimidade para os pesquisadores consultados e ressaltando elementos de ordem estética que as sustentam, os quais se configuram como potencialmente úteis para nossa análise. No Capítulo 3, “Futebol e arte”, iremos nos debruçar sobre a discussão da condição artística do futebol, uma polêmica talvez já superada – na qual, antecipamos, tendemos para o lado positivo do debate –, mas que pode oferecer contribuições decisivas para nossa tese, quando consideramos aspectos como intenção, gênio, artifício e produção de sentido, a nosso ver presentes tanto na esfera esportiva quanto na artística em sua concepção tradicional e hipoteticamente capazes de se manifestar na narrativa literária a ser examinada mais de perto. No Capítulo 4, “Futebol e linguagem”, iremos nos aproximar de perspectivas que, a partir de contribuições dos estudos linguísticos, observem o futebol de uma perspectiva estrutural e significativa, de modo a enfatizar que o esporte é, de fato, uma prática produtora de sentidos, inclusive estéticos. No Capítulo 5, “Futebol e literatura”, iremos verticalizar tal ideia, ao explorar relações do jogo com o épico, o lírico e o dramático, nem sempre vistas como virtuosas para a produção literária.

1 ESTÉTICA

Etimologicamente, na forma do adjetivo masculino grego *aisthetikós*, a palavra “estética” pode ser entendida como “‘que sente’, ‘que compreende’, ‘sensível’” (FERREIRA, 1999, p. 834b), ou como “suscetível de perceber-se pelos sentidos” (MOISÉS, 2013, p. 168). Não por acaso, Alexander Baumgarten, segundo Nicola Abbagnano, vale-se do termo latino *aesthetica*, que ele mesmo introduz em obra homônima, escrita entre 1750 e 1758, para se

referir à “doutrina do conhecimento sensível” (ABBAGNANO, 2007, p. 367). Nessa perspectiva, básica e abrangente, qualquer fenômeno que esteja no horizonte da percepção humana, como é, por exemplo, o caso dos esportes e do futebol, por meio da visão de seus espectadores, já assumiria um caráter estético. Essa dimensão concreta, objetiva, formal da estética será mais detidamente explorada no desenvolvimento desta exposição, principalmente quando formos tratar da materialidade das práticas esportivas e do jogo de bola a partir de contribuições dos estudos linguísticos e literários. Antes, lidaremos com outros aspectos relevantes ligados à estética, de modo a encontrarmos diferentes subsídios para a análise literária que pretendemos empreender na Parte III de nossa tese.

Na filosofia, o termo “estética” tem sentido e abrangência variáveis, do que dão pequena amostra as perspectivas do próprio Baumgarten e de Immanuel Kant, ainda no século XVIII, acerca do tema. A doutrina estética de Baumgarten, por exemplo, discrimina entre as “representações *confusas*, mas *claras*, isto é, sensíveis, mas ‘perfeitas’”, sobre as quais se debruçam reflexões voltadas para a arte, e as “representações *distintas* (os conceitos)”, sobre as quais se apoiam investigações pertencentes ao âmbito do “conhecimento racional” (ABBAGNANO, 2007, p. 367, grifos do autor). Dito de outro modo, e considerando a definição trazida por Abbagnano (2007), seria tarefa da estética lidar com as formas da percepção, nomeadamente, aquelas pertencentes ao âmbito artístico. Kant, na **Crítica da razão pura**, de 1781, e na **Crítica do juízo**, de 1790, mantém a separação entre os objetos e respectivos campos da arte e do conhecimento racional. No entanto, ele confere alcance ainda mais ampliado à estética, ao incluir em seu escopo o interesse pelo belo (ABBAGNANO, 2007). Desse modo, a estética trabalharia não apenas com o que se inclui no domínio artístico, mas com tudo o que se considera belo.

Com essa abertura, propiciada pelo suposto estabelecimento da “identidade entre artístico e belo”, Kant teria rompido com o paradigma da filosofia clássica ocidental sobre a “poética” representado por Platão e Aristóteles, que distinguiriam entre as “noções de arte e de belo”, concebendo-as como “diferentes e reciprocamente independentes” – conquanto haja controvérsias sobre essa interpretação³⁷ –, e teria superado alguns de seus contemporâneos europeus no que tange à formulação mais decisiva dessa divisão (ABBAGNANO, 2007, p. 367)³⁸. Com efeito, a amplitude e significado atribuídos por Abbagnano (2007) ao conceito

³⁷ Cf. Salvatore D’Onofrio (2005) e Jerzy Kosiewicz (2014).

³⁸ Cf., a respeito desse segundo aspecto, **Sobre a norma do gosto**, de David Hume, de 1741; **Sobre a origem das ideias do sublime e do belo**, de Edmund Burke, de 1756; **Sobre a beleza**, de Giuseppe Spalletti, de 1765; **Sistema do idealismo transcendental**, de 1800; e “As artes figurativas e a natureza”, de 1807, ambos de Friedrich Schelling. Todos esses títulos são lembrados por Abbagnano (2007).

kantiano de estética, em comparação com a proposição de Baumgarten, parecem repercutir, ainda recentemente, embora de maneiras e em graus diversos, em definições para o termo “estética” e/ou em aplicações voltadas a explicá-lo. No próprio campo da filosofia, por exemplo, o estudioso italiano afirma que o termo “estética”, atualmente, “designa qualquer análise, investigação ou especulação que tenha por objeto a arte e o belo, independentemente de escolas ou doutrinas” (ABBAGNANO, 2007, p. 367).

No domínio dos estudos literários, Ross Murfin e Supryia M. Ray chamam a estética de “o estudo da beleza na natureza e nas artes” (MURFIN; RAY, 2009, p. 6, tradução nossa)³⁹. No entanto, apesar de entenderem que o belo se manifesta não só nas artes, mas também fora delas – de modo mais preciso, naquilo que existiria de natural no mundo, independentemente da intervenção humana –, eles ressaltam o estudo da beleza no objeto artístico, esforço que, entre outras coisas, “envolve a investigação sobre a natureza da criação artística e da apreciação da audiência” (MURFIN; RAY, 2009, p. 6, tradução nossa)⁴⁰. Por sua vez, Allan Rodway, embora conceitue a estética, de maneira simples e mais abrangente, como “o estudo do belo” (RODWAY, 2006, p. 3, tradução nossa)⁴¹, recorre também a mecanismos que evidenciam, e mesmo privilegiam, vínculos entre beleza e arte. Isso ocorre em, pelo menos, três momentos de sua exposição sobre a estética: quando explica as noções de prazer, apreciação, atenção, distância e mérito estéticos mediante exploração recorrente do termo “obra”, ligado às artes no contexto em que aparecem; quando esclarece ideias como estese de composição, de complementaridade e de condensação, valendo-se das belas-artes e da literatura como exemplos; e quando sublinha o interesse em instrumentalizar a categoria “estética” para fins críticos (RODWAY, 2006).

Contudo, não obstante sua forte relação com as artes e com a beleza e sua dependência fundamental de capacidades sensíveis como o ver e o ouvir, a estética parece configurar-se como um campo ainda mais complexo, que se contaminaria por questões que, à primeira vista, não teriam qualquer influência ou relação com o que se considera belo ou artístico. Rodway (2006), Murfin e Ray (2009) destacam, por exemplo, o caráter ideológico ou classista que transpareceria em determinadas noções de estética, contestadas por estudiosos como Terry Eagleton, em **The Ideology of the Aesthetic**, e Paul de Man, em **Aesthetic Ideology**. Supondo “a prerrogativa da linguagem estética e a crença de que ela possui significado transcendental”, tais noções corresponderiam apenas a “manifestações da

³⁹ *The study of beauty in nature and the arts.*

⁴⁰ *The study of aesthetics also involves inquiry into the nature of artistic creation and audience appreciation.*

⁴¹ *The study of the beautiful.*

ideologia ocidental dominante” (MURFIN; RAY, 2009, p. 6-7, tradução nossa)⁴², ou, ainda mais precisamente, ao “gosto ocidental burguês” (RODWAY, 2006, p. 4, tradução nossa)⁴³. Vale observar que, assim como no que diz respeito aos esportes e ao futebol, questões sociais mais amplas, de cunho social, também atravessam o campo da estética, sugerindo que determinadas noções de beleza e arte, por mais tradicionais que sejam, podem ser relativizadas.

Rodway (2006), Murfin e Ray (2009) indicam também a reação da estética – lida na forma de uma filosofia artística radical – contra a acomodação, na arte, de questões utilitárias ou edificantes. Nesse sentido, adeptos e propositores do “Movimento Estético”, ou da “Arte pela Arte”, como Oscar Wilde e Walter Pater (RODWAY, 2006), procuraram, perto do fim do século XIX, “valoriza[r] a literatura por suas qualidades inerentes ou afetivas e defende[r] que a arte não precisa levar questões morais ou práticas em consideração” (MURFIN; RAY, 2009, p. 6, tradução nossa)⁴⁴. Como veremos no desenrolar de nossa exposição sobre a estética, debates em torno das dimensões prática e instrutiva dos esportes e do futebol, ainda que não sejam expressamente considerados como formas artísticas por todos os estudiosos que participam desses debates, são frequentes, com determinados acadêmicos defendendo a autonomia estética de tais fenômenos, para além da vitória e da pedagogia, enquanto outros enfatizam a necessidade de se alcançar algum objetivo nos jogos e o papel formativo que eles podem ter.

Trazendo a discussão para mais perto ainda de nosso objeto de estudo, vale destacar que autores como Melo (2005) e Guttmann (2011) sugerem que o contato entre a estética, entendida como campo que abrange as artes, e os esportes remonta, pelo menos, a 1896, ano de estabelecimento das olimpíadas modernas. Segundo Melo, o barão francês Pierre de Coubertin, principal entusiasta da chamada “recriação” dos eventos esportivos da Grécia antiga, tinha como interesse torná-los “festivais culturais em um sentido ampliado”, incluindo, paralelamente às competições esportivas, “concursos de poesias, de artes plásticas e mesmo de músicas, nas primeiras edições” (MELO, 2005, p. 114). Criticando o que percebe como “tendências filistinas” de parte dos historiadores do esporte, Guttmann também defende que Coubertin tinha o “desejo de enriquecer a celebração de cada Olimpíada com uma competição artística” (GUTTMANN, 2011, p. 3).

⁴² [...] the privileging of aesthetic language and the belief that it has transcendental significance are but manifestations of the prevailing Western ideology [...]

⁴³ [...] the aesthetic is primarily an ideological category reflecting and promoting Western bourgeois taste.

⁴⁴ Advocating “art for art’s sake”, adherents of Aestheticism valued literature for its inherent or affective qualities and maintained that art need not take moral or practical issues into consideration.

Gumbrecht (2007) é outro autor que percebe vínculo semelhante entre estética e esportes no âmbito das olimpíadas, assim vistas como momentos em que jogos competitivos e apresentações artísticas podiam conviver. Contudo, sua perspectiva tem pontos de discordância em relação aos estudiosos citados no parágrafo anterior. O primeiro é que ele questiona a tese de que o barão de Coubertin teria procurado “recriar” os jogos olímpicos (GUMBRECHT, 2007, p. 66-70). O segundo é que, ao retornar ao período entre 776 a.e.c. e 394 d.e.c., “datas convencionalmente aceitas dos jogos olímpicos da Antiguidade”, o filósofo já nota a existência de relação entre os esportes, ainda que com as feições particulares da época, e as artes, explicando que “artistas, músicos e oradores [...] vinham apresentar seus talentos em paralelo aos eventos esportivos” e que “o primeiro dia [de competições] era dedicado a proclamações, músicos e competições atléticas para adolescentes” (GUMBRECHT, 2007, p. 70-71).

Seja como for, a discussão considera a possibilidade de esportes e artes conviverem de maneira harmoniosa em determinado contexto. No caso citado, nota-se a possibilidade de um paralelismo entre tais fenômenos, com ambos podendo se manifestar lado a lado, sem se excluírem mutuamente. Ainda mais precisamente, as olimpíadas, conforme os autores consultados, parecem servir como oportunidade, no âmbito esportivo, para o desempenho artístico, em uma suposta tentativa de naturalizar, talvez, o contato entre as duas esferas. Em nossa tese, no entanto, o que está mais em jogo é a hipótese de a literatura, enquanto prática artística, poder contemplar o futebol em sua economia e, mais do que isso, observá-lo como uma experiência estética, seja em suas dimensões absolutamente sensíveis, belas ou mesmo artísticas. Apesar desse foco, importa ressaltar que a possibilidade de aproximação entre o esporte e a arte, no próprio campo esportivo, tem, pelo menos, quase um século e meio, reforçando a ideia de que observá-las em conjunto já constitui, há muito, algo que como uma tradição na cultura.

Mas, não obstante a longevidade desse vínculo, remonte ele às olimpíadas antigas ou modernas, Melo, apoiando-se em observação de Welsch (1999), endossa a ideia de que a relação entre esporte e estética, ainda em sua dimensão artística, ganha força em ambientes universitários, notadamente na América do Norte e na Europa, apenas mais tarde, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980 (MELO, 2005, p. 114). Como ilustra o próprio Welsch, Pierre Frayssinet publicou, em 1968, **Le Sport parmi les Beaux-Arts**, e, entre os anos de 1970 e 1980, surgiram outras investigações, desenvolvidas em maior escala em língua inglesa e assinadas por pesquisadores como Louis Arnaud Reid (1970), Paul Ziff (1974), Joseph Kupfer (1975), David Best (1974, 1980, 1985), Stephen Kiefer Wertz (1984) e Christopher

Cordner (1988) (WELSCH, 1999)⁴⁵. Esse recorte considera, sobretudo, o problema de o esporte poder ou não ser observado como arte, em vez de simplesmente poder combinar com ela de alguma forma. Segundo Welsch, trata-se de um problema a que os autores lembrados por ele deram, em grande parte, uma resposta negativa, “apesar dos numerosos paralelos óbvios” que haveria entre os esportes e as artes, constituindo, assim, em seu entender, uma “reação [...] academicamente cautelosa e conceitualmente conservadora” (WELSCH, 1999, p. 219, tradução nossa)⁴⁶.

Embora a estética possa tomar, secundariamente, outras formas nas discussões lembradas por Welsch (1999), como também ocorre em estudos como os de Boxill (1985) e Kupfer (1985, 1988), importa assinalar que tal conjunto de reflexões restringe-se ao mundo acadêmico em sentido rigoroso, não incluindo intelectuais que também buscaram, em outros contextos discursivos, refletir sobre as relações entre as artes e os esportes, em especial o futebol. Esse é o caso, por exemplo, de alguns dos modernistas brasileiros, lembrados por Hollanda, quando argumenta que tais relações explicam-se pela simples identificação de elementos comuns aos campos esportivo e artístico, como “harmonia, ritmo e conjunto” (HOLLANDA, 2003, p. 69). Conquanto não se arrisque a afirmar que o esporte é arte, o estudioso procura “mostrar como a performance do futebol busca paralelos que se inspiram em imagens artísticas”, dando como exemplos considerações sobre o jogo feitas por modernistas brasileiros de grande influência na cultura nacional:

É assim que Mário de Andrade se refere ao *bailado mirífico* do futebol (1939), é desta maneira que Gilberto Freyre introduz a categoria *futebol-arte* (1943), é com este propósito que Rachel de Queiroz vê o futebol como um caminho para se chegar à genuína obra-de-arte (1948). Com este intuito também, Oswald de Andrade vai recorrer aos grandes espetáculos da história [teatro grego, missa, dança, cinema, paradas militares] para falar do futebol (HOLLANDA, 2003, p. 69-70, grifos do autor).

Os paralelos artísticos identificados por Hollanda (2003) alcançam também o discurso de outros modernistas do país a respeito de jogadores brasileiros dos anos 1920, 1930 e 1940, com ênfase em contatos com a música e a literatura. Segundo o estudioso, José Lins do Rego, a partir da “imagem do jogador como gênio, dotado de um dom artístico, divinatório”, aproxima Fausto, ex-atleta da seleção nacional, e o pianista russo Alexander Brailowsky, por causa da “habilidade com os pés de um e [d]a habilidade com as mãos do outro”, vistas como resultantes da “mesma sabedoria artística, de origem desconhecida” (HOLLANDA, 2003, p.

⁴⁵ Cf. também Paul Kuntz (1974).

⁴⁶ [...] *the reaction then was predominantly academically cautious and conceptually conservative [...]*

66). Ao lado do poeta Augusto Frederico Schmidt, o escritor também observa Domingos da Guia, um dos maiores jogadores da história do futebol nacional, como o “Goethe do futebol”, “em razão de sua serenidade” (HOLLANDA, 2003, p. 68). Sobre o mesmo atleta manifestam-se Otávio de Faria, “que apreciava comparar” o ex-zagueiro “com o compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart”, bem como Mário Filho e Gilberto Freyre, que dividiam a opinião de que o também ex-integrante do time nacional era “‘o Machado de Assis do futebol brasileiro’: ‘inglês por fora, brasileiro por dentro’” (HOLLANDA, 2003, p. 68).

Mais recentemente, outros autores têm destacado a relação de determinados elementos do futebol com as artes. Isso se aplica, particularmente, ao drible, um dos componentes mais marcantes da modalidade. Érika Sabino de Macêdo e Priscila de Souza Chisté (2016) notam semelhança entre a dança e esse aspecto do esporte. Proença, por sua vez, vê na jogada uma possível convergência com o “conceito de arte-imitação, desrealização de reais (portanto, simulações ou ‘disfarces’), fingimentos, ficções, etc.” (PROENÇA, 1981, p. 138). Já Barreira, além de concordar com a observação de Proença (1981), enfatiza também a capacidade do movimento, como se tratasse, por exemplo, de uma pintura, de “adiciona[r] cor [...] à busca dos resultados”, e compara-o expressamente a um “passo de balé” ou “giro de capoeira” (BARREIRA, 2014, p. 22, tradução nossa)⁴⁷. De maneira mais genérica, Gumbrecht (2007), embora discorde da posição de que os esportes, como o futebol, sejam arte, define Ronaldinho Gaúcho, reconhecido como um dos grandes dribladores da história da modalidade, como um jogador “artístico”, indiciando o hibridismo entre o esporte e a arte. A título de exemplo desse último aspecto, vale reproduzir a descrição que Melo faz de uma famosa sequência de dribles do ex-jogador brasileiro, aplicados contra um defensor do Athletic de Bilbao pelo Campeonato Espanhol da temporada 2006/2007: “em um exíguo espaço do campo de futebol conseguira dar três ‘chapéus’ em três jogadores diferentes, sem que a bola tocasse no solo” (MELO, 2005, p. 111).

Não é nossa pretensão nem é objetivo de nossa tese oferecer uma resposta categórica ou definitiva para a constituição ou não dos esportes, particularmente o futebol, como artes. Afinal, como bem argumenta Tim L. Elcombe, uma vez que “todos os envolvidos na discussão concordaram que o esporte (como arte ou não) configurava uma valiosa prática humana [...] reviver o agora silencioso debate ‘esporte é arte?’ em termos ontológicos parece dispor de pouco valor para o futuro da pesquisa esportiva” (ELCOMBE, 2012, p. 204,

⁴⁷ *The players’ objective to target the goal does not prevent them from feigning; on the contrary, the dribble adds colour, spice, and merriment to the search for results in soccer. The dribble is a metaphor designed as a ballet step or a “capoeira” swing.*

tradução nossa)⁴⁸. No entanto, nosso percurso argumentativo nos conduzirá para o lado positivo da disputa, tendo em vista sobretudo a exposição de Welsch (1999), mais sintonizada com o mundo contemporâneo a nosso ver, a qual retomaremos mais adiante. Mais importante do que defender um lado, porém, é entendermos que as contribuições geradas pela referida discussão poderão fornecer elementos teóricos relevantes para o estudo do futebol como fenômeno estético em narrativas de Sérgio Sant’Anna, assumo o jogo um caráter artístico ou não. Sendo assim, iremos reproduzir o que nos parece configurar os principais pontos da polêmica, costurando os argumentos expostos de cada lado, com uma inclinação mais visível para o grupo dos que consideram tais modalidades como artes, e outros aspectos complexos do debate.

Antes de nos voltarmos mais especificamente para o problema do esporte como arte, buscaremos observar, no próximo capítulo, relações das práticas esportivas e do futebol com o belo, o outro elemento mais lembrado por nossas fontes como vinculado à estética. Nessa breve revisão bibliográfica sobre o tema, retomaremos uma aplicação do conceito kantiano de beleza ao esporte; verificaremos que a beleza produzida e apreciada nos eventos esportivos, diferentemente da dimensão de arte que alguns eruditos lhes atribuem, é admitida de maneira praticamente unânime entre os estudiosos consultados, apoiados na identificação de diferentes categorias de teor estético; e exploraremos como o futebol, em particular, tem sido observado do ponto de vista da beleza, incluindo argumentos em torno de aspectos como autonomia, eficiência, ética, *expertise* e violência. Nosso propósito principal será o de mapear outros possíveis subsídios úteis para a análise de narrativas de Sérgio Sant’Anna, enriquecendo ou mesmo fundamentando, no limite, toda a interpretação que faremos na Parte III de nossa tese.

2 FUTEBOL E BELEZA

Gumbrecht (2007) é um dos diversos estudiosos que percebem qualidades estéticas nos esportes. Seu objetivo central em **Elogio da beleza atlética**, por exemplo, consiste em investigar o que as práticas esportivas teriam de belo, embora não evite abordar, em alguma medida, questões como o prazer derivado da experiência da beleza e a própria arte. Nesse sentido, ele se pauta em reflexões de Kant sobre o belo, desenvolvidas na **Crítica do juízo** e resumidas na seguinte fórmula: “*Beleza é a forma da intencionalidade de um objeto, que é*

⁴⁸ *Since all involved in the debate agreed sport (as art or non-art) served as a valuable human practice, [...] to revive the now-muted ‘is sport art’ debate on ontological grounds appears to hold little worth for the future of sport inquiry.*

percebida nele *sem a representação de um fim*” (KANT *apud* GUMBRECHT, 2007, p. 40, grifos do autor). Com o intuito de explicar o conceito, Gumbrecht (2007) considera três componentes básicos. O primeiro prevê uma “situação de ‘satisfação pura e desinteressada’”, isto é, sem “interesses ocultos” (GUMBRECHT, 2007, p. 37-38), ou impactos palpáveis dessa satisfação no mundo prático. O segundo consiste na ideia de que “o juízo estético ‘não está baseado em conceitos nem os visa’” (GUMBRECHT, 2007, p. 39, grifos do autor), o que desobrigaria o sujeito de se pautar por ou inventar qualquer explicação inteligível que o justifique. O terceiro, chamado de “universalidade subjetiva”, indica que “nossos atos de juízo estético”, ainda que distintos entre si, “sempre implicam a expectativa de que todos concordem – talvez até um convite para isso” – com esses juízos (GUMBRECHT, 2007, p. 39).

Na aplicação de Gumbrecht ao esporte, o primeiro componente da noção de beleza kantiana implica que “ver seu time jogar bem ou assistir a seu atleta favorito quebrar um recorde”, por “excepcional” que seja a “sensação de felicidade” causada por tais experiências, “jamais terá algum resultado objetivo em sua vida cotidiana”, como “consequências positivas [...] em seu status social ou em sua conta bancária”, ausência essa que daria às experiências esportivas o caráter estético de “autonomia” ou “insularidade” (GUMBRECHT, 2007, p. 38). Uma vez que “a sensação que temos de que algo é ou não bonito depende exclusivamente de um sentimento interior ‘de prazer ou desprazer’”, e já que “não precisamos traduzir nosso prazer pessoal para que os outros o compreendam” (GUMBRECHT, 2007, p. 39), o segundo componente do juízo estético de Kant, quando relacionado ao contexto esportivo, significa que a identificação do belo por parte do apreciador de jogos competitivos é uma experiência essencialmente subjetiva, que o exime de buscar explicações exteriores ou fundar noções abstratas para justificar sua percepção da beleza. Por último, o terceiro componente do belo kantiano corresponde à possibilidade ou mesmo ao interesse de a experiência estética de um sujeito estabelecer contatos positivos com a de outros, conquanto o filósofo “não tent[e] prever que todos chegarão ao mesmo juízo estético sobre determinado livro, concerto ou jogo de futebol” (GUMBRECHT, 2007, p. 39).

Muito longe de se restringir às contribuições de Gumbrecht (2007) a partir de Kant, o reconhecimento da presença da beleza nos esportes, em forma potencial ou manifesta, por diferentes que sejam os significados assumidos pelo termo “beleza”, é virtualmente unânime. Embora, pelo menos desde as vanguardas artísticas do século XX, a arte não constitua, necessariamente, expressão da beleza, na acepção que Best (1985) classifica como comercial, parece significativo que sua relação com os esportes seja admitida até mesmo por aqueles

estudiosos que negam o estatuto dos esportes como artes, ou que não têm essa discussão como foco central de suas investigações. Jerzy Kosiewicz, por exemplo, lembra que Platão, ao tratar dos jogos pan-helênicos, na antiguidade clássica, observa os “êxitos esportivos [...] a partir da perspectiva da beleza” (KOSIEWICZ, 2014, p. 77, tradução nossa)⁴⁹. Propondo o conceito de “estética esportiva”, Stephen Mumford inclui a beleza entre outros elementos que comporiam tal estética, como “drama, graça, economia, simetria, envolvimento emocional e intelectual” (MUMFORD, 2019, p. 731, tradução nossa)⁵⁰. Por sua vez, Jason Holt enumera, de modo mais específico, os atributos que seriam capazes de, inegavelmente, tornar “belo” o esporte: “certos movimentos elegantes, estilos graciosos e competições dramáticas” (HOLT, 2017, p. 139, tradução nossa)⁵¹. Ao refletirem sobre a importância do gênio na esfera esportiva, distinto de boa parte dos outros atletas por ser definido por sua “criatividade, originalidade e inovação”, Lacerda e Mumford afirmam que o “valor” que tal sujeito, em particular, confere ao esporte pode ser verificado, por exemplo, “nos termos da beleza” em seu sentido mais clássico, apolíneo, ao agregar categorias como “harmonia, equilíbrio, ritmo, elegância” (LACERDA; MUMFORD, 2010, p. 184, tradução nossa)^{52 53}.

No caso do futebol, Macêdo e Chisté entendem que o que fundamentalmente marca o caráter estético da modalidade é a beleza, verificável em determinados atributos ou situações que podem se materializar no curso de uma partida, como “a inteligência de uma jogada, um drible desconcertante, o oportunismo de um jogador que rouba a bola, uma defesa precisa ou até mesmo a trajetória da bola em direção ao gol” (MACÊDO; CHISTÉ, 2016, p. 87-88). Assim isoladas, tais situações parecem prescindir, pelo menos em parte, de preocupação com o resultado, que não teria, como sugere a leitura das estudiosas, um impacto necessariamente decisivo para a identificação do belo no futebol. Essa interpretação encontra respaldo, por exemplo, em Gumbrecht, que defende que o reconhecimento da beleza no esporte por parte dos “verdadeiros fãs” – cuja “competência” para “dizer se um jogo foi bonito ou feio” é “incontroversa” – independe do “placar final” de uma partida (GUMBRECHT, 2001). Dese

⁴⁹ [...] sports achievements are not artistic achievements despite the fact that Plato chose to consider them from the perspective of beauty. The Panhellenic Games were above all a unique spectacle of sport and religion at which artistic rivalry was present alongside sports rivalry.

⁵⁰ [...] drama, grace, economy, symmetry, emotional and intellectual engagement, beauty, and so on.

⁵¹ No one denies that sport can be beautiful, with certain elegant movements, graceful styles, and dramatic contests, for instance.

⁵² As well as tending toward success, there is a separate aesthetic value that the genius can also bring. Their creativity, originality and innovation brings value to sport, sometimes simply in terms of beauty (e.g., harmony, balance, rhythm, elegance, and so on), and at other times in terms of more contemporary aesthetic categories (e.g., contrast, opposition, surpassing, strength, and so on). The innovations of the genius, therefore, would be ones that disposed in the direction of success and toward enhancing aesthetic value.

⁵³ Cf. também Ziff (1974) e Best (1985).

ponto de vista, a beleza do futebol – ou seu oposto –, ecoando a leitura do conceito de belo em Kant por Gumbrecht (2007), teria um forte componente de autonomia, marcado inclusive pela independência, ainda que relativa, do movimento do próprio jogo em relação aos fins práticos de marcar gols, vencer o adversário da vez, somar pontos na tabela de classificação de um torneio ou sagrar-se campeão e podendo ser ilustrado com votações digitais em que são decididos os gols, defesas ou outras jogadas mais bonitas da rodada ou do campeonato, sem que se leve em conta o êxito ou fracasso da equipe dos jogadores individualmente vencedores.

Outros autores, entretanto, procuram aproximar a apreciação da beleza de lances específicos do futebol à consecução dos objetivos práticos do jogo. Proença, por exemplo, parece ter menos em conta o jogador “que só dribla, que só faz firulas e só penteia”, isto é, que visa apenas à produção de lances belos, sem objetivo de dar números a sua performance no placar, do que o jogador que é capaz de fazer o mesmo e, concomitantemente, demonstra “eficiência”, entendida como sede por vitória, unindo, assim, “criatividade e senso prático: driblar e inventar e fazer tabelinha, mas ofensivamente, e visando ao gol” (PROENÇA, 1981, p. 138-139). Para o estudioso, o primeiro tipo de jogador “é tão-somente driblador e habilidoso com a bola”, e mesmo sua condição de futebolista é posta em dúvida, não lhe cabendo um “lugar” nas quatro linhas, sendo ele comparado a “malabaristas de circo, exímios com a bola nos pés, nos ombros, etc.”, mas “de uma incrível ineficiência quando jogando em time de futebol” (PROENÇA, 1981, p. 138-139). Todavia, apesar de reconhecer a importância fundamental de aspectos práticos do futebol, como a busca pela superação do adversário, Proença critica excessos nesse sentido que possam colocar em xeque a condição estética – artística mesmo, em sua perspectiva – que ele observa no jogo, como o que chama de “defensivismo covarde e, até, cômodo” e a “imposição de um futebol supertático” (PROENÇA, 1981, p. 138-139).

Endossando o raciocínio de Proença (1981), Graça e Lacerda (2011) dão a entender que o futebol não pode ser chamado como tal caso prescindir de atributos ligados à beleza ou de elementos associados ao desempenho. Observando sempre tais aspectos como formadores inseparáveis do “binário processo e produto” do esporte e como partes inextricáveis de uma “visão mais global do jogo” (GRAÇA; LACERDA, 2011, p. 433), as estudiosas sustentam que “a natureza essencial do jogo de futebol possui, como condição indispensável, a aliança entre a estética e o rendimento” (GRAÇA; LACERDA, 2011, p. 436). Em outros termos, em tentativa de retomada da “reciprocidade entre os valores éticos e estéticos” – para elas “considerados, na atualidade, totalmente independentes e isolados”, em contraste com sua postulação unívoca no âmbito da “filosofia clássica” –, as estudiosas defendem que o esporte

deve, necessariamente, acomodar “a expressão de atos belos e bons”, ou combinar “*o jogar bem e o jogar bonito*” (GRAÇA; LACERDA, 2011, p. 434, grifo das autoras)⁵⁴.

A beleza do futebol, no entanto, dependeria, ainda, de respaldo moral, sem o que a legitimação estética da jogada capaz de vincular o prazer ao resultado estaria sob ameaça. Segundo Lacerda e Mumford, para que a vitória seja considerada “verdadeiramente bela”, ela “deve ser alcançada de maneira justa”, isto é, sem qualquer tipo de trapaça que seja vista como moralmente negativa (LACERDA; MUMFORD, 2010, p. 191, tradução nossa)⁵⁵. Nessa perspectiva, caso uma equipe jogue bem e, no fim, vença a partida, os valores estético e ético de sua atuação, integrando os meios e os fins, apenas serão efetivamente validados se um de seus jogadores, por exemplo, não tiver, induzindo ao erro o árbitro, “cavado o pênalti” que eventualmente fez seu time ganhar o jogo (LACERDA; MUMFORD, 2010, p. 191, tradução nossa)⁵⁶. Com essa leitura, os estudiosos contestam a ideia de que o reconhecimento da beleza do futebol, bem como de outros esportes, como o atletismo, esteja confinada somente a faculdades sensoriais, como a visão, ou a aspectos quantitativos, dos quais dão prova os resultados positivos alcançados por meio do desempenho esportivo, já que uma avaliação moral de “questões contextuais mais amplas” também se faria necessária (LACERDA; MUMFORD, 2010, p. 191, tradução nossa)⁵⁷.

Concordando com a ideia de que a experiência da beleza do futebol, com seus juízos de valor, ultrapassa aspectos meramente sensíveis, outros estudiosos defendem a importância de os espectadores em geral e dos torcedores em particular conhecerem de perto o funcionamento da modalidade para acessarem e avaliarem de modo significativo e pertinente tal experiência. Barreira, por exemplo, sustenta que tais sujeitos só podem se envolver de fato com uma partida, “melhor aprecia[ndo] [su]a beleza”, se “conhecer[em] os elementos básicos e o movimento” dessa partida (BARREIRA, 2014, p. 17, tradução nossa)⁵⁸. Ainda segundo o estudioso, tal conhecimento, que acrescenta, assim, uma dimensão de *expertise* à apreciação do jogo, deve contemplar as regras da modalidade em seu sentido lato, ou seja, incluir e, ao

⁵⁴ Cf. também, nesse mesmo sentido, os exemplos de Lacerda e Mumford (2010) e os argumentos de Kreft (2014) e Borge (2019). Como contraponto e ampliando para outros esportes, como o rugby, cf. Michelle Carreirão Gonçalves e Alexandre Fernandez Vaz (2017a, 2017b).

⁵⁵ *To be truly beautiful, the win must be fairly achieved and so, the moral quality of the performance adds to its aesthetic value.*

⁵⁶ *The moral content can affect our aesthetic evaluation, as illustrated in the case of sport, for instance, where a footballer is revealed to have dived to win a penalty or, on the positive side, an athlete such as Lance Armstrong overcomes personal adversity to nevertheless succeed.*

⁵⁷ *There are reasons to have a broader notion of the beautiful where our aesthetic enjoyment depends on wider contextual matters.*

⁵⁸ *To better appreciate the beauty of a soccer game, however, it is necessary to listen carefully, i.e., to know the basic elements and the movement of the game of soccer.*

mesmo tempo, ultrapassar a letra fria do código futebolístico, sendo tais regras entendidas enquanto “expressão do caráter não conceitual do jogo”, com a função de “regular a execução do jogo com base num movimento produzido pelo próprio jogo” (BARREIRA, 2014, p. 17, tradução nossa)⁵⁹.

Em linha similar, Damo defende que “o prazer estético” propiciado pelo futebol “depende do entendimento da dinâmica do jogo” (DAMO, 2001, p. 86). Sem esse entendimento, que “pressupõe aprendizado e, de outra parte, concordância em relação a alguns significados”, como o de “guerra mimética”, “simulada”, que tornaria o jogo parecido com o teatro, o esporte se reduziria a uma “forma” oca, caracterizada por uma “sequência de lances inócuos, repetitivos e sem sentido; com a bola sendo conduzida de uma intermediária a outra” (DAMO, 2001, p. 86). Vale ressaltar, entretanto, que Damo prefere as categorias “bom ou ruim” às categorias “bonito ou feio” por entender que, “para os torcedores” de futebol – mais, provavelmente, do que para os espectadores que estão privados de uma relação especial com determinada agremiação esportiva –, “é a vitória/derrota do seu time que lhes importa sobremaneira e boa parte dos juízos estéticos [...] repousa sobre esta variante” (DAMO, 2001, p. 84-86). Nesse sentido, em opinião semelhante à de Steffen Borge (2019), para quem o prazer estético propiciado pelo futebol está conectado tanto ao conhecimento do jogo como ao envolvimento com o aspecto competitivo da partida, ele percebe a possibilidade de haver um desequilíbrio entre beleza e resultado na perspectiva de tais sujeitos, com a superação do adversário “influencia[ndo] de tal modo a sensibilidade que acaba se tornando determinante” (DAMO, 2001, p. 86)⁶⁰.

Tendo em vista que o “movimento” ou a “dinâmica” do futebol agrega o conflito entre duas forças coletivas opostas, que se alternam mais ou menos equilibradamente entre ataque e defesa, vale ressaltar que a beleza da modalidade também pode se manifestar em jogadas que visam a impedir o gol do adversário. Essa ideia insinua-se no exemplo da “defesa precisa”, feita pelo goleiro, que Macêdo e Chisté (2016, p. 87) fornecem, entre outros, para ilustrar a beleza do jogo. Gumbrecht, por sua vez, leva a discussão um pouco mais adiante, ao indagar “se podem a violência e a beleza andar juntas” (GUMBRECHT, 2001). Para o estudioso, a violência faz parte não só dos esportes coletivos de contato, como o rugby, o futebol americano e o hóquei no gelo, que “permitem e até estimulam o confronto físico violento”, mas também das modalidades que, no limite, “tentam minimizar essa violência”, como o

⁵⁹ *The rules of soccer express the non-conceptual character of the play [...]. Recalling its Latin roots, the rules regulate the game's execution based on a movement steered by the game itself.*

⁶⁰ Para compreender a importância do conhecimento dos esportes para a experiência estética do ponto de vista de seus praticantes, cf. Lacerda, Mumford (2010), Graça, Lacerda (2011), Gonçalves e Vaz (2017a, 2017b).

futebol e o basquete (GUMBRECHT, 2001). O que seria capaz de conferir beleza à violência, no contexto esportivo, segundo Gumbrecht (2001), seria a precisão, economia e eficácia dessa violência. Conquanto o exemplo do *clean hit*, ou “golpe seco”, do futebol americano, dado por Gumbrecht (2001), não pareça corresponder inteiramente à “forma da violência” no futebol, é possível relacionar os atributos básicos da violência legítima no jogo, capaz de adquirir dimensão estética, ao carrinho limpo, sem falta, que um defensor aplica no atacante adversário que se preparava para finalizar contra a meta de sua equipe, cara a cara com o goleiro, no último lance de um jogo decisivo de campeonato, quando o gol do outro time mudaria irremediavelmente o troféu de mãos.

No próximo capítulo, lidaremos com outras relações entre estética e esportes, mais uma vez focalizando o futebol, a partir da discussão sobre a condição ou não de arte de tais práticas, no sentido de aprofundarmos nosso conhecimento sobre tais relações e estarmos ainda melhor equipados para a análise de narrativas de futebol de Sérgio Sant’Anna em viés estético. Embora a beleza possa estar, em algum grau, implicada também nesse debate, outras categorias, questões e liames que têm participado de elucubrações do tipo ganharão maior protagonismo em nossa exposição. Assim, devido à complexidade da controvérsia e dos motivos apresentados de cada lado, escolhemos, para melhor organizar nosso percurso, dividi-lo em três subitens. Nos dois primeiros, articularemos reflexões que, de algum modo, associam intencionalidade e valor artísticos ao jogo de bola e, no terceiro, trataremos de possíveis bases e restrições de cunho epistemológico e conceitual para a consideração da modalidade como arte.

3 FUTEBOL E ARTE

3.1 Futebol e intencionalidade artística: natureza, gênio e artifício

Se Abbagnano (2007) observa que Kant identifica o artístico ao belo no âmbito da estética, Gumbrecht, interpretando de outra maneira a proposição de que “a arte é bela desde que pareça, ao mesmo tempo, ser natureza” (KANT *apud* GUMBRECHT, 2007, p. 40), percebe-os como domínios distintos. Para ele, embora a natureza, sendo bela, possa “causa[r] uma impressão de intencionalidade”, ela não adquiriria, por isso, a condição de arte, pois a produção dessa impressão não poderia ser “seu objetivo” (GUMBRECHT, 2007, p. 40). Apesar de notar que “os pensadores setecentistas eram mais inclinados que nós a atribuir intenções à natureza” (GUMBRECHT, 2007, p. 40), Gumbrecht restringe tais intenções,

exclusivamente, aos artistas, por ele entendidos como aqueles que produzem obras de arte. Assim, o raciocínio quanto à ausência de intencionalidade da natureza na produção de valores estéticos aparece como extensível aos esportes, já que os atletas, mesmo que demonstrem beleza, força, simetria e ritmo, por exemplo, não teriam a mesma função dos artistas. Nos termos do estudioso, “uma jogada ou movimentos bonitos”, como um “saque potente num jogo de tênis” ou um “duplo twist carpado executado com perfeição numa coreografia de ginástica olímpica”, por mais que pareçam “atitudes naturais do atleta que os produziu”, não “são produzidas com a intenção de se tornar objetos duradouros que sejam reconhecidos como obras de arte” (GUMBRECHT, 2007, p. 40-41).

Para construir seu ponto de vista, Gumbrecht (2007) também compara o desempenho atlético numa de suas mais altas realizações e a produção cinematográfica que pôde com sucesso conservá-lo, atribuindo a cada um deles um estatuto diferente. Em comentário sobre a notável performance de Jesse Owens em prova de atletismo nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, e sobre seu registro em filme de Leni Riefenstahl, *Olympia*, ele sustenta que “dar aos movimentos de Owens um lugar em nossos museus de arte imaginária simplesmente mumificaria sua graça, roubando-lhe o estranho frescor que o filme de Riefenstahl preservou”, e conclui que “essa é a razão pela qual proponho manter o conceito de obra de arte afastado do desempenho atlético como candidato a experiência estética” (GUMBRECHT, 2007, p. 41). Nessa perspectiva, parece que apenas o que se pode conservar como “obra”, em um sentido concreto, acessível e duradouro, como é o caso de um filme, pode ser considerado como arte, enquanto manifestações performáticas, marcadas por um grau maior de singularidade, como veremos com Welsch (1999) em se tratando de esportes e mesmo de outras artes canônicas, não teriam as mesmas características. Essa distinção é contestada por Melo, embora não lide diretamente com a questão da intencionalidade, nos seguintes termos: “se o esporte não produz uma obra ‘duradoura’ (como os quadros, no caso da pintura), o mesmo ocorre com as artes performativas. No teatro, na dança, na música, depois que acabam os espetáculos, nada sobra nos teatros” (MELO, 2005, p. 123).

No entanto, a separação conceitual entre valor estético e condição artística encontra respaldo em reflexões de outros pesquisadores da estética dos esportes, muitas vezes servindo de base para a negação da conotação de arte das modalidades esportivas. Reid, por exemplo, compreende que, apesar de “diversos movimentos em jogos, no atletismo e na ginástica terem um grande valor estético positivo”, assim como é o caso, na natureza, do “voo de um pássaro”, isso não implica em que as modalidades esportivas ou elementos da natureza

possam ser considerados como “arte” (REID, 1970, p. 249, grifo do autor, tradução nossa)⁶¹. Best também concede que o estético é reconhecível na natureza, como em “pôres-do-sol, trilhar de pássaros, montanhas e nuvens”, mas, ainda que não limite a arte a objetos permanentes, como propõe Gumbrecht (2007), não inclui nela os esportes, já que mantém a incidência do artístico, de todo modo, bastante reduzida, aplicando-a a “artefatos e performances intencionalmente criados pelo homem” (BEST, 1980, p. 211, tradução nossa)⁶². Kupfer, por sua vez, debatendo com Boxill (1985), argumenta que falta às “coisas da natureza”, como “pôres-do-sol”, e às “coisas que o homem cria”, como “luminárias de vias públicas”, o que as “obras de arte”, em seu ponto de vista, necessariamente teriam: a intenção da beleza – ainda que aquelas coisas “possam, de fato, ser esteticamente *mais* valiosas do que muitas obras de arte”, e que os esportes “realmente proporcionem uma poderosa fonte de experiência estética” (KUPFER, 1985, p. 48, grifo do autor, tradução nossa)⁶³.

No futebol, a intenção de criar valor estético na performance, se existe, é, no máximo, secundária na visão de determinados autores. Depreendemos isso, por exemplo, a partir de duas configurações básicas da relação entre meios e fins nos esportes, às quais Best (1985) confere, na tradução de Graça e Lacerda, os nomes de “modalidades propositivas” (*purposive sports*) e “modalidades estéticas” (*aesthetics sports*) (GRAÇA; LACERDA, 2011, p. 433)⁶⁴. Segundo o estudioso, modalidades propositivas, como o futebol, são aquelas em que meios e fins se diferenciam entre si, uma vez que o objetivo do jogo, a vitória, “pode ser alcançado por vários meios” (BEST, 1985, p. 30). Já as modalidades estéticas, como a ginástica e a natação, são aquelas em que meios e fins coincidem, estando o “alcance do propósito da atividade”, também definido pelo êxito, “inseparavelmente amarrado à maneira com que se atua” (BEST, 1985, p. 30). Tomando o futebol como exemplo para explicar o caso das modalidades propositivas, que não configurariam “nem mesmo candidatos plausíveis a formas de arte”, Best afirma que “marcar mais gols do que os oponentes” constitui o fim do esporte e que os meios pelos quais esse fim é alcançado, por mais “feios e toscos” que sejam,

⁶¹ *Many movements in games or athletics or gymnastics have great positive aesthetic value; but it is wrong to jump to the conclusion that they are art, any more than the flight of the bird is art.*

⁶² *The aesthetic applies, for instance, to sunsets, birdsong, mountains, and clouds; whereas the artistic tends to be limited, at least in its central uses, to artifacts or performances intentionally created by human beings.*

⁶³ *The main flaw in Boxill's discussion is that she feels compelled to argue that sport is an art form in order to establish it as a rich vein for aesthetic experience. [...] Lots of things have lots of aesthetic values without being beautifully intended (if intended at all): sunsets, cornfields, streetlamps, people. Things of nature and things man made may in fact be more aesthetically worthwhile than many works of art even though they are not intended to be beautiful while the latter are.*

⁶⁴ Cf. também a distinção de Bernard Suits (1973) entre *judged performances*, como as diversas modalidades da ginástica, com avaliadores dando notas para a performance de cada atleta ou equipe em disputa, e *refereed games*, como o futebol, o rugby e o basquete, com os árbitros e seus assistentes buscando garantir que as regras de cada jogo sejam cumpridas.

não têm qualquer interesse em relação a tal fim (BEST, 1985, p. 30, traduções nossas)⁶⁵. Sendo assim, se um gol marcado dá e mantém, ao fim da partida, a vantagem no placar, preenchendo o propósito do jogo, tanto faz se ele se deu com um chute forte na bola, de longa distância, direto no ângulo do goleiro adversário, ou se com um toque de canela do zagueiro do time contrário para dentro das próprias redes após longo bate-rebate na pequena área⁶⁶.

Mas a ausência de intenção na criação de um objeto capaz de ser observado do ângulo estético, tomada como argumento para contestar a condição artística dos esportes, é posta em dúvida por outros pesquisadores. Dimitris Platchias, por exemplo, focalizando a categoria artística, postula que “a intenção de criar belos objetos ou de causar prazer estético não é condição necessária nem suficiente para que algo seja arte” (PLATCHIAS, 2003, p. 1, tradução nossa)⁶⁷. Segundo ele, existiriam objetos criados com a intenção de causar prazer estético mas que não poderiam ser tomados por artísticos, e existiriam obras de arte criadas sem intenção de causar prazer estético (PLATCHIAS, 2003). Para ilustrar seu primeiro argumento, o estudioso recorre a objetos domésticos ou cotidianos tomados de empréstimo do próprio Best (1980): “formatos de radiadores e armações de óculos” e “papéis higiênicos coloridos” (PLATCHIAS, 2003, p. 8, tradução nossa)⁶⁸. Essa escolha parece coerente com seu segundo argumento, que se baseia na ideia de que a arte seria autotélica, perfazendo uma “atividade que se satisfaz em si mesma” (PLATCHIAS, 2003, p. 9, tradução nossa)⁶⁹. Com isso, ela não teria nem valor prático, diferentemente dos objetos citados, nem a intenção de causar prazer estético, cuja experiência, ainda que sentida por outras pessoas, ficaria “além das intenções do artista”, que estaria preocupado apenas com a “genuína expressão” de seu trabalho, ou o “meio ‘apropriado’” para desenvolvê-lo (PLATCHIAS, 2003, p. 9-13, tradução nossa)⁷⁰.

⁶⁵ [...] *the purposive sports, that is, the great majority, are not even plausible candidates for art forms. Briefly, in purposive sports there is a means/end distinction [...]. For instance, the end which at least largely defines the character of soccer; namely scoring goals, can be achieved by various means. It makes perfectly good sense for a soccer manager to tell his team that he doesn't care how they score, how ugly and clumsy are their methods, as long as they do score more goals than their opponents.*

⁶⁶ Cf. Kupfer (1975, 1985), que tem, assim como Proença (1981), Graça e Lacerda (2011) uma perspectiva mais equilibrada sobre a relação entre “meios” e “fins” no esporte. Cf. também Platchias (2003), que defende que a estética é central, e não meramente secundária, nos esportes propositivos, inclusive superando, nesse quesito, com a abertura para a “criatividade, improvisação e singularidade”, os esportes estéticos. Vale observar ainda que, em muitos casos – talvez, na maioria deles –, os gols esteticamente aprazíveis só poderiam ser marcados da maneira como se deram, o que tornaria fins e meios mais próximos do que Best (1985) supunha.

⁶⁷ *The intention to create beautiful objects or to give aesthetic pleasure is neither a necessary nor a sufficient condition for something to be art.*

⁶⁸ *As Best claims, the shape of the radiators and spectacles and colored toilet paper are cases of artifacts intentionally created to give aesthetic pleasure, but none of these can be considered art.*

⁶⁹ *What is performed, or created, is in terms of autotelicity, or in terms of an activity satisfying in itself [...].*

⁷⁰ *What I believe is that there can be art in terms of genuine expression (artistic expression) without any intention of giving aesthetic pleasure [...]. The fact that people may appreciate later these works of art for the*

Para Platchias (2003), pelo menos três elementos, presentes nas modalidades propositivas, como o futebol, conferir-lhes-iam não apenas caráter estético, mas também condição artística, por fazerem parte de sua natureza: criatividade, improvisação e singularidade. Lacerda e Mumford (2010), embora não afirmem categoricamente que os esportes possam ser considerados como formas artísticas, limitando-se a estabelecer paralelos entre os fenômenos, aproveitam, expressamente, pelo menos o elemento da criatividade para contribuir com o debate sobre o problema da intenção nas práticas esportivas, com foco no caso do gênio. Aplicando aos esportes outras considerações de Kant sobre as artes, os autores defendem que o gênio, esteja nominalmente inserido em um campo ou outro da atividade humana, caracteriza-se por “criar novas regras e novas ortodoxias” e por “conquistar espaço e tempo mediante seus atos”, que são levados a cabo menos por “processos de pensamento conscientes” do que por “instinto e intuição” (LACERDA; MUMFORD, 2010, p. 188, tradução nossa)⁷¹. Como exemplos dessa ideia, eles apresentam a maratonista portuguesa Rosa Mota e o futebolista inglês Paul Gascoigne. Vistos como atletas que, por mais que tentem, exibem dificuldade em “comunicar em palavras” seu “gênio” ou “talento excepcional” a outras pessoas (LACERDA; MUMFORD, 2010, p. 188-189, tradução nossa)⁷², ambos poderiam indicar que a criatividade não é totalmente controlada pelo ser humano, seja ele atleta ou artista no sentido estrito da palavra.

Para suspender a discussão sobre o problema da intenção – alguns dos argumentos apresentados até aqui serão discutidos em mais detalhes ao longo desta Parte II –, talvez também seja válido levantar brevemente um debate sobre a pertinência das comparações entre esporte e natureza, utilizadas, por exemplo, por Reid (1970), Best (1974), Kupfer (1985) e Gumbrecht (2007) para contestar a ideia de que as modalidades esportivas possam ser vistas como artes. Como se sabe, pelo menos, desde Johan Huizinga (1971), os jogos em geral, constituindo criações humanas, indisponíveis de *per se* no mundo natural, possuem uma condição essencialmente artificial. Dotadas de regras particulares, dependentes da vontade de

aesthetic pleasure that they might give to them would be beyond the artist's intentions. [...] when the athlete "perceives" the desirable end—which doesn't have to be the scoring of a goal but may instead well be the achievement of a function such as a combination in boxing or the side-stepping of an opponent or even, in the longer run, the "style"—his aesthetic considerations enable him to "discern" a "pattern" in choosing the "appropriate" means, where the instantiation of this pattern enables him to reach the desirable end.

⁷¹ *It has been said that the genius creates new rules and new orthodoxies and that they conquer space and time through their actions. But the genius need not themselves completely understand what they are doing in these terms. Instead, genius is intuitive. Rather than being a part of their conscious thought processes, the genius's actions are more a matter of instinct and intuition.*

⁷² *Regardless of her [Rosa's] great efforts, she cannot communicate her genius in words but can only show it. [...] Although he [Gascoigne] inspired many to take up the game, he was almost totally unable to communicate his exceptional talent to them verbally.*

participação de seus entusiastas e valendo-se do tempo e do espaço de formas próprias (HUIZINGA, 1971), tais atividades parecem, assim, guardar de fato significativos afastamentos em relação à natureza. Ainda que o mundo natural esteja hoje, provavelmente mais do que em toda a história humana, sujeita a nossas intervenções, para o bem e para o mal, como se fosse nosso jogo ou brinquedo particular, tais descompassos têm servido para aproximar – quando não, para fazer coincidir – os esportes e as artes, como indica a perspectiva de Boxill (1985). Assim, mesmo que os contatos entre os esportes e as artes, do ponto de vista de suas estruturas particulares e do que elas implicariam, possam ser vistos como insuficientes para equipará-los, ou para encaixar as modalidades esportivas sob o guarda-chuva das formas artísticas, usar a natureza como termo de comparação para diferenciá-los talvez não seja a escolha mais justa.

3.2 Futebol e valor artístico: aspectos lúdicos, relacionais e semânticos

Diferentemente de Gumbrecht (2007), e valendo-se de um movimento argumentativo comum aos defensores dos esportes como artes, Gordon Graham (*apud* MELO, 2005), em **Filosofia das artes**: introdução à estética, busca similaridades entre estes dois fenômenos ao pensar sobre as modalidades esportivas sob o ângulo estético. Como premissa, o estudioso recorre ao “valor” que a arte teria para o ser humano (*apud* MELO, 2005, p. 114). Segundo ele, o valor da arte repousaria não apenas no “prazer”, como indicam David Hume, Stuart Mill e R. G. Collingwood, ou na “beleza”, como mostra Immanuel Kant, mas, principalmente, em aspectos relacionais e lúdicos, como defende Hans-Georg Gadamer (*apud* MELO, 2005). Para o estudioso, tais elementos também se verificariam nos esportes, conferindo-lhes o mesmo valor que conferem às artes, ainda que por meios e de formas distintos. No paralelismo construído por Graham (*apud* MELO, 2005), os aspectos relacionais corresponderiam aos vínculos criados entre artista e público, no caso da arte, e à interdependência de atletas e espectadores no contexto da prática, no caso dos esportes, enquanto os aspectos lúdicos marcariam tanto a arte como os esportes, embora nenhum desses fenômenos se confundisse com passatempos inconsequentes, destituídos de seriedade.

Menos óbvios, talvez, do que os lúdicos – adjetivo que, afinal, serve para situar os esportes na grande prateleira dos jogos –, elementos relacionais têm sido largamente reconhecidos no fenômeno esportivo. Para nos manter apenas no escopo citado por Graham (*apud* MELO, 2005), vale lembrar, por exemplo, o argumento de Boxill (1985) de que, quanto mais altos são os níveis de habilidade dos atletas, maior tende a ser o interesse do público em

acompanhar suas performances. Para a estudiosa, esse fenômeno seria perceptível, por exemplo, no tênis feminino e no basquete masculino, marcados, no âmbito profissional, por um significativo nível técnico, e poderia servir de motivo para revisar, modificar ou acrescentar regras em modalidades em que predominam a força e o tamanho dos atletas, no sentido de emprestar a tais práticas maior apelo aos olhos dos espectadores (BOXILL, 1985). Mas a participação dos espectadores nos esportes pode ocorrer de maneira ainda mais próxima aos jogadores. Gumbrecht, por exemplo, fala de uma “comunhão” que ocorreria entre os dois grupos durante o desempenho esportivo (GUMBRECHT, 2007, p. 152). Ansiada pela torcida e caracterizada pela conexão da “energia física” de uns e outros, ela não se resumiria a uma intimidade “espiritual”, mas teria mesmo uma “realidade física”, capaz de impactar positivamente a energia dos atletas em meio à performance (GUMBRECHT, 2007, p. 152).

Retomando interpretações de Damo (2001) e Barreira (2014), é possível sugerir que o aspecto relacional no futebol, na visão dos estudiosos, manifesta-se na interação cognitiva dos espectadores – e, mais precisamente, dos torcedores – com o esporte, baseada na compreensão do “movimento” ou “dinâmica” próprios da modalidade. Barreira chega, inclusive, a equiparar a “compreensão do jogo” à “participação nele”, experiência pela qual o torcedor “identifica-se hermeneuticamente com aquilo que vê, na expectativa de sua repetição ou da recriação de uma sensação” (BARREIRA, 2014, p. 17, tradução nossa)⁷³. No entanto, vale ressaltar que os dois autores, à maneira de Gumbrecht (2007), entendem que o papel ativo dos torcedores não constitui uma vivência autocentrada, mas se estende para o próprio campo de jogo. É com essa perspectiva que Barreira diminui a distância entre tais sujeitos e os jogadores, ao afirmar que aqueles “jogam com o jogo e, por isso, não são meros espectadores; eles não contemplam simplesmente a partida. Eles tomam parte nas jogadas e interferem no movimento do jogo” (BARREIRA, 2014, p. 17, tradução nossa)⁷⁴. De maneira semelhante, Damo sustenta que os torcedores, em sua maioria, vão ao estádio não para “assistir ao seu time” ou, “muito menos”, “a jogos em que seu time de coração não esteja envolvido”, mas, tornando o verbo transitivo direto, para “torcer, empurrar o time ou, em certas circunstâncias, para protestar, por meio das vaias – a forma de participação política mais contundente no futebol” (DAMO, 2001, p. 86, grifo do autor)⁷⁵.

⁷³ *To understand the game is to participate in it, hermeneutically identifying oneself with what has been seen, expecting its repetition or the recreation of a sensation.*

⁷⁴ *Soccer fans play along with the game and thus are not mere spectators; they do not simply contemplate the match. They take part in the plays and interfere in the game's movement.*

⁷⁵ Melo fala da “participação da torcida” como um fator que influencia na “qualidade da partida” (MELO, 2005, p. 24). Vale lembrar, aqui, dos jogos sem torcida, especialmente durante a fase mais aguda da pandemia

Além da presença de aspectos lúdicos e relacionais, Graham (*apud* MELO, 2005) menciona um terceiro ponto de contato entre os esportes e as artes. Para o estudioso, ambos os fenômenos seriam caracterizados pela “autonomia do símbolo”, estruturado no “interior” desses mesmos fenômenos, o que dispensaria seus apreciadores e espectadores de buscar sentido fora deles (*apud* MELO, 2005, p. 115). Apesar, no entanto, da identificação dessa terceira semelhança, Graham (*apud* MELO, 2005) sugere que esporte e arte teriam valores de graus diferentes, com a segunda superando, nesse aspecto, o primeiro. Tal diferença de valores, que parece implicar, por consequência, na diferença de categoria entre os dois fenômenos – ou seja, Graham não observa o esporte como arte –, explicar-se-ia, segundo ele, em razão da ausência de conteúdo dos esportes, que, assim, não poderiam “comunicar algo, significar algo” (*apud* MELO, 2005, p. 116). Embora contraditória na visão de Melo (2005), como reforçaremos mais adiante, a opinião de Graham (*apud* MELO, 2005) encontra respaldo em outros eruditos, como P. N. Humble (1993) e David Best (1985), que também a tomam como argumento para contestar a condição de arte dos esportes. A diferença desses pareceres em relação ao de Graham (*apud* MELO, 2005) é que seus autores elevam a noção da simples comunicação ou significação de determinado conteúdo para a de assuntos relacionados à condição humana, aspecto semântico realmente presente em certas definições de arte⁷⁶.

Examinando o desempenho de enxadristas famosos, como Alexander Alekhine, David Bronstein e Garry Kasparov, Humble sugere que, “por mais belas e profundas que sejam” suas “obras-primas”, talvez não faça muito sentido “descrevê-las como obras de arte”, “pois o xadrez, por natureza, não pode comentar sobre temas humanos profundos, característica da grande arte” (HUMBLE, 1993, p. 65, tradução nossa)⁷⁷. Pode-se dizer, no entanto, que a “linguagem” do xadrez, marcada, *grosso modo*, pelo movimento de peças em um tabuleiro, é diferente, por exemplo, da linguagem verbal, que se pauta por signos universalmente mais acessíveis do que os que emanam de uma partida de xadrez. Essa diferença, a nosso ver, tende a dificultar um “comentário” mais direto e claro sobre os temas referidos pelo estudioso, embora seja necessário ressaltar que não apenas os signos verbais são capazes de criar sentidos “profundos”, como os mencionados por Humble (1993). Um exemplo bastante

do coronavírus, e as reclamações (ainda que relativizadas pelos riscos à saúde daquele contexto) da gente envolvida no futebol no que se refere a essa ausência nos estádios – é como se, sem o envolvimento da torcida, o futebol se descaracterizasse, não fosse o mesmo –, e não parece gratuito que torcidas rivais encontrem na “frieza” ou não envolvimento de suas contrapartes motivos de zombaria.

⁷⁶ De maneira bastante instrutiva, Welsch (1999) integra e resume as ideias de Graham (*apud* MELO, 2005), Humble (1993) e Best (1985).

⁷⁷ *But however beautiful or profound the masterpieces of Alekhine, Bronstein and Kasparov may be, I doubt whether we wish to describe them as great works of art. [...] Perhaps this is because chess by its very nature cannot comment upon the deep human themes, characteristic of great art.*

rápido e simples nessa direção seria, talvez, o de uma jogada extremamente perspicaz, executada por quem até então se via encurralado na partida, e que lhe faz vencer a disputa, desvelando diante do público, de modo quase imediato, a capacidade do enxadrista, enquanto ser humano, de superar enormes obstáculos em circunstâncias de grande pressão.

Best, embora procure evitar generalizações em torno das obras de arte, defende que “é característica central de uma forma artística”, inclusive as que mais se aproximam das modalidades estéticas, nomeadamente a “dança” e o “teatro”, “permitir-lhe a expressão de uma concepção sobre os problemas da vida, tais como concepções sobre a guerra ou sobre injustiça social de vários tipos” (BEST, 1985, p. 31, tradução nossa)⁷⁸. É preciso reconhecer que a visão de Best (1985) é mais aberta em comparação com a de Humble (1993), na medida em que ele fala de “formas artísticas”, e não de “grande arte”. Além disso, ele parece ter uma visão mais ampla, ainda em comparação com a de Humble (1993), sobre a linguagem artística, ao apontar que linguagens não verbais, como a da dança e, em parte, a do teatro, podem fornecer uma “concepção sobre os problemas da vida”. Contudo, o estudioso ainda apresenta uma visão limitada em relação ao que seria considerado arte, ao apontar formas artísticas canônicas como exemplos, sendo possível supor que essa visão exerce alguma influência em sua resistência em considerar os esportes como artes.

Conquanto defenda a condição de arte dos esportes, Platchias (2003) concorda com o teor dos argumentos de Best (1985) e Humble (1993). Para ele, que considera óbvia a observação dos autores, os esportes, realmente, não conseguem tratar de questões importantes da vida. No entanto, o estudioso ressalva que esse argumento não deixaria de cobrir apenas “*certas obras de arte*”, como admite o próprio Best (1985, p. 31, grifo do autor, tradução nossa)⁷⁹, mas, também, não se aplicaria a todas as formas artísticas, como Best (1985) propõe. Platchias acredita que, assim como os esportes, nem a arte abstrata, nem a música, nem a arquitetura, nem, provavelmente, a dança, “satisfazem esse requisito”, e tal observação leva-o a concluir que a característica universalmente atribuída por Best (1985) às formas artísticas não é, na verdade, “essencial” à arte (PLATCHIAS, 2003, p. 12, tradução nossa)⁸⁰. Apesar disso, Platchias (2003) parece ter uma visão reduzida sobre o que pode servir como “comentário” à condição humana. De acordo com essa perspectiva, o que não é verbal, seja

⁷⁸ [...] a central characteristic of an art form is that it allows for the expression of a conception of life issues, such as conceptions of war, or social injustice of various kinds.

⁷⁹ I inserted this qualification with respect to certain works of art, to bring out that such a characteristic applies to an art form, and certainly not to every work of art in that medium.

⁸⁰ [...] I do not think that, say, a piece of music or a building could comment upon life issues such as conceptions of war or social injustice of various kinds. Moreover, dance is likely to be another plausible candidate. Therefore, the expression of life situations is not an essential characteristic of art, which distinguishes its concept in that in the absence of which an activity could still count as a legitimate art form.

no caso dos esportes ou mesmo no de artes canônicas, teria poder inferior de abordar os problemas da vida.

No entanto, se formas artísticas, como as citadas por Platchias (2003), podem, de fato, dispensar a obrigação de tecerem comentário sobre qualquer assunto, incluindo os temas maiores da condição humana, sem deixarem de ser arte, outras atividades, como os esportes, também não teriam, justamente, que cumprir com a mesma obrigação para serem considerados como artes. Como argumenta Christopher Cordner, em linha com Terence J. Roberts (1986) e também contestando David Best (1985), “a possibilidade de assimilar os esportes às artes não representativas”, em contraste com o “teatro”, o “romance”, a “pintura figurativa” e “algo da dança”, “ainda estaria em aberto” (CORDNER, 1988, p. 40, tradução nossa)⁸¹. O esporte ainda é considerado de maneira não representativa por Cordner (1988), assim como parece ser, em especial, nos casos de Humble (1993) e Platchias (2003), mas tem a possibilidade de ser considerado como arte dentro desse nicho específico.

Outros autores, como Melo (2005) e Welsch (1999), rebatem ainda mais incisivamente a ideia de que os esportes nada comunicariam ou significariam. Para Melo, Graham contradiz-se ao afirmar, em um momento, o “caráter simbólico” das modalidades esportivas e ao negar, em outro, que elas possam ter “significado” (MELO, 2005, p. 116). Seguindo pelo polo positivo, o estudioso brasileiro defende que “o esporte tem tanto sentido quanto qualquer outra forma de arte” (MELO, 2005, p. 123). A diferença entre os dois casos, segundo ele, é que o sentido nas práticas esportivas “simplesmente não é pré-concebido”, pois emergiria no evento de “cada jogo” ou “situação” (MELO, 2005, p. 123). Embora seja possível problematizar, pelo menos desde as contribuições teóricas da estética da recepção, uma ideia implícita nessa contraposição – qual seja, a de que nas artes, como na literatura, o sentido seria “pré-concebido”, como se dispensasse a atuação do leitor –, o que mais vale ressaltar é que a diferença citada por Melo (2005) abrangeria todos os esportes, assumindo, assim, uma dimensão universal. Desse modo, a emergência de sentido seria verificável tanto nos “esportes coletivos, onde a criação e a genialidade de um dos jogadores, por mais que os parâmetros técnicos e táticos sejam treinados, pode definir uma partida”, quanto nas modalidades em que haveria um “roteiro pré-definido”, com “coreografias exaustivamente ensaiadas”, como o “nado sincronizado”, a “ginástica rítmica desportiva”, a “ginástica

⁸¹ [...] the supposed fact that the objects of our attention in sporting performances are not imagined but actual would not support the general distinction of sport from art. At most it would support the distinction of sports from those arts in which the objects of attention are imagined, and these would be the traditionally representational arts: theatre, the novel, figurative painting, and perhaps some dance. The possibility of assimilating sports to nonrepresentational arts would still be open.

artística” e a “patinação artística”, e naquelas com “menos possibilidades de criação”, como a “natação” e o “atletismo” (MELO, 2005, p. 123).

Apropriada das reflexões de Welsch (1999), boa parte da argumentação de Melo (2005) baseia-se, em especial, no conceito de esporte como drama sem roteiro. Segundo Welsch (1999), às modalidades esportivas faltaria, com efeito, um roteiro, entendido por ele como aquilo sobre o que são, por exemplo, as peças teatrais; nem por isso, todavia, tais práticas deixariam de se configurar como arte. O argumento do pesquisador é que o esporte, assim como o próprio teatro, “pode exibir todos os traços dramáticos da existência humana”, não em razão do assunto, que não constituiria componente necessário e exclusivo do “significado artístico”, mas em razão de sua “dimensão simbólica” (WELSCH, 1999, p. 228, tradução nossa)⁸². Assim, ele distingue entre “significado e assunto”, procurando desfazer a “confusão” segundo a qual “apenas o que é explicitamente sobre algo pode ser significativo” (WELSCH, 1999, p. 228, tradução nossa)⁸³. Mais do que considerar os esportes na condição de arte, Welsch chega a sugerir que tais fenômenos podem ser “ainda mais artísticos” do que uma boa parcela das formas artísticas consagradas, uma vez que, enquanto “todas as artes performáticas [...] baseiam-se em um roteiro, coreografia ou composição”, configurando-se idealmente como uma repetição do que é pré-determinado e treinado exaustivamente, todo o efeito dramático das modalidades esportivas “é criado unicamente pela performance e pelo próprio evento”, exigindo dos atletas um alto nível de criatividade em um tempo e espaço concentrados, em razão das vicissitudes de cada partida (WELSCH, 1999, p. 228, tradução nossa)^{84 85}.

Esse caráter dramático, sobre o qual falaremos novamente, sobretudo, na parte especificamente literária desta discussão, também seria perceptível, mais particularmente, no futebol. Do ponto de vista dos jogadores, o esporte daria ensejo, segundo Damo, a uma “guerra mimética” (DAMO, 2001, p. 86). Nessa condição de conflito encenado, o jogo reforçaria um paradoxo já encontrado em outros tipos de jogos, definido pela convivência da

⁸² [...] meaning is not necessarily and exclusively constituted by aboutness [...] Sport can display all the dramatic traits of human existence. In this lies its symbolic dimension.

⁸³ [...] a confusion about meaning and aboutness, assuming that only what is explicitly about something can be meaningful.

⁸⁴ When we witness something dramatic, this – in the case of sport – is due to nothing but the event itself. The actual occurrence cannot be anticipated, the athletes’ performance is creative in the highest sense. There was no script. Sport is drama without a script. It creates its own drama. In this respect sport appears more artistic still than many of the arts – more so, for example, than all the performing arts as these are based on a script, choreography or a composition. In sport, however, the drama is due to the event alone. The freedom and event character of sport’s production of meaning is eminently artistic.

⁸⁵ Para outros argumentos e abordagens no contexto dessa polêmica, cf. também Boxill (1985), Roberts (1986) e Wertz (1985).

seriedade e da brincadeira em sua constituição. Tal paradoxo, se bem que aproxime o futebol do teatro, por exemplo, precisa, no entanto, evitar, na partida, a aparência de uma “montagem premeditada” (DAMO, 2001, p. 86). Na mesma linha de Welsch (1999) e Melo (2005), Damo entende que, para o jogo alcançar seu máximo efeito, ele tem de se apresentar como um “acontecimento”, cujo “suspense deve produzir-se ao longo do próprio espetáculo” (DAMO, 2001, p. 86).

Do ponto de vista dos espectadores e, em especial, dos torcedores mais fanáticos, outros tantos sentidos também podem cercar, atravessar e mesmo ultrapassar uma partida de futebol. Como explica Damo, tais ocasiões dão a ver um “pano de fundo cultural no qual os sentimentos de pertença e o próprio gosto pelo futebol estão alicerçados”, com diversos elementos – inclusive de ordem estética, como os “estilos de jogo” – contribuindo para que espectadores e torcedores estabeleçam determinadas leituras do esporte, de suas tradições, e da própria sociedade em que ele se insere (DAMO, 2001, p. 88). Nessa perspectiva, o futebol pode, de fato, ser interpretado, não apenas em si mesmo, mas a partir dele mesmo, evocando outros sentidos presentes na cultura mais ampla. Como exemplos disso, podemos citar que questões de gênero parecem ressoar na quase exigência por um tipo de jogo mais físico, desempenhado por “homens”, por parte de determinada parcela de torcedores, sobretudo quando o adversário da vez é um rival local, ao passo que aspectos históricos, respeitantes a momentos de relevo na trajetória competitiva de certos clubes, podem servir como referência para o presente e como forma de distinção em relação a outras agremiações no que diz respeito a certa forma de praticar o jogo.

3.3 Futebol como arte: fundamentos e limites epistemológicos e conceituais

Welsch defende ainda que existem, no mundo contemporâneo, outros motivos “altamente plausíveis” para sustentar a opinião de que os esportes constituem, de fato, “*um tipo de arte*” (WELSCH, 1999, p. 236, grifo do autor, tradução nossa)⁸⁶. Segundo o estudioso, esses motivos encontram fundamento em duas situações ocorridas no século XX. A primeira, de caráter epistemológico, é constituída pelo deslocamento do esporte do campo da ética para o da estética. Conforme o argumento de Welsch, as práticas esportivas teriam servido, em tempos remotos, como por ocasião das antigas olimpíadas gregas, à “demonstração e realização do domínio do corpo pela mente e pela vontade”, em linha com o argumento de

⁸⁶ *What I tried instead was to offer some reasons why – in today’s conditions of art as well as of sport – many people find it highly plausible to call sport an art. [...] Sport is one kind of art.*

Hegel na **Introdução à história da filosofia**, e oferecido, na modernidade, “benefícios para o autocontrole ou para uma produtividade aumentada”, sob o mantra de que “o esporte forma o caráter” (WELSCH, 1999, p. 214-215, tradução nossa)⁸⁷. No século XX, especialmente a partir da década de 1970, as mesmas práticas teriam passado, por exemplo, a constituir “uma exibição para fruição da sociedade do entretenimento”, com as entradas em cena de um “novo estilo de vestuário esportivo” e de uma “atenção redobrada ao elemento estético da performance”, e a ter como meta a “celebração do corpo”, com todo seu esplendor físico e função esportiva, ao invés de sua “subjugação” como o “escravo obediente” da mente (WELSCH, 1999, p. 215, tradução nossa)^{88 89}.

A transição identificada por Welsch (1999), por mais que ele a qualifique de incontroversa, não parece ter se dado de maneira absoluta, como se tivesse deixado para trás a presença de todo e qualquer traço ético nos esportes e passado a abarcar apenas aspectos estéticos. É preciso reconhecer, porém, que parece raro quem hoje defenda que as modalidades esportivas resumem-se a questões éticas ou morais ou que devem integrá-las em grau predominante, como tem acontecido, por exemplo, com as cada vez mais rigorosas proibições de que torcidas entoem cânticos racistas e homofóbicos nas arquibancadas. Provavelmente justificada pela natureza de nosso objeto de pesquisa, o que limita bastante a pertinência de nossa última observação, a única exceção que encontramos em nossas consultas se deu por meio de Barreira (2014). Trata-se da organização não governamental Gol de Letra, fundada em 1998 pelos ex-jogadores Raí e Leonardo, campeões da Copa do Mundo de 1994, e ainda hoje em funcionamento. O entendimento da ONG em torno do esporte, conforme consta em seu *site* oficial, é fundamentalmente ético, na medida em que é perpassado por ideias como as de que ele “promove a inclusão e a interação social”, “estimula a autonomia, o florescimento de novas amizades, a ocupação de espaços”, “ensina valores e respeito à diversidade”, “propicia a convivência democrática e o acolhimento de interesses

⁸⁷ [...] Hegel praised the Greek Olympic games as being demonstrations of freedom in transforming the body into an “organ of the spirit”. In modern times, sport was praised because of its benefits for self-control or for heightened productivity. The ideological formula read “Sport builds character”.

⁸⁸ [...] sport has developed striking new affinities with aesthetics. This is obvious from the new style of sport clothing [...], the increased attention to the aesthetic element in performance [...], through to the spectators’ aesthetic delight – sport having become a show for the amusement of the entertainment society. [...] The most revealing point, however, is the new relationship to the body. Previously, so long as the mind was to be the commanding master and the body the obedient slave, the triumph of an iron will over the body was praised; today nobody would employ this rhetoric anymore. Sport has, on the contrary, turned into a celebration of the body.

⁸⁹ Welsch apresenta outros três argumentos nesse sentido: a existência de afinidades do esporte contemporâneo com “projeto original da estética” de Baumgarten, o domínio do “elemento erótico” sobre o ascetismo característico do esporte em tempos progressos e a emergência de um tipo de “cuidado para com o corpo” que visa a preservá-lo em vez de dominá-lo a qualquer custo (WELSCH, 1999, p. 216-219, tradução nossa).

individuais e coletivos” e traz “inúmeros [...] benefícios à saúde” (GOL DE LETRA, 2023). Conquanto Gol de Letra afirme agregar, desde 2000, atividades ligadas às artes, dispostas no eixo denominado “Arte e Comunicação” e desenvolvidas na forma de “oficinas de linguagens artísticas” (GOL DE LETRA, 2023), tais atividades não indicam claramente se desempenham articulações diretas com os esportes.

Por outro lado, pelo menos no que se refere ao futebol, a maioria dos estudiosos que consultamos busca, no máximo, articular a ética à estética. Como vimos anteriormente, há quem defenda que a devida apreciação da vitória depende, entre outros fatores, da honestidade com que os vencedores a alcançam, devendo estes não enganar o juiz para obter vantagens em relação aos adversários (LACERDA; MUMFORD, 2010). Outros, por sua vez, argumentam que o bom desempenho em campo, voltado para a consecução dos objetivos práticos do jogo – o gol e a vitória –, também deve ser belo, seja de maneira ideal, no sentido de torná-lo artístico (PROENÇA, 1981), ou mesmo necessária, como se, sem essa conexão, a modalidade fosse qualquer outra coisa que não ela mesma (GRAÇA; LACERDA, 2011). Até pesquisadores que enfatizam a importância do resultado no âmbito do jogo de bola (BEST, 1985; DAMO, 2001) fazem-no do ponto de vista da apreciação estética, o que oferece bons indícios para observarmos o elemento estético como, provavelmente, imprescindível ao futebol.

No limite, mesmo em se tratando dos esportes em geral, existem estudiosos que, ao elucidarem a respeito do caráter estético dessas práticas, procuram isolá-las de determinadas funções morais ou éticas. Kosiewicz, por exemplo, critica aqueles que “atribuem ao esporte uma extraordinária missão moral, missão de caráter prescritivo, missão conectada com a propagação de uma bondade compreendida intuitivamente” (KOSIEWICZ, 2014, p. 85, tradução nossa)⁹⁰, e Gumbrecht concorda com o teor do conselho dado por um treinador de saltos ornamentais da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, que desencorajava o emprego do esporte como meio para “desenvolver o caráter” (GUMBRECHT, 2007, p. 35). Assim, ainda que não corroborem a opinião de que as modalidades esportivas constituiriam uma espécie de arte, esses autores fazem ecoar a ideia de que a arte pouco ou nada tem a ver com questões morais ou éticas, resguardando sua autonomia em relação ao mundo. Uma vez, entretanto, que os pesquisadores estão se referindo aos esportes, suas reflexões terminam por atribuir-lhes, por consequência, o mesmo caráter de autossuficiência, que também facultaria às modalidades esportivas dispensar, em boa medida ou mesmo inteiramente, considerações

⁹⁰ *Some of them attribute to sport an extraordinary moral mission, a mission of a prescriptive character, a mission connected with propagating the intuitively understood goodness.*

de ordem ética ou moral.

Um conjunto de ocorrências refletidas no conceito de arte ao longo do século XX corresponde ao segundo ponto citado por Welsch (1999) como capaz de hoje justificar a condição artística dos esportes. Em seu ensaio, o estudioso expõe quatro dessas situações: 1) a arte passando a se configurar como uma “instância” da estética, e não mais como seu elemento definidor; 2) a arte moderna sendo caracterizada como aquela que busca “interpenetrações com a vida”, em vez de permanecer restrita à “esfera da arte”; 3) a arte moderna sendo definida como aquela que visa a “neutralizar as fronteiras da arte”, no sentido de permitir a confluência entre os “gêneros artísticos”; e 4) o “avanço da arte e da estética”, tradicionalmente limitadas ao âmbito da cultura classificado como alto, grande, elevado, “em direção ao popular” (WELSCH, 1999, p. 220-222, tradução nossa)⁹¹. Após enumerar e descrever esses eventos, Welsch (1999) articula-os, detalhadamente, ao que entende como o estatuto artístico dos esportes. Mas, em vez de reproduzirmos o movimento argumentativo realizado pelo estudioso, buscaremos relacionar os aspectos do novo paradigma da arte com a condição de arte do futebol, defendida, mais especificamente, por outros pesquisadores.

Para Welsch, embora a arte moderna tenha, efetivamente, retirado da arte a prerrogativa de fornecer à estética seu “conceito-chave” – tarefa que, para ele, passou a caber à estese –, a arte continuaria sendo uma “província [...] particularmente importante” da estética, o que se manifestaria, por exemplo, no sentido “preferencialmente” assumido pela arte de “intensificação do estético” (WELSCH, 1999, p. 220, tradução nossa)⁹². Dito de outro modo, o termo “estética”, por um lado, não tende mais a se confundir com “arte” no sentido consagrado do termo, nem cabe mais a esse tipo de arte definir o que é a estética; por outro, apesar dessa separação entre arte e estética, a arte ainda é vista como uma prática privilegiada relacionada à estética.

Valendo-se da “inversão do relacionamento entre o artístico e o estético” citada por Welsch (1999, p. 220, tradução nossa)⁹³ e da definição de “futebol-arte” proposta por Mario de Moraes (2002), Macêdo e Chisté afirmam que, quanto mais belos – isto é, quanto mais

⁹¹ 1. Art, instead of defining the aesthetic, has become an instance of the aesthetic [...] 2. Modern art as striving for interpenetrations with life [...] 3. The tendency towards a fraying of the arts [...] 4. From highbrow to lowbrow – the advancement of art and aesthetics towards the popular.

⁹² Formerly, the artistic provided the basic definition of the aesthetic. The realm of the aesthetic was certainly broader than that of art, but the concept of art was meant to provide the core concept of the aesthetic. In recent times, however, things have changed. Now art is considered as just one province of the aesthetic – certainly still a particularly important one, but nonetheless just one. While art has lost its privileged definitional status for the aesthetic, this has rather been assumed by aisthesis. So the definition of the aesthetic is no longer to be taken from art, rather art's definition is to be established within the framework of the aesthetic: preferably, for instance, conceiving of art as an intensification of the aesthetic.

⁹³ [...] a reversal of the relationship between the artistic and the aesthetic [...].

estéticos – são os lances e acontecimentos testemunhados pelos “apaixonados” pelo futebol, mais eles “se aproximam da arte” (MACÊDO; CHISTÉ, 2016, p. 87-88). Sugerindo haver no jogo a possibilidade da “intensificação do estético” e, portanto, de sua definição como arte, esse fenômeno seria caracterizado, na prática, por um “lance improvisado”, um “drible que se assemelha a uma dança”, a “criatividade [do jogador] ao armar uma jogada” e, principalmente, o “domínio da bola”, “ponto fundamental do futebol-arte”, o qual oferece grandes “desafio[s]” a quem joga (MACÊDO; CHISTÉ, 2016, p. 88). “Valorizados mais que a tática e a estratégia do jogo”, esses recursos são tidos como provas da “genialidade”, “originalidade” e/ou “gingado” daqueles, e apenas daqueles, que os desempenham, conferindo-lhes o estatuto de “artistas da bola” (MACÊDO; CHISTÉ, 2016, p. 88).

Segundo Welsch, “um dos impulsos mais poderosos da arte moderna” consiste em “transformar-se em vida”, não mais buscando se isolar no “reino da arte” (WELSCH, 1999, p. 221). Para o estudioso, se o impulso de misturar-se à vida, demonstrado pela arte moderna, for “levado a sério”, as “formas estéticas” tradicionalmente posicionadas para “além do reino da arte”, como os esportes, “poderiam ser vistas como correspondentes à iniciativa da própria arte” (WELSCH, 1999, p. 221). Ocupando o entre-lugar da vida e da arte, tais formas poderiam “ser apreciadas como instâncias de um preenchimento da intenção da arte” moderna, sendo reconhecíveis “como um novo tipo de arte a que o impulso da arte moderna deu vida” (WELSCH, 1999, p. 221, traduções nossas)⁹⁴. Ao que nos parece, a contribuição de Welsch (1999), que quase indistingue entre arte moderna e outras formas estéticas do contemporâneo, como o futebol, é útil para iluminar a perspectiva de Proença (1981) em torno da condição artística dessa modalidade.

Apresentado como uma atividade essencialmente criativa, em seus diferentes formatos, o futebol é concebido por Proença tanto como brincadeira, nos diversos jogos infantis e adaptados com a bola, quanto como trabalho, que exige do atleta profissional “dribles” dos marcadores em campo e dos obstáculos socioeconômicos colocados pelo mundo diante dele (PROENÇA, 1981, p. 138-139). Estabelecendo paralelos com sua concepção de arte, o estudioso entende que o jogo não se restringiria ao “terreno da fantasia, da ilusão ou do sonho, ou algo parecido”, já que “não cabe o exercício puro e artesanal, e arte por arte, e formal, espécie de culto parnasiano de bola”, mas demandaria também uma “consciência artesanal, e crença, quanto à função da arte”, para que “se dê, então, pleno *resgate do real*”,

⁹⁴ [...] if art's impulse to be transformed into life – which is one of the strongest impulses of modern art – is taken seriously, then aesthetic forms beyond the realm of art could be seen as corresponding to art's own initiative, and in this sense be appreciated as instances of a fulfilment of art's intention, as a novel kind of art which modern art's impulse gave birth to.

construindo “um mínimo, mas indispensável, sentido prático (que é exatamente a ponte para o real, e o pé no chão e o cotidiano, e a preocupação com o próprio semelhante, na arte)”, que “se torna componente, hoje, do relacionamento do jogador (artista) com seu instrumento de trabalho (a bola)” (PROENÇA, 1981, p. 138-139, grifo do autor). Talvez o grande ponto de conexão entre as perspectivas de Welsch (1999) e Proença (1981), nesse sentido, seja o de, de certo modo, colocar em questão a autonomia da arte e do esporte, sendo estas práticas entendidas como fenômenos que têm um pé no chamado “mundo real”.

Apoiado no Adorno de “Die Kunst und die Künste”, Welsch fala ainda da “tendência das artes modernas em fundir-se umas com as outras”, ou de “neutralizar as fronteiras da arte”, tendência tida como experimento que também coloca em xeque a ideia das artes como centralmente pautadas pela autonomia de sua constituição (WELSCH, 1999, p. 222, tradução nossa)⁹⁵. Essa tendência parece se manifestar nas formas como inúmeros autores emitem opiniões acerca do futebol, caso o consideremos, pelo menos a título de hipótese, como uma arte que se aproxima de tantas outras. Como vimos no Capítulo 1 da Parte II, sobretudo a partir de Hollanda (2003), elementos tradicionalmente identificados com outras artes podem dizer respeito aos esportes, particularmente o futebol, iluminando os contatos entre tais práticas e abrindo caminho para se considerar as modalidades esportivas como fenômenos artísticos. Além disso, vale lembrar que uma das hipóteses de nosso trabalho consiste na possível aproximação da arte do futebol com a arte da literatura na poética de Sérgio Sant’Anna – a qual, também importa recordar, integra exercícios de descrição e comentário de objetos de outras artes em seus textos.

Para reforçar o hibridismo identificado por Adorno e apropriado por Welsch (1999), Damo (2001), como vimos, percebe similaridades do jogo com o teatro, com base no entendimento da modalidade como a de uma guerra encenada. Já Barreira, quando explica a importância do conhecimento do “movimento” do futebol para a fruição do esporte, compara a disputa com uma “ária que é ouvida e acompanhada pela dança de jogadores e torcedores”, e, para ilustrar como “o sentimento coletivo de apoio a um time de futebol está conectado, principalmente, a uma experiência estética”, recorre à similaridade dessa experiência com a “apreciação de um poema”, em que “apenas aqueles envolvidos na metáfora são capazes de compreendê-la enquanto experimentam juntos o movimento da partida” (BARREIRA, 2014,

⁹⁵ *A third aspect is modern arts' tendency to merge into one another. Adorno has described this as the fraying of the arts. [...] Adorno interprets this fraying of the arts as a consequence of their attempt to escape their autonomy-centered ideological constitution, an attempt which he calls “the vital element of all actually modern art”. This tendency to neutralize the borders of art – among its genres in the first place, but also between art and the everyday – is, of course, another reason why an entry of non-art into the realm of art becomes possible in principle.*

p. 17, tradução nossa)⁹⁶. Melo, por sua vez, identifica expressões comuns ao esporte, extensíveis ao futebol, acompanhadas de referências e alusões a outras artes: “‘a equipe joga por música’, ‘o atleta pintou uma aquarela naquela jogada’, ‘o time jogou como se coreografasse’, ‘a disputa foi um verdadeiro filme em dois atos’, ‘o jogador está fazendo cena, fazendo cinema’” (MELO, 2005, p. 112).

Outro ponto que torna possível, segundo Welsch, considerar os esportes como formas artísticas é a “abertura do conceito de arte para o popular”, a qual lançaria dúvidas quanto à tradicional e já discutida “distinção entre o alto e o baixo” nos campos da arte e da estética (WELSCH, 1999, p. 222). Promovida tanto por produções artísticas modernas como pela reflexão contemporânea sobre o estético, essa abertura teria tido a Pop Art como catalisadora, na década de 1950; tem sido consolidada, entre outros fatores, por pertinentes “defesa[s] da arte popular”, como a empreendida de Richard Shusterman, nos anos 1990, no livro **Pragmatist aesthetics: living beauty, rethinking art**; e cederia, com isso, espaço para que o esporte, um “fenômeno estético altamente popular”, seja hoje visto como arte (WELSCH, 1999, p. 222, traduções nossas)⁹⁷. Nessa perspectiva, a classificação de determinado fenômeno cultural como “popular” ou “de massa” não constitui argumento para excluir a possibilidade de observá-lo como arte.

Em termos nominais, pelo menos, a ideia do futebol como “arte popular” encontra eco, por exemplo, em Milliet Filho (2009). Referente à maneira brasileira de jogar bola, com direito à formação de uma escola de futebol própria, a noção corresponde ao momento em que o esporte praticado no país alcançou, entre o final dos anos 1930 e início dos 1940, a “sintonia” da “tradição do conhecimento científico no campo da educação física e da tática futebolística” com a “síncopa e a cintura de nossos jogadores” (MILLIET FILHO, 2009, p. 34). Como se nota, a proposta do estudioso, unindo os polos da razão científica e do movimento corporal no âmbito do esporte, conversa abertamente com a ideia de “futebol-arte” de Gilberto Freyre, marcada pela caracterização e distinção entre os estilos “apolíneo” e “dionisíaco” de se praticar a modalidade (HOLLANDA, 2003, p. 68-69).

Não obstante veja pertinência em considerar os “esportes pós-modernos” como formas

⁹⁶ *Outgrowing the modern model of instrumental rationality, the collective feeling of supporting a soccer team is connected mainly to an aesthetic experience. Similar to the appreciation of a poem, only those involved in the metaphor are capable of understanding it as they experience together the movement of the match. [...] The game is like an aria that is heard and is accompanied by the dancing of the players and supporters.*

⁹⁷ *The distinction between high and low is increasingly being rejected – by art as well as by its aesthetic reflection. Pop Art was the decisive event in the field of arts, and, with respect to aesthetics, I’d like to remind you of Richard Shusterman’s “defense of popular art” and his demonstration “that works of popular art do in fact display the aesthetic values its critics reserve exclusively for high art”. – This opening of the concept of art towards the popular clears a further path for the inclusion of sport, this highly popular aesthetic phenomenon, among the arts.*

artísticas, Welsch (1999) faz algumas ressalvas no que diz respeito às relações dessas práticas com as artes consagradas como tais. Para o estudioso, a “arte esportiva”, por um lado, teria a vantagem de “satisfazer funções da arte para uma ampla audiência não mais alcançada pela arte”, assim constituindo, ao lado dos gêneros canônicos da produção artística, uma relação de “complementaridade” (WELSCH, 1999, p. 235-236). Por outro, porém, as modalidades esportivas não deveriam, segundo ele, ser observadas como substitutos de tais gêneros, no sentido de dispensar completamente a necessidade de produção e apreciação dos trabalhos a eles relacionados (WELSCH, 1999, p. 235-236). Seu argumento é que, enquanto os esportes, na condição de “artes do entretenimento”, teriam como uma de suas funções responder às “demandas de uma sociedade do entretenimento e da diversão”, a “arte no sentido próprio”, como a música de Arnold Schönberg, a pintura de Jackson Pollock e o cinema de Jean-Luc Godard, deveria buscar, atualmente, distinguir-se da “estetização do cotidiano”, permanecendo “elitista, difícil e experimental”, isto é, não sucumbindo ao “gosto popular” (WELSCH, 1999, p. 235-236). Para o estudioso, essa diferenciação não eliminaria o valor estético-artístico próprio dos esportes, e resguardaria às formas de arte consagradas sua “prosperidade” nas condições de recepção que hoje se apresentam e sua “genuína tarefa” de fazer emergir o excepcional (WELSCH, 1999, p. 235-236, traduções nossas)⁹⁸.

Na perspectiva daqueles que defendem que o esporte é arte, a posição de Welsch (1999) sobre a abertura moderna do conceito de arte, capaz de hoje, segundo ele, incluir em seu guarda-chuva os esportes, pode ser interpretada como um avanço em relação a pontos de vista mais conservadores. Esses pontos de vista, embora reconheçam e até elogiem o caráter estético dessas práticas, argumentam que elas não precisam de nenhuma legitimação de ordem artística para terem esse caráter estético apreciado. Best, por exemplo, critica os esforços daqueles que, como Wertz, “tentam elevar o estatuto do esporte ao defender que se trata de uma arte”, e entende que esse tipo de atitude, na verdade, “desvalorizaria o esporte” (BEST, 1985, p. 38, tradução nossa)⁹⁹. Kupfer, por sua vez, afirma que “os esportes não precisam ser

⁹⁸ *With all this I am of course not saying that sport replaces art, or that it could or should do so. I am arguing only that it fulfills functions of art for a broader audience no longer reached by art. And I'd like to suggest complementarity. Art, in my view, should remain difficult, elitist, and experimental. In other words: it should not succumb to popular taste. I don't see its future prosperity in competing with the abundant satisfactions which the demands of an entertainment and amusement society experience through current design, everyday aestheticization – and postmodern sport. Where art chooses to take this direction, it is at a disadvantage anyway and, more importantly, falls short of its genuine task. Unyielding art on the one side and arts of entertainment on the other side could be useful and appreciable in a complementary way. [...] Sport best fills in for the everyday longings of art. But it cannot substitute for Schönberg, Pollock or Godard. Art's exception is to occur in a different way from sport's.*

⁹⁹ *[...] those who, like Wertz, try to elevate the status of sport by contending that it is art would, if successful, achieve the very opposite of what they intend. [...] it would devalue sport to regard it as art.*

uma forma artística” para “propiciar uma poderosa fonte de experiência estética”, considerando o argumento de Boxill (1985) nesse sentido como “o principal defeito” de sua exposição (KUPFER, 1985, p. 48, tradução nossa)¹⁰⁰. Já Gumbrecht, se defende que “assistir a esportes realmente corresponde às definições mais clássicas de experiência estética”, como a de Kant sobre a beleza, esclarece que não é seu intuito, como não é o de Kupfer (1985), “dar uma nova aura a formas não canonizadas de prazer”, com o argumento de que “os esportes não precisam dessa comenda”, pois, em linha com o que diz Welsch (1999), “já estão disponíveis para a apreciação potencial de todo mundo, e essa é uma das características mais positivas (e mais frequentemente destacadas) do esporte” (GUMBRECHT, 2007, p. 37).

Embora, como já dissemos, não seja foco de nosso trabalho defender se os esportes são ou não são formas artísticas, importa observar que as ressalvas apresentadas pelos estudiosos, assim como os outros argumentos por eles apresentados, não parecem ser o bastante, em nosso ponto de vista, para negar aos esportes, como é o caso do futebol, a condição de artes. Como vimos até aqui nesta Parte II, são inúmeros os elementos estéticos compartilhados pelas modalidades esportivas e as artes consagradas como tais, elementos identificados tanto por apoiadores como por detratores da tese dos esportes como artes, e as mudanças identificadas por Welsch (1999) na contemporaneidade parecem endossar a ideia de que o conceito de arte não é fixo, mas está sujeito a transformações que podem atingir também outros componentes da cultura, permitindo-nos observá-los de outros modos. Nesse sentido, o que mais interessa ressaltar é a forma como os esportes são considerados, e essa forma, dependendo de como se apresente em narrativas futebolísticas de Sérgio Sant’Anna a serem aqui analisadas, é o que definirá, dentro desse recorte específico, em que medida o jogo de bola seria ou não seria arte, no escopo da discussão mais ampla, de cunho estético, que orienta nossa investigação.

No próximo capítulo, observaremos os esportes, em particular o futebol, em relação à linguagem, com o objetivo principal de buscar outros possíveis contributos relacionados à estética para a análise de narrativas futebolísticas de Sérgio Sant’Anna. Nesse sentido, investigaremos práticas lúdicas e competitivas, como o próprio jogo de bola, enquanto linguagem, explorando brevemente suas interseções com categorias típicas dos estudos linguísticos e literários, como, por exemplo, significante, discurso, metáfora e representação. Esse capítulo servirá, a bem dizer, de preâmbulo àquele em que trataremos das relações do

¹⁰⁰ *The main flaw in Boxill’s discussion is that she feels compelled to argue that sport is an art form in order to establish it as a rich vein for aesthetic experience. While art forms do indeed provide a strong source of aesthetic experience, sport need not be an art form to do so.*

futebol com a literatura, no que se refere aos modos épico, lírico e dramático e à materialidade própria do jogo e da palavra, e terá como outro de seus intuitos aprofundar a discussão sobre a dimensão significante, formal, prática desse esporte, considerando o sentido básico, sensorial, da estética.

4 FUTEBOL E LINGUAGEM

Do ponto de vista histórico, a reflexão acadêmica propriamente dita sobre os cruzamentos entre jogo e linguagem parece ter-se iniciado em 1938, com a publicação de **Homo ludens**, de Huizinga (1971). Nesse livro, o estudioso observa em viés lúdico tanto a “criação da fala e da linguagem”, compreendida como uma “maravilhosa faculdade de designar”, quanto a “metáfora”, entendida como substrato necessário de “toda expressão abstrata”, em sua condição de “jogo de palavras” (HUIZINGA, 1971, p. 7). Em outros termos, a capacidade humana de dar nome às coisas e as palavras que resultam do exercício dessa competência assumem a condição de brincadeira, conferindo ao ser humano, no que seria seu traço provavelmente mais característico – a linguagem verbal –, uma disposição essencialmente lúdica. Embora Huizinga (1971) não pareça afirmar categoricamente que os jogos constituem uma linguagem, como a verbal, é possível dizer que ele, pelo menos, indicia essa possibilidade, seja inaugurando-a ou expandindo-a, ao propor seu inverso e, principalmente, ao sugerir similaridades entre as atividades lúdicas e a palavra.

Em se tratando de futebol, o pensamento universitário sobre as relações desse esporte com a linguagem parece ter-se iniciado um pouco mais tarde, possivelmente em 1956, inclusive já se aproximando da literatura, quando Rosenfeld (1993) publicou, a princípio em alemão, o ensaio “O futebol e o Brasil”. Nesse texto, tal como lido por Silva, o estudioso concebe a modalidade como uma “‘expressão lúdico-simbólica’ ou ‘representação organizada’”, que teria, em nosso país, a função dramática de “expia[r] e sublima[r] impulsos primitivos e tensões da vida social”, propiciando uma “‘catarse de massas’” (SILVA, 2014, p. 17). Assim, ecoando contribuições do próprio Huizinga sobre os jogos em geral, que seriam praticados “segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias”, e estariam “acompanhado[s] [...] de uma consciência de ser diferente da ‘vida cotidiana’” (HUIZINGA, 1971, p. 33), e apoiando-se em reflexões de Aristóteles (2017) sobre a tragédia grega clássica, com seu papel de purificar as emoções do público, a concepção rosenfeldiana do futebol parece encontrar-se na esteira de interpretações, como a de Welsch (1999), que destacam os potenciais performáticos e semânticos do jogo, por seu caráter dramático e pelos

efeitos que sua estrutura particular é capaz de provocar no público.

Do ângulo epistemológico, Silva entende que a noção genérica dos esportes como linguagem, “subentendida em grande parte dos estudos acadêmicos” sobre tais práticas, vai ao encontro dos “fundamentos de disciplinas que ocuparam o centro do debate intelectual” no século XX, “como a Antropologia, a Linguística e a Semiologia” (SILVA, 2014, p. 16-17). É nessa perspectiva que ele retoma, entre outros textos, “A falação esportiva”, de 1969, em que Eco (1984) lança mão de categorias dessas disciplinas – em especial, da linguística e da semiologia – para comentar sobre os esportes. Segundo o pesquisador, esse artigo refere-se às “manifestações” do esporte em nossos dias como “um grande espetáculo midiático”, na forma de um “discurso dirigido ao espectador” (SILVA, 2014, p. 16). Como procuramos explicar na Parte I, esses pressupostos fundamentam uma visão negativa sobre o jogo, na qual os termos “espetáculo” e “discurso” dizem respeito a uma experiência indireta e ilusória, em mais de uma camada, com o esporte em si, e a categoria “espectador” denomina um indivíduo alheio a e afastado da possibilidade – ou, talvez, dever mesmo – de intervir positivamente, conforme o entendimento de Eco (1984), na vida cidadina. No âmbito mais específico do futebol, essa visada epistemológica também é válida, especialmente na medida em que as mesmas categorias empregadas por Eco (1984), espetáculo e discurso, têm sido utilizadas com conotação mais positiva em outras reflexões sobre o esporte.

Como vimos ao longo desta Parte II, a palavra “espetáculo”, associável à performance (MELO, 2005), ao drama (WELSCH, 1999) e ao próprio teatro (DAMO, 2001), também é mobilizada por Oswald de Andrade, já em 1938, ao tratar do evento futebolístico. Compreendido em sua condição espetacular, ainda que relativamente distante dos potenciais desdobramentos midiáticos enquadrados e criticados por Eco (1984), o jogo de bola corresponderia, na explicação de Hollanda, a um “novo aspecto” de “fontes antigas de manifestação mística e artística”, ou de “rituais milenares da humanidade” (HOLLANDA, 2003, p. 70), somando-se-lhes em uma velha e consolidada tradição no plano da cultura. Complementarmente, o termo “espectador”, também vinculável ao universo teatral, é usado por Damo (2001) e Barreira (2014), entre outros, na defesa da relação ativa de quem assiste a tal evento, sobretudo no papel de torcedor, com aquilo que se passa em campo e importa para si – importância que não anularia necessariamente a preocupação com questões políticas, como sugere Eco (1984).

Por sua vez, o termo “discurso” aparece também em Pier Paolo Pasolini (2014), porém dentro de um sistema mais amplo. Em 1971, em “sugestões” de “alcance inédito” até então (WISNIK, 2008, p. 13), ele propõe que o futebol constituiria um “sistema de signos”, isto é,

“uma língua, ainda que não verbal”, tal como a “mímica”, a “pintura”, o “cinema” e a “moda”, e possuiria, ao mesmo tempo, “todas as características fundamentais da linguagem por excelência, aquela que imediatamente tomamos como termo de comparação, isto é, a linguagem escrita-falada” (PASOLINI, 2014). Com base nesses pressupostos, o ensaísta adapta categorias típicas dos estudos linguísticos e semiológicos a elementos constitutivos do jogo de bola, na tentativa de apontar contatos entre a modalidade e a linguagem verbal. Assim, em um tom menos grave, “quase brincalhão” (WISNIK, 2008, p. 13), do que o empregado por Eco (1984), e respaldando algumas ideias já reproduzidas no capítulo anterior (WELSCH, 1999; DAMO, 2001; MELO, 2005; BARREIRA, 2014), ele denomina de “podema” a “unidade mínima da língua do futebol”, definindo o “fonema” do jogo como “um homem que usa os pés para chutar uma bola”; indica que as “palavras futebolísticas”, formadas pelos “podemas” e compreendidas como as “passagens da bola entre os jogadores”, compõem um “discurso”; observa como verdadeiramente “dramático” esse discurso, “regulado por normas sintáticas precisas” e apresentado na própria “partida”; posiciona os jogadores como “cifradores” e os torcedores, “nas arquibancadas”, como “decifradores” do “código” da modalidade; e submete ao conhecimento desse código a compreensão do “significado” das “palavras futebolísticas”, ou “passes”, e do “sentido” do discurso do futebol, ou “conjunto de passes” (PASOLINI, 2014)¹⁰¹.

Refletindo sobre o futebol, outros estudiosos também têm, no mínimo, sugerido, de diferentes maneiras, sua relação tanto com a categoria discurso como com a metáfora e a representação – mencionadas por Huizinga (1971) e Rosenfeld (1993) –, reforçando as possibilidades de aproximação da modalidade com o campo da linguagem. Proença (1981), por exemplo, registra e valoriza o jargão típico do jogo, tal como se dizia e ouvia no Rio de Janeiro na época de suas incursões investigativas pelo estado, na década de 1970. Para o estudioso, “o mundo do futebol”, nessa dimensão discursiva e, pelo menos, naquele contexto, serviria de espaço para a criação de um vocabulário “predominantemente específico”, que se manifesta em “treinos de times profissionais, times de pelada, nos subúrbios principalmente, em praia, no Aterro, terrenos baldios em geral”, e repercutiria “via rádio e TV e jornais” em outras partes do país (PROENÇA, 1981, p. 84). Na “elaboração final do glossário” apresentado no próprio **Futebol e palavra**, ele privilegia “verbetes dicionarizáveis”, aproveitados, segundo ele, pelo conhecido lexicógrafo Aurélio em edição não especificada do **Novo Aurélio**; “vocábulos ou expressões” criados e/ou disseminados por grandes cronistas do

¹⁰¹ Cf. Franco Júnior (2007), que estabelece paralelos entre o futebol e a linguagem verbal conferindo valores distintos a algumas das categorias mencionadas e significadas por Pasolini (2014).

esporte, como Armando Nogueira, João Saldanha e Nelson Rodrigues; e “máximas” bastante inventivas, expressas por gente diretamente envolvida com o jogo, como o multitarefas botafoguense Neném Prancha, apelidado de “Filósofo do futebol”, e o ex-jogador e craque Didi, alcunhado de “Mr. Football” (PROENÇA, 1981, p. 84-87).

Nascimento, por sua vez, apoiando-se em contribuições de autores como Huizinga, Elias, Dunning, DaMatta e Murad, entende que o futebol constituiria, no Brasil, “uma grande metáfora da vida social”, ou “um grande sistema de comunicação que [...] encerra uma verdadeira metalinguagem da cultura brasileira” (NASCIMENTO, 2011, p. 18). Assim, enquanto metáfora, sistema de comunicação ou metalinguagem, o jogo adquiriria, no país, um amplo e relevante alcance semântico, que permitiria, por exemplo, que estudiosos de disciplinas ligadas às ciências humanas, como a sociologia, a semiótica e os estudos culturais, entre outras, interpretassem o brasileiro e seu contexto por meio da investigação da própria prática futebolística no território – um movimento a que Wisnik (2008), considerando também aspectos exteriores ao esporte em si, havia procedido apenas três anos antes. Na base da perspectiva de Nascimento está a premissa de que a modalidade não seria apenas um jogo, “tomado no sentido estritamente esportivo”, que esgotaria seus significados na “mera visualidade objetiva e imediata” por parte de quem o observa, mas também uma atividade que assumiria valor do ponto de vista mais abrangente da cultura, em razão de sua “estrutura lúdico-competitiva de caráter essencialmente simbólico” (NASCIMENTO, 2011, p. 18).

Já Barreira (2014) dá indícios de que o futebol disporia de uma função que guarda parentesco com certa ideia de representação. Por meio desse papel, o jogo “espelha cultura, moral, religião e política”, emulando em si mesmo valores relativos a esses campos, ou serve como uma “janela através da qual outros horizontes podem ser vislumbrados”, sugerindo a possibilidade de, mais uma vez, ultrapassar seus componentes internos de natureza lúdica e competitiva (BARREIRA, 2014, p. 19, tradução nossa)¹⁰². Tendo em vista esses dois efeitos de sua condição representacional, pode-se dizer que a modalidade é compreendida por Barreira (2014) como capaz de reproduzir conteúdos não esportivos já disponíveis fora dela, absorvendo e duplicando em si mesma tais conteúdos. Isso, inclusive, no sentido de o futebol ser instrumentalizado segundo objetivos determinados, conforme inferimos do exemplo trazido pelo estudioso para ilustrar seu ponto de vista. Para ele, a ONG Gol de Letra, mencionada em capítulo anterior, valer-se-ia da “paixão pelo futebol”, compartilhada por “crianças e jovens de comunidades socialmente vulneráveis”, para “promover cidadania”,

¹⁰² *From a general point of view, soccer mirrors culture, morality, religion, and politics. Soccer is, therefore, like a window through which other horizons can be glimpsed.*

“revela[ndo] e ensina[ndo] aspectos de moralidade” (BARREIRA, 2014, p. 19, tradução nossa)¹⁰³ – ou, em outros termos, espelhando e fazendo ver valores externos ao jogo em si e considerados importantes por seus idealizadores.

Com base no que foi retomado neste capítulo, já conseguimos notar que os esportes, particularmente o futebol, podem ser observados como fenômenos que possuem, de fato, uma materialidade relevante e significativa. A considerar o que disseram os estudiosos consultados, tais práticas podem ultrapassar suas dimensões lúdica ou competitiva, teoricamente mais fáceis de se reconhecer. Nessas perspectivas, as referidas práticas têm seu alcance estrutural e semântico ampliado para além da diversão que propiciam e da ânsia que ensejam pela vitória, ainda que não se negue que ambas as dimensões são tão importantes para uma devida consideração de tais fenômenos como os aspectos aqui focalizados. Em termos mais específicos, os esportes e o jogo de bola também são percebidos como formas que podem ter seus componentes e sua realização específica categorizados, descritos e interpretados, inclusive à luz de contribuições advindas do campo dos estudos da linguagem.

Não é demais ressaltar que a possibilidade de observar, analisar e ler o que há de concreto no futebol, em particular, muito interessa a esta tese. Isso porque o jogo de bola, se possui uma condição significativa, permite ser observado, analisado e lido também em sua materialização e conseqüente materialidade no âmbito da literatura. Nesse sentido, considerá-lo como uma prática dotada de forma corresponde a um passo teórico fundamental, ainda que preliminar, na direção de nosso objeto de investigação específico. Em outras palavras, como já dissemos no início desta Parte II, antes de examinar o que haveria, por exemplo, de belo ou artístico na modalidade, tal como formalizada em determinadas narrativas de Sérgio Sant’Anna, é preciso ter em mente que ela constitui um fenômeno estético em seu significado mais elementar, ligado à sensibilidade. Assim, tal entendimento do futebol, enquanto uma prática que faz parte do campo da experiência sensível do ser humano, principalmente, mas não apenas, através da visão, precisa estar presente na análise de textos selecionados do autor.

Antes de partirmos para o que pretende ser a contribuição central de nossa tese, exploraremos, no próximo capítulo, relações mais específicas do futebol com uma manifestação também específica da linguagem verbal, a literatura, incluindo perspectivas que

¹⁰³ *In its institutional website, the NGO “Gol de Letra”, founded by former Brazilian players Rai and Leonardo, exemplifies how the passion for soccer can be used to promote good citizenship among children and youths from socially vulnerable communities, which is in keeping with the famous quote of former goal-keeper and writer Albert Camus: “What I know most surely about morality and the duty of man [sic] I owe to soccer.” Thus, soccer reveals and teaches aspects of morality.*

aprofundam a condição de forma do jogo. Mais especificamente, estudaremos a modalidade como um fenômeno que, do ponto de vista semiótico, estabelece aproximações e distanciamentos em relação à literatura, com atenção aos registros da prosa e da poesia e à teoria dos gêneros literários, enfatizando o teatro, a poesia e, sobretudo, a narrativa e fazendo novas, porém mais breves, incursões no que diz respeito ao uso do futebol como tema na literatura, em especial a brasileira. Nosso intuito principal, mais uma vez, será buscar outros subsídios para a análise que empreenderemos na Parte III de nossa tese, principalmente no que toca mais diretamente à literatura de Sérgio Sant’Anna, como é o caso do recurso à éfrase para descrever lances futebolísticos. No entanto, também teceremos algumas observações e mesmo alguns contrapontos relativamente aos pontos de vista apresentados pelos estudiosos consultados, de maneira a marcarmos nossa posição mais otimista quanto às possibilidades de se trabalhar bem o tema do futebol em narrativas. Esse segundo percurso se justifica, em especial, por nossa intenção de examinar mais de perto o gênero narrativo no último bloco de nossa pesquisa, mas também pode se explicar pelo fato de as investigações que fizemos indicarem insistentemente que a ficção, sobretudo no caso do romance, enfrenta os maiores obstáculos, em comparação com a poesia e o teatro, quanto ao tratamento do futebol na literatura. Uma vez que já tentamos mostrar, na Parte I de nosso trabalho, que o jogo de bola se faz presente, hoje, em vários textos, inclusive no gênero romanesco, nosso foco será o de mostrar que tais obstáculos não são absolutos, e que a narrativa, apesar deles, por meio de diferentes recursos de criação, teve sucesso em superá-los em alguns casos.

5 FUTEBOL E LITERATURA

Após conceber o futebol como linguagem e apontar similaridades desse esporte com a linguagem verbal, Pasolini (2014) explora como o jogo poderia ser observado a partir de dois “subcódigos” da literatura: a prosa e a poesia. Ele propõe que os registros, aplicados à modalidade, caracterizariam, respectivamente, “o seu momento puramente ‘instrumental’, rígida e abstratamente regulado pelo código, e o seu momento ‘expressivo’”, marcado pela “invenção” e pela “subversão do código” (PASOLINI, 2014). Em sua análise de formas nacionais e continentais de se praticar o esporte, o ensaísta, por um lado, associa a “prosa” ao futebol europeu de até então, início dos anos de 1970 (PASOLINI, 2014). “Seja ela realista ou estetizante”, seu atributo dominante seria a ancoragem na “sintaxe, isto é, no jogo coletivo e organizado, na execução racional do código”, e os recursos da “retranca” e da “triangulação” se apresentariam nela de modo pronunciado (PASOLINI, 2014). Por outro lado, Pasolini

relaciona a “poesia” ao futebol latino-americano, em especial, o brasileiro, vencedor da Copa do Mundo imediatamente anterior à publicação de suas reflexões (PASOLINI, 2014). “Todo centrado no drible e no gol”, traços “essencialmente” ou “exclusivamente” poéticos, esse modo mais “individualista” e “inspirado” de jogar “demanda uma capacidade monstruosa de driblar”, e, “nele, o gol pode ser inventado por qualquer um de qualquer posição” (PASOLINI, 2014). Quando, no entanto, traz exemplos – todos italianos – para ilustrar sua compreensão do futebol como prosa e poesia, o articulista indica que os dois subcódigos básicos do jogo podem dialogar entre si, convergindo na forma de atuar de alguns jogadores.

Declarada e inicialmente motivado pelo artigo de Pasolini (2014) a tratar do futebol, Wisnik (2008) endossa a possibilidade de observar o esporte a partir de categorias típicas dos estudos literários. Mas, em vez de pautar sua abordagem nos “subcódigos” literários da prosa ou da poesia no sentido de caracterizar modos de jogar praticados por determinados atletas e equipes, ele opta por conceber a própria modalidade como passível de oferecer uma “margem narrativa” e sugere interpretar esse espaço franqueado pelo jogo com base em componentes fulcrais da teoria dos gêneros, conforme pensada por autores como Emil Staiger (1972), Anatol Rosenfeld (2018) e Gérard Genette (2010), como “o épico, o dramático, o trágico, o lírico, o cômico, o paródico” (WISNIK, 2008, p. 19). O aspecto teatral do futebol é de fato uma constante na perspectiva dos estudiosos por nós consultados, como já deve ter ficado claro anteriormente nesta Parte II, em perspectivas como as de Welsch (1999) e Damo (2001), mas Wisnik (2008) trata também da relação do jogo com outros elementos da literatura, como o narrativo e o lírico, um pouco menos frequentes em nossas pesquisas, mas já trabalhados, em alguma medida, por Proença (1981) e pelo próprio Pasolini (2014), por exemplo.

Ainda segundo Wisnik, é possível considerar o futebol, em especial, sob o ângulo da “margem narrativa” devido à “singularidade da sua formulação”, que destoa da de esportes como o futebol americano, o vôlei, o basquete e o tênis no que se refere ao “tempo da [sua] competição”, percebido como “mais distendido, alargado e contínuo”, e a sua “margem flutuante de acontecimentos”, “que não se contabilizam [necessariamente], mas que são inerentes à trama continuada da partida” (WISNIK, 2008, p. 19). Em seu ensaio, Wisnik aproveita-se “[d]essa faixa de gratuidade estrutural, [d]essa margem improdutiva inerente ao ritmo do jogo, [d]esse resíduo pré-moderno incluído na competição”, para refletir, em um plano cultural mais amplo do que o literário, a respeito da apropriação do esporte no Brasil, como já comentado na Parte I (WISNIK, 2008, p. 20). Vale ressaltar que o ponto de vista do estudioso reforça a ideia de que o futebol pode ser interpretado, inclusive contemplando sentidos estéticos, assim como introduz categorias específicas relacionáveis aos estudos

literários, principalmente no âmbito do drama e da épica, como tempo e acontecimento.

Privilegiando categorias típicas do teatro, outros autores também sinalizam a possibilidade de se tomar o futebol de um ponto de vista narrativo ou, até mesmo, como uma narrativa. Betty Milan, por exemplo, entende que a modalidade “oferece ao ficcionista situações dramáticas, de comédia e até de farsa” (MILAN, 2004). Em outros termos, o esporte apresenta circunstâncias que podem ser apresentadas, na ficção, em modos fortemente ligados ao espetáculo cênico. A escritora ilustra seu parecer com o “sonho” das personagens que ela mesma cria, onde o futebol aparece como tema secundário dos romances **O clarão** e **O papagaio e o doutor**, e com a final da Copa do Mundo de 1950, em que o favoritíssimo Brasil foi derrotado pelo Uruguai, de virada, no então recém-inaugurado e monumental Maracanã (MILAN, 2004). Cumpre observar que este último caso corresponde a um tema constantemente encenado como trágico na arte brasileira, como acontece no cinema, com o curta-metragem *Barbosa*, de Ana Luíza Azevedo e Jorge Furtado (1988), e na própria literatura, com os contos “O dia em que o Brasil perdeu a Copa”, de Paulo Perdigão (2014) – obra que foi adaptada para o referido curta –, e “Dia dos mortos”, de Sérgio Faraco (2006).

Mais especificamente, ainda em se tratando da final da Copa de 1950, vale ressaltar que o exemplo dado por Milan em relação àquele jogo focaliza a crônica de Nelson Rodrigues, que se valeu do episódio para produzir “grandes páginas” e o “comentário inesquecível sobre o pobre Barbosa”, goleiro do Vasco da Gama que, por décadas, serviu de bode expiatório ao fracasso da equipe (MILAN, 2004). De modo curioso, o próprio cronista parecia ter consciência do que buscava quando escrevia sobre o futebol como teatro, obedecendo, mais especificamente, a um viés trágico para tratar do esporte. Na percepção de Silva, que, como vimos, argumenta em favor da “importância” da “dimensão literária” de gêneros como a crônica para “produção e deslocamento dos sentidos atribuídos aos signos esportivos”, o autor de textos jornalístico-literários reunidos em títulos como **A sombra das chuteiras imortais** e **A pátria em chuteiras** faz, em seu trabalho, o “futebol se transforma[r] num teatro, onde o que ele procura ‘é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão’, como dizia o próprio cronista, citando quase literalmente a definição de Aristóteles para o gênero dramático” (SILVA, 2014, p. 25)¹⁰⁴.

Rodrigues, por sua vez, concebe não só o futebol, mas também outros esportes, como

¹⁰⁴ Em Gumbrecht, o “drama”, entendido como “responsável pela transfiguração dos grandes atletas em nossa percepção imediata e, mais tarde, em nossa memória”, e a “tragédia”, notada em “momento[s] shakesperianos” do futebol americano ou em “nomes” de jogadores de beisebol que lembram “versos de uma tragédia grega”, são aspectos componentes de sua definição de esporte (GUMBRECHT, 2007, p. 61-64). Cf. também ensaio de Nuno Ramos (2007) e nota de Teodoro Rennó Assunção (2008) sobre os elementos trágicos do futebol.

“narrativas acabadas, dotadas de início, meio e fim e cheias de drama, comédia, tragédia” (RODRIGUES, 2010b). Nessa perspectiva, as modalidades esportivas assumem propriamente a condição de narrativas, parecendo se constituir de maneira autocontida em razão de sua estrutura específica, realmente coincidente com a de textos narrativos, pelo menos em um sentido mais tradicional, com suas relações de causa e consequência, e também se mostrando suscetíveis a propiciar eventos observáveis sob viés teatral, capazes de despertar, por exemplo, tanto o senso aristotélico do ridículo como o da compaixão. Como ficará mais claro a partir de outros comentários de Rodrigues (2010b) acerca da condição narrativa do futebol mais particularmente, o escritor parece pressupor que os espectadores, no estádio ou diante da transmissão imagética de uma partida, são capazes de fazer, por conta própria e para si mesmos, a mediação que um narrador faz na literatura, dispensando que um locutor, comentarista ou repórter de campo, por exemplo, contem-lhes o que sucede no jogo.

Outros estudiosos, sem entrar expressamente na seara da relação do futebol com o teatro, também nos auxiliam a compreender a condição do esporte enquanto forma épica, no sentido lato do termo, como propõe Rosenfeld (2018). Nascimento (2011), por exemplo, examina a dimensão “estrutural” da modalidade em relação à literatura e à narrativa, termos frequentemente tomados como sinônimos em sua exposição. Fortalecendo a posição de Rodrigues (2010b), porém fazendo referência ao lugar do jogo como linguagem, ele admite a constituição “irredutível” e “imaneente” da prática, ou, em outras palavras, “sua autonomia própria” e capacidade de “produz[ir] efeitos no interior de si mesma” (NASCIMENTO, 2011, p. 74). Ao mesmo tempo, o estudioso, já em maior sintonia com os termos de Milan (2004), parece fazer questão de ressaltar que o futebol tem um grande potencial de se abrir à narrativa, em especial, a literária. Segundo o pesquisador, essa abertura é facultada pelo “funcionamento simbólico” do esporte, que o torna “permeável” a outras linguagens, como a verbal, e pelo próprio “potencial de narratividade” do jogo, “que força, por isso mesmo, uma aplicação transcendente do seu universo temático”, como parecem indicar as dezenas de contos produzidos no Brasil com o assunto futebolístico comentados em sua tese (NASCIMENTO, 2011, p. 76).

Henning Mankell, em entrevista a James (2006), é outro intelectual que reconhece a existência de pontos em comum entre futebol e narrativa. Mais claramente afinado com a perspectiva de Rodrigues (2010b), o ficcionista propõe, de maneira essencial, que ambos os fenômenos compartilham a “habilidade de contar uma história” (JAMES, 2006, tradução nossa)¹⁰⁵. Com isso, ele sugere que futebol e narrativa se constituem de forma estruturalmente

¹⁰⁵ *For Swedish superstar author Henning Mankell, soccer shares with literature the ability to tell a story.*

autônoma e só dependem de si mesmos para propiciar efeitos de sentido. De modo mais específico, porém igualmente importante, Mankell destaca que ambos contêm componentes intrínsecos específicos, como “conflito, contradições e resolução de problemas” (MANKELL *apud* JAMES, 2006, tradução nossa)¹⁰⁶, com o que fornece pistas mais concretas sobre seu conceito de narrativa. Para ilustrar esse entendimento no âmbito do futebol, ele recorda um jogo a que assistiu em Moçambique, no início dos anos de 1990, ao término da Guerra Civil naquele país, em que inimigos no conflito armado passaram a dividir a bola e o campo, e interpreta que a experiência reduzia a carga de violência então existente entre eles, conforme o propósito dos organizadores da partida, e os convidava a aprender a solucionar suas diferenças de outra maneira – uma leitura que, em boa medida, ecoa a noção representativa de Barreira (2014) sobre o esporte e a noção de “guerra sem armas” criticada por Detlev Claussen (*apud* VAZ, 2018).

Sob o ângulo de uma relação ainda mais próxima entre produtor e receptor de futebol e narrativa, Mankell acrescenta a responsabilidade do escritor e do jogador em “tornarem interessante” aquilo que “contam”, de modo a despertar a atenção do leitor ou espectador nesse sentido e mantê-los engajados até o final da “história” que eles mesmos põem em cena (MANKELL *apud* JAMES, 2006, tradução nossa)¹⁰⁷. Nessa perspectiva, alguma habilidade seria, de fato, necessária no desempenho de cada atividade, sem o que a dimensão relacional do jogo e da literatura, dimensão referida por Graham (*apud* MELO, 2005) e indicada por vários outros estudiosos, estaria em risco, na medida em que os receptores tenderiam a não se interessar pelo que é apresentado pelos produtores. Uma das formas de se conquistar o público, tanto no futebol como na literatura, seria, talvez, valer-se de tal habilidade para inventar em um contexto marcado por regras, como sugerem Pasolini (2014), Proença (1981) e Barreira (2014) – os dois últimos apoiados na relação entre drible e fingimento –, e para fazer emergir a surpresa, ou o que Gumbrecht (2001) chama de “epifania”. Invenção e novidade também são apontados por Nascimento (2011) como compartilhados pelo futebol e pela narrativa. Segundo o estudioso, “tanto o escritor quanto o jogador de futebol inventa dentro de certos limites”, e esses limites, constitutivos das regras de cada atividade, “a despeito do seu teor prescritivo e ordenador, existem para permitir a entrada do imponderável, do inesperado, do toque do aleatório” (NASCIMENTO, 2011, p. 78).

Além desses quesitos, que ressoam também pontos de vista como os de Platchias

¹⁰⁶ *Drama, literature and soccer are about the same thing, conflict, contradictions and finally, solving problems.*

¹⁰⁷ *That's what the author has to do, and the soccer player does as well. And both have to make it interesting, otherwise no one will watch the game and no one will read the book.*

(2003), Lacerda, Mumford (2010) e Damo (2001), o pesquisador menciona, entre outros, a condição de jogo de ambos os fenômenos, a necessidade de interpretação das situações observadas nas duas práticas e a presença de categorias como tempo, espaço, narrador, personagem e enredo (NASCIMENTO, 2011). Em outras palavras, o futebol e a literatura dividem uma condição essencial de natureza lúdica, como sugerido, em outro contexto, por Huizinga (1971); precisam da interpretação das situações observadas nos dois contextos, com a diferença de que essa interpretação, em vez de ser realizada por um público receptor ativo, como os espectadores de uma partida, conforme apontado por Graham (*apud* MELO, 2005) e outros acadêmicos, é feita pelos próprios participantes do jogo, no caso o árbitro e os jogadores; e compartilham aspectos estruturais fundamentais, como assinalado de maneiras diferentes por Wisnik (2008) e Rodrigues (2010b), apesar das formas distintas que esses aspectos supostamente assumem em cada caso. Aqui, vale observar que tais aspectos, principalmente no que diz respeito a narradores e personagens, e suas possíveis diferenças em relação à literatura não são desenvolvidos tão a fundo por Nascimento, conforme nos parece a julgar o seguinte excerto de seu trabalho:

os dois campos se constituem de elementos estruturais em comum: há sempre uma narração, e, portanto, um narrador (ou vários narradores-autores); há sempre um tempo a ser decorrido e, portanto, é um domínio em que o tempo precisa ser dominado, embora isso seja impossível técnica e conceitualmente falando. Se há narração, existem personagens e, a partir deles, ações que se desenvolvem no tempo e no espaço; e, por último, tudo isso forma um enredo, que constituem uma partida de futebol em si mesma, ou uma peça literária, seja ela um conto, um romance ou um poema, enfim (NASCIMENTO, 2011, p. 79).

Todavia, paralelamente aos contatos identificados até aqui entre futebol e literatura, sobretudo no âmbito da narrativa, é preciso ressaltar também que, segundo determinados estudiosos, haveria limites nessa relação. Tais limites não raro seriam observados como responsáveis, em algum grau, por impactos negativos na produção artística, literária e/ou ficcional sobre o tema, complementando os problemas de caráter cultural mais amplo já discutidos na Parte I de nossa tese. Para Rodrigues (2010b), por exemplo, o jogo de bola, assim como o esporte em geral, seria destituído da fluidez intersemiótica sugerida por Milan (2004) e Nascimento (2011), pelo menos no que diz respeito à rematerialização dessas práticas na ficção. Segundo o escritor, haveria, na verdade, uma “espécie de concorrência” entre os eventos esportivos e o romance, gênero narrativo a que dá mais ênfase em seu artigo (RODRIGUES, 2010b). Essa concorrência seria explicável pelo próprio fato de tais eventos constituírem-se como narrativas prontas, sem espaço para acréscimos e estilizações, e, por sua vez, explicaria por que o futebol “é pouco presente na literatura brasileira” (RODRIGUES,

2014).

Como se não bastasse, mesmo que quisessem se aventurar no campo esportivo, os romancistas do país, mais particularmente, teriam de enfrentar ainda o sucesso e a prontidão da crônica de futebol. Segundo Rodrigues, tal gênero, através de nomes como Nelson Rodrigues e Paulo Mendes Campos e atingindo “seu auge entre os anos 1950 e 70, soube injetar nesse universo doses cavalares de boa literatura” e “extraí[u] dos fatos – e das meias verdades – produzidos pelo dia a dia do esporte efeitos dramáticos, cômicos, épicos e líricos que tornavam obsoleta a literatura imaginativa” (RODRIGUES, 2014). Em outros termos, a crônica constituiria um segundo fator de concorrência para o romance, em razão da qualidade dos textos desenvolvidos no Brasil com o tema, reconhecida criticamente, e das peculiaridades do próprio gênero, que, para ganhar forma, inclusive se valendo de modos básicos da literatura, como o próprio épico, procura se apoiar em fatos do cotidiano, algo de que a ficção, supostamente, passaria ao largo, ou não trataria com a mesma intensidade ou desenvoltura. Ainda nessa perspectiva, vale notar que a crônica, apesar de também ser um gênero narrativo, não sofreria do futebol, com sua autonomia narrativa, a mesma resistência que o romance, em tese, sofre do jogo.

Conforme observação de Wood (2017), a perspectiva de Rodrigues (2010b, 2014) sobre a autossuficiência dos eventos esportivos e sobre o conteúdo de tipo literário que eles podem encerrar encontra respaldo em parecer de Juan Villoro (*apud* WOOD, 2017), já totalmente voltado para o futebol e fornecendo uma visada mais global sobre o problema. Segundo o autor mexicano, a modalidade, de fato, dispõe de um “sistema de referências” próprio, altamente “codificado” e capaz de “despertar emoções de modo bastante eficiente”, e “contém em si mesma sua própria épica, sua própria tragédia e sua própria comédia” (VILLORO *apud* WOOD, 2017, p. 217, tradução nossa)¹⁰⁸. Como consequência, essa definição do esporte, que ecoa várias das perspectivas trazidas aqui, também preveria dificuldades para aproximações do jogo em relação à narrativa, ainda e sobretudo no caso do romance – o gênero de referência de muitos dos que se dedicam a investigar relações entre futebol e literatura. Na visão de Villoro, tais dificuldades serviriam para justificar a suposta inexistência de contatos bem-sucedidos do jogo com o gênero romanesco no mundo inteiro, que, em contraste com a atenção realmente global concedida à Copa do Mundo, ainda não teria produzido, pelo menos na data da reflexão do escritor, uma narrativa ficcional de fôlego e de qualidade nesse sentido.

¹⁰⁸ [...] *football's system of references is so codified and engages the emotions so effectively that it contains within itself its own epic, its own tragedy and its own comedy.*

Com foco mais cerrado no futebol em artigo posterior, Rodrigues (2014) desenvolve outro argumento, sem se distanciar, no entanto, da mesma tese de fundo. Para ele, a “autossuficiência” da modalidade enquanto narrativa revela-se na “exuberante mistura de história e mitologia” que a envolve, composição “cevada por cronistas esportivos e por torcedores com a vocação enciclopédica de um Diderot”, sendo “difícil encontrar brechas nesse mundo por onde infiltrar as mentiras da ficção” (RODRIGUES, 2014). Trocando por miúdos, a produção discursiva sobre o jogo seria fortemente dominada tanto por escritores e jornalistas que publicam sobre esportes em periódicos quanto pela própria audiência, cujo conhecimento da matéria não seria nada desprezível. Nessa perspectiva, o futebol se constituiria quase que como um campo específico do saber, formado tanto por fatos como por situações que soam mais fantásticas; haveria, como no caso específico da crônica, um conjunto específico de produtores literários prontos para lidar com o futebol, assumindo para si, quase que como uma tradição que deu certo, a responsabilidade de tratar do jogo; e o público teórico do futebol não seria crédulo o bastante para invenções que pudessem ferir seu próprio conhecimento sobre o jogo, sobre sua história, sobre sua mitologia.

Por esses outros motivos, a figura do ficcionista, no polo da produção, não teria parte significativa nesse universo, sobretudo se não se preocupa em estabelecer um pacto sério com a “história” e a “mitologia” de que se cerca o futebol. Esse amálgama é ilustrado por Rodrigues com a condição e destino ímpares de grandes figuras do esporte, como Heleno de Freitas, “o astro bonito que morreu feio e louco”, Garrincha, o “craço aleijado”, e Pelé, “o menino negro e pobre do interior de São Paulo [Minas Gerais] [...] que promete ganhar a Copa do Mundo ao ver o pai chorando com a derrota de 1950 e oito anos depois, rapazote ainda, ganha mesmo” (RODRIGUES, 2014). Como se vê, esses exemplos, retirados do futebol brasileiro, dão conta de histórias ao mesmo tempo verídicas e extraordinárias, que de fato misturam história e lenda. Tal combinação parece reforçar a ideia de autossuficiência do futebol enquanto uma narrativa em si mesmo, embora seja necessário relativizar que histórias como as dos personagens destacados precisam, pelo menos, de cronistas e dos próprios espectadores para se tornarem permanentes no âmbito da cultura futebolística.

Por conta dos fatores descritos por Rodrigues (2014), a tarefa do escritor, mesmo que procure inventar histórias de futebol, tenderia a ser recebida com desdém, suspeita ou reserva, para não dizer certo protecionismo, pela parcela do público mais familiarizada com toda a cultura que envolve o jogo. Ao imaginar a criação ficcional de “um craque chamado Pitomba” e sua inserção “no Flamengo de Zico e Adílio” – vitoriosa equipe dos anos 1970 e 1980 e uma das mais icônicas do futebol brasileiro –, Rodrigues antecipa o “ridículo” de que seria vítima

o autor que colocasse no papel tal projeto (RODRIGUES, 2014). Nessa perspectiva, jogadores ficticiais, ainda que estabeleçam relação com a história do futebol, não despertariam, pelo menos entre o público torcedor, grande interesse. Vale notar, no entanto, que, apenas três anos mais tarde, o próprio Rodrigues (2013) publicaria, e com sucesso, um romance de futebol que tem como protagonista um jogador desse tipo. O mesmo se passa com Sérgio Sant’Anna (2012) e seu “Páginas sem glória”, que tem protagonista igualmente fictício e é considerado uma excelente obra ficcional por leitores dos mais argutos, tais como Alcir Pécora (2012) e Luiz Ruffato (2021).

Compreensão semelhante à de Rodrigues (2014) é expressa por Nick Hornby (2001), fanático torcedor do Arsenal, da Inglaterra, e profundo conhecedor do futebol contemporâneo, como mostra sua importantíssima narrativa futebolística semiautobiográfica **Fever Pitch**, de 1992. Segundo o escritor, a antecipação de um sentimento de inverossimilhança em torno de um clube fictício, como o Melchester Rovers – incluso, com efeito, na série de quadrinhos “Roy of the Rovers” –, e de um jogador desconhecido para ele é o que impede, desde sempre, qualquer interesse de sua parte em “ler um romance de futebol” (HORNBY, 2001, tradução nossa)¹⁰⁹. Além disso, o autor, com o argumento de que “o esporte real já contém todos os temas e narrativas que alguém poderia desejar”, sugere ter dúvidas veementes quanto ao “SENTIDO que um livro assim teria” (HORNBY, 2001, tradução nossa)¹¹⁰, rechaçando de antemão a pertinência de qualquer esforço empreendido nessa direção. Sendo assim, o que em tese faria sucesso com o público ligado ao futebol seria algo que estivesse dentro de seu campo de conhecimento, considerado um tanto quanto sagrado, na medida em que não aceitaria qualquer invenção, como a de um clube ou jogador, que pudesse facilmente soar inverossímil. Se é assim, uma forma possível de se superar o suposto problema da semelhança na ficção seria, justamente, buscar-se maior fidelidade em relação à história do jogo, como efetivamente fazem Sant’Anna, Rodrigues e o próprio Hornby nos trabalhos citados, apesar das liberdades criativas que cada um deles toma, em diferentes medidas, nessas produções.

Elcio Loureiro Cornelsen (2018) também percebe haver dificuldades para a narrativa literária que busca se apropriar do futebol. De sua parte, ele chama a atenção, em especial, para o que considera como um “grande desafio” posto diante dos ficcionistas que procuram lidar com o esporte: “traduzir em palavras o jogo em si, eminentemente da ordem do corpóreo” (CORNELSEN, 2018). Para o estudioso, o problema, nesse caso, tem mais a ver

¹⁰⁹ *I’ve never particularly wanted to read a football novel. Like most football fans, I suspect, I wouldn’t believe in a Melchester Rovers, nor in a player I’d never heard of.*

¹¹⁰ *And I’m not sure what the POINT of such a book [a football novel] would be. Real-life sport already contains all the themes and narratives you could want.*

com as formas particulares do tempo na narrativa e no futebol do que com o código linguístico-literário do jogo ou com limites impostos pela cultura esportiva à imaginação. Seguindo seu raciocínio, o futebol, por um lado, é potencialmente mais veloz do que a narrativa, dada a maior impressão de sobreposição causada pelos movimentos corporais efetuados em campo, o que se pode atestar, por exemplo, no “momento fugaz de um lance” de “poucos segundos” de duração (CORNELSEN, 2018). Já a narrativa, por outro lado, em sendo, na literatura, marcada pelo registro verbal, possui, em tese, maior “linearidade”, demonstrável no prolongamento, no texto, por justaposição, daquilo que frequentemente ocorre com enorme rapidez entre as quatro linhas (CORNELSEN, 2018). Desse modo, tratar do “jogo em si”, mais do que do “extracampo” ou de seus “bastidores” – uma limitação que o autor enxerga em textos futebolísticos –, pode produzir uma “distensão temporal”, que exige dos ficcionistas “modos apropriados para se dar conta do próprio movimento de uma jogada ou mesmo da fluidez de uma partida de futebol” (CORNELSEN, 2018).

Contudo, como mostra o próprio Cornelsen (2018), há autores que, mediante o emprego de diferentes recursos estéticos, têm conseguido superar o obstáculo temporal, no campo mais amplo da ficção, abarcando até mesmo o gênero romanesco. Em análise do conto “O suborno”, de Plínio Marcos (2006), e do romance **O drible**, de Sérgio Rodrigues (2013), o estudioso defende que esses textos, buscando fazer do movimento do corpo em campo palavra ficcional, instituem “modos apropriados” de construir literariamente o futebol enquanto “jogo em si”. Nessa perspectiva, a dificuldade em lidar com o tempo, por exemplo, não é vista como necessariamente intransponível, como se fosse impossível abordar com qualidade literária o futebol enquanto prática, deixando de lado questões periféricas ao jogo. Na verdade, essa abordagem dependeria da criatividade e capacidade dos escritores em ultrapassá-la em suas produções, valendo-se eles dos recursos que consideram os mais aptos a auxiliá-los nessa tarefa em específico.

Para darmos conta desse tratamento, cumpre reproduzir a própria leitura de Cornelsen (2018) em relação aos textos citados. No primeiro caso, Marcos (2006) estabelece como narrador do conto um locutor esportivo, que narra “de modo frenético” os “lances da partida” focalizados no texto, dotando a narrativa de uma feição “detalhada e rápida”, com o intuito subjacente de perseguir o próprio dinamismo do jogo com foco na “imaginação”, e não na “visualização” (CORNELSEN, 2018). No segundo caso, pelo contrário, Rodrigues (2013) amplia a “distensão temporal” entre o jogo e a palavra, ao fazer com que o narrador do romance centre-se em um lance específico, visto e revisto inúmeras vezes em videocassete, como se buscasse salientar toda sua “plasticidade” e todo o “movimento corpóreo” dos atletas

envolvidos em uma jogada realmente memorável: o famoso gol frustrado de Pelé na partida contra o Uruguai, do goleiro Mazurkiewicz, na Copa do Mundo de 1970 (CORNELSEN, 2018).

Em comentário sobre o papel do rádio e dos locutores esportivos em estimular sua paixão pelo esporte e pelo Fenerbahçe, de Istambul, durante a infância, bem como sua imaginação de menino e futuro ficcionista, Orhan Pamuk, em perspectiva bastante parecida com a de Cornelsen (2018), sintetiza que “o futebol é mais rápido do que as palavras” (PAMUK, 2008, tradução nossa)¹¹¹. O argumento do prestigiado escritor é que a tentativa dos locutores esportivos em exprimir verbalmente para os ouvintes o que eles mesmos veem das cabines de transmissão nos estádios esbarra na impossibilidade de manter, rigorosamente, o compasso entre o que veem e o que dizem. Segundo Pamuk, esse obstáculo é o mesmo enfrentado por ficcionistas e escritores em geral e repousa na diferença entre a natureza “visual” do futebol e a natureza “verbal” do texto (PAMUK, 2008, tradução nossa)¹¹², com o que se afasta um pouco do argumento temporal de Cornelsen (2018) e amplia o escopo do problema para além da narrativa. Assim, ele, que revela ter chegado a trabalhar com o futebol como importante recurso narrativo em rascunhos do romance **O livro negro**, entende que os autores da literatura, tendo de exercer a mesma função efrástica dos locutores esportivos, no sentido de “expressar uma imagem em palavras” – comparável ao exercício de Johann Wolfgang von Goethe ao escrever sobre *A última ceia*, quadro de Leonardo da Vinci, então conhecido apenas de se ouvir falar na Alemanha –, teriam de superar a diferença essencial entre o imagético e o verbal, o que, em sua visão, efetivamente “complica as coisas” (PAMUK, 2008, tradução nossa)¹¹³.

Vale abrir um parêntesis para comentar a posição de Pamuk (2008), uma vez que ela tem a ver com um dos pontos centrais da análise que pretendemos desenvolver na Parte III de nossa tese. Se é verdade que a dimensão visual do futebol oferece uma limitação a sua transposição para a literatura, com sua natureza fundamentalmente verbal, é possível supor que Sérgio Sant’Anna, nas narrativas que examinaremos adiante, torna essa limitação um elemento de força desses mesmos textos. Isso porque, em vez de enfrentar ou querer reproduzir exatamente essa dimensão visual do futebol, ele parece procurar transmiti-la e

¹¹¹ *Football is faster than words.*

¹¹² [...] *football is a visual affair, while literature is verbal.*

¹¹³ *In the late 18th century, Goethe traveled to Italy, where he saw Leonardo da Vinci’s “Last Supper.” At the time, people in Germany had heard of the painting but had no visual concept of it. He returned to Germany and wrote about it. There is a Greek term for this called “ekphrasis,” or expressing an image in words. Football reporting on the radio works the same way. Of course, it’s also clear that the reporter always lags behind the event itself and therefore constantly has to edit his words. [...] This complicates things.*

mesmo acentuá-la por meio de recursos específicos da própria literatura. Nessa perspectiva, mecanismos descritivos, como a própria *écfrase*, parecem constituir-se como adequados e bem-sucedidos na tarefa a que o autor se propõe ao lidar com o elemento visual do esporte. Não é demais lembrar, mais uma vez, que esse tipo de procedimento é aplicado por Sérgio Sant’Anna em várias narrativas em que as vozes estabelecidas nos textos descrevem produções artísticas. Isso, na maioria dos casos – senão em todos –, serve-lhes de base para falar sobre essas mesmas produções, enfatizando a diferença da descrição em relação aos “originais” – diferença já marcada no uso de uma linguagem para tratar de outra – e podendo abrir caminho para comentários de natureza estética, por exemplo, como os que pretendemos identificar e ressaltar em nossa análise relativamente ao futebol.

Ao perceber pobreza de produções estéticas de alto gabarito em torno do futebol, seja na literatura, na música, no teatro, nas artes plásticas ou no cinema, independentemente de local, Costa (2006) sinaliza para mais uma suposta dificuldade de caráter semiótico na relação entre o esporte e as diversas outras possibilidades de expressão humanas. Partindo da premissa de que o jogo de bola é uma “expressão em si mesma”, até mesmo “artística, sem ser arte no sentido tradicional”, reverberando, com isso, exatamente o ponto de vista de Welsch (1999), o escritor sugere, sem querer afirmar sua hipótese como “resposta ou solução” definitiva, que tal escassez se deveria ao fato de qualquer outra semiose conseguir reproduzir, no máximo, uma “imagem enfraquecida” da modalidade, estando, assim, “condenada a se diluir” (COSTA, 2006, p. 13). Nessa perspectiva, que parece conferir uma dimensão qualitativa às ressalvas de Hornby (2001), Villoro (*apud* WOOD, 2017) e Rodrigues (2010b, 2014) sobre o tratamento do futebol na literatura, sobretudo no romance, a narrativa literária, por exemplo, ficaria sempre aquém de toda a potência semiótica da manifestação que visa transformar em palavra, sendo incapaz de repeti-la com a mesma força expressiva do próprio jogo, constituindo-se, portanto, como mero “discurso sobre o discurso”, ou “redundância” (COSTA, 2006, p. 12-13).

Talvez, no entanto, seja possível supor que as obras sobre o futebol não queiram reproduzir exatamente, em seu campo específico, o que seria o jogo em si. Ainda que haja textos em que a descrição de lances predomina, promovendo uma tentativa relativamente clara de aproximação entre a letra e o que se passa entre as quatro linhas, pode ser que esses textos busquem também outros objetivos. No caso já citado de Sérgio Sant’Anna, nossa hipótese é que a *écfrase* realmente não se resume a um exercício que se esgota em si mesmo, ou a uma mera tentativa de reproduzir em palavras a prática do futebol, mas tem também, e em boa medida, o comentário sobre os lances descritos como fim. Tais observações, por sua

vez, podem ter como propósito, como já assinalado, salientar, entre outras coisas, a natureza estética do jogo, seja como uma prática autônoma, seja como um fenômeno passível de ser tomado como belo, seja como um objeto artístico, conforme pretendemos investigar logo adiante. Nessa perspectiva, como veremos em parte de nossa análise, o falar sobre o futebol em determinadas narrativas futebolísticas de Sérgio Sant’Anna pode assumir um aspecto crítico, avaliativo, que não se encontra de *per si* no jogo propriamente dito, nem mesmo, necessariamente, em produções ligadas a formas canônicas de arte.

Nesse mesmo sentido, é preciso reconhecer também que a escrita sobre o jogo, ao buscar para este um novo formato, de natureza verbal e literária, pode ter o mérito de fornecer aos leitores a possibilidade de construírem uma outra visão sobre o futebol. Tal possibilidade deriva não apenas das diferenças estruturais entre a palavra e o jogo, as quais implicam competências diversas para a apreensão e mesmo para a apreciação de cada uma dessas práticas, mas também do próprio contato com a perspectiva do outro, o qual a literatura proporciona através de suas produções. Este segundo aspecto, em especial, pode pôr em dúvida a ideia de que um exercício literário descritivo, focado em lances de futebol, esteja, como propõe Costa (2006), necessariamente aquém do que se vê em campo, até porque nem todo jogo terá a potencialidade estética do esporte explorada ao máximo. Sendo assim, o que se deve buscar, a nosso ver, não é a comparação qualitativa, em termos essenciais e absolutos, entre uma forma e outra, mas o que cada uma dessas formas pode propiciar em termos de criação de sentido. Ou, como diz McGowan, referindo-se aos êxitos do romance de futebol em língua inglesa em relação aos desafios semióticos que o jogo impõe a esse gênero, o que importa é a “criação de espaço para a imaginação do leitor entre o jogo em movimento e sua captura em registro” (MCGOWAN, 2019, p. 15, tradução nossa)¹¹⁴.

Em todo caso, se a narrativa, sobretudo a de longa extensão, no caso do romance, tido como paradigmático, parece, como defendem alguns estudiosos, ter mais dificuldades para absorver exitosamente o futebol, os gêneros constituintes de formas narrativas em geral mais enxutas e/ou os aqueles teoricamente mais próximos do lirismo, como o poema, a crônica e o conto, teriam maiores chances de sucesso nessa empreitada¹¹⁵. Isso se explicaria, segundo os pesquisadores consultados, por três razões básicas. Uma delas seria a liberdade que esses gêneros têm em focalizar uma única situação, diferentemente do que ocorre com o romance

¹¹⁴ *Drama, plotlines and tension. Rather than see them as obstacles, writers have sought to capitalise on these qualities, to use them to underpin the sport’s natural, possibly romantic, propensity to be put into words. Throughout its history, the football novel has been exploiting Pamuk’s delay, creating space for the reader’s imagination between open play and its capture on record.*

¹¹⁵ Cf. também Guimarães (2014) sobre as relações entre poesia e futebol.

ou mesmo a novela, em que diversas circunstâncias tendem a ser retratadas pelo ficcionista. Outro motivo seria a vantagem desses mesmos gêneros, sobretudo o poema e a crônica, em poderem exaltar com mais liberdade o esporte ou seus personagens, um tipo de excesso que, supostamente, faltaria a gêneros narrativos em tese mais sóbrios, como é o caso, principalmente, do romance. Um terceiro aspecto seria a presença, nesses gêneros, de recursos e atributos estéticos que lhes dão vantagem para tratar do futebol. Vejamos, nos parágrafos seguintes, como os acadêmicos que defendem esses argumentos se manifestam, ao mesmo tempo em que tentaremos apresentar alguns contrapontos a suas perspectivas.

Em estudo sobre a literatura de futebol na América do Sul, Wood identifica que a quantidade de “poemas e contos” sobre futebol “supera facilmente o número de romances” (WOOD, 2017, p. 217). Sua explicação para o fenômeno é que “formas mais curtas de literatura”, como as produzidas no âmbito dos gêneros em destaque, dispõem da vantagem de “focar-se em um único episódio”, permitindo-lhes “maior proximidade” com o “evento esportivo” em sua capacidade de propiciar em si mesmo situações dignas de nota (WOOD, 2017, p. 217, traduções nossas)¹¹⁶. Embora essa vantagem realmente se faça ver no poema e no conto, os quais, em geral, dependem de uma elevada condensação para se realizarem como tais, é difícil dizer que ela não esteja presente, pelo menos de maneira parcial, em textos de gêneros narrativos de maior fôlego, os quais podem privilegiar uma jogada sobre várias outras. Em **O dribble**, por exemplo, como já destacamos, focaliza-se, pelo menos no início do romance, o lance em que Pelé tenta fazer um gol absolutamente original no goleiro uruguaio Mazurkiewicz, e em “Páginas sem glória” a jogada do pênalti cobrado pelo protagonista, José Augusto, ganha várias páginas, sendo descrita minuciosamente pelo narrador em um parágrafo, e é repercutida de diversas maneiras na novela.

Apresentando outro argumento, Rodrigues entende que o modo lírico seria um modo capaz de propiciar a “exaltação” do futebol e do “mundo fechado” que ele instaura (RODRIGUES, 2010b). Na literatura brasileira, esse movimento seria atestado pelos poemas de Carlos Drummond de Andrade, pelas crônicas de Mário Filho e por exercícios de outros autores também consagrados nesses gêneros, como a comparação de João Cabral de Melo Neto entre a bola e a mulher e a transformação em cisnes dos jogadores da seleção brasileira por Nelson Rodrigues (RODRIGUES, 2010b). Contudo, de novo, é possível dizer que essa exaltação não é exclusiva do poema ou da crônica. Ela pode ser vista também em trechos das

¹¹⁶ [...] *poetry and short stories easily outweigh the number of novels, the ability of shorter forms of literature to focus on a single episode affording them a greater proximity to what Gumbrecht terms the “eventness” of the sporting moment.*

narrativas longas destacadas aqui, com a genialidade da seleção brasileira presente na Copa de 1970 sendo elevada de diferentes maneiras pelo narrador de **O drible**, nos excertos em que se concentra sobre a jogada da equipe que quase culminou no que seria um gol antológico de Pelé, e com o talento superior de José Augusto, demonstrado na praia e na grama, sendo ressaltada pelo narrador de “Páginas sem glória”, ainda que o personagem seja construído como um anti-herói, conforme tentamos mostrar em outro trabalho (PASSOS, 2018).

Referindo-se mais de perto ao poema, Wood (2017) observa ainda que o gênero, além da possibilidade de se aproximar mais consideravelmente de recortes significativos do evento esportivo, disporia também de recursos e atributos técnicos supostamente específicos que facilitariam ainda mais seu contato com o futebol enquanto prática. Entre esses mecanismos considerados típicos do texto poético, o estudioso menciona “suas dimensões visual” e “oral”, com o que disponibilizaria meios para superar o descompasso entre o visto e o dito ressaltado por Pamuk (2008), e “sua habilidade em criar e quebrar padrões e estruturas e em realizar repentinas mudanças de direção e movimentos inesperados por meio da alusão e da associação” (WOOD, 2017, p. 218, tradução nossa)¹¹⁷. Já vimos com Cornelsen (2018) que o referido descompasso é resolvido, por exemplo, em narrativas de Marcos (2006) e Rodrigues (2013), o que nos leva a inferir que os recursos identificados por Wood (2017) no poema não são exclusivos a este gênero. Quanto ao segundo ponto, é possível dizer que narrativas também são capazes de produzir as rupturas de sequências e as alternâncias de movimento feitas por alusão e associação verificadas por Wood (2017) no gênero poético em sentido estrito. Talvez baste lembrar nesse sentido, por exemplo, vários dos contos de **Maracanã, adeus**, de Edilberto Coutinho (1994), em que os jogos de cenas estão longe de serem construídos de maneira totalmente linear, e o conto “Aguenta, coração”, de Hilda Hilst (2006), em que se notam, de maneira relativamente cifrada, interseções do futebol com o sexo – talvez, é verdade, por conta da condição primeira de poeta da autora¹¹⁸.

Reconhecendo, igualmente, que haveria, em tese, uma relação potencialmente mais fluida do futebol com a poesia do que com a narrativa, Cornelsen (2018), ao tratar da elipse, reforça em especial o segundo conjunto de prerrogativas do gênero em destaque assinaladas por Wood (2017). Apropriando-se expressamente de contribuições de Pasolini (2014), o estudioso argumenta que esse mecanismo, comparável ao drible e sua capacidade de

¹¹⁷ *Poetry in particular, with its visual (not to mention oral) dimensions, its ability to create and break patterns and structures, to achieve sudden changes of direction and unexpected movements through allusion and association, is uniquely able to achieve approximation to the action on the pitch.*

¹¹⁸ Tais interseções podem se dever, em algum nível, à ambivalência de expressões típicas do futebol, identificáveis também na própria literatura de Sérgio Sant’Anna.

“subverter [...] a previsibilidade da jogada” futebolística, teria como ponto forte a capacidade de “subverter a linearidade da linguagem”, colaborando para resolver, no campo das letras, o que ele entende como o grande obstáculo da interface narrativa-futebol (CORNELSEN, 2018). Em relação a esse argumento, vale pontuar que a sequenciação do significante, utilizada como contraponto à elipse na poesia, pode não ser necessariamente um elemento verbal dificultador do tratamento do futebol na narrativa. Como já adiantamos, a *écfrase*, que constitui um recurso de descrição e, em se tratando do jogo de bola, tende a abordar uma sequência relativamente linear de uma jogada, é usada com sucesso, a nosso ver, por ficcionistas como Sérgio Sant’Anna. Nessa perspectiva, se a elipse se constitui como aliada dos poetas – embora não se constitua também como prerrogativa do gênero, uma vez que se trata de um recurso linguístico antes de mais nada –, a *écfrase* pode se mostrar amiga dos ficcionistas no tratamento do futebol.

Com o percurso realizado na Parte II de nossa tese, pudemos observar que o futebol estabelece diversas relações com o campo da estética, nos sentidos preponderantes da forma, da beleza e da arte, e com o domínio mais específico da literatura, levando-se em conta os registros da prosa e da poesia e, principalmente, os gêneros e modos épico, lírico e dramático. Nossa posição relativamente ao primeiro tópico é que o jogo de bola, em particular, tem de fato uma dimensão estética, marcada nos três níveis em destaque, inclusive no artístico, que levanta maiores polêmicas entre os estudiosos consultados quando comparado com os outros dois principais aspectos mencionados. Quanto ao segundo tópico, entendemos que a modalidade, ao mesmo tempo em que usufrui de certa autonomia estrutural, constituindo-se de certo modo como uma *semiose* própria, apesar de algum tipo de mediação nos parecer necessário para torná-la compreensível e aprazível, pode se vincular de modo significativo com a arte literária, mesmo no âmbito da ficção, que encontra, conforme ponderações dos pesquisadores citados, mais obstáculos do que o poema e a crônica para abordar o esporte.

Em um sentido mais relevante do que nossas sucintas conclusões teóricas sobre as discussões empreendidas aqui, acreditamos ter recolhido uma série de contribuições capazes de se mostrar úteis ao estudo da estética do futebol em narrativas de Sérgio Sant’Anna que se valem do esporte como tema principal. Embora seja necessário analisar texto a texto, em suas particularidades, no que se refere a nossa principal hipótese de leitura – isto é, se o futebol se apresenta como um fenômeno estético nas narrativas a serem examinadas –, pode-se dizer que nosso estudo literário provavelmente orbitará entre os sentidos da forma, da arte e da beleza aplicados ao jogo de bola e privilegiará a investigação de recursos como o da *écfrase* voltados para o tratamento do esporte. Antes, no entanto, de termos bem definido o enquadramento

teórico para nossa leitura, a ser realizada ao final da Parte III de nossa tese, verificaremos a relevância que o futebol assumiu na vida e na obra de Sérgio Sant'Anna.

PARTE III – SÉRGIO SANT’ANNA: FICÇÃO, FUTEBOL E ESTÉTICA

Na Parte III de nossa investigação, iremos focalizar relações de Sérgio Sant’Anna e de sua ficção com o futebol e com a estética. No Capítulo 1, “Sérgio Sant’Anna e o futebol: aspectos biográficos e ficcionais”, iremos buscar vínculos significativos do autor e de sua obra com o esporte, levando em conta, inicialmente, informações de sua vida, fornecidas por ele mesmo em entrevistas diversas, reconhecidas por estudiosos de sua poética e, a nosso ver, reelaboradas literariamente sobretudo em sua produção memorialística, e leituras nossas e de outros pesquisadores de textos de sua autoria em que o futebol se manifesta de algum modo. No Capítulo 2, “Comentários críticos sobre a presença do futebol na ficção de Sérgio Sant’Anna”, iremos construir uma breve revisão da fortuna crítica de Sérgio Sant’Anna no que se refere ao uso da modalidade em sua poética, salientando que se trata de um aspecto ainda pouco explorado de sua obra, apesar da existência de vários elementos capazes de já ter suscitado mais investigações nesse sentido, como a recorrência do emprego do jogo em seus textos e o reconhecimento do valor artístico de produções do tipo. No Capítulo 3, “A ficção de futebol de Sérgio Sant’Anna”, iremos separar as narrativas do autor que se encaixam, em nossa perspectiva, na referida categoria, partindo de definições menos ou mais flexíveis para o gênero e apontando alguns elementos textuais que nos orientam em nossa seleção. No Capítulo 4, “A ficção de futebol de Sérgio Sant’Anna em ângulo estético: apontamentos preliminares”, iremos parafrasear as narrativas que compõem a ficção de futebol do autor, com o intuito de melhor situar os textos, e apontar alguns elementos desse *corpus* que permitiriam leituras em viés estético, de modo a indicar futuras possibilidades investigativas nesse sentido, estabeleçam ou não diálogo com o referencial teórico construído em nossa tese. No Capítulo 5, “O futebol como fenômeno estético em ‘Das memórias de uma trave de futebol em 1955’”, iremos examinar o referido conto de Sérgio Sant’Anna a partir do enquadramento analítico elaborado em nossa pesquisa, com o objetivo de verificar, de maneira mais detalhada, a hipótese que norteia nosso trabalho.

1 SÉRGIO SANT’ANNA E O FUTEBOL: ASPECTOS BIOGRÁFICOS E FICCIONAIS

Em mais de uma oportunidade, Sérgio Sant’Anna destaca como o futebol, em especial por meio do Fluminense Football Club, do Rio de Janeiro, seu time de coração, sempre fez parte de sua vida. Em conversa com Couto, por exemplo, ele aponta que, já em seus tempos

de menino, seu entorno familiar era fortemente marcado pela presença do esporte e do clube (SANT'ANNA, 1997a). Para ilustrar isso, ele conta que um de seus tios foi goleiro do tricolor carioca. Trata-se, provavelmente, de Carlos “Secura”, reconstruído literariamente nos contos “Invocações (memórias e ficção)”, de **O voo da madrugada**, de 2003 (SANT'ANNA, 2003), e “A mãe”, de **Anjo noturno: narrativas**, de 2017 (SANT'ANNA, 2017). Reduzindo, a nosso ver, as barreiras entre vida e obra – um procedimento recorrente em sua poética, como ficará claro, em especial, neste capítulo –, Sérgio Sant’Anna cria, sobretudo no primeiro conto mencionado, um narrador-escritor que confere grande destaque à figura desse tio, que morrera aos 26 anos de idade, vitimado por tuberculose, e cuja memória era zelosamente preservada pelos familiares, tendo ele chegado a vencer o campeonato carioca da segunda divisão como goleiro do time amador do Fluminense em 1932. Tal destaque pode ser visto no protagonismo que ele assume, servindo como uma espécie de guia espiritual do narrador na escrita do conto e como objeto de amor e idolatria duradouros para o sobrinho (SANT'ANNA, 2003). No que concerne mais especificamente ao futebol, vale mencionar que o narrador descreve jogadas imaginárias de Carlos como goleiro, dando a ver, inclusive, como tentaremos mostrar no capítulo propriamente analítico desta Parte III, alguns elementos que consideramos de ordem estética.

Quase vinte anos mais tarde, em entrevista a Stein e Campisi, o autor reforça que o esporte sempre esteve muito presente em sua vida, principalmente durante a infância e a juventude, mas credita ao pai a responsabilidade de ter incutido nele o interesse pelo jogo, ao levá-lo ao estádio, desde os cinco anos de idade, para acompanhar partidas do Fluminense (SANT'ANNA, 2016a). Ainda no âmbito da literatura mais memorialística de Sant’Anna, a figura paterna de alter-egos do escritor também é construída como a de um sujeito efetivamente interessado pelo jogo, em que a principal voz dos textos presta alguma atenção. Essa construção pode ser notada, por exemplo, em “O conto zero”, de **O conto zero e outras histórias**, de 2016 (SANT'ANNA, 2016b), e em “A mãe” (SANT'ANNA, 2017). No primeiro texto, o pai do narrador demonstra saudosismo relativamente ao futebol praticado em tempos mais antigos. Futebolistas como Domingos da Guia, Leônidas, Lelé, Isaías, Carreiro e Batatais são supostamente mencionados por tal personagem e por outros amantes do jogo de sua época como exemplos de que o “futebol de antigamente [...] era muito melhor do que o de hoje” (SANT'ANNA, 2016b, p. 28). No segundo texto, o narrador, recorrendo a outra memória ligada ao jogo, enfatiza um traço mais zeloso do pai em relação a ele e a seu irmão mais velho. Referente ao pós-jogo de uma partida no Maracanã, ele lembra que o pai preferiu correr o risco de “pegar o coletivo fora do ponto final” junto dos filhos “pois uma turma de

homens, na parte traseira do lotação, contava piadas sacanas entre gargalhadas” (SANT’ANNA, 2017, p. 70).

Em outra entrevista, também mais recente, tida com Bernardo Esteves (2015), o escritor define outro tio, Luiz Andrade, ex-jornalista esportivo e ex-diretor do Fluminense, como sua principal referência no que diz respeito a sua introdução ao mundo do futebol. De um ponto de vista estritamente biográfico, essa leitura, de fato, combina com a de Brandão, que afirma que Sant’Anna frequentava tanto “jogos” como “treinamentos” do Fluminense (BRANDÃO, 2020), e com a do próprio Esteves, que diz que Luiz efetivamente “apresentou vários jogadores a Sérgio e a seu irmão mais velho, Ivan, e passou a levá-los a todos os jogos do Fluminense” (ESTEVES, 2015). Sant’Anna, nessa mesma entrevista, confirma que o tio levava a dupla, com religiosa regularidade, para assistir, “no mesmo dia”, aos jogos da equipe “profissional” e aos de categorias inferiores do clube, como a “juvenil” e a “aspirante” – jogos, em geral, interessantes apenas para os torcedores mais fanáticos de cada agremiação (SANT’ANNA *apud* ESTEVES, 2015). Não por acaso, no epílogo da novela “Páginas sem glória”, do livro homônimo de narrativas lançado em 2012, o autor ressalta a importância da figura desse tio em sua ambientação futebolística, salientando o fato de que este levava o escritor e o irmão, quando crianças, “para ver treinos do tricolor e os jogos de juvenis, aspirantes e profissionais em todos os campos do Rio de Janeiro, hábito que eu e meu irmão conservamos por longo tempo”, e as chances que oferecia para que os dois pudessem conversar com jogadores do Fluminense, como Didi, até mesmo “na hora do almoço num dia de jogo” (SANT’ANNA, 2012, p. 177)¹¹⁹.

Na ficção propriamente dita de Sérgio Sant’Anna, o tio Luiz, transformado em personagem, aparecerá em, pelo menos, quatro textos. Ainda em “Páginas sem glória”, texto em que provavelmente faz sua principal participação, ele exerce, de fato, o papel de levar o narrador-personagem, alter-ego do escritor, e o irmão deste para assistir a jogos do Fluminense em diversos estádios do Rio – um papel também ressaltado nos contos “Invocações (memórias e ficção)” (SANT’ANNA, 2003) e “A rua e a casa”, de **Anjo noturno: narrativas** (SANT’ANNA, 2017) –, além de ser o responsável por indicar José Augusto, protagonista da trama, com quem termina construindo amizade, para atuar no time profissional do tricolor carioca (SANT’ANNA, 2012). Os privilégios que Luiz detinha no

¹¹⁹ Como se verá, Didi é um personagem histórico importante em narrativas em que Sérgio Sant’Anna menciona de algum modo o futebol. Além dos textos sobre os quais dedicaremos alguma atenção, vale destacar “Papezinhos rasgados”, de **O conto zero e outras histórias**, em que o narrador, ao falar dos fragmentos do rascunho que acabara de despedaçar, menciona “o barulho da bola estufando a rede numa falta cobrada por Didi no treino em Laranjeiras” (SANT’ANNA, 2016, p. 133).

clube de coração da família, compartilhados com os sobrinhos, transparecem em duas outras narrativas, pelo menos. Ainda em “Invocações (memórias e ficção)”, o narrador destaca que “o mais importante” em seu tio é que ele “detinha a senha mágica que nos abria os bastidores do Fluminense Futebol Clube, pois, além de jornalista esportivo, foi algumas vezes Diretor de Imprensa do clube, o que nos permitia ter acesso, em sua companhia, aos jogadores do time tricolor, uma verdadeira glória para nós” (SANT’ANNA, 2003, p. 91-92). Já em “O conto zero”, o narrador ilustra parte desse privilégio, ao ressaltar a proximidade que ele, o tio e o irmão guardavam com o “imenso craque Didi”, com quem efetivamente conversavam (SANT’ANNA, 2016b, p. 23).

Apesar, no entanto, de demonstrar enorme apreço pelo Fluminense, de maneira mais intensa do que por qualquer outra instituição esportiva, o interesse de Sant’Anna por futebol parece ultrapassar barreiras clubísticas, não se afastando demasiadamente do jogo em si. Como revela Esteves (2015), ele, junto do tio e do irmão, percorrendo os bairros da cidade, costumavam visitar estádios bem mais acanhados do que o Maracanã para acompanhar jogos de equipes hoje igualmente pouco imponentes no Rio, como o Bangu, o Olaria e o Madureira. O próprio Sant’Anna (2011) confirma seu grande interesse pelo esporte. Em conversa aberta ao público em Curitiba, ele conta que “frequentava futebol alucinadamente” em meados da década de 1950, sem fazer qualquer menção a jogos do Fluminense, e revela, não sem uma ponta de orgulho, que pôde ver “de perto” Garrincha, o maior jogador da história do rival Botafogo, em ação (SANT’ANNA, 2011)¹²⁰.

Na ficção de Sant’Anna, tenha ela um caráter memorialístico menos ou mais acentuado, outros aspectos ligados ao futebol podem ganhar algum destaque, enfatizando um interesse mais geral pelo jogo por parte dos narradores criados pelo autor. Isso ocorre, por exemplo, em “O conto zero” (SANT’ANNA, 2016b). De sua estadia na Inglaterra durante a infância, o narrador se lembra de contemplar com o irmão uma estátua do jogador Stanley Matthews no Museu de Cera Madame Tussauds, de assistir pela TV, também na companhia do irmão, à reprise da histórica vitória da seleção húngara sobre a inglesa em Wembley por 6 a 3, e de visitar com a família estádios para ver partidas de equipes como Chelsea, Arsenal, Wolverhampton, Bolton e Blackpool. No que tange a suas memórias do Rio, sobretudo após seu retorno ao país natal, o narrador se recorda de sair para acompanhar *in loco* um jogo como

¹²⁰ Tamanho parece ter sido, de fato, o efeito da modalidade no espírito do escritor nessa época, quando ele tinha algo entre oito e dezenove anos de idade, que duas de suas narrativas efetivamente futebolísticas, com o jogo de bola como principal elemento de construção – a novela “Páginas sem glória” e o conto “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” –, são expressamente situadas no tempo em 1955, ano que ele mesmo destaca na referida entrevista.

Vasco e América (SANT'ANNA, 2016b). Já em “A rua e a casa”, outro conto de forte teor memorialístico, o narrador menciona Izinho, então seu “maior” e “melhor” amigo, com quem, antes de brigarem e deixarem permanentemente de se falar, jogava “futebol de botão”, trocava “figurinhas de jogadores profissionais” e “batia bola na varanda de sua casa” (SANT'ANNA, 2017, p. 94-95). Por fim, em “Um retrato”, de **O homem-mulher**, de 2014, o narrador, Henrique, um literato de 53 anos de idade, ao apresentar ao leitor a madrasta, Mariana, e falar de si mesmo durante a juventude, ressalta seu gosto por futebol entre outros interesses que então tinha (SANT'ANNA, 2014).

Para reforçar a amplitude adquirida por esse interesse pelo futebol, vale dizer que Sérgio Sant'Anna, reportando-se ainda à primeira parte de sua vida, destaca que sua relação com o jogo ia além de assistir a jogos e treinos, ao incluir também a prática em seu repertório de contatos com o esporte. Na entrevista a Stein e Campisi, o escritor revela, por exemplo, que jogou futebol em diferentes faixas etárias, como “infância, adolescência e início da idade adulta”, e conta até que havia se tornado um “defensor relativamente bom” (SANT'ANNA, 2016a, p. 84). Ao que parece, esse exercício se dava, o mais das vezes, em outros lugares que não o campo de grama, superfície à qual a modalidade é geralmente associada, como indicamos na Parte I de nossa tese. Ainda na citada entrevista, ele fala desses espaços variados, como a “rua”, a “escola” e a “praia” (SANT'ANNA, 2016a, p. 84, traduções nossas)¹²¹, e, em conversa com Isabel Lucas, coloca o jogo de bola entre as principais brincadeiras em que se envolvia com outras crianças na rua, ao lembrar, com “saudades”, sua infância no bairro de Botafogo, na cidade do Rio (LUCAS, 2020).

Se considerarmos, mais uma vez, a ficção de viés memorialístico de Sérgio Sant'Anna, observaremos que narradores de determinados textos, com efeito, são construídos como praticantes do jogo de bola. A prática do esporte na rua, durante a infância e/ou adolescência dos narradores, é destacada em “Bastidores”, de **O conto zero e outras histórias**¹²² (SANT'ANNA, 2016b), e em “A rua e a casa” (SANT'ANNA, 2017), este último texto focalizando ainda o jogo ríspido e clandestino em meio a frequentadores de boteco e o aspecto do improvisado no jogo e o desempenho do esporte, ao lado do irmão, na praia de Ipanema, no Rio. Em “O museu da memória”, de **O conto zero e outras histórias** (SANT'ANNA, 2016b), e em “Tarzan e o império perdido”, de **A dama de branco** (SANT'ANNA, 2021), o jogo na escola, entre a infância e a adolescência dos narradores, é

¹²¹ *I also played football during my childhood, adolescence and the beginning of young adulthood, in the street, in schools and on the beach. I became a reasonably good defender.*

¹²² Cf. Dejair da Silva Martins Filho (2019).

ênfatisado, com o primeiro focalizando um gol marcado pelo protagonista em sua estadia na Inglaterra, na década de 1950, e o segundo ressaltando a posição de defensor do personagem principal. Em “Amigos”, de **Anjo noturno: narrativas** (SANT’ANNA, 2017), o narrador, já adulto, ao falar de sua amizade com o personagem Léo Pompeu, conta que com ele conversava bastante sobre futebol, jogava futsal e assistia a jogos no Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte¹²³.

Outro ponto de interesse é que, mesmo na fase mais madura da vida, a torcida de Sérgio Sant’Anna pelo Fluminense, ainda que assistindo aos jogos pela TV, bem como seu interesse mais abrangente por futebol, ainda que se limitando a ser um espectador, parecem não ter arrefecido. Casarin, após entrevistá-lo por ocasião da Feira Literária de Paraty de 2018, considerou o escritor, então com seus 76 anos de idade, ainda como um “apaixonado pelo Fluminense” e observou que falaram “mais de futebol do que de literatura”, tendo como assunto o desempenho de seleções e jogadores na Copa do Mundo na Rússia e do Fluminense no Campeonato Brasileiro daquele ano (SANT’ANNA, 2018). Ao admitir como era difícil para ele lidar com derrotas do tricolor carioca e ao comentar suas estratégias, diante de imprevistos, para saber, ao vivo, sobre o andamento e desfecho das partidas do clube, o próprio Sant’Anna dá pistas de que, na casa dos 70, continuava acompanhando de forma intensa e zelosa seu time de coração: “se o Fluminense perde, é difícil assimilar. Ontem não consegui ver o jogo porque a emissora de TV estava fora do ar, mas fiquei assistindo ao Vasco para acompanhar o resultado” (SANT’ANNA, 2018). Filho de Sérgio, o também escritor André Sant’Anna corrobora o grande e permanente interesse que o pai nutria em relação ao jogo, ao dar conta, nas palavras de Luiz Henrique Gomes, de que “a rotina do pai”, na mesma faixa de idade, “se resumia a escrever e a assistir futebol, uma paixão que o acompanhou a vida inteira” (GOMES, 2021).

De fato, como já pode ter ficado claro com a reprodução de excertos de diferentes narrativas, o interesse de Sant’Anna pelo Fluminense atravessa vários de seus textos, principalmente algumas de suas últimas produções. Isso se manifesta, por exemplo, no foco dado ao clube a partir de 1989, ao que parece, com a publicação de “A senhorita Simpson”, conto do livro homônimo (SANT’ANNA, 1997b), em que o narrador, um tanto quanto timidamente, afirma ser torcedor do tricolor carioca¹²⁴. Essa torcida, no entanto, costurada à

¹²³ Nesse conto, o futebol funciona ainda como desculpa para que o narrador, então casado, saísse de casa à noite, em dias de jogos no referido estádio, para se encontrar, na verdade, com Aurora, uma bela cantora em quem ele estava bastante interessado (SANT’ANNA, 2017).

¹²⁴ Em meio à proposta de comparar a composição literária da narrativa com uma adaptação da história para o cinema, feita por Bruno Barreto no filme intitulado “Bossa nova”, Ana Paula Teixeira Porto (2015) lembra que um dos personagens de segundo plano da trama, Acácio, joga bola profissionalmente. Referindo-se a essa

construção de alter-egos do escritor, já em uma fase que nos parece efetivamente mais memorialista de sua poética, passa a ser mais frequente e geralmente mais aberta, dentro de nosso horizonte de leituras, a partir de 2003, com a publicação de “Invocações (memórias e ficção)” (SANT’ANNA, 2003), em que a ligação da família do narrador e dele mesmo com o Fluminense ganha relevo. Em outros textos, todos eles publicados já nos últimos anos de vida de Sérgio Sant’Anna, dando razão à ideia de que futebol e literatura eram realmente interesses permanentes do autor, a composição de narradores como torcedores do clube do Rio recebe formas definitivas.

Tais formas remontam a lembranças desses personagens em situações e locais os mais diversos. A título de ilustração, podemos citar, por exemplo, retratos da vida em colégio interno durante a adolescência, tecidos em “História de amor”, de **O homem-mulher** (SANT’ANNA, 2014), e em “Tarzan e o império perdido” (SANT’ANNA, 2021). Em tais textos, os narradores enunciam recordar-se dos respectivos desejos de estar na arquibancada de um jogo do Fluminense, no Maracanã, visto do quarto onde o personagem dormia (SANT’ANNA, 2014), e atuar pelo time de coração, ainda que reconhecendo seus limites enquanto jogador (SANT’ANNA, 2021). Relevante para o narrador sant’anniano construído em “O conto zero” (SANT’ANNA, 2016b), também torcedor do Fluminense, é a lembrança de observar letreiros luminosos exibindo resultados de jogos de equipes do Rio de Janeiro, especialmente os da equipe tricolor. Em outras narrativas, o comparecimento frequente dos respectivos narradores a treinos do Fluminense ganha destaque, como notamos em “Páginas sem glória” (SANT’ANNA, 2012), “O museu da memória” (SANT’ANNA, 2016b) e “A rua e a casa” (SANT’ANNA, 2017). A estas, se tomarmos a narradora de madeira, personificada, como uma imagem por meio da qual o próprio Sant’Anna se revela novamente como torcedor do Fluminense, poderíamos acrescentar “Das memórias de uma trave de futebol em 1995”, de **A dama de branco** (SANT’ANNA, 2021), todo o conto focalizando um treino do time tricolor antes de um clássico contra o Flamengo.

Por conta de todas essas experiências com o futebol, Sérgio Sant’Anna, sem dúvida, aprendeu bastante sobre a modalidade, sobre o que é ser torcedor e sobre a história do jogo. Esses aprendizados ficam nítidos, por exemplo, em outros trechos de sua entrevista a Casarin (SANT’ANNA, 2018). Entre outras coisas, o escritor destaca a presença marcante do

figura, tal como materializada na película, a estudiosa afirma se tratar de um “caricato jogador de futebol”, que “ilustra o protótipo dos jogadores brasileiros” (PORTO, 2015, p. 7). No texto de Sérgio Sant’Anna, o personagem é, com efeito, descrito como jogador pelo narrador, ele próprio um torcedor do Fluminense: “Craque, o Acácio. Já tinha sido até convocado como ponta reserva da seleção e só fora cortado por causa de um problema crônico no joelho. Ultimamente ele só jogava de vez em quando, e no Botafogo” (SANT’ANNA, 1997b, p. 430).

“imponderável” no esporte, ao comentar o desenrolar surpreendente, até certo ponto, da oitava de final da Copa de 2018 entre Bélgica e Japão (SANT’ANNA, 2018). Além disso, ele avalia as seleções da França e da própria Bélgica, que fizeram mais tarde uma das semifinais, como os “melhores” times do torneio, tendo elas realizado, em seu entender, uma espécie de final antecipada da competição (SANT’ANNA, 2018). Esse conhecimento específico do aspecto imponderável do futebol, informado por autores como Damo (2001), transparece, por exemplo, na construção de “Páginas sem glória” (SANT’ANNA, 2012). Isso se dá, sobretudo, no lance fatal da narrativa, em que a famigerada cobrança de pênalti de José Augusto, em jogo decisivo contra o Botafogo pelo campeonato carioca de 1955, toma um rumo inesperado para o jogador e craque do time, indo bater de mansinho no pé da trave adversária. Na mesma novela, o autor, ao descrever e comentar inúmeros lances protagonizados pelo referido personagem, ou ao se referir a figuras históricas do esporte, também demonstra conhecer suficientemente bem o jogo para verificar nele o que existe ou inexistente de qualidade do ponto de vista da forma como uma equipe ou mesmo determinado atleta atua.

Em outro momento da conversa, o autor, segundo Casarin, repudia a “brutalidade” que de vez em quando eclode entre “torcidas adversárias”, classificando-a como deprimente, e distingue essa violência do tipo de “fanatismo” que ele mesmo alimentava em relação ao Fluminense, retirando desta forma de torcer a presença de agressão física contra o outro (SANT’ANNA, 2018). Um contraste nesse sentido pode ser identificado, de maneira bastante sintética, no conto “Vejo”, de **A dama de branco** (SANT’ANNA, 2021). Parecendo assistir a um recorte televisivo dedicado ao futebol, o narrador-personagem emenda duas perspectivas sobre o jogo, a primeira delas, aliás, bastante recorrente em sua poética: “Vejo: a bola chegando ao fundo da rede com aquele barulhinho característico. Vejo: torcedores se matando com barras de ferro” (SANT’ANNA, 2021, p. 49). Esse mesmo contraste talvez pudesse ser explorado a partir do estudo de diferentes narrativas, em que os torcedores construídos pelo autor ora se mostram entusiasmados com um gol marcado ou um lance bonito, como ocorre em textos como “Páginas sem glória” (SANT’ANNA, 2012) e “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT’ANNA, 2021), ora revelam sua violência ou grosseria, como ocorre nas perspectivas do narrador-personagem de “Na boca do túnel”, de **O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro**, de 1982 (SANT’ANNA, 1997b), e do personagem denominado Rapaz em “Uma peça sem nome”, de **Anjo noturno: narrativas** (SANT’ANNA, 2017)¹²⁵. A meio caminho talvez esteja o protagonista de “O torcedor e a bailarina”, de **O**

¹²⁵ A narrativa traz ainda uma referência ao Maracanã, perto de onde teria acontecido um acidente que domina boa parte da conversa entre os personagens do conto-peça.

homem-mulher (SANT'ANNA, 2014), capaz de ao mesmo tempo apreciar a técnica de um jogador do quilate do franco-argelino Zinédine Zidane e de se irritar com a perda de um campeonato quase ganho por parte de seu time de coração¹²⁶.

Ainda na conversa com Casarin, Sant'Anna (2018) compara a seleção brasileira que atuou na Copa do Mundo da Rússia com as cinco que saíram vitoriosas em edições anteriores – 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 – e com a lendária equipe de 1982, apontando diferenças técnicas e de desempenho entre times e principais jogadores. Segundo ele,

o Brasil não estava lá essas coisas [na Copa de 2018]. Não era uma grande seleção brasileira. Não era como a de 1982 e as que foram campeãs do mundo – menos a do Parreira, a da Copa de 1994 foi muito feia, com aquele esquema retrancado. Mas tinha o Romário. Dessa vez não teve ninguém que fizesse a diferença. O Neymar decepcionou todo mundo (SANT'ANNA, 2018).

Em sua ficção, Sérgio Sant'Anna também explora seus conhecimentos técnicos e históricos sobre o futebol. O primeiro aspecto pode ser encontrado, entre outros elementos, no recorrente procedimento de descrição e comentário de lances efetuados por personagens jogadores construídos em seus textos. Esse procedimento verifica-se, notadamente, e talvez apenas, nas narrativas em que o futebol assume lugar de significativa repercussão, classificáveis como *football fiction* tal como propõem Stein (2016) e McGowan (2019). Em nossa análise mais específica a respeito da dimensão estética do jogo na poética do autor, focalizaremos, em grande medida, como tal procedimento se manifesta em alguns desses textos, sobretudo em “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT'ANNA, 2021), e como ele nos ajuda a perceber a referida dimensão estética do futebol construída na poética de Sant'Anna.

O segundo aspecto, por sua vez, poderia, no limite, ser ilustrado com praticamente todas as passagens em que o futebol aparece na obra de Sant'Anna. Isso porque, mesmo quando cria personagens anônimos e/ou calcados em grande parte em sua imaginação, como é o caso do goleiro de “No último minuto”, de **Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)** (SANT'ANNA, 1997b), do técnico de “Na boca do túnel” (SANT'ANNA, 1997b) e do ponta-de-lança de “Páginas sem glória” (SANT'ANNA, 2012), o escritor não deixaria de fazer com que eles estabelecessem uma ponte menos ou mais significativa com a própria história do jogo. Apenas para sinalizar uma hipótese, que talvez

¹²⁶ Em “A morte do pintor surrealista”, de **Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)**, de 1973, Sérgio Sant'Anna cria ainda um protagonista torcedor do Atlético Mineiro sem entrar em maiores detalhes sobre seu comportamento enquanto tal (SANT'ANNA, 1997b). Com ele, além de chaveiro com escudo do clube, encontra-se também um bilhete de loteria esportiva, um elemento que reaparece, mais tarde, em “O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro”, do livro homônimo, em posse do narrador do conto (SANT'ANNA, 1997b).

mereça um estudo à parte, importa destacar que textos os mais diversos, inclusive aqueles que não se utilizam do futebol como elemento primário de construção, promovem esse tipo de aproximação, atestando o conhecimento de Sant'Anna sobre elementos factuais do esporte. Isso pode ser notado, somente para citar alguns poucos exemplos, em narrativas como “O recorde”, de **O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro** (SANT'ANNA, 1997b); “Um discurso sobre o método”, de **A senhorita Simpson** (SANT'ANNA, 1997b); “Breve história do espírito”, do livro homônimo, de 1991 (SANT'ANNA, 1997b); “O gorila”, de **O voo da madrugada** (SANT'ANNA, 2003); e “Vibrações”, de **O conto zero e outras histórias** (SANT'ANNA, 2016b).

Em “O recorde”, o narrador, ao falar do percurso do ciclista que protagoniza a trama nas proximidades de um estádio de futebol, refere-se aos geraldinos como um público específico no Brasil nos anos de 1970, hoje praticamente extinto com as chamadas “arenas”, e menciona nominalmente craques da época, tais como Romeu, Jairzinho, Doval, César, Reinaldo e Dario, que, em sua visão, eram espalhafatosos em suas comemorações de gols, potencializadas pelo caráter teatral e midiático que a cultura, a seu ver, estava assumindo naquele momento, com o auxílio da televisão (SANT'ANNA, 1997b)¹²⁷. Em “Um discurso sobre o método”, o narrador vale-se do histórico de jogadores brasileiros que atuaram na ponta-esquerda para contextualizar o fracasso absoluto do protagonista, um limpador de vidraças confundido por curiosos com um suicida enquanto trabalhava (SANT'ANNA, 1997b). Em “A senhorita Simpson”, do mesmo livro, o narrador, tendo saído para beber com amigos de seu curso de inglês, lembra-se de que o local de encontro, o bar Rio Jerez, era o mesmo em que o ex-jogador Almir Pernambuquinho, denominado “Catimba” no conto, fora assassinado (SANT'ANNA, 1997b). Em “Breve história do espírito”, o narrador, um escritor e crítico literário à procura de emprego, em viagem de ônibus rumo a uma entrevista, depara-se com uma peça publicitária em que ex-jogadores como Silas e Jorginho divulgam um livro evangélico (SANT'ANNA, 1997b). Em “O gorila”, o protagonista costuma recorrer ao codinome “Epifânio Gonzalez”, o mesmo de um ex-árbitro de futebol que apitou na Copa do Mundo da França de 1998, como descobre o detetive da trama, para esconder sua identidade durante os trotes telefônicos que passa em cidadãos, principalmente mulheres, no Rio (SANT'ANNA, 2003). Em “Vibrações”, o narrador, alter-ego de Sant'Anna no International Writing Program de Iowa em 1971, conta que havia, em um dos eventos de sua estadia nos EUA, um escritor indonésio fã e xará do meio-campista Gérson, o famoso

¹²⁷ Em “A rua e a casa”, o narrador, falando da infância, lembra-se de assistir a jogos de futebol pela TV, uma novidade para a época, na casa do então amigo Izinho.

Canhotinha de Ouro, e que um ficcionista e jornalista romeno admirava a seleção brasileira campeã do mundo um ano antes (SANT'ANNA, 2016b).

Ao usar a locução “muito feia” para caracterizar a seleção brasileira campeã de 1994, na Copa ocorrida nos Estados Unidos, Sant'Anna (2018) sinaliza possuir também uma consciência estética em relação ao futebol. Inicialmente pautada pela percepção de um prazer ou desprazer provocado pela beleza ou ausência de beleza de determinada forma de jogar, em sentido parecido com o proposto por Gumbrecht (2007), essa consciência reforça-se com outros indícios disponíveis na entrevista a Casarin (SANT'ANNA, 2018). Num deles, o autor afirma, por exemplo, ter gostado de assistir à citada partida entre França e Bélgica, no torneio de 2018, posicionando essa experiência no campo positivo de sua visão estética sobre o esporte. A afirmação, aliás, é interpretada por Casarin como interesse do escritor pelo “simples deleite do esporte”, sem ufanismos de qualquer ordem, uma vez que a seleção brasileira já havia sido eliminada da competição, nas quartas de final, pela própria Bélgica, e não haveria, em tese, uma equipe em particular para a qual Sérgio pudesse torcer mais intensamente (SANT'ANNA, 2018). Em outra parte da entrevista, o próprio autor admite, com todas as letras, que gosta da “beleza do futebol”, reclama do “nível” de jogo praticado no Brasil em razão da exportação maciça de jogadores para diversas partes do mundo e, ecoando os qualificativos estéticos preferidos por Damo (2001), entende que o jogo praticado no principal torneio interclubes da Europa, a Liga dos Campeões, é “melhor para assistir” (SANT'ANNA, 2018).

Essa consciência estética, que já dialoga mais diretamente com a hipótese de nossa pesquisa, manifesta-se, com efeito, em algumas narrativas de Sérgio Sant'Anna, sendo transmitida a seus personagens, ainda que elas não tenham o jogo de bola como elemento principal. Em “Breve história do espírito”, por exemplo, o narrador-protagonista, ao comparar o futebol com o basquete, observa este último, que ele afirma ter praticado quando mais jovem, como “menos grosseiro” do que aquele (SANT'ANNA, 1997b, p. 513)¹²⁸. Em “O conto zero” (SANT'ANNA, 2016b), tal consciência transparece, sobretudo, na referência a formas como o jogo é praticado, ainda que o narrador não entre em detalhes sobre a constituição específica de tais formas. Isso ocorre quando o narrador trata da seleção da Hungria do início da década de 1950. Qualificada como “inesquecível” e reunindo atletas capazes de proporcionar “jogadas antológicas”, nomeadamente Puskás, Kocsis, Bozic e

¹²⁸ Cf. Mariana Marques (2013), que observa relações significativas entre basquete – que ela troca por futebol – e literatura com base em enunciado do narrador: “[...] amava ficar ali parado, esquecido de tudo, vendo a esfera descrever suas rotações e translações simultâneas, elipses, paralaxes, hipérboles e parábolas, para não dizer metáforas, da bola [...]” (SANT'ANNA, 1997b, p. 513).

Czibor, a equipe europeia é reconhecida pelo narrador, ao rememorar as partidas em que impuseram à Inglaterra duas derrotas duríssimas – o primeiro revés no lendário estádio de Wembley, em Londres, e a goleada de 7 a 1 sofrida em Budapeste –, como uma que praticava um futebol distinto em comparação com as demais: “era, de fato, um modo diferente de jogar futebol” (SANT’ANNA, 2016b, p. 18).

Vale ressaltar também que, na mesma entrevista a Casarin, Sérgio Sant’Anna (2018) articula ainda outros elementos estéticos ligados ao futebol, até mesmo sinalizando sua percepção do jogo enquanto fenômeno dotado de qualidade artística. Do ponto de vista teórico, ele faz ecoar os pontos de vista de Proença (1981), Graça e Lacerda (2011) no que se refere a uma aliança ideal do desempenho esportivo com a arte e/ou a beleza, ao elogiar o atacante Kylian Mbapée, campeão da Copa de 2018 com a França, destacando o entrelaçamento positivo entre sua “arte” de jogar e os resultados que ela foi capaz de proporcionar a sua equipe no torneio. Nas palavras do escritor, que também reforça seu lado de apreciador do jogo em si, não restrito a preferências clubísticas e nacionais, e recupera termo já usado por vários estudiosos, desde Freyre (*apud* BARRETO, 2004) a Macêdo e Chisté (2016), “acompanho jogos do PSG e já conhecia o futebol dele, mas gostei muito do que vi na Copa. Hoje o futebol arte tem que andar junto com a eficiência, e o Mbappé une isso” (SANT’ANNA, 2020).

A relação que Sant’Anna estabelece entre futebol e arte é ainda mais importante no âmbito de nossa tese, uma vez que, no capítulo analítico de nosso trabalho principalmente, procuraremos examinar como esses dois fenômenos se articulam em “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT’ANNA, 2021). Antes, no entanto, de partirmos para essa tarefa, vale pontuar que tal relação aparece, de maneira menos ou mais velada, em narrativas em que o esporte não assume lugar principal. A noção de espetáculo ou a imagem do palco, por exemplo, ligadas a manifestações como a música e o teatro, podem ser evocadas pelo escritor quando trabalha com o futebol em sua literatura. Em “O recorde” (SANT’ANNA, 1997b) e “Um discurso sobre o método” (SANT’ANNA, 1997b), esse contato do jogo com o universo das artes assume, a nosso ver, um caráter crítico, na medida em que elementos retirados desse universo parecem ser rebaixados pelo narrador quando colocados no âmbito da cultura de massas. Isso é especialmente verdadeiro no que tange ao primeiro conto, uma vez que a noção de “teatro” adquire nele o sentido de “promoção” de “grandes feitos” do esporte, e os jogadores que optam por realizá-lo, valendo-se do alcance da TV para ampliá-los “no tempo e no espaço”, têm suas comemorações de gols classificadas como “bizarras” pelo

narrador (SANT'ANNA, 1997b, p. 199)¹²⁹. No segundo conto, o futebol é tomado pelo narrador como parte do “mundo dos espetáculos” e como agenciador de um “palco”, desde sempre vedados ao protagonista, embora fossem considerados “apropriados” para a canalização de seu “narcisismo” (SANT'ANNA, 1997b, p. 397).

Em outros textos de Sant'Anna, ainda se valendo do esporte como elemento secundário de criação e ainda recorrendo a associações entre jogo e espetáculo, a relação do futebol com a arte nos parece ser construída de maneira mais positiva. Em “O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro” (SANT'ANNA, 1997b), por exemplo, constroem-se paralelos entre o futebol, a música e a própria literatura. Também percebidos por Arneiro (2011), Moraes (2020) e Pereira (2013), tais paralelos contemplam a capacidade de um inspetor de trânsito de apreciar a música de João Gilberto e reverenciar o compositor, com base em suas experiências de menino assistindo a “dribles improváveis” de Garrincha em Nilton Santos durante treinos do Botafogo (SANT'ANNA, 1997b, p. 297), e o interesse do narrador-escritor em criar um texto que o aproxime dos dois artistas, primando pelo exercício despreocupado do ofício e pelo “prazer” (SANT'ANNA, 1997b, p. 319). Em “O milagre de Jesus”, de **Páginas sem glória**: dois contos e uma novela, o narrador, em tentativa de dissuadir uma mulher dividida entre os deveres da religião e a ideia de abortar um feto concebido em estupro, compara, a partir do atributo “requinte”, com “obras de arte” os gols que esse filho em potencial, se transformado em jogador de futebol, poderia marcar para a seleção brasileira (SANT'ANNA, 2012, p. 56-57).

Quando o assunto é o Fluminense, todavia, a consciência estética de Sant'Anna em relação ao futebol pode assumir uma feição diversa. Onde o escritor sugere, inúmeras vezes, ter um envolvimento emocional maior, e considerando que ele admite que não é fácil aceitar as derrotas de seu time de coração, a beleza da atuação da equipe tricolor – sobretudo se essa equipe eventualmente se mostra limitada do ponto de vista técnico e tático – não precisa marcar presença na partida, desde que a vitória do time seja alcançada. Como resume Casarin, parafraseando o autor, “certo pragmatismo pode ser melhor do que lances mágicos” (SANT'ANNA, 2018). Nesse sentido e no que diz respeito ao Fluminense, a experiência estética de Sant'Anna escanteia a visão de Gumbrecht (2007), que observa a supremacia da beleza atlética sobre o desejo pelo sucesso esportivo, e aproxima-se das observações de Damo (2001) sobre a vivência estética do torcedor fanático com seu time, pautada mais no interesse

¹²⁹ Valendo-se de uma perspectiva metaficcional, Pereira (2013) lê “O recorde” buscando paralelos entre as figuras do atleta e do escritor, percebidos por ele, em particular, na forma como o narrador observa o ciclista que protagoniza o conto.

pelo êxito em campo do que na forma como esse êxito é obtido. Em outros termos, a vitória, mesmo que conquistada de um modo suscetível de ser considerado como “feio”, sem encher os olhos dos espectadores ou mesmo dos torcedores de carteirinha, não deixaria de causar um prazer particular para estes últimos, fora do âmbito delineado por categorias mais estritamente associadas à estética.

Na literatura de Sérgio Sant’Anna, há, com efeito, personagens que parecem estar mais preocupados com a vitória de seu time do que com o modo como essa vitória é alcançada. Em “O torcedor e a bailarina” (SANT’ANNA, 2014), por exemplo, o protagonista, Valfrido, ao mostrar-se profundamente irritado com a derrota de sua equipe na final de um campeonato nacional, já nos acréscimos do segundo tempo, não faz qualquer consideração sobre a atuação dos jogadores, buscando atenuar, com um possível bom desempenho, a dor da perda do título. Em outras narrativas, Sant’Anna constrói como personagens jogadores efetivamente pragmáticos, que se preocupam mais em atuar bem, cumprindo as funções que lhes cabem, do que fazer um papel bonito, subentendido como um excesso. Coincidentemente ou não, a maior parte dessas figuras, se não todas, joga na defesa, incluindo Roberto, preocupado em “defende[r] o leite das crianças”, em “Páginas sem glória” (SANT’ANNA, 2012, p. 84); o alter-ego de Sant’Anna em “Tarzan e o império perdido”, que, reconhecendo suas limitações técnicas, procurava restringir-se a cumprir seu “papel” de zagueiro (SANT’ANNA, 2021, p. 45); e Duque, de “Das memórias de uma trave de futebol em 1955”, que “não gosta de perder nem em treino” e quase chora depois de marcar um gol contra no treino focalizado na narrativa (SANT’ANNA, 2021, p. 95).

Esteja ou não diretamente relacionado ao campo da estética, um bom conhecimento de futebol é tido por Sérgio Sant’Anna como fundamental para que se possa fazer literatura sobre a modalidade. Observações nesse sentido transparecem em, pelo menos, duas entrevistas do autor. Na primeira, tais observações se manifestam em sua resposta sobre a mudança de “extração” profissional de seus protagonistas e personagens, percebida por Couto em fases diferentes de sua carreira literária, tendo supostamente iniciado seu ofício com “pedreiros” e “futebolistas” – o que também é, em parte, reparado por Casarin (2020) – e passado, mais tarde, a focalizar “escritores”, “artistas” e “jornalistas” (SANT’ANNA, 1997a). Partindo da premissa de que “o escritor só pode falar mais ou menos do que ele conhece”, Sant’Anna emenda que “futebol é uma coisa que eu conheço muito” e dá como exemplo o conto “No último minuto”, destacando o fato de ter sido, “que eu saiba, o primeiro cara a descobrir que o futebol já era uma coisa diferente, um fenômeno midiático” (SANT’ANNA, 1997a). Na segunda oportunidade, a tese do escritor sobre a importância do saber sobre o jogo para se

escrever sobre ele na literatura, especialmente na ficção, evidencia-se em sua resposta sobre a suposta “relutância permanente” dos escritores de sua geração “em incorporar futebol ou esportes como tema dominante ou impulsionador do enredo” (STEIN; CAMPISI, 2016, p. 86, tradução nossa)¹³⁰. Para o autor, não haveria “qualquer problema” nesse sentido, mas, na verdade, uma escassez de “ficcionistas” com um “conhecimento profundo do assunto”, conhecimento por ele considerado “necessário” para se abordar o jogo em narrativas (SANT’ANNA, 2016a, p. 86, tradução nossa)¹³¹.

Como vimos neste capítulo, o conhecimento, pelo menos no que diz respeito à ficção de Sérgio Sant’Anna, realmente importa para a criação de textos com o tema do futebol, independentemente da forma que esse conhecimento venha a assumir na literatura, seja do ponto de vista da experiência como torcedor, espectador, apreciador ou mesmo praticante da modalidade, embora possa haver textos, como “Um conto fracassado”, de **Anjo noturno**: narrativas (SANT’ANNA, 2017), que, ao se limitarem, por exemplo, à palavra “futebol”, não necessitem de grande conhecimento sobre o assunto. Mais especificamente, o conhecimento ou descoberta da relação do esporte com as mídias, sobretudo a televisiva, mencionado pelo autor na entrevista a Couto (SANT’ANNA, 1997a), com as quais as artes também dialogam em perspectivas que aproximam os dois campos (RAJEWSKY, 2005; CLÜVER, 2011), também parece ser relevante nesse sentido, na medida em que se constitui como um campo que o escritor explora em vários de seus escritos, alguns dos quais salientamos aqui. Além disso, a observação da necessidade de um bom conhecimento sobre a modalidade para se escrever sobre ela na literatura parece ir na contramão de perspectivas que justificam a suposta escassez ou ausência do futebol na literatura com questões políticas, abordadas ou reconhecidas pelo próprio Sant’Anna em narrativas como “Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)”¹³² (SANT’ANNA, 1997b), “Ele”¹³³, pertencente ao mesmo volume – ambas, aliás, com aspectos midiáticos também marcados, até mesmo tomando o futebol como um elemento alienante –, “Amigos” (SANT’ANNA, 2017) e “Caminhos circulares”, de **O conto zero de outras histórias** (SANT’ANNA, 2016b), intelectuais ou sociais, embora os preconceitos identificados na Parte I de nossa tese possam ter alguma influência negativa na obtenção desse conhecimento por parte de determinados escritores.

¹³⁰ *Do you see any lingering reluctance to incorporating football or sports as a dominant theme or plot driver among your generation of authors?*

¹³¹ *No, I don't think there are any qualms about incorporating football and sports as a dominant theme in literary works [...] there aren't so many fiction writers who write about football, because you need to have a profound knowledge of the topic.*

¹³² Cf. Anderson Possani Gongora (2007) e Carlos Vinicius Veneziani dos Santos (2008).

¹³³ Cf. Santos (2008). O texto não consta de **Contos e novelas reunidos**, coletânea que utilizamos como referência para estudo de narrativas de Sérgio Sant’Anna anteriores a 1997.

No próximo capítulo, continuaremos explorando a presença do futebol na literatura de Sérgio Sant’Anna. Nesse percurso, retomaremos alguns dos aspectos já abordados nesta Parte III, especialmente os que se ligam a questões estéticas que orientam nosso trabalho. No entanto, nossa abordagem, em vez de se pautar de maneira predominante por um percurso de viés biográfico como ponte para adentrarmos o mundo do futebol em Sant’Anna, como fizemos neste capítulo, levará em consideração, sobretudo, a fortuna crítica até aqui construída, embora de maneira esparsa, em torno do uso do jogo de bola na poética do autor. Os objetivos do capítulo consistem em aprofundar o conhecimento sobre esse aspecto de sua obra, organizando boa parte do que já foi dito a respeito do assunto por parte de leitores especializados; reforçar, potencialmente, algumas das colocações que já fizemos, ao comentarmos as perspectivas coligidas; sugerir, nessas colocações, outras possibilidades investigativas; e verificar a existência de lacunas nesse conhecimento, o que poderá contribuir para melhor contextualizar o que pretende ser nossa contribuição nesse campo com nossa tese.

2 COMENTÁRIOS CRÍTICOS SOBRE A PRESENÇA DO FUTEBOL NA FICÇÃO DE SÉRGIO SANT’ANNA

Como deve ter ficado claro a partir da exposição feita no capítulo anterior, o conhecimento de Sérgio Sant’Anna sobre o futebol, assimilado através das diversas experiências que teve com o esporte ao longo da vida, reflete-se em sua produção literária. Essa ideia ganha respaldo com pareceres de outros leitores do autor. Brandão, por exemplo, retornando às primeiras impressões de Sant’Anna com o jogo de bola, entende que o “repertório estilístico” formado pela “rica vivência adquirida na infância em campos do subúrbio carioca” foi empregado por ele como “cenário de algumas obras” (BRANDÃO, 2020). Esteves endossa que essa vivência do escritor, efetivamente propiciada por suas “andanças de menino pelos campos do subúrbio” da cidade, teve de fato o condão de motivá-lo a construir, mais especificamente, o “universo” de “Páginas sem glória” (ESTEVES, 2015), que usa literariamente pequenos estádios do Rio como espaços para a prática ficcional do futebol. Entretanto, em nossa revisão bibliográfica sobre a presença do futebol na ficção do autor, pudemos notar, ainda que superficialmente, que o universo futebolístico reconstruído em seus textos vai além da novela, alcançando também narrativas como “Na boca do túnel” (SANT’ANNA, 1997b) e “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT’ANNA, 2021).

Comentando outras narrativas futebolísticas de Sant’Anna, Brandão (2020) e Esteves (2015) sugerem ainda que o autor conhecia bem aspectos do esporte transplantados em sua ficção. De acordo com essa suposição, em uma leitura nossa bem imediata, que não leva em conta toda a complexidade dos textos, seria o caso da disputa entre o time grande e o time pequeno encenada em “Na boca do túnel” (SANT’ANNA, 1997b), do drama da falha individual que resulta na perda irremediável de um título de campeonato em “No último minuto” (SANT’ANNA, 1997b) e da tensão entre talento e indisciplina em “Páginas sem glória” (SANT’ANNA, 2021). Isso, apenas para nos referir a textos que se valem do jogo como recurso primário de construção, podendo haver outros em que se identifique tal conhecimento do autor em torno do esporte. Quanto aos elementos salientados em nossa rápida leitura, vale enfatizar que se trata de aspectos recorrentemente verificáveis na cultura do futebol e nos quais se articula, de modo patente, a dimensão humana do jogo, a qual Sant’Anna consegue, a nosso ver, bem transplantar para a ficção, indiciado que a modalidade pode muito bem servir às chamadas questões “universais” que a literatura teria de colocar diante de nós para se configurar como tal.

Outros leitores têm reconhecido e comentado a presença relativamente disseminada do futebol na obra de Sérgio Sant’Anna. Casarin, por exemplo, afirma que “é comum que o autor faça referências ao futebol em seus textos” (SANT’ANNA, 2018), o que, com efeito, acreditamos ter conseguido mostrar, em grande medida, no capítulo anterior. Além disso, de modo a ilustrar e a comentar a própria afirmação, o crítico chama a atenção para três textos em especial. Primeiro, ele destaca o problema da beleza do jogo em “Páginas sem glória”, um aspecto que também mencionamos em alguns pontos de nossa tese. Depois, ele considera a provável estreia do tema futebolístico em lugar privilegiado na obra do autor em “No último minuto”, o que, segundo nossas leituras, é mesmo um fato. Por fim, ele também considera narrativas que se valem do esporte como elemento secundário de construção, como parece ser o caso de “Amigos” – ele cita apenas o título do livro, **Anjo noturno: narrativas** –, em que “personagens lembram de quando ainda jogavam peladas e comemoram ao encontrar amigos intelectuais que também sabiam falar sobre o jogo” (SANT’ANNA, 2018).

Moutinho, igualmente, considera o futebol um “tema constante” nas narrativas de Sérgio Sant’Anna e também dá destaque, nesse sentido, a “Páginas sem glória” (MOUTINHO, 2020). Em sua breve leitura da novela, ele prioriza, justamente, o lance central do texto, para o qual também já chamamos a atenção: o pênalti perdido por José Augusto, atuando pelo Bonsucesso, em partida decisiva contra o Botafogo. Para o estudioso, “a bola na trave”, da maneira como é construída literariamente, com toda sua plasticidade, “subverte o

conceito de fracasso” (MOUTINHO, 2020), na medida em que, apesar de desperdiçada, a cobrança tem lá sua beleza própria, garantida, paradoxalmente, pela imperfeição mesma do lance. De certa forma, a interpretação de Moutinho (2020) reverbera a ideia, defendida por alguns estudiosos do esporte, como Gumbrecht (2007), de que a beleza de um lance pode superar a consecução ou não de um objetivo prático dentro do próprio jogo ou campeonato.

Para Pacheco, comentando **A dama de branco**, o futebol, enquanto “paixão” de Sant’Anna, é um dos “temas e ideias” que, surgindo de modo relativamente insistente no livro, colabora para conferir ao volume um aspecto de “suma ou síntese final daquilo que o fascinava e o impelia a escrever” (PACHECO, 2021a). Em outra ocasião, sendo entrevistado por Carlos Marcelo, ele observa que os textos dessa obra póstuma efetivamente “retomam temas que atravessam toda a obra do Sérgio, como o sexo, o futebol, a memória, os artistas que ele admirava”, “como se ele quisesse visitar pela última vez as obsessões de uma vida inteira” (PACHECO, 2021b). Com efeito, **A dama de branco** é o primeiro e único livro com material inédito de Sant’Anna em que o futebol constitui tema principal de mais de uma narrativa, “Tarzan e o império perdido” e “Das memórias de uma trave futebol em 1955”, o que dá razão a Pacheco (2021a, 2021b) em sua observação sobre a presença do futebol no trabalho do autor.

Referindo-se aos “últimos cinco livros que escreveu em dez anos”, de **Páginas sem glória**: dois contos e uma novela a **A dama de branco**, Beatriz Resende comenta que o autor, entre outras coisas, “fez-se quase um comentarista esportivo falando de futebol” (RESENDE, 2022, p. 259). De fato, se considerarmos o recorte definido pela estudiosa, o esporte passa a ser mais frequente na obra do autor a partir de 2012. Em nossa revisão bibliográfica em torno da presença da modalidade nessa poética, identificamos 32 narrativas em que o jogo é tecido de alguma forma. Dessas, dezenove encontram-se na produção mais recente do autor, que teve seu primeiro livro de narrativas publicado ainda em 1969. De maneira igualmente significativa, metade da produção especificamente futebolística de Sant’Anna, a qual compreende, no total, sete contos e uma novela, foi publicada em um período inferior a dez anos. O que também vale destacar é a sugestão interpretativa concedida por Resende (2022), a qual talvez possa ser cotejada com os textos do autor em estudos específicos e posta em diálogo com perspectivas como a de Wood (2017) sobre a história da literatura de futebol na América do Sul, brevemente comentada na Parte II de nossa tese.

Há também estudiosos que destacam, de maneira mais aberta, o valor da literatura de Sérgio Sant’Anna naquilo que diz respeito, em menor ou maior medida, ao futebol. Zema Ribeiro, por exemplo, nota que o autor, por um lado, focaliza um número bastante reduzido de

temas, como “sexo, morte, futebol” (RIBEIRO, 2021), limitação que poderia, em tese, ser vista como um demérito de sua obra. Mas, por outro, salienta que, a despeito dessa restrição de “assuntos” ou “obsessões”, ele foi capaz de manter em alta sua “criatividade”, ao longo de uma extensa trajetória literária, sempre abordando tais temas “com originalidade” (RIBEIRO, 2021). Entendemos que nosso passeio pela produção de Sant’Anna no que se refere ao futebol é capaz de mostrar parte do foco e da originalidade identificados por Ribeiro (2021), na medida em que o futebol, de fato, é bastante frequente no trabalho do autor e, tão importante quanto isso, assume diversas facetas, propiciando diferentes possibilidades de leituras. A propósito, considerando a revisão que fizemos, poderíamos reconhecer de antemão que abordar a dimensão estética do futebol na obra de Sant’Anna seria apenas um passo dentre vários outros que poderiam ser dados na pesquisa de sua criação literária em torno do esporte.

Talvez também colaborando para ilustrar o traço da originalidade da obra de Sant’Anna, Guilherme Trucco e Raul Andreucci (2021) destacam o que constituiria a contribuição própria do autor para o tratamento literário do futebol no Brasil. Comparando-o com Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade, que teriam sabido explorar, respectivamente, o drama e o lirismo do jogo, eles entendem que o ficcionista “questiona a própria essência do brasileiro [...] através de narrativas vivas, reais, que transpiram futebol e o Brasil popular”, tendo tido a “sensibilidade de extrair do futebol, como temática, como estrutura, todo um debate filosófico, ontológico, místico que esteve ali, o tempo todo, entranhado” (TRUCCO; ANDREUCCI, 2021). Se isso faz sentido, Trucco e Andreucci (2021) indicam fazer parte do grupo dos estudiosos que consideram ser possível interpretar um povo, como o nosso, a partir do futebol, sinalizando outra possibilidade de leitura da obra do autor, e observam o jogo, de fato, tanto como um assunto que pode ser debatido e transplantado no âmbito criativo quanto como uma forma específica, reforçando as premissas que sustentam nossa hipótese de leitura¹³⁴.

Casarin (2020) também ressalta a importância da obra de Sérgio Sant’Anna em torno da modalidade no país, em especial no campo da narrativa. Considerado pelo crítico como alguém “exímio em contos e novelas” e como “um dos grandes escritores de nossos dias”, o autor teria produzido “grandes histórias sobre o mundo da bola em nossas letras”, contrariando a ideia de que “não há grande literatura sobre futebol escrita neste país” (SANT’ANNA, 2018). A nosso ver, a qualidade da produção literária de Sant’Anna em torno

¹³⁴ A comparação que Trucco e Andreucci (2021) fazem de Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade com Sérgio Sant’Anna não implica, necessariamente, que o autor focalizado em nossa tese não tenha sabido também explorar os aspectos dramáticos e líricos do futebol. Encontram-se aí, aliás, outras possibilidades de se investigarem configurações do esporte na ficção do escritor.

do esporte, a qual também reconhecemos e que poderá ser verificada com ênfase ainda maior em pesquisas posteriores, repousa em três aspectos principais: a capacidade de refletir sobre a condição humana a partir do futebol, articulando-o a temas e tensões existenciais, entre épicas, dramáticas e líricas, por isso mesmo também estéticas, como êxito, fracasso, morte e beleza; o profundo conhecimento sobre o esporte, o que lhe permite tratar com perícia de elementos específicos do jogo e transitar com desenvoltura entre ficção e história; e o próprio domínio do ofício da escrita, responsável por fazê-lo ultrapassar, por meio de recursos como a descrição e o comentário, as dificuldades de se trabalhar com a modalidade na literatura, como as que foram discutidas na Parte II de nossa tese.

O próprio Sérgio Sant'Anna, na entrevista a Stein e Campisi, faz questão de afirmar que “o futebol sempre fez parte de meus livros” (SANT'ANNA, 2016a, p. 86), embora seja necessário tomarmos a liberdade de relativizar que a entrada do jogo em sua ficção se deu, de acordo com nossas leituras, em seu segundo livro de contos, **Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)**, de 1973. O autor chega até a dividir a participação do jogo em sua literatura em duas formas relativamente genéricas, sobre as quais falaremos de maneira mais teórica e aprofundada no próximo capítulo, com o auxílio de Stein (2016) e de McGowan (2019): uma, “como o único tema de uma história”; outra, como elemento “apenas referido de passagem” (SANT'ANNA, 2016a, p. 86). Como exemplo do uso temático dominante da modalidade em sua obra, Sant'Anna cita e destaca “Páginas sem glória”, novela que ele mesmo avalia como sua “mais complexa história sobre futebol” (SANT'ANNA, 2016a, p. 86, traduções nossas)¹³⁵ e que nós também consideramos como uma das oito peças literárias propriamente classificáveis como ficção de futebol dentro de sua produção.

Puxando o assunto para perto do enquadramento analítico de nossa tese e aproveitando a compreensão de Pacheco (2021b) sobre o futebol e certos artistas terem sido, indistintamente, “obsessões” de Sant'Anna, vale notar que outros leitores, ao comentarem sua obra, também não tentam traçar qualquer distância entre a modalidade e as artes consagradas, como se fosse absolutamente natural a aproximação entre os fenômenos considerados. Pelo contrário, Casarin, por exemplo, compara o escritor, artista da palavra, em seu trabalho ligado ao futebol, com o jogador argentino Lionel Messi, artista da bola, destacando em ambos a “genialidade”, ou capacidade de “surpreender” e “maravilhar” leitores e espectadores com uma “grande sacada” (CASARIN, 2020). Nesse sentido, importa sublinhar que o gênio,

¹³⁵ [...] at least in my case, football has always been part of my books, sometimes as the only theme of a story, sometimes just referred to in passing. You may not be familiar with my most complex story about football, the title of which is “Páginas sem glória”.

aspecto central, para além do futebol propriamente dito, que liga Sant’Anna e Messi, é reconhecido por autores como José Lins do Rego (*apud* HOLLANDA, 2003) como um elemento capaz de realmente aproximar o futebol e a arte canônica, nomeadamente a música – uma conexão patente, como notamos em “O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro” (SANT’ANNA, 1997b) e como salientaremos, no capítulo analítico, no conto “As cartas não mentem jamais”, de **O monstro**, de 1994 (SANT’ANNA, 1997b) –, além de ser visto por Lacerda e Mumford (2010) em um sentido estético mais ampliado, como comentamos na Parte II.

Do mesmo modo, Brandão vê semelhanças entre o autor, “dono de uma habilidade incomum para dominar as palavras”, e Didi, com sua capacidade de “dominar a bola no meio-campo lendário do Fluminense e que marcou para sempre suas memórias de garoto” (BRANDÃO, 2020). Aqui, a aproximação entre literatura e futebol parece se fazer, primeiro, a partir do reconhecimento da perícia técnica demonstrada por Sant’Anna e Didi em seus respectivos ofícios, com ambos sendo vistos como mestres em cada atividade. Em segundo lugar, vale destacar que a aproximação que Brandão (2020) faz é pertinente também do ponto de vista da produção literária do autor, uma vez que Didi é, de fato, como assinalamos no capítulo anterior, figura constante nos textos de Sant’Anna, sobretudo nos dos últimos dez anos, em produções dotadas de um forte viés memorialístico.

Moutinho (2020), por sua vez, equipara o jogo, em termos de frequência na literatura de Sant’Anna, à pintura e ao teatro. Ao fazê-lo, ele lembra a marcante experiência do escritor no International Writing Program, em Iowa, Estados Unidos, nos anos 1970, que teria, segundo o próprio autor, “impregnado” sua obra de uma “teatralidade plástica” (MOUTINHO, 2020). Embora o estudioso, ao que parece, não tenha tido a intenção de colocar futebol, pintura e teatro em um mesmo nível do ponto de vista estrutural, vale destacar que o jogo de bola e as artes plásticas parecem, efetivamente, estabelecer contatos relevantes na obra de Sant’Anna. Parte disso ficou sugerida no capítulo anterior, quando nos referimos à consciência estética do autor relativamente ao esporte e mencionamos como ilustrações ligeiras dessa consciência, reconstruída na literatura, excertos de “O recorde” (SANT’ANNA, 1997b), “Um discurso sobre o método” (SANT’ANNA, 1997b) e “O milagre de Jesus” (SANT’ANNA, 2012), seja por observarem o jogo na perspectiva do espetáculo ou por atribuírem a gols denominação tradicionalmente reservada a produções artísticas. Além disso, como veremos no capítulo analítico, um gol pode ser chamado de “pintura”, em razão mesmo de sua plasticidade e reconhecida beleza, como ocorre em “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT’ANNA, 2021), e o procedimento da écfrase, a nosso ver, também

deixa patente essa relação que Sant’Anna constrói do futebol com as semioses citadas por Moutinho (2020)¹³⁶.

Outro ponto de atenção, ainda na conversa com Stein e Campisi, é a sugestão do próprio Sérgio Sant’Anna de que existiria, sob o ângulo formal, “uma conexão entre meu jeito de escrever e o jeito como atuam muitos jogadores de alto nível do passado e do presente” (SANT’ANNA, 2016a, p. 86), algo também indicado por Casarin (2020) e Brandão (2020). Embora, infelizmente, não entre em minúcias nessa direção, Sant’Anna menciona o atacante Tostão e o meia Ademir da Guia – grandes craques brasileiros dos anos 1960 e 1970, ainda hoje considerados os maiores jogadores da história de Cruzeiro e Palmeiras, respectivamente – como exemplos desse tipo de atletas e define-os como “estilistas do futebol” (SANT’ANNA, 2016a, p. 86, traduções nossas)¹³⁷. Apesar dessa imprecisão, pistas sobre o significado específico dessa leitura, a serem testadas em outros estudos, talvez possam ser encontradas em um dos contos futebolísticos do autor, “Na boca do túnel” (SANT’ANNA, 1997b). Nesse texto, há menções a ambos os jogadores, com o narrador considerando Ademir da Guia como um jogador que “tratava a bola como se fosse parte do próprio corpo”, o que, no entanto, não foi o suficiente para fazê-lo se firmar na seleção brasileira (SANT’ANNA, 1997b, p. 213), e Tostão como exemplo de uma das contrapartes que formariam a “ginga brasileira”, teoria do próprio narrador, sendo definido como “branco” e como dono de “características mais sóbrias e objetivas” (SANT’ANNA, 1997b, p. 219).

Mas, não obstante muitos admitam a presença do futebol na obra de Sérgio Sant’Anna e reconheçam a qualidade do trabalho do autor no tratamento desse tema, além de ser ele considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira contemporânea, ainda existem pouquíssimos estudos ou comentários que se dedicam a explorar, de maneira concentrada e/ou extensiva, o uso do jogo como objeto de sua escrita. De acordo com nossas pesquisas, considerando a produção estritamente universitária, apenas Francisco Aurelio Ribeiro (1994), Giovanna Ferreira Dealtry (2003) e Shawn Stein (2014), em análises de “Na boca do túnel” (SANT’ANNA, 1997b) e “As cartas não mentem jamais” (SANT’ANNA, 1997b), já se debruçaram sobre narrativa futebolística do autor concedendo realçado destaque ao exame da presença do esporte nos textos. Excluindo-se esses três artigos, deparamo-nos somente com

¹³⁶ Para complementar, Nigri e Pacheco, ao comentarem parte da fortuna crítica de Sant’Anna, concluem que o escritor, para eles “um dos mais inquietantes e versáteis ficcionistas da nossa literatura e cujos receptores eram sensíveis a tudo”, nutria “paixões irrefreáveis por futebol, música, artes plásticas, teatro e cinema” (NIGRI; PACHECO, 2021, p. 12), assim observando, coincidentemente ou não, o esporte, tratado literariamente, no mesmo bojo de outras semioses artísticas canônicas.

¹³⁷ *I see a connection between my way of writing and the way a lot of top football players, past and present, play. I could cite, for example, Tostão and Ademir Da Guia, as football stylists.*

outros quatro comentaristas emprestando o mesmo foco à modalidade, em diferentes gêneros: a entrevista de Casarin com o autor (SANT'ANNA, 2018), a revisão bibliográfica de Ruffato (2021) sobre a presença do jogo na literatura brasileira, o esboço do ensaio de Trucco e Andreucci (2021) a respeito do uso do futebol na poética de Sant'Anna e os textos mais ou menos próximos do obituário escritos por Brandão (2020) e Casarin (2020).

Com nossa tese, sobretudo no que consta em sua Parte III, pretendemos preencher uma parcela dessa lacuna. Como já dito em outros pontos da investigação, trabalhamos com a hipótese de que o futebol adquire uma dimensão estética em narrativas de Sérgio Sant'Anna. Considerando as contribuições teóricas articuladas anteriormente, sobretudo na Parte II da pesquisa, a verificação dessa hipótese poderia se pautar por, pelo menos, três caminhos correlacionados, divididos entre os significados principais de forma, beleza e arte implicados em conceitos para o termo “estética”. Dada a amplitude que o problema da estética do futebol parece adquirir na obra do escritor e por conta de outras razões a serem explicitadas mais adiante, optamos por nos limitar a examinar, no momento, como esses significados se manifestam em uma narrativa específica, o conto “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT'ANNA, 2021), a partir da análise de determinados recursos literários estabelecidos no texto.

Apesar dessa limitação em termos analíticos, acreditamos estar colaborando também em outras frentes relacionadas à presença do futebol na literatura de Sérgio Sant'Anna, orbitando o que pretende ser a contribuição principal de nossa tese. Como visto até aqui, procuramos mostrar em que medida e sob quais formas o autor lidava com o jogo e como o jogo aparece em parte de sua literatura, estabelecendo conexões de várias ordens a partir, sobretudo, de entrevistas por ele concedidas ao longo de sua carreira literária. Além disso, tentamos organizar o que a crítica especializada já percebeu no que se refere à presença do futebol na obra do escritor, enfatizando o aspecto estético que o jogo realmente parece assumir em um bom número de textos e apontando lacunas a serem preenchidas com estudos futuros. No próximo capítulo, que antecede à análise mencionada no parágrafo anterior, buscaremos fazer mais uma contribuição, estabelecendo o conjunto de narrativas que, à luz dos conceitos de *football fiction* propostos por Stein (2016) e McGowan (2019), compõem o que entendemos ser a ficção de futebol de Sérgio Sant'Anna. Nesse sentido, iremos apresentar tais conceitos, indicar os textos que podem ser catalogados segundo a etiqueta a que dizem respeito, e justificar, com alguns elementos textuais, dentro das categorias destacadas pelos estudiosos, sua inclusão nela.

3 A FICÇÃO DE FUTEBOL DE SÉRGIO SANT'ANNA

Em entrevista concedida a Christine Baksi, Stein, compilador, em parceria com Campisi (2016), de contos latino-americanos sobre futebol em **Idols and Underdogs**, propõe como futebolística a “ficção literária que usa o futebol como tema dominante ou norteador do enredo” (STEIN, 2016). Segundo ele, textos que se encaixam nessa categoria, exemplificáveis com os que constam da referida coletânea e a partir dos quais parece estabelecer o conceito, podem ter como protagonistas sujeitos diretamente implicados no futebol, como “jogadores, técnicos, árbitros e torcedores”, e focalizar situações do futebol “amador, semiprofissional e profissional” (STEIN, 2016, traduções nossas)¹³⁸. Dito de outro modo, afiguram-se como elementos teoricamente necessários para a caracterização de determinada produção como ficção futebolística um alto grau de participação do futebol na narrativa, não se limitando a passagens relativamente isoladas no texto ou subordinadas a elementos de maior presença; a consideração de um conjunto específico e restrito de personagens envolvidos, com ligação evidente e irrefutável com o universo do jogo; e a contemplação da competitividade, em seus diferentes níveis.

Por sua vez, McGowan, autor de **Football Fiction: A History**, assimilando e adaptando definições relativas à ficção esportiva, em diferentes modalidades, e à ficção futebolística propriamente dita, conceitua a narrativa de futebol como aquela que “depende significativamente do futebol como elemento central, pivotal ou substantivo” (MCGOWAN, 2019, p. 5). Mais especificamente, de um ponto de vista textual, elaborado a partir de contribuições advindas dos estudos literários, tal dependência pode ser constatada ou refutada, segundo o estudioso, ao se examinar a relevância que o esporte adquire em relação a determinadas categorias trabalhadas na obra, entre “estrutura narrativa, situação narrativa, ponto de vista, voz, uso da linguagem, cenário e desenvolvimento de personagem” (MCGOWAN, 2019, p. 5). Com a inclusão do termo “substantivo”, mais flexível, a nosso ver, do que “central”, “pivotal”, “dominante” e “norteador”, e com a exigência de observância de menos da metade das sete categorias textuais relacionadas ao esporte, pode-se dizer que a definição de *football fiction* colocada por McGowan, em comparação com a de Stein (2016),

¹³⁸ *Idols and Underdogs is a collection of Latin American football (soccer) fiction, or literary fiction that uses soccer as a dominant theme or plot driver. The portrayals of the soccer universe found in the stories vary greatly, with players, coaches, referees and fans as protagonists, and with levels ranging from amateur to semi-professional to professional.*

é, como diz o próprio estudioso, mais “nuançada”, dependente de “subjetividade” e “aberta a interpretação” (MCGOWAN, 2019, p. 5-6, traduções nossas)¹³⁹.

Embora a questão do valor literário da ficção de futebol de Sérgio Sant’Anna não constitua nossa principal preocupação nesta tese, vale abrir um parêntesis para dizer que, além de propiciarem conceitos para o gênero, Stein (2016) e McGowan (2019) também indicam elementos que deveriam ser considerados para a referida tarefa. Em sua fala sobre **Idols and Underdogs**, Stein destaca como critérios para a avaliação crítica da ficção futebolística o “tratamento de problemas humanos e sociais complexos” e a capacidade de chamar a atenção de leitores não diretamente envolvidos com o jogo de alguma forma (STEIN, 2016, tradução nossa)¹⁴⁰. McGowan, por sua vez, propõe instrumentos de avaliação mais abertamente ligados à técnica, como “originalidade, experimentação intencional com a forma e inovação estilística” (MCGOWAN, 2019, p. 6, tradução nossa)¹⁴¹. Levando-se em conta parte do que já dissemos a respeito da ficção de futebol de Sant’Anna, a contribuição dos estudiosos parece sinalizar a possibilidade de explorar os textos do escritor, em outras investigações, em um viés predominantemente crítico, focalizando questões tidas como universais, a exemplo de nossa relação com a morte e com a beleza, e recursos literários específicos, a exemplo da écfrase.

Voltando ao problema conceitual da *football fiction*, é possível dizer que tanto a definição de Stein (2016) quanto a de McGowan (2019) para o gênero permitem-nos eliminar, de imediato, de tal categoria mais de duas dezenas de narrativas de Sérgio Sant’Anna que fazem algum tipo de referência ou alusão ao futebol. Isso porque, nesses textos, a modalidade parece adquirir, de fato, um caráter mais secundário do que central na economia de tais produções, ainda que ela possa ser significada, como procuramos fazer de maneira breve em nossa revisão da literatura do autor, em relação a determinadas categorias, como história, sociedade, política e a própria estética. Nestes casos, discussões mais amplas, como a repressão militar vigente no Brasil a partir de 1964, o lugar do escritor no mundo contemporâneo, o isolamento e desamparo do sujeito nesse mesmo mundo e as próprias

¹³⁹ *A work of football fiction will be regarded as one that significantly relies on football as a central, pivotal or substantive element; this can and should include more than one of the following: narrative structure; narrative situation; point of view; voice; language use; setting; and character development. This definition is clearly not free from subjectivity and is open to interpretation.*

¹⁴⁰ *The best soccer fiction addresses complex human and social issues. This type of writing is obviously engaging to the soccer faithful, but it also allows readers who know little or nothing about the sport to experience otherwise inaccessible spaces, cultures and communities.*

¹⁴¹ *Arguments regarding the lack of quality in the genre tend to neglect the vast majority of football fiction. Reflecting the actual game, small numbers of high-quality literary works sit within a much larger body. The works in this non-literary majority may lack originality, self-aware experimentation with form or stylistic innovation that would mark them in a literary sense, but they were/are popular (popular in the sense that large numbers have been sold and or read by relatively large numbers of people) and would be regarded as football fiction.*

memórias dos narradores construídos como alter-egos de Sant’Anna mais para a fase final de sua carreira literária, parecem sobressair, situando o jogo de bola, no máximo, como um elemento integrado a tais discussões. Para ilustrar nossa perspectiva com um caso que nos parece extremo, vale lembrar que, em “Um conto fracassado” (SANT’ANNA, 2017), o narrador usa o termo “futebol”, muito simplesmente, para se referir a um dos interesses dos protagonistas da trama, sem fazer qualquer outra menção ou aprofundamento sobre o jogo nessa direção¹⁴².

No entanto, se, de um lado, os conceitos de *football fiction* propostos por Stein (2016) e McGowan (2019) nos levam ao mesmo recorte relativamente às narrativas de Sérgio Sant’Anna que não se valem do futebol como tema de significativa amplitude em sua estrutura, de outro eles nos conduzem a resultados ligeiramente diferentes quando consideramos os textos que usam o esporte de modo mais enfático. Como antecipamos, a definição de McGowan é mais abrangente, e isto pode ser comprovado, além dos argumentos que apresentamos anteriormente, esperamos, com o caráter “inclusivo” de sua lista de textos pertencentes ao gênero, com foco no romance (MCGOWAN, 2019, p. 5, tradução nossa)¹⁴³. Nela o estudioso coloca “textos que fazem uso significativo do jogo, mesmo quando não tenham sido concebidos para ser lidos como romances de futebol”, e/ou que, em razão de alguma cena esportiva em especial, faz-se presente em “levantamentos e resenhas sobre ficção de futebol” (MCGOWAN, 2019, p. 5-6).

Como exemplos desses textos, todos eles romances, o estudioso aponta **The Football Factory**, **Headhunters** e **England Away**, de John King, e **A Kestrel for a Knave**, de Barry Hines, e apresenta argumentos para considerá-los como ficções de futebol, apesar de ter de se pautar por uma perspectiva mais compreensiva para abarcá-los em sua relação de obras futebolísticas. Nos livros de King, constitutivos de uma trilogia publicada entre 1996 e 1999, haveria “referências frequentes ao futebol inglês”, mas o jogo em si “raramente” seria “evidenciado”, e desses livros jogadores estariam “completamente ausentes” (MCGOWAN, 2019, p. 6). Já em **A Kestrel for a Knave**, de 1968, haveria “uma única cena de futebol significativa para a narrativa”, ocorrida “durante uma partida em horário escolar”, em que se notaria um “desenvolvimento decisivo do protagonista e de um personagem secundário

¹⁴² Partindo de estudo de John Turnbull, que analisa textos de Albert Camus e Vladimir Nabokov, e de suas próprias leituras, que incluem **The Second Curtain**, de Roy Fuller, de 1953, e **Incendiary**, de Chris Cleave, de 2005, o próprio McGowan (2019) exclui de seu meticoloso apanhado peças ficcionais que usam o futebol de maneira considerada por ele menos significativa.

¹⁴³ *The purpose of this study is a nuanced view of the inclusive corpus described as football fiction, with a specific focus on the relatively narrow form of the football novel.*

central” da história (MCGOWAN, 2019, p. 6, traduções nossas)¹⁴⁴. Considerando-se o conceito de Stein (2016), pode ser que apenas a trilogia de King fosse tida como ficção de futebol, uma vez que os protagonistas de cada livro são construídos como torcedores, ao passo que à obra de Hines talvez fosse negada a categoria, já que a cena citada por McGowan (2019), embora observada por ele como relevante, não parece dominar ou nortear o enredo.

No que se refere à ficção de futebol de Sérgio Sant’Anna, uma narrativa que entendemos como pertencente ao gênero parece atender apenas aos critérios estabelecidos por McGowan (2019). Em “As cartas não mentem jamais” (SANT’ANNA, 1997b), o protagonista, um pianista de grande renome, não se liga diretamente ao universo do futebol nos termos colocados por Stein (2016), e as cenas futebolísticas construídas no conto não exercem um papel dominante, surgindo em número pequeno em sua economia, que é relativamente extensa. Com base no conceito de McGowan (2019), a classificação do conto como ficção de futebol explica-se, em linhas bastante gerais, pela importância que o jogo adquire em aspectos cruciais da vida do personagem principal – um argumento semelhante ao que o próprio McGowan (2019) emprega ao observar **A Kestrel for a Knave** dentro desse gênero. Desde sempre ligado à música, o protagonista é construído como um sujeito que, durante a infância, sonhava em jogar bola na rua com os vizinhos de sua idade, sendo impedido pelo zelo excessivo da mãe e da avó, e, mais tarde, tornar-se um jogador profissional. Não tendo conseguido realizar esse sonho na prática, ele o transforma em sinfonias, que são aclamadas pelo público e pela crítica.

Importa observar que três outras narrativas que se valem do futebol de modo relevante em sua estrutura, a ponto de também as considerarmos como ficções de futebol nos termos mais flexíveis de McGowan (2019), talvez possam chocar-se em um aspecto importante com o conceito proposto por Stein (2016), embora, em outros, elas repercutam claramente a definição do estudioso. Referimo-nos, desta vez, a “Invocações (memórias e ficção)” (SANT’ANNA, 2003), “O torcedor e a bailarina” (SANT’ANNA, 2014) e “Tarzan e o império perdido” (SANT’ANNA, 2021). O motivo para uma possível polêmica quanto a sua classificação no mencionado gênero dentro dos critérios de Stein (2016) repousa no fato de que o futebol, embora possa nortear, a partir de determinados momentos, cada enredo, não

¹⁴⁴ [...] texts that make significant use of the game, even where they were not intended to be read as a football novel, have been included. Football is rarely witnessed in, and footballers are completely absent from, *The Football Factory* (J. King 1996) and its sequels, but the texts are included in the study as a result of their frequent reference to English football. Barry Hines’ novel, *A Kestrel for a Knave* (1968), contains a single, narratively significant, 20-page football scene (in a book of 159 pages). Decisive development of the protagonist and a central secondary character occurs within a match during school hours. Due entirely to this scene, the novel is included in several surveys and reviews on football fiction, a consideration which enables a further degree of its qualification as a football novel [...].

parece exercer em tais contos o mesmo domínio, em termos quantitativos, por assim dizer, que exerce em “No último minuto” (SANT’ANNA, 1997b), “Na boca do túnel” (SANT’ANNA, 1997b), “Páginas sem glória” (SANT’ANNA, 2012) e “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT’ANNA, 2021).

Nestes últimos textos, o jogo de bola ganha um relevo que nos parece absolutamente indiscutível. Tal relevo se manifesta no fato de que tais narrativas não apenas trazem protagonistas e/ou narradores diretamente ligados ao jogo, colocando nessas posições de destaque narrativo figuras como as do goleiro, do treinador, do ponta-de-lança e da trave, mas privilegiam claramente o esporte. Esse privilégio pode ser notado, talvez de maneira principal, em um predomínio mais completo do próprio universo do futebol, concedendo protagonismo a seus personagens, história e forma específicos. Já naqueles outros textos, conquanto os protagonistas e/ou narradores façam parte desse mesmo universo, na condição de goleiro, torcedor e jogador, aquilo que diz respeito ao jogo, apesar de presente em menor ou maior grau, divide em significativa medida a atenção dos leitores com elementos de igual importância¹⁴⁵. Tais elementos correspondem, em nossa leitura, ao tortuoso processo de escrita do narrador escritor em “Invocações (memórias e ficção)” (SANT’ANNA, 2003), ao absorvente espetáculo de dança visto pela TV pelo protagonista torcedor em “O torcedor e a bailarina” (SANT’ANNA, 2014) e à vida do narrador jogador em colégio interno em “Tarzan e o império perdido” (SANT’ANNA, 2021).

Informadas as narrativas que, a partir dos conceitos de Stein (2016) e McGowan (2019), perfazem a ficção de futebol de Sérgio Sant’Anna, passemos para o penúltimo capítulo de nossa tese. Nele, voltaremos a falar de cada uma das oito histórias que compõem esse nicho da literatura do autor, parafraseando-as e reproduzindo trechos significativos seus, em uma tentativa de situar ainda melhor nossos leitores quanto ao que já dissemos sobre elas. Em seguida, buscaremos identificar ou reforçar, de modo bastante breve, alguns dos aspectos que consideramos como estéticos e que observamos como entranhados no futebol tal como construído nessas narrativas, de maneira a elaborar um rápido apanhado sobre como essa dimensão se manifesta nas histórias. Um exame mais atento será feito com o conto “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT’ANNA, 2021), perseguindo a hipótese de que o futebol, enquanto matéria literária, pode de fato ser percebido como um fenômeno

¹⁴⁵ Um ponto importante de “Tarzan e o império perdido” (SANT’ANNA, 2021), semelhante ao que ocorre em “As cartas não mentem jamais” (SANT’ANNA, 1997b), é que o narrador-personagem considera que ter perdido um gol praticamente feito quando teve a chance de atuar entre os craques do colégio mudou os rumos de sua vida.

estético, enfeixando os aspectos de forma, beleza e arte ligados a este termo e servindo como um ótimo exemplar da ficção de futebol de Sérgio Sant'Anna nesse sentido.

4 A FICÇÃO DE FUTEBOL DE SÉRGIO SANT'ANNA EM ÂNGULO ESTÉTICO: APONTAMENTOS PRELIMINARES

Em “No último minuto” (SANT'ANNA, 1997b), um goleiro profissional retoma, em primeira pessoa, os principais lances de uma final de campeonato de futebol de âmbito nacional, enquanto os revê obsessivamente em diferentes canais de televisão. Na partida, o time que ele defende começa o jogo com a vantagem do empate para vencer o torneio, abre o placar ainda no primeiro tempo e conta com uma atuação sólida do próprio arqueiro para manter-se à frente no marcador até o intervalo. Logo na saída da segunda etapa, no entanto, as coisas começam a se complicar para os então vencedores. Um pênalti é marcado para o adversário, que converte a cobrança sem dar chances de defesa ao narrador, iniciando, com isso, uma grande pressão pela vitória. Exigido com frequência sob as traves, o goleiro cumpre bem seu papel, evitando uma série de tentativas de gol do oponente e até imaginando que poderá ser convocado para a seleção brasileira devido a seu ótimo desempenho em um jogo tão importante. Contudo, no apagar das luzes, quando tudo parecia estar definido a favor de seu time, ele não consegue segurar uma bola pretensamente fácil de ser agarrada, a qual fora chutada sem força e de um ângulo desfavorável para o atacante, e acaba permitindo a virada da equipe adversária, que sai campeã.

É um chute rasteiro, um centro chocho, e eu grito: “Deixa”. Eu fechei o ângulo direitinho e caio na bola. Eu sinto a bola nos meus braços e no peito. E sei que a torcida vai gritar e aplaudir, desabafando o nervosismo, naquele último ataque do jogo. Eu tenho a bola segura com firmeza contra o peito e, de repente, sinto aquele vazio no corpo. Eu estou agarrando o ar. A bola escapando e penetrando bem de mansinho no gol. A bola não chega nem a alcançar a rede; ela fica paradinha ali, depois da linha fatal. E eu pulo desesperadamente nela, puxando a bola lá de dentro. Mas é tarde demais, todo mundo já viu que foi gol. O estádio explode e é como se minha cabeça estourasse. Eu vejo e ouço tudo aquilo: o time deles se abraçando, a zoeira da multidão, os foguetes e o nosso time que parte pra cima do juiz, numa tentativa inútil de anular o gol. Eu ouço e vejo aquilo, mas é como se tudo estivesse muito longe de mim, sem nenhuma relação comigo (SANT'ANNA, 1997b, p. 72-73).

Em “Na boca do túnel” (SANT'ANNA, 1997b), um treinador decadente, que comanda o time do bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, reflete, em primeira pessoa, sobre vários assuntos, em meio à narração dos bastidores e dos lances principais de sua última partida na equipe, uma derrota por 7 a 1 para um time grande, no Maracanã, antes de ser demitido.

Modulado em um tom entre irônico e conformado, essa reflexão aborda temas ligados à cultura em geral, com ênfase na brasileira, e à própria condição humana, e é pautada por um profundo conhecimento do esporte, dos pontos de vista técnico, tático e histórico. Dentre as elucubrações do narrador, destacam-se, por exemplo, as tensões entre o grande e o pequeno, o forte e o fraco, o rico e o pobre, as quais são identificáveis, segundo a articulação construída em seu discurso, na sociedade como um todo e no futebol especificamente; o pensamento sobre si mesmo, o qual põe em cena, entre outros elementos, seu histórico como técnico, marcado por um passado relativamente ilustre e um presente e futuro praticamente nulos, e o problema da escrita, a partir de cuja discussão o personagem demonstra conhecer e ser capaz de ponderar as complexas dimensões de seu relato; e as possibilidades estéticas que o jogo encerraria, perceptíveis, de acordo com seus enunciados, na criatividade de jogadores como Zico e Jair – craque do São Cristóvão –, na condição híbrida de atleta e artista de craques do meio-campo como Dirceu Lopes e Ademir da Guia, na existência de estilos individuais e coletivos na prática da modalidade como os de Cruyff e Sócrates e, como reproduzido na epígrafe de nosso trabalho, em lances geniais e imortais executados por Gérson e Pelé na Copa do Mundo de 1970.

Não demora muito, os craques já estarão cobrando direito autoral. Com o videoteipe, o futebol entrou na História da Arte. E o gol, o passe viraram obra de museu. Aquele passe matemático do Gérson para o Pelé, por exemplo, no segundo gol do Brasil na Copa de 70. É como se aquela bola nunca fosse cair. Como se sua trajetória fosse eterna, é o que eu quero dizer. Mas tem de ser gol ou passe em jogo importante. No jogo de hoje pode acontecer a maior jogada de todos os tempos que se for do nosso time ninguém vai arquivar nas estações de TV. As mesmas estações que não se cansam de repetir as jogadas imortais do Pelé naquela Copa que não se concretizaram em gol. Como o chute do meio do campo contra a Tchecoslováquia ou o drible de corpo no goleiro Marzukiewsky, do Uruguai, quando Pelé depois fez o mais difícil: concluiu para fora (SANT'ANNA, 1997b, p. 214).

Em “As cartas não mentem jamais” (SANT'ANNA, 1997b), conta-se a história de Antônio Flores, um famoso pianista clássico, nascido no Rio de Janeiro e criado pela mãe e pela avó materna no bairro de Ipanema. Estruturada em grande parte na forma de diálogo, com raras intervenções de um narrador em terceira pessoa, a narrativa gira em torno do encontro do protagonista, de 44 anos de idade, com Michelle, uma garota francesa de dezesseis, que ele conhecera em um concerto dado em Chicago. Em um quarto de hotel, com vista para a toda a cidade estadunidense, a longa conversa entre os personagens – que envolverá ainda um telefonema entre Antônio, René e Dorothy, padrasto e amante do padrasto de Michelle, cientista e psicanalista, respectivamente – parte da pergunta da menina a respeito de como foi a primeira experiência sexual do músico. Toda a entrevista levará Antônio a se

reportar à figura de madame Zenaide, uma cartomante que ele conhecera ainda menino em uma favela no Rio, devido a uma febre que o acometia, por intermédio de Zulmira, que trabalhava em sua antiga casa. Em meio à interlocução dos personagens, outros aspectos da vida do pianista apresentam-se ao leitor, de maneira às vezes claramente inter-relacionada, como a influência ambígua que o avô, falecido compositor de marchinhas de Carnaval, exercia sobre sua personalidade; a intensidade e relevância do primeiro amor vivido pelo personagem, ainda adolescente, e canalizado na figura da menina Estela; e o significativo papel do futebol em sua infância e mesmo em sua formação e carreira musicais.

A peça [“Sinfonia da bola nº 1”] é uma molecagem terrorista nascida do desespero. Eu queria ser jogador de futebol como todos os garotos da minha idade, mas só podia olhar da janela. E uma coisa dentro de mim dizia que se eu tivesse uma oportunidade jogaria melhor do que eles. Enquanto isso, o remédio era jogar musicalmente, com o desejo, a raiva, a teoria, a imaginação. Por outro lado, como o futebol pede uma coisa popular, eu também estava burlando minha mãe e minha avó com aquela composição, o que acabou por determinar todo um estilo (SANT’ANNA, 1997b, p. 649).

Em “Invocações (memórias e ficção)” (SANT’ANNA, 2003), um narrador em primeira pessoa, que se apresenta como escritor, mais particularmente como contista, tece seu discurso, conforme prenuncia o título, a partir de lembranças, vinculadas sobretudo à vida familiar, e da imaginação, com a qual procura superar os limites do tempo, da recordação e do saber empírico e alcançar seus objetivos específicos enquanto artista. Lutando também contra dificuldades inerentes ao fazer poético, que opõem à criação obstáculos às vezes considerados intransponíveis, sugerindo, em alguns casos, a necessidade de acordo com forças espirituais para ultrapassá-los, o narrador admite conclamar fantasmas de gente querida para inspirar sua escrita. Entre tais pessoas, que se transformam em personagens de destaque de sua narrativa – e às quais se acrescenta também um peru, morto por ocasião de um Natal de quando ainda era criança –, ele focaliza, em seções relativamente delimitadas no texto para cada figura, a mãe, uma mulher fortemente definida pela religiosidade e fé inabaláveis, e Bó, a filha de ex-escravos que criou a ela e a seus três irmãos. Desses irmãos, dois são privilegiados na narrativa: Luiz e, principalmente, Carlos – ambos diretamente ligados ao futebol, o primeiro como diretor e torcedor do Fluminense, o segundo como goleiro do time amador do clube.

Esse tio [Carlos], sempre o amei, até idolatrei, sem conhecê-lo. Então acho natural que, ao invocar minha mãe morta, tenha chegado até ele, ou mesmo a *recebê-lo*, e é aí que começo a entrar no território da ficção, da fantasia. Sim, porque tive a exata sensação de estar com ele em certas situações, como entre as traves de um gol, num jogo do Fluminense, no estádio do tricolor em Laranjeiras, digamos que contra o Botafogo. Ele joga na partida preliminar, no início da tarde, entre os times da segunda divisão dos dois clubes e, num momento em que a bola é lançada pelo

ponta-direita botafoguense sobre a área tricolor, Carlos sai do gol, com segurança e elegância, para saltar e agarrar a bola sobre a cabeça de todos. É um lance comum de partida, mas revivo-o num clima onírico, quase fazendo a defesa junto com o tio, ouvindo o barulho da bola cortando o vento, o estádio em silêncio, como num sonho. Logo a seguir, num outro ataque do Botafogo, no finalzinho do jogo, que o Fluminense está ganhando por 1 a 0, a bola é chutada no ângulo pelo centroavante alvinegro e Carlos, numa ponte espetacular, joga-a para escanteio, agora sob gritos e aplausos intensos da torcida. Dessa vez não ousei ser mais do que espectador, mas postado logo ali, atrás do gol, ouvindo o barulho, o impacto da bola sendo chutada e depois defendida. / Esse barulho de uma bola sendo chutada ou defendida, ou batendo numa trave ou se aninhando no fundo de uma rede, ouvi-o muitas vezes, de verdade, com emoção, durante a adolescência, acompanhando o Fluminense em jogos de juvenis, aspirantes e profissionais, em campos pequenos do Rio, onde um torcedor podia se colocar bem atrás de um gol, separado dele apenas por um alambrado. Mas é principalmente de treinos do Fluminense em Laranjeiras, aos quais eu ia com meu tio Luiz, quando menino e adolescente, que o som da bola retorna aos meus ouvidos (SANT'ANNA, 2003, p. 93-94, grifo do autor).

Em “Páginas sem glória” (SANT'ANNA, 2012), um narrador em primeira pessoa, que se apresenta como cronista e constitui alter-ego do autor, articulando ficção, história e memórias, relata a rápida passagem de José Augusto, também chamado de Conde, pelo futebol profissional do Rio de Janeiro na década de 1950. Construído como um sujeito nascido em berço de ouro, um boa-vida incorrigível e um craque da bola, o protagonista da trama é achado no futebol de praia pelo tio do narrador, Luiz, diretor do Fluminense, que o apresenta ao então treinador do time das Laranjeiras, Gradim, após vê-lo desfilar seu talento, técnica e irreverência em uma partida nas areias de Copacabana. Demonstrando logo pouca afeição às diversas exigências profissionais de um clube da tradição do tricolor carioca, apesar de ser reconhecido como bom jogador pelos que o veem atuar, e sob a suspeita de corresponder à atenção da filha de um importante conselheiro da agremiação, ele é logo emprestado ao Bonsucesso, equipe menos ilustre da cidade, na qual terminará por encerrar sua brevíssima carreira no esporte, em razão de insinuações de favorecer um adversário direto, o Botafogo, no campeonato carioca de 1955. Tais insinuações, construídas em torno de uma figura então já conhecida na cidade por suas polêmicas nos bastidores do esporte, derivam da perda de uma penalidade máxima em partida decisiva contra o Olaria, em que José Augusto, visando fundamentalmente fazer um belo gol com uma cobrança originalíssima e com ela desdenhar da oferta de suborno recebida na véspera por telefone de um torcedor da Estrela Solitária, termina por mandar a bola na trave.

A cobrança foi uma obra-prima. O Zé tomou apenas três passos de distância, para não dar tempo ao goleiro de seguir seu raciocínio, ou, pelo menos, para simular isso; só olhou para o guardião no momento do chute, viu que ele mexeu levemente o corpo na direção do canto direito, para o qual fingia que iria, e iria mesmo, tentando enganar o Conde, que, caminhando como quem iria chutar com a direita, só poderia chutar no canto direito da meta, pela posição de seu corpo e de seu pé, não houvesse

ele, como o húngaro Puskas, maior craque da época, costumava fazer, trocando de pé no último instante, num indício indiscutível de que chutaria com o pé esquerdo no canto esquerdo do goleiro, que para lá se atirou, mudando sua intenção inicial, num reflexo perfeito. Só que o Zé chutou com a face externa do pé esquerdo, quase com o tornozelo, com tanto efeito que deu para ver as rotações e translações simultâneas da esfera rodando devagarinho para o canto direito, onde estaria o goleiro, se o Conde não o tivesse feito mudar de ideia na última hora. / Foi uma obra-prima até mesmo no ponto em que foi quase perfeita, pois existe algo de rígido, morto, na perfeição. Nunca se viu pênalti batido tão devagar, com o goleiro se esparramando ridiculamente no seu canto esquerdo, e a bola vindo de mansinho, quase parando, no outro canto, batendo caprichosamente na trave e permanecendo nas suas imediações, até que veio um zagueiro do Olaria e despachou-a para a lateral (SANT'ANNA, 2012, p. 122-123).

Em “O torcedor e a bailarina” (SANT'ANNA, 2014), Valfrido, o protagonista, assiste pela televisão a uma final de campeonato brasileiro de que participa seu time de coração, do Rio de Janeiro, enfrentando uma equipe de São Paulo. Abalado com o resultado do jogo, em especial pela forma como se deu a derrota do clube pelo qual torce – um gol sofrido aos 47 minutos do segundo tempo, quando a partida estava empatada em 1 a 1 –, o personagem, pressionando furiosamente os botões do controle remoto de sua TV, chega, por acaso, a um outro canal, em que se exhibe um espetáculo de balé. Com coreografia de Pina Bausch e música de Gustave Malevitch, a apresentação logo desperta a atenção de Valfrido, que se envolve tanto com aquilo que vê que praticamente se esquece da decepção causada pela perda do título por seu time e termina por desejar, amar e guardar na memória, ao adormecer, a figura de Catherine Kantor, a bailarina que protagoniza a peça. Perto do fim do conto, fica patente que se trata de um espetáculo dentro de outro, uma vez que o narrador, que descreve em muitos detalhes as cenas do texto, apresenta-se como cenógrafo, e o próprio Valfrido é revelado, por esse mecanismo, como um personagem no palco principal.

Imediatamente Valfrido é envolvido por música e por uma bailarina, que dança num cenário que reproduz uma casa e seus entornos, tudo estilizado em formas surpreendentes para ele. Já a roupa que a moça usa, sem malha, apenas a calcinha por baixo, é muito comum, simplíssima, um vestido apropriado para quem está realizando tarefas domésticas, primeiro num quintal, recebendo raios terminais da tarde de sol, depois dentro de casa, onde Catherine Kantor (seu nome surge às vezes num letreiro) ajeita num vaso flores impossíveis que trouxe lá de fora, tudo isso sem parar de dançar, enquanto algumas frutas que a moça dispõe sobre a mesa, junto a uma garrafa de vinho e pães, formam uma composição pós-Cézanne, sem dúvida uma citação do mestre, que Valfrido, evidentemente, não pode identificar, embora, num determinado momento, ele associe os passos da moça a jogadas clássicas, e moderníssimas, de Zinedine Zidane, o jovem. Mas Valfrido logo afasta o mestre franco-argelino da cabeça, pois não quer pensar em futebol (SANT'ANNA, 2014, p. 125).

Em “Tarzan e o império perdido” (SANT'ANNA, 2021), um narrador em primeira pessoa recorda sua rotina no colégio interno para meninos, no Rio de Janeiro, onde esteve

matriculado em sua adolescência, privilegiando algumas das situações marcantes vividas por ele naquele lugar, compreendidas em seu período como aluno da turma dos médios. Em seu discurso, o personagem faz referências à disciplina que regia o funcionamento da instituição, que parecia tentar limitar, por exemplo, o desenvolvimento de uma sexualidade precoce e pronunciada, por meio de cortes de determinadas cenas de filmes; tece comentários sobre religião e religiosidade, lembrando-se de situações em que se imaginou casado e com filhos, segundo os preceitos da Igreja, sob inspiração das prédicas do irmão Francisco, e em que chegou mesmo a considerar tornar-se um irmão marista; e fala de si mesmo enquanto estudante, ao tratar do período em que procurou, sem grande sucesso, ser um dos melhores alunos do colégio, terminando por abandonar o projeto e se misturar a colegas pouco afeitos ao mundo escolar. Apesar de o clássico livro de Edgar Rice Burroughs constar do título do conto e ter nele, com efeito, alguma importância, o futebol, parte da rotina do colégio, ganha ainda mais destaque na narrativa e parece adquirir relevância ainda maior na vida do protagonista, considerando-se o caráter decisivo que sua participação em um jogo entre os craques da escola teria tido.

Veio um centro sobre a nossa defesa, antecipei-me aos atacantes adversários e cortei a bola com o peito. E o normal seria que eu rebatesse a bola para o campo deles, como era do meu feitio, aliás, o meu papel. Mas vi um espaço vazio ainda no nosso campo e não sei o que me deu. Avancei com a bola e, em vez de entregá-la ao nosso meia-armador para que ele organizasse a jogada, passei do meio de campo, em direção à intermediária deles. Cheguei a pensar em chutar em gol dali mesmo, mas o Álvaro, livre na ponta esquerda, começou a gritar. Passa a bola, passa a bola, porra. E quem era eu para desobedecer? E passei para ele, mas sem voltar para o nosso campo. / O Álvaro era um craque. Deu um corte humilhante no lateral direito deles, chegou rápido à linha de fundo e fez que ia chutar dali mesmo. Mas não chutou, até porque o goleiro deles fechou o ângulo. O Álvaro então olhou para a área, me viu entrando livre na pequena área, sem goleiro à minha frente. E estendeu para mim na medida, com o gol escancarado à minha frente. Era até mais fácil marcar aquele gol do que perdê-lo. E concluí com o meu pé direito, o meu pé bom. / Jamais saberei por que a bola subiu tanto e perdeu-se por cima da trave. Coisas de bola, só posso dizer. Logo depois o jogo acabou. O empate contra um time como o Radar não era desonroso e não me crucificaram. Mas tenho mais do que nunca uma certeza. Se aquela bola tivesse entrado, minha vida – e nem falo de futebol – teria sido outra (SANT’ANNA, 2021, p. 45-46).

Em “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT’ANNA, 2021), Sérgio Sant’Anna estabelece como narradora uma trave de futebol, feita de madeira, instalada no antigo estádio das Laranjeiras – onde então o Fluminense realizava seus treinamentos e recebia seus adversários menos poderosos – e prestes a ser aposentada em razão de seu desgaste natural. O discurso da trave se dá durante um treino da equipe tricolor, poucos dias antes de um clássico contra o Flamengo, em 1955, e que oporá, no Maracanã, jogadores como

Castilho, Didi e Telê, por parte do Fluminense, a outros como Rubens, Evaristo e Zagalo, do lado rubro-negro. A impossibilidade de assistir à partida no colossal estádio, com toda a importância de que o jogo se reveste, e a iminência de substituição por uma trave nova, o que implica em uma espécie de morte para a narradora, parecem constituir dois fatores fundamentais na modulação do tom predominantemente melancólico empregado por ela ao contar não apenas suas recordações em torno do esporte, conforme antecipa o título da narrativa, bem como o que está testemunhando no tempo da narração. Dotada de olhos e ouvidos atentos, além de uma memória afiada, a despeito do tempo reduzido que essas recordações parecem abranger, a trave destaca, sobretudo, jogadores do Fluminense em ação no treino, descrevendo as jogadas que executam, pontuando aspectos de sua forma de jogar e de se comportar em campo e assimilando comentários captados no ar que a auxiliam na observação e mesmo na apreciação daquilo que ela vê.

Zezé Moreira, o nosso técnico, é conhecido por sua obsessão defensiva. No seu entender é uma “marcação por zona”. Mas no pensamento de muitos é ferrolho mesmo. E a torcida arranca os cabelos quando o Fluminense marca um gol num clássico e recua todo para se defender, quase matando os torcedores do coração. E o Zezé não está nada satisfeito com a gente hoje, pois já levamos quatro gols, o último do Didi que, como se quisesse ir à forra da falta que bateu em mim, quer dizer, na trave, chutou de efeito da entrada da área e encobriu o Castilho, marcando o quinto gol (SANT’ANNA, 2021, p. 96).

De acordo com nossas leituras, Sérgio Sant’Anna procura, em toda sua ficção de futebol, estabelecer conexões entre o esporte, em suas diferentes modalidades, como o desempenho profissional no campo de grama, a prática entre colegas no espaço escolar e o jogo na areia, e o domínio da estética, formado, em linhas gerais, pelas dimensões da forma, da beleza e da arte. O que muda, a nosso ver, é o grau com que cada uma dessas dimensões é abordada em relação ao futebol em cada narrativa, sem que elas se eliminem mutuamente em cada caso. Isto, a bem dizer, dificulta qualquer tentativa de dividir o referido conjunto de textos em três categorias estanques, uma vez que a dimensão formal, concreta, sensível do esporte é necessária a todos os casos, pelo emprego mesmo do procedimento de descrição por parte do autor em cada trama, e que tal dimensão é acompanhada, invariavelmente, de comentários das vozes nelas instituídas, os quais colocam o jogo em franco contato com a beleza e/ou com a arte. Assim, mesmo em “No último minuto” (SANT’ANNA, 1997b), caso que nos parece o mais extremo no que se refere ao uso da écfrase, com foco quase absoluto em jogadas decisivas da partida e em repetições ligeiramente modificadas, na voz do narrador, do lance que decidiu o campeonato, existem elementos, como a técnica do goleiro, que

permitem explorar a relação do jogo com outras dimensões da estética, embora, talvez, com menos abertura do que as demais narrativas.

A ênfase na técnica – cuja etimologia remete, vale dizer, à dimensão estética mais específica da arte – parece predominar também em “Invocações (memórias e ficção)” (SANT’ANNA, 2003) e em “Tarzan e o império perdido” (SANT’ANNA, 2021). Nesses contos, há várias descrições e comentários dos respectivos narradores sobre a qualidade do jogo desempenhado pelo tio goleiro, no primeiro caso, e pelos colegas que formavam o primeiro time dos médios no colégio interno, no segundo. Mais especificamente, a título de exemplo, consideram-se, no primeiro caso, como elegantes e seguras certas defesas do arqueiro do Fluminense em um jogo imaginário contra o Botafogo, as quais causam na torcida presente no Estádio das Laranjeiras reações embevecidas. No segundo caso, enfatiza-se a condição de craques dos garotos que melhor praticam futebol na escola, o que é reiteradamente reconhecido pelo protagonista. No entanto, ainda que também haja a possibilidade de se perseguir contatos de tais formas de jogar com outros aspectos da estética, relações do futebol com a beleza e a arte, implicando-se mutuamente ou não, parecem se fazer mais evidentes nos outros textos futebolísticos de Sérgio Sant’Anna.

Sendo extremamente breves, cumpre sinalizar que, em “Na boca do túnel”, o narrador chega a sugerir que, com o advento do vídeo, capaz de registrar para a posteridade jogadas geniais, como os lances protagonizados por Pelé na Copa do Mundo de 1970, no México, o futebol teria entrado para a “História da Arte”, com o gol e o passe virando “obra de museu” (SANT’ANNA, 1997b, p. 214). Em “As cartas não mentem jamais”, o protagonista, talvez na tentativa de tornar concreto seu antigo sonho de jogar bola, dificultado por suas responsáveis e pelos vizinhos da rua onde morava, procura transformar a linguagem do futebol em linguagem musical, ou, conforme ele mesmo diz, “jogar musicalmente” (SANT’ANNA, 1997b, p. 649) – um procedimento que a própria literatura, ao que parece, pode buscar a partir de seus próprios meios. Em “Páginas sem glória”, uma das discussões centrais, postas logo na abertura da novela, diz respeito às relações entre o belo e o prático, supostamente visíveis tanto nas artes consagradas quanto na arte do futebol, como a narrativa parece indicar: “Beleza pura também tem função? A arte deve ser aplicada? A esfera é a mais perfeita das formas? O gol bonito junta o útil ao agradável?” (SANT’ANNA, 2012, p. 71). Em “O torcedor e a bailarina”, a fusão das imagens de Catherine Kantor e do craque Zinédine Zidane na perspectiva do protagonista, identificável em trecho reproduzido anteriormente, sugere que há nele uma consciência estética que lhe permite apreciar suficientemente bem tanto a dança quanto o jogo de bola, mesmo que seu repertório de experiências relativo às artes canônicas

pareça ser limitado. Por fim, em “Das memórias de uma trave de futebol em 1955”, o gol de Telê no treino do Fluminense observado no conto, um chute “de primeira, com efeito, a meia altura [...], até aplaudido pelos poucos assistentes”, é visto pela trave narradora como uma “pintura de gol” (SANT’ANNA, 2021, p. 94).

Nosso projeto inicial para a tese previa o estudo da estética do futebol em “Páginas sem glória” (SANT’ANNA, 2012), novela que já havíamos analisado, em outra perspectiva, em nossa dissertação de mestrado (PASSOS, 2018) e que, de fato, parece trazer diversos elementos passíveis de serem considerados sob ângulo estético. No entanto, ao longo de nossa pesquisa, deparamo-nos com certas complexidades, relacionadas à presença do esporte na ficção de Sérgio Sant’Anna, seja na condição de tema primário ou secundário, e às possibilidades de se examinar a estética do jogo em mais de um texto, mesmo após o recorte efetuado no capítulo anterior, e com foco em mais de uma dimensão, dentro das inúmeras abordagens estéticas possibilitadas pelo percurso trilhado na Parte II. Tais complexidades acabaram por nos levar a outras paragens, solicitando-nos maior atenção, em razão da própria escassez de investigações voltadas para esse recorte da produção do autor, assim como por conta da impossibilidade de ignorar quão profundamente esse recorte, além de constituir com efeito um terreno relativamente autônomo da poética de Sant’Anna, é atravessado por discussões de ordem estética. Uma das consequências dessas mudanças de foco é que a análise preliminar de “Páginas sem glória” (SANT’ANNA, 2012) em viés estético, realizada cerca de um ano antes da defesa de nossa tese e que seria revisada para tal momento, tornou-se significativamente inviável diante dos achados mais recentes e da própria limitação de tempo a que nos vimos sujeitos ao fim de todo o processo.

Dito isso, optamos por nos concentrar, no capítulo final de nossa investigação, na análise da estética do futebol em outra narrativa pertencente à ficção futebolística de Sérgio Sant’Anna: “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT’ANNA, 2021). A escolha desse texto justifica-se, em primeiro lugar, por sua capacidade de condensar, em pouquíssimas páginas, várias das questões estéticas que identificamos ao longo de nosso trabalho, especialmente na Parte II. Tal justificativa, aliás, parece encontrar algum respaldo na observação de Pacheco (2021a) acerca do caráter de “síntese” de **A dama de branco**, que contém o texto em foco, em relação à obra do autor. A nosso ver, tal caráter parece se aplicar, em boa medida e de maneira mais específica, ao conto selecionado em relação à ficção de futebol de Sant’Anna, o que nos permitirá, acreditamos, explorar de maneira suficiente para o momento o texto em relação às discussões que ele levanta nesse sentido.

Em segundo lugar, verificamos que o exame preliminar, construído durante um período mais próximo ao prazo final do trabalho, sofreria poucas modificações para sua versão final, considerando que praticamente todas as consultas bibliográficas que julgávamos como necessárias à pesquisa como um todo já haviam sido realizadas e que havíamos conseguido chegar a uma ideia mais clara sobre os caminhos definitivos da investigação. Em outras palavras, para a escolha de “Das memórias de uma trave de futebol em 1955” (SANT’ANNA, 2021) como *corpus* principal de análise do futebol, reconstruído literariamente, em uma perspectiva estética, levamos em conta a necessidade de finalizar nossa pesquisa de doutorado a contento e dentro do prazo estipulado. Com isso, deixamos para oportunidades futuras estudos mais aprofundados da construção do futebol enquanto fenômeno estético em outras narrativas de Sérgio Sant’Anna, como seria o caso de “Páginas sem glória” (SANT’ANNA, 2012), os quais podem partir, por exemplo, das pistas preliminares que deixamos até aqui.

5 O FUTEBOL COMO FENÔMENO ESTÉTICO EM “DAS MEMÓRIAS DE UMA TRAVE DE FUTEBOL EM 1955”

“Das memórias de uma trave de futebol em 1955”, de Sérgio Sant’Anna, publicado no livro póstumo **A dama de branco**, de 2021, constitui, como já dissemos, uma das oito narrativas do autor qualificadas como ficção futebolística no conjunto de sua obra. Essa classificação é, de certa forma, antecipada pelo título do conto, o qual coloca expressamente em evidência um dos elementos básicos da modalidade, a trave, junto ao jogo do qual participa. No texto propriamente dito, essa antecipação se confirma com a elaboração de uma estratégia que, em nosso horizonte de leituras, afigura-se como original, embora também possa ser lida, a nosso ver, como uma forma diferente que o autor encontrou para apresentar seu alter-ego. Essa estratégia corresponde à constituição da própria trave como narradora do conto. Vale observar, a propósito, que tal parece ser a novidade desse recurso, que ele foge às convenções do gênero previstas por Stein (2016), pautadas no uso de personagens diretamente ligados ao futebol, do jogador ao torcedor, mas que ignoram elementos inanimados do esporte em sua enumeração. Dos pontos de vista narrativo e enunciativo, o procedimento utilizado por Sant’Anna confere à trave um protagonismo significativo, na medida em que é ela quem, personificada, lembra, escuta, observa, avalia e comenta, entre outros mecanismos empregados em seu discurso, a respeito de si mesma e do universo do futebol.

As palmas num estádio vazio soam diferentes, um pouco melancólicas, pois um gol desses devia ter sido feito no clássico de domingo, no Maracanã, contra o Flamengo. / Ou a melancolia estará em mim? Pois sei que é chegado o meu fim, até madeira empena sob o sol, de vez em quando é preciso trocar as traves. Já vieram aqui e me examinaram, umas três vezes, como se fossem médicos. “É, tem de trocar”, um dos funcionários do clube disse. E debochou: “Pode até dar cupim”. O Fluminense é conhecido por sua organização e vai trocar logo. Enquanto isso, cumpro a minha obrigação (SANT’ANNA, 2021, p. 94).

Por se tratar de uma narradora em primeira pessoa, sua participação na trama torna-se ainda mais patente, podendo ser demonstrada com pelo menos dois aspectos associáveis ao esporte. Primeiro, a trave, mesmo parada, por sua própria presença em campo, participa do treino do time profissional do Fluminense focalizado na narrativa. Em determinado momento do conto, por exemplo, ela chega a ser atingida por uma bola chutada, em cobrança de falta, pelo meio-campista Didi, considerado inventor da chamada “folha seca”, colaborando para que o gol adversário seja rechaçado: “Didi acaba de bater uma falta dessas, só que a bola bateu na trave, eu, bem no ângulo” (SANT’ANNA, 2021, p. 93). Segundo, a trave interage com aquilo que acontece em campo, o que se revela, de diferentes maneiras, em sua narração mesma e abre caminho para que a dimensão estética do jogo, construída nessa narração, possa ser percebida pelos leitores do conto. Afinal, como observamos na Parte II, a partir das contribuições de Graham (*apud* MELO, 2005), Boxill (1985) e Gumbrecht (2007), a relação do sujeito com o objeto é uma condição para que aquele seja capaz de conferir valor estético a este, faça tal objeto parte do mundo das artes canônicas ou dos esportes. Embora a trave não se constitua como uma espectadora convencional, que se posiciona junto à gente de carne e osso literariamente colocada nas arquibancadas do Estádio das Laranjeiras – um aspecto que reforça a originalidade da criação de Sant’Anna –, sua narração não parece deixar dúvidas quanto à existência dessa relação no que tange ao futebol, ou a seus efeitos de ordem estética.

Para reforçar a identificação do aspecto relacional entre a trave e o jogo na forma como o futebol é construído no conto e da consequente possibilidade de considerar o esporte esteticamente, vale chamar a atenção para o estabelecimento de figuras históricas da modalidade, principalmente jogadores, como personagens da trama. Esse procedimento narrativo depende, sem dúvida, de algum conhecimento sobre o jogo. O próprio Sérgio Sant’Anna, em entrevista a Stein e Campisi, destaca tal aspecto como necessário para se escrever a respeito da modalidade (SANT’ANNA, 2016a), como vimos em capítulo anterior, e o autor, de fato, procura transmiti-lo nos enunciados emprestados à trave, concedendo-lhe uma visão privilegiada do futebol nesse sentido. No conto, apesar de a narradora realmente dar mais atenção a determinados atletas, como Didi, Castilho e Telê, outros também ganham

um protagonismo relativamente significativo no texto, recebendo a distinção de serem referidos em um parágrafo inteiro, como Valdo, Duque, Escurinho, Veludo e Clóvis, ou de serem incluídos em uma passagem mais reduzida, como Emílson Peçanha, Ramiro e Jairo.

Voltando ao time reserva, que hoje defendo, há outros jogadores muito bons, pois o Fluminense atravessa uma boa fase. Tem gente que aposta nele para ser campeão, embora o Flamengo esteja buscando o tetra, com jogadores do quilate de um Rubens, um Evaristo, um Zagalo. Fico sabendo deles pelos comentários dos que passam aqui perto do gol, pois time grande só enfrenta o tricolor no Maracanã. Entre esses nossos reservas há jogadores tão bons quanto o Emílson Peçanha, apoiador, um negro bonito, do sul, cheio de categoria, que forma dupla com o Ramiro, santista, outro craque (SANT'ANNA, 2021, p. 96).

Como se percebe, no entanto, não se trata de apenas saber e reproduzir, na narrativa, nomes de ex-jogadores, alguns deles provavelmente reconhecíveis somente pelos adeptos mais antigos ou fanáticos de determinada agremiação esportiva, como é o caso do Fluminense, clube que mais se destaca em “Das memórias...”. A nosso ver, tão ou mais importantes do que essa base histórica da cultura do jogo, para a qual parecem apontar Hornby (2001) e Rodrigues (2010b, 2014) quando discutem o uso do futebol como tema de narrativas, são o conhecimento significativo da própria dinâmica ou movimento do jogo, como propõe Barreira (2014), e a capacidade de avaliá-lo, ainda que negativamente, por meio de vaias, como sinaliza Damo (2001). Em nossa análise do conto de Sant'Anna, esse tipo de conhecimento, que faz saber o que se vê e permite avaliar o que se vê, para si e para o outro, por meio da construção literária de um acordo entre a linguagem do futebol e a linguagem da palavra, parece de fato se presentificar na narração da trave. Essa narração, por sua vez, é o que nos permite visualizar, a partir do exame de determinadas estratégias de construção nela empregadas, as três dimensões estéticas que mais se salientam, em linhas gerais, em nossa tese: forma, beleza e arte.

Em “Das memórias...”, há diversos trechos que salientam o aspecto formal, objetivo, sensível do esporte, dando conta de parte da condição estética que o jogo, com efeito, parece assumir na narrativa. Parte fundamental, diga-se, dessa condição, sem a qual as outras duas dimensões da estética não poderiam vir a ser, ela se faz perceber, de maneira geral e provavelmente mais enfática, no uso da écfrase. Tal recurso é aqui entendido como um procedimento por meio do qual a trave, valendo-se de palavras, tenta mostrar aos leitores aquilo que, constituindo-se como uma forma própria, capaz de produzir a experiência da beleza e mesmo de ser tomada como uma arte, ela mesma vê durante o treino do Fluminense focalizado no conto. Como ressaltamos na Parte II de nossa tese, especialmente quando

discutimos observações feitas por Pamuk (2006) e Cornelsen (2018), a éfrase pode se mostrar capaz de superar as distâncias existentes entre um objeto que pertence ao campo do visual e do corpóreo, como é o caso do futebol, e outro que pertence ao campo do verbal, como é o caso da literatura.

Na narrativa em foco, pode-se dizer que esse procedimento se constitui, de modo geral, em descrições de lances ocorridos em campo, diante dos “olhos” da trave. Enunciadas pela narradora, tais descrições são quase sempre formalizadas mediante frases ou orações que dão a ver, linearmente, a sequência de como tais lances se deram, do seu início a sua conclusão, montando uma cadeia de imagens que compõem um todo mais significativo. Nessa perspectiva, embora o elemento visual pareça efetivamente se destacar na análise de procedimentos enunciativos como esse, com a trave buscando mostrar aos leitores, por intermédio do verbo, como se dão diversas jogadas, é preciso salientar que a descrição desses lances coloca-os em movimento diante de nós. Essa espécie de descrição em movimento, ao mesmo tempo em que garante a tais jogadas uma certa autonomia umas em relação às outras e ao próprio jogo de que fazem parte, possui também, em razão desse próprio movimento, um aspecto narrativo, que faz ver a necessária correlação entre os elementos que as compõem, permitindo-nos capturar sentido nesse arranjo. Essa combinação, aliás, parece ir na direção de tornar os lances do futebol compreensíveis mesmo para aqueles que não dispõem de grande familiaridade com o jogo, cumprindo positivamente com um dos critérios, propostos por Stein (2016), para a avaliação do texto, e fazendo com que cada movimento referido consiga ir além de sua possível ausência de sentido inicial, como adverte Damo (2001).

Um exemplo preliminar nesse sentido é a recém-citada cobrança de falta de Didi, já reproduzida na epígrafe de nosso trabalho e também ao fim desta análise, com outro problema em foco, na qual o chute na bola dá início ao lance e a batida da bola na trave o finaliza. O excerto que a contém dá a perceber tanto a materialidade visual, quase instantânea, de cada um dos dois componentes centrais da jogada, congelando-os, em parte, no registro escrito, quanto a relação temporal, narrativa, que esses componentes, ligados pela trajetória da bola, estabelecem entre si, imprimindo movimento a todo o lance e complementando-lhe o sentido. Uma possível explicação para esse acordo entre descrição e narração no tratamento do lance futebolístico em “Das memórias...”, assim como, provavelmente, em todas as narrativas de Sant’Anna que se valem do mesmo recurso, repousaria na própria natureza do esporte, que concebemos como simultaneamente imagético e dinâmico. Embora tais características possam ser aplicadas, no limite, à própria vida, como entende Silva (2002) ao argumentar a respeito das dificuldades de se tratar do futebol na literatura, pode-se notar que, no caso em questão,

aspectos como técnica e intencionalidade, discutidos na Parte II com base em consultas a diversos estudiosos, guardam um lugar mais específico para o esporte, cuja construção no conto hipoteticamente se distinguiria também, em razão da citada natureza, da forma como Sérgio Sant'Anna lida, por meio da écfrase, com outras semioses artísticas, como a pintura e a escultura, em outras narrativas de sua autoria, ao preferir, por exemplo, o uso de frases nominais às verbais¹⁴⁶.

Para tentar ampliar a pertinência e o alcance de nossas observações, vale reproduzir outros excertos de “Das memórias...” em que a estética do jogo, em sua dimensão sensível, também se salienta, a partir do mesmo procedimento literário empregado na construção da cobrança de falta de Didi. Num desses trechos, a trave mostra a sequência de ações, vista por ela, que levaram ao segundo gol do centroavante Valdo no treinamento, focalizando sua parceria no lance com um companheiro de equipe, o movimento de aproximação da meta adversária e o chute que termina na rede: “fez uma tabelinha com o Átis, entrou na área e, frente a frente com o Castilho, tocou no canto e marcou” (SANT'ANNA, 2021, p. 94). Em outra passagem, a trave obedece a esquema enunciativo bastante parecido com o anterior, apoiado na articulação sequencial de componentes visíveis de um novo lance. A diferença é que o foco da narradora, em vez de se concentrar em ações dos jogadores, recai no próprio movimento da bola, após ser desviada pelo zagueiro Duque, que marca um gol contra em tentativa malfadada de afastar um cruzamento do adversário: “foi cortar um centro rasteiro e a bola deslocou, enganou o Castilho e entrou” (SANT'ANNA, 2021, p. 95).

Cumprido destacar que, ao descrever tais lances, a trave utiliza, entre outros mecanismos enunciativos, o adjetivo “normal” para qualificá-los. No primeiro caso, tal uso se dá após a descrição do primeiro gol de Valdo no treino, chamado de “espírita”, pelo toque de gênio e de imprevisibilidade que o marca – aspectos que comentaremos mais à frente –, com o que a narradora indicia que o segundo gol foi mais convencional do que o primeiro (SANT'ANNA, 2021, p. 94). No segundo caso, o mesmo emprego ocorre antes da descrição do gol contra de Duque, servindo, agora, para minimizar ou excluir a culpa que o zagueiro, ao prejudicar o próprio time, poderia ter tido no lance (SANT'ANNA, 2021, p. 95). Procedimentos como esse, utilizados pela trave sempre que se refere às jogadas registradas na trama, sinalizam que a narradora não se limita a descrever ou contar o que vê, como se pretendesse que sua narração fosse absolutamente objetiva, distanciada e neutra, buscando uma transformação a mais direta possível da linguagem do futebol para a linguagem do verbo. Pelo contrário, ela

¹⁴⁶ Cf., por exemplo, o conto “Cenários”, de **O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro** (SANT'ANNA, 1997b).

também se presta a comentar o que vê, valendo-se de estratégias enunciativas que, em diferentes oportunidades, podem indiciar uma visão estética, também nos sentidos da beleza e da arte, relativamente ao futebol. Hipoteticamente, trata-se do mesmo procedimento que o autor utiliza quando se refere às artes canônicas em outros de seus textos em que predomina a éctrase.

É verdade que, nos lances em foco, não há, da parte da trave, nenhum comentário que evidencie, a seus olhos, algo de belo ou artístico. O máximo que se pode dizer, talvez, além do que já foi dito a respeito da dimensão sensível do esporte, é que tais jogadas, quando lidas por diferentes leitores, com graus variados de entendimento e de percepção estética em relação à modalidade, poderiam ter neles recepções distintas. Nesse caso, o segundo gol de Valdo, por exemplo, mesmo que não seja expressamente considerado pela trave na chave do belo ou artístico, constituindo-se, na verdade, em sua visão, como comum quando comparado ao primeiro, pode ter sua beleza, quando levamos em conta a objetividade, correção e rapidez de toda a jogada. Fora isso, o que mais vale salientar, partindo de uma sugestão de Macêdo e Chisté (2016) e considerando, em especial, o gol contra de Duque, é que nem sempre o futebol ultrapassa necessariamente, do ponto de vista estético, sua dimensão básica, sensível, despertando o sentimento da beleza ou podendo alcançar uma dimensão artística, e essa limitação não parece invalidar, como parecem indicar Proença (1981), Graça e Lacerda (2011), sua constituição mesma como futebol.

No mesmo sentido, mas já fazendo comentários mais ou menos genéricos sobre a forma de atuar de determinados atletas, e não de lances específicos, a trave reconhece ainda que, naquele elenco do Fluminense, “nem todos são craques consumados” (SANT’ANNA, 2021, p. 94). Dito de outro modo, nem todos os jogadores ligados ao clube naquele momento chegam, na perspectiva da narradora, a um nível técnico que os faça ser reconhecidos como realmente bons no que fazem. Isso, em tese, pode limitá-los enquanto potenciais produtores regulares de lances observáveis como belos ou artísticos, uma vez que uma técnica mais apurada tende a colaborar nesse sentido. Na verdade, ainda que possam produzi-los, com apoio de algum aspecto distintivo que porventura tenham, esses jogadores tendem a ser mais marcados por defeitos insistentes em seu estilo de jogo do que por esses lances eventuais. Um exemplo disso, na visão da trave, é o ponta-esquerda Escurinho. Para ela, embora o jogador tenha a vantagem de ser “dotado de uma velocidade impressionante”, atributo que lhe serve para “puxa[r] contra-ataques [...] que não raro terminam em gol nosso e às vezes dele mesmo”, conferindo eficiência ao jogador, e que pode suscitar a visão da beleza por seu movimento, faltam-lhe mais precisão ao alçar bolas na área e algum senso de profundidade do

campo, pois “muitas vezes centra alto demais [...] e às vezes é capaz de sair pela linha de fundo com bola e tudo” (SANT’ANNA, 2021, p. 94-95).

Um outro jogador, Adalberto, que já não fazia parte do Fluminense, é classificado pela trave como um “guarda-metas apenas mediano”, estando, na perspectiva da narradora, abaixo do titular e seu substituto Castilho, do reserva imediato Veludo e do terceiro goleiro Jairo (SANT’ANNA, 2021, p. 96-97). O uso do termo “mediano” para qualificar o jogador e a comparação desse jogador com atletas considerados melhores na posição são outros recursos utilizados por Sant’Anna para sinalizar, por meio da voz da trave, a dimensão estética do jogo para além do procedimento de descrição de sua forma sensível. Esses novos recursos, que apontam para a qualidade superior que a forma prática do jogo pode assumir em determinados casos, parecem indicar para a existência de uma hierarquia qualitativa entre os atletas, com uns sendo vistos como melhores do que outros no desempenho de seu ofício. Fundada, ao que se indica, na própria capacidade futebolística que cada um consegue demonstrar a quem os observa, essa hierarquia está implícita no comentário de Boxill (1985) sobre a relação direta que parece se estabelecer entre o nível técnico dos jogadores e o interesse do público em assistir a suas performances.

Do ponto de vista literário, considerando-se nossa leitura de “Das memórias...”, Sérgio Sant’Anna parece ter clareza quanto à íntima relação existente entre desempenho e assistência. Embora se refira a jogadores, lances e estilos tidos como menos refinados, a exemplo dos comentados nos últimos parágrafos, ele prioriza, no texto, aqueles que mais chamam a atenção da trave, do público e, potencialmente, dos leitores do conto, parecendo convidá-los, como sinaliza Gumbrecht (2007) em sua aplicação do conceito kantiano de beleza aos esportes, a visualizar e a bem avaliar, concordando com eles, do ponto de vista da beleza e mesmo da arte, o que está posto na narrativa em termos de futebol. Naturalmente, essa possibilidade se torna mais plausível e concreta quando levamos em conta as descrições de lances e os comentários que a trave faz sobre eles, nos sentidos estéticos citados. Afinal, ainda que tais descrições e comentários, por sua própria natureza verbal, não consigam substituir as imagens do jogo em si, tendo que se contentar com o mérito de nos fazer imaginar o que a trave observa ficcionalmente, resta neles algo de sensível, que os leitores são capazes de “enxergar” com mais facilidade. No entanto, se insistirmos em que o futebol é uma prática, desempenhada por vários jogadores de diferentes posições e capaz de assumir formas mais ou menos específicas e suscetíveis de serem avaliadas de diversos modos por quem a observa, é preciso reconhecer que termos mais genéricos, que dão conta, por exemplo, do problema da hierarquia técnica, podem ser interpretados em chave estética.

Vejamos, mais de perto, nesse sentido, os casos dos goleiros Castilho e Veludo, usados pela trave como termos de comparação em relação a Adalberto. No conto, o primeiro é idolatrado como herói pela torcida do Fluminense, adorado pela trave por sua história e tempo no clube, lembrado como um dos convocados para a seleção brasileira na Copa de 1954 e definido pela narradora como o principal arqueiro do país na época de maneira indiscutível. Tais elementos indicam que se trata de um goleiro reconhecido pela gente envolvida com o futebol por suas virtudes técnicas, capazes de garantir o respeito e o carinho que a torcida do Fluminense nutre por ele e tidas como tão elevadas que são supostamente superiores às de todos os outros arqueiros brasileiros do período. Dominadas a tal ponto por Castilho, essas virtudes podem ser capazes de conferir algo de artístico a sua forma de jogar, uma vez que a perícia técnica é um alvo geralmente comum a jogadores e a artistas reconhecidos como tais e muitas vezes percebido com admiração pelos efeitos que proporciona. Ainda que esteja mais próxima da “prosa” do que da “poesia”, como propõe Pasolini (2014) – os goleiros, via de regra, precisam se contentar em jogar bem, no sentido mais objetivo do termo, pois não podem, como os meio-campistas, maiores candidatos a poetas da bola, dar-se ao luxo de “inventar”, pelo elevado grau de risco envolvido em sua posição –, essa destreza pode ser demonstrada com a descrição que a trave faz de defesas difíceis do goleiro, evitando gols quase certos do time adversário, em duas cabeçadas, “no ângulo e com força”, executadas por Átis (SANT’ANNA, 2021, p. 93-96).

Quando se refere a Veludo, goleiro reserva no Fluminense, a trave dá a entender que ele em nada devia a Castilho em termos de desempenho técnico, sinalizando que o substituto também poderia ser tomado, no mesmo sentido que aplicamos ao titular, como um artista da bola, um excelente prosador. Um possível obstáculo à maior utilização de Veludo no gol, tanto na equipe tricolor quanto na seleção brasileira, da qual também fez parte, como reserva, na Copa de 1954, é, como sugere a trave, o suposto preconceito sofrido por goleiros negros no país. Tal preconceito indicia que a técnica futebolística, por mais refinada que seja, pode ser suplantada por características que nada têm a ver com o jogo em si, como apontam Eagleton e de Man quando questionam o suposto caráter transcendental da estética. No entanto, o treinador do Fluminense, Zezé Moreira, alterna entre Castilho e Veludo em jogos anteriores ao treinamento e, no próprio treino, coloca para atuar o reserva. Quando entra em campo, ele joga muito bem, “parece[ndo] justificar aquela opinião” de que, se “tivesse sido o goleiro [titular do Brasil no jogo contra a Hungria, em 54], ouvi, a história do jogo seria outra” (SANT’ANNA, 2021, p. 97), e sua possível condição artística. Essa leitura se sustenta com a descrição da dificuldade e diversidade das defesas que faz no treino, com o que se aproxima

realmente de Castilho e até mesmo o ultrapassa, e com o comentário de aprovação da narradora, que reconhece o domínio técnico do goleiro: “pegou um tirambaço do Telê, mais uma cabeçada no ângulo, do Átis, um arremate frente a frente do Valdo e uma porrada, apesar de meio torta, do Escurinho. Tudo de tirar o chapéu” (SANT’ANNA, 2021, p. 97)¹⁴⁷.

Jogadores de linha do Fluminense, todos eles atuando do meio de campo para a frente, também podem ser definidos e avaliados pela trave de modo positivo, entre o belo e o artístico, no que se refere a seu desempenho futebolístico. Isso se dá, em especial, com Didi e Valdo, que ganham da narradora o que parecem ser os maiores destaques no texto nesse sentido. Meia-armador, o primeiro é qualificado pela trave como um “exímio cobrador de faltas” – habilidade e prática geralmente reservadas aos melhores jogadores de uma equipe –, apesar de sua cobrança no treino acabar batendo na própria trave (SANT’ANNA, 2021, p. 93), e como um atleta capaz de marcar belos gols chutando a certa distância com a bola rolando, imprimindo nela um “efeito” que, naquele treino, termina por encobrir um goleiro do nível de Castilho em um dos gols que ele sofre (SANT’ANNA, 2021, p. 96). Considerando as observações da narradora, Didi também se destaca por suas virtudes técnicas, principalmente as exibidas com seus chutes em direção ao gol. No entanto, diferentemente do que ocorre quando trata de Castilho e Veludo, a trave salienta o uso de estratégias sabidamente mais refinadas por parte do craque, como a folha seca, já mencionada, e a batida com efeito na bola. Esta última consiste em uma técnica que também pode produzir beleza, quando termina em gol ou se consegue pelo menos trazer dificuldades ao goleiro adversário, e indicia haver no atleta algo de gênio – aspecto de artista, conforme Lins do Rego (*apud* HOLLANDA, 2003), Platchias (2003), Lacerda e Mumford (2010) –, que sugere ter colocado de lado um chute mais convencional para ter mais chances de marcar o gol caso acerte a meta.

Já a caracterização de Valdo, em sentido estético, no discurso da trave, obedece, em boa medida, à utilização de recursos empregados pela narradora para tratar de Castilho, Veludo e Didi. O primeiro desses recursos é o uso do adjetivo “grande” para qualificar o centroavante (SANT’ANNA, 2021, p. 94). Tal recurso, se não apresenta uma comparação direta com outros jogadores de sua posição, como no caso de Adalberto em relação aos goleiros atuais do Fluminense, pressupõe, do mesmo modo, ênfase à qualidade técnica do jogador em seu ofício, o que o coloca, hierarquicamente, em um lugar mais privilegiado em relação a outros atletas. O segundo recurso é a informação, também enunciada pela trave, de que se trata do “artilheiro do time e do campeonato”, informação que colabora para atestar o qualificativo usado no primeiro caso e definir, de modo um pouco mais preciso, os termos de

¹⁴⁷ Mesmo o terceiro goleiro, Jairo, é qualificado de “muito bom” (SANT’ANNA, 2021, p. 96).

comparação considerados pela narradora (SANT'ANNA, 2021, p. 94). O terceiro recurso é a construção de Valdo como um centroavante que, em seu ofício de goleador, parece guardar algo da genialidade de Didi, uma vez que se mostra capaz de marcar não apenas gols considerados comuns pela trave, destituídos, em sua perspectiva, de uma forma especial de execução, mas também outros que se destacam por sua forma imprevisível e peculiar, como aquele “espírita”, marcado “com as costas” e que surpreende os adversários (SANT'ANNA, 2021, p. 94).

Outros atletas tricolores também recebem da trave uma atenção mais significativa por conta de sua forma de atuar, embora outros aspectos, não ligados diretamente ao futebol, ganhem parecido destaque no discurso da narradora. Um deles é Átis, definido como “grande cabeceador”, que “sobe mais alto do que todo mundo e testa a bola no ângulo e com força” e cujo exercício dessa habilidade é marcado por “grande estilo” (SANT'ANNA, 2021, p. 94-95). Valendo-se de recurso parecido com o mobilizado na composição de Valdo como “grande centroavante”, essa construção também parece diferenciar positivamente Átis de outros jogadores de sua posição no que se refere à capacidade de saltar e ao uso da cabeça para marcar gols. Ele é visto como um atleta que muitas vezes leva vantagem sobre os defensores adversários, vencendo-os nas disputas pelo alto, e consegue executar o movimento de uma maneira que se destaca pelas dificuldades que impõe ao goleiro do outro time, imprimindo altura e velocidade à bola. O uso da expressão “grande estilo”, além de reverberar, de forma igualmente positiva, um substantivo muito comum no campo das artes, reforçando a hipótese de que o futebol pode mesmo assumir uma condição artística no conto, serve para endossar o reconhecimento da trave quanto à presença de um traço distinto no jogador.

Outro atleta salientado pela trave, com o mesmo destaque dado a Átis, é Robson. Não obstante seja construído como reserva, ainda que compreensível, de Didi, conhecido por “fazer a bola correr”, ele é definido pela narradora como “grande jogador” e, mais especificamente, como “grande driblador”, diferenciando-se do titular por sua característica de “sair catando os adversários” (SANT'ANNA, 2021, p. 95). Nesse caso, percebe-se como o uso do adjetivo “grande”, por parte da trave, para se referir a jogadores a que ela assiste em treino é constante no texto, podendo, muitas vezes, ser interpretado em chave estética. Isso se dá, de maneira mais óbvia, quando é acompanhado do respaldo de outros comentários da narradora a respeito da forma de jogar dos atletas em questão, comentários por meio dos quais ela procura explicar, em mais detalhes, o que justifica sua visão a respeito da técnica desses jogadores. Talvez o detalhe mais importante na caracterização de Robson, na direção de

nossos argumentos, consista em destacar como seu ponto forte o drible, elemento do jogo que um bom número de estudiosos consultados em nossa tese associa, direta ou indiretamente, à arte, reforçando a possibilidade de se observar, no texto, vínculos do futebol com o universo artístico (PROENÇA, 1981; MACÊDO; CHISTÉ, 2016; BARREIRA, 2014; GUMBRECHT, 2007; MELO, 2005)¹⁴⁸.

Esse vínculo pode ser notado, ainda, a partir do exame de outras estratégias tecidas no discurso da trave, voltadas à caracterização estética de gols marcados por outros atletas do Fluminense. Em nossa leitura, identificamos passagens capazes de evidenciar uma visão mais eminentemente artística da narradora em relação ao futebol, inclusive se valendo de referência a uma semiose canônica. É o que sucede em meio à descrição, enunciada pela trave, do que se apresenta como um belíssimo gol de Telê. Sua construção visual, além de indicar as capacidades técnicas e o talento do jogador, já o posicionando como um artista da bola, é atravessada por um paralelo claro com a arte pictórica. Como mostra e qualifica a narradora, ele “recebeu um passe do Didi, na ponta direita, e emendou de primeira, com efeito, a meia altura, uma pintura de gol” (SANT’ANNA, 2021, p. 94). Embora Hollanda (2003) sugira que um recurso como esse não indica, necessariamente, a condição artística que o futebol poderia assumir, é difícil negar que a jogada é, de fato, muito bem executada, com as possibilidades inerentes ao futebol sendo exploradas em altíssimo nível; que a trave, cuja perspectiva é toda própria e constitui nosso foco de análise, vê o lance, realmente, à maneira de uma representação pictórica; e que a própria configuração material da trave lembra a moldura de um quadro. É como se, para ela, Telê fosse um grande pintor, que domina seu ofício e produz obras de qualidade, com a diferença de que seu material de trabalho é a bola. Isso nos parece suficiente para afirmar que, nesse discurso, o jogo é equiparado à chamada “grande arte” – supostamente criada apenas no âmbito das artes consagradas –, não lhe ficando aquém em termos de valor.

Reforçando a construção de vínculos significativos do futebol com o mundo artístico, a trave de “Das memórias...” chama o treino a que assiste de “espetáculo” (SANT’ANNA, 2021, p. 97). Esse termo, é verdade, pode assumir uma conotação mais ampla, significando, em um sentido básico, “tudo o que chama a atenção, atrai e prende o olhar [...]” (FERREIRA, 1999a, p. 815), não estabelecendo, assim, de início, uma relação inequívoca com o campo artístico. No entanto, a narradora parece especificar o significado da palavra nesta direção, ao

¹⁴⁸ Outros jogadores também são avaliados positivamente pela trave por sua forma de jogar bola, embora ganhem bem menos destaque na narrativa. São eles Emílson Peçanha, qualificado como um apoiador “cheio de categoria”, e Ramiro, outro apoiador, chamado simplesmente de “craque”, como vimos anteriormente (SANT’ANNA, 2021, p. 96).

valer-se de dois recursos enunciativos em específico. Primeiro, ao denominar o treino também de “simples ensaio”, preparatório para o “espetáculo principal”, o Fla-Flu de domingo (SANT’ANNA, 2021, p. 97-98), ela estabelece um paralelo entre o futebol e as artes performáticas, em especial, sinalizando que, em todos os casos, é preciso planejamento e treino para que o lado técnico dos atletas sobressaia diante dos futuros espectadores, a ponto de constituir algo de esteticamente significativo para o público. Segundo, ao dizer que os espetáculos futebolísticos, tanto o treino nas Laranjeiras quanto o jogo no Maracanã, possuem, como participantes, “as estrelas principais, os coadjuvantes, figurantes, espectadores” (SANT’ANNA, 2021, p. 97), referindo-se aos craques, aos jogadores comuns, ao treinador, ao público e a ela mesma, a trave torna ainda mais patente a relação do jogo com as artes performáticas, uma vez que estas, constituam elas “representação teatral, exibição de cinema, televisão, etc., ou qualquer demonstração pública de canto, dança, interpretação musical, etc. [...]” (FERREIRA, 1999a, p. 815), também contemplam, com algumas diferenças, os mesmos elementos.

Uma vez que está fortemente ligado à noção de espetáculo, vale destacar também a construção, na narrativa, de um público presente nas arquibancadas. Coletivo relativamente anônimo, formado por gente particularmente interessada em acompanhar treinos do Fluminense, como “os fanáticos, alguns sócios, a garotada matando aula, alguns desocupados daqui de Laranjeiras” (SANT’ANNA, 2021, p. 93), esse grupo de personagens dá indícios de também ser capaz de apreciar e avaliar aquilo que se passa em campo, como o tende a fazer a própria trave de seu “posto privilegiado” (SANT’ANNA, 2021, 93). Essa capacidade se revela, com repercussões estéticas menos ou mais claras, em comentários sobre jogadores que participam do treino e em reações a lances desempenhados ali, assimilados e enunciados pela narradora. Tais comentários podem ser exemplificados com a opinião do público sobre as virtudes técnicas de Veludo, para alguns supostamente superiores às de Castilho e hipoteticamente capazes de ter evitado a derrota do Brasil para a Hungria na Copa de 1954, como vimos anteriormente. Já as reações desse grupo em relação ao treino se dão, de maneira predominante, por meio de palmas, ainda que “melancólicas” por se darem em um treino, as quais se sucedem à descrição positiva, por parte da voz narrativa, de tais jogadas (SANT’ANNA, 2021, p. 94). Como exemplos, podemos retomar a “pintura de gol” de Telê, gol que “devia ter sido feito no clássico de domingo, no Maracanã, contra o Flamengo” (SANT’ANNA, 2021, p. 94), com mais gente a apreciá-lo por sua beleza, qualidade artística e potencial maior importância, bem como as cabeçadas de Átis e as defesas de Castilho, reconhecidas como marcadas por “grande estilo” (SANT’ANNA, 2021, p. 95).

No mesmo sentido, outras duas jogadas, mostradas verbalmente pela trave, ganham destaque à luz de nossa abordagem. O que as diferencia do gol pictórico de Telê e das jogadas espetaculares de outros atletas do Fluminense no treino é que, ao descrevê-las, a narradora não estabelece um paralelo evidente com semioses artísticas, canônicas ou não, em específico. Na verdade, ela se vale de termos geralmente usados para classificar, muito positivamente, produções estabelecidas nessas semioses, sem uma relação clara com qualquer uma delas, o que pode ser interpretado como um recurso que concede ao futebol uma posição artística mais independente, própria. Passível de ser atribuído à criação de um mestre ligado a qualquer ofício artístico, o adjetivo “magistral” é usado pela trave para qualificar um belíssimo gol de Clóvis após cruzamento de Telê (SANT’ANNA, 2021, p. 97). Com esse gol, o jogador demonstra, na descrição da narradora, entre outras coisas, domínio técnico, genialidade e até capacidade de despertar o sentimento de felicidade em quem o testemunha, certamente em razão da beleza propiciada por toda sua construção. Valendo-se também de outros recursos enunciativos já pontuados em nossa análise, a trave assim compartilha sua visão do lance protagonizado por Clóvis:

O Clóvis é centromédio, mas chega muito bem na área adversária. E chegou na minha. Houve um centro do Telê, sempre ele, o magrinho, sobre a área. O Clóvis matou a bola no peito e em vez de pô-la no chão para arrematar, encobriu o Veludo com o peito mesmo, e, pegando a pelota ainda com o peito, quase na linha da meta, entrou com bola e tudo no gol, entrou em mim, e, confesso, fiquei feliz com aquele lance magistral (SANT’ANNA, 2021, p. 97).

Já o substantivo “obra-prima”, constantemente utilizado para fazer referência a produções artísticas de grande valor, é empregado pela trave para definir a já citada cobrança de falta de Didi no treino (SANT’ANNA, 2021, p. 93). Esse recurso nos faz ver na cobrança a mesma independência artística do futebol em relação às formas canônicas, percebida antes no uso do termo “magistral” para caracterizar o gol de Clóvis, e tem como fundamentos, praticamente, as mesmas razões sugeridas no discurso da narradora, como domínio técnico e genialidade, quando nos faz visualizar o lance anterior. Duas diferenças fundamentais e de certa forma complementares são que o chute de Didi causa sentimentos contraditórios na enunciativa, uma vez que, apesar de estar defendendo a meta de Castilho, ela queria que a bola entrasse, e ganha, nesse mesmo discurso, um aspecto de perfeição, muito embora não tenha se transformado em gol. Nesse sentido, a execução do lance, mesmo que tenha batido na trave, carrega, talvez mais do que qualquer outro destacado pela narradora, um forte componente de autonomia. Valorizado por estudiosos como Gumbrecht (2007) e relativizado por outros como Damo (2001), tal componente é garantido, no texto, pela arte com que é

produzido e pela beleza que nos faz experimentar, não dependendo, necessariamente, de um resultado prático, como o gol, para ser considerado esteticamente significativo. Outra prova disso, encontrada no discurso da trave, é o sorriso reservado do próprio Didi, que indica que ele não se frustrou totalmente com o fato de seu chute não ter balançado as redes de Castilho; pelo contrário, achou beleza e graça no lance:

Não sei se devo sentir orgulho ou decepção, acho que ambas as coisas. Pois a cobrança foi perfeita, uma obra-prima, que assisti do meu posto privilegiado, mas ao mesmo tempo me sinto defendendo o gol de Castilho, meu irmão quase, eu diria. Didi sorriu para dentro, com seu jeito discreto, pois foi bonito e engraçado. Pode isso? Pode (SANT'ANNA, 2021, p. 93-94)¹⁴⁹.

Para concluir nossa análise, vale chamar a atenção para outro ponto que poderia ligar, mais uma vez, o futebol ao mundo das artes. Como vimos, em alguma medida, anteriormente, a trave dá destaque às fortes cabeçadas de Átis no ângulo dos goleiros oponentes, aos dribles que Robson consegue aplicar em sequência em vários adversários, e aos passes de Didi que dão dinâmica ao jogo da equipe. Em seus enunciados, a narradora termina por associar, bem de perto, tais lances aos jogadores que os produzem, como se se tratasse de traços distintivos seus. Em outros dois casos, tal relação se dá de maneira ainda mais íntima, sendo talvez possível notar com mais clareza, no discurso da trave, certa ideia de autoria por parte dos futebolistas em relação àquilo que fazem em campo. Os qualificativos usados pela trave para se referir a Valdo e Didi parecem ir justamente nessa direção. Valdo, por exemplo, é, segundo a trave, como já vimos, conhecido por “seus famosos gols espíritas”, que se definem pela peculiaridade e pela capacidade de pegar os adversários de surpresa, como o gol marcado de costas (SANT'ANNA, 2021, p. 94). Didi, por sua vez, é tratado não apenas como um “exímio batedor de faltas”, mas como um jogador conhecido por “sua famosa folha seca”, com a qual executa tais cobranças, como também vimos, e que é descrita pela narradora “assim: a bola vem pelo alto, mas perto do gol, perto de mim, de repente perde a força e cai, tantas vezes na rede” (SANT'ANNA, 2021, p. 93). Em ambos os casos, ao reconhecer a fama das jogadas desses atletas e relacioná-las intimamente a eles, a trave parece sugerir, com efeito, que tais jogadores são seus criadores ou inventores, apontando para mais uma possibilidade de vínculo do futebol com a estética, especialmente em sua dimensão artística.

¹⁴⁹ Átis também sorri após ter duas cabeçadas defendidas por Castilho. Essa atitude, no entanto, não é observada pela trave como uma reação à arte ou beleza dos lances, mas como um comportamento recorrente do jogador, considerado brincalhão, talvez, como sugere a narradora, por causa de sua afortunada condição de vida.

CONCLUSÃO

Com nossa tese, acreditamos ter contribuído para os estudos do futebol em suas interfaces com a cultura, especialmente no que diz respeito aos campos das ciências humanas, da estética e da literatura. Na Parte I do trabalho, procuramos mostrar que o tratamento da modalidade como tema de reflexão e criação é um fenômeno bastante antigo – apesar da tração especial que parece ter ganhado nas últimas décadas – e que existem trabalhos diversos e de qualidade em ambos os domínios. Com mais de cem anos de história, se considerarmos, por exemplo, o caso do Brasil, com as elucubrações sociológicas de Gilberto Freyre sobre a forma supostamente peculiar de se jogar bola no país e as polêmicas em que se envolveram escritores como Lima Barreto e Coelho Neto, o pensamento sobre o esporte assume hoje um lugar próprio na academia, com dezenas de relevantes publicações nacionais e internacionais dedicadas ao assunto, algumas das quais colaboraram de maneira decisiva para o estudo que nos propusemos a desenvolver no doutorado. Paralelamente, a literatura demonstra abrigar, também há várias décadas, o futebol como tema artístico, seja na condição de assunto primário ou secundário, do que oferecem as melhores provas no Brasil, a nosso ver, os gêneros da poesia, com Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto; da crônica, com Nelson Rodrigues, Mário Filho, Paulo Mendes Campos, Luis Fernando Verissimo e Décio Pignatari; do conto, com Sérgio Sant’Anna, Edilberto Coutinho e muitos outros, encontrados em diversas coletâneas do tipo; e, mais recentemente, da novela, com o próprio Sant’Anna, e do romance, com Sérgio Rodrigues.

Embora nossa tese não tenha tido como um de seus focos principais elaborar um percurso realmente denso acerca da presença do futebol no âmbito das humanidades, cremos ter conseguido sinalizar a importância do esporte nesse contexto quando buscamos explorar, com especial atenção, suas diversas e instigantes conexões com a estética e com a linguagem. A propósito, constitui grata surpresa para nós ter nos deparado com um volume efetivamente significativo de artigos, ensaios e outros trabalhos acadêmicos nesse domínio, sobretudo a partir de nossa estadia na Universidade de Sunshine Coast, na Austrália, onde tivemos a feliz oportunidade de acessar uma bibliografia aparentemente ainda pouco discutida no Brasil – um diálogo que nossa tese, talvez, possa incentivar de algum modo daqui em diante. Dizemos surpresa pois, no início do projeto, tínhamos a ideia, instalada a partir das leituras mais representativas de que dispúnhamos até então, marcadas por um tom francamente negativo e pessimista, de que teríamos sérias dificuldades em encontrar subsídios teóricos para a análise literária que pretendíamos empreender. À medida que avançávamos na construção da tese, no

entanto, íamos percebendo que a reflexão em torno da estética dos esportes, particularmente do futebol, constituía uma área de estudos bastante consolidada, sobre a qual poderíamos fundamentar teoricamente e com segurança o exame da ficção de Sérgio Sant’Anna.

Algo semelhante pode ser dito quanto à presença do futebol na literatura brasileira. Nosso propósito com um percurso do tipo consistia, antes de mais nada, em identificar o lugar que a obra de Sérgio Sant’Anna ocupava nesse âmbito, e o iniciamos com a hipótese de que o trabalho literário do autor se destacava das demais, em razão do número significativo de referências ao jogo que íamos identificando em seus contos à medida que ampliávamos o contato com eles e da qualidade excepcional de textos futebolísticos que já conhecíamos antes mesmo de elaborar o projeto da tese, como “Páginas sem glória”, “No último minuto” e “Na boca do túnel”. Por um lado, tal percurso nos forneceu elementos suficientes para reforçar a ideia de que Sant’Anna produziu, de fato, referências literárias ao esporte até aqui mais robustas do que as de seus pares brasileiros, ao combinar, especialmente no conjunto de sua ficção de futebol, o domínio de possibilidades técnicas e temáticas da literatura, já reconhecido, de diferentes modos, por inúmeros críticos e pesquisadores, com um conhecimento significativo a respeito da modalidade e uma profunda apreciação pelo jogo, algo que tentamos salientar, provavelmente pela primeira vez em um esforço sistemático, em nossa tese. Por outro lado, notamos que o futebol, a despeito das visões em geral negativas e pessimistas com que já havíamos nos deparado e que continuamos a encontrar ao longo de nossas leituras, tem uma longa e significativa história na literatura brasileira, na medida em que acolhe, também há mais de século, produções dos mais diversos gêneros, construídas por autores os mais variados, entre obscuros e ilustres.

O que parece faltar para um reconhecimento mais disseminado da presença do futebol na literatura brasileira é uma atenção maior a produções que se valem do jogo por parte de nossos leitores especializados, que, com raras exceções, ainda demonstram pouca inclinação em analisar construções literárias do esporte em produções nacionais. Essa lacuna pode ser identificada, em um caso que nos parece exemplar, na fortuna crítica de autores como o próprio Sérgio Sant’Anna. Apesar de ser amplamente aclamado como um dos maiores escritores brasileiros contemporâneos, e muito embora alguns especialistas e o próprio autor já tenham apontado para a significativa presença da modalidade em seus textos, o tratamento do futebol em sua obra é pouquíssimo examinado se comparado a questões abordadas, por exemplo, sob ângulos metaficcionais, memorialísticos e intermediáticos. Dispensando, em grande medida, argumentos que sinalizam para preconceitos de cunho intelectual, social e político em torno do jogo como influências negativas ainda presentes na observação reflexiva

sobre o esporte, e considerando que o estudo de gêneros narrativos que não apenas o romance já tem um lugar estabelecido na academia, como indica a própria fortuna crítica de Sant'Anna, contista por vocação e excelência, tendemos a acreditar que tal lacuna se deve, antes de mais nada, a limitações de conhecimento de nossa parte, enquanto estudiosos da área de Letras, acerca do futebol. Se, como entende Sant'Anna, é preciso saber de futebol para tratar de futebol na literatura, faz sentido supor que, para estudar construções do futebol na literatura, também é preciso conhecer algo de futebol, de modo a se conseguir captar e explorar camadas de sentido envolvidas no trabalho literário com o jogo. Uma vez que nossa área de estudos é, tradicionalmente, mais afim ao campo das artes do que ao dos esportes, tomar o futebol enquanto um fenômeno estético, como procuramos fazer em nossa tese, ou mesmo enquanto uma mídia, conforme consideramos fazer a determinada altura da investigação, pode, talvez, colaborar para sedimentar pontes que facilitem novas incursões nesse campo.

A propósito, entendemos ter apontado, na Parte II, que o futebol guarda, efetivamente, relações diversas e significativas com o campo da estética. Embora tenhamos reconhecido que esse campo não é totalmente alheio a questões que, segundo certas perspectivas, ficariam ou deveriam ficar de fora de sua constituição, como aquelas de ordem prática, pedagógica ou social, procuramos focalizar a dimensão objetiva, concreta, palpável, plástica, que a estética nos propicia para abordar o esporte. Levando em conta o pressuposto de que a estética está calcada, como aponta sua etimologia, em nossa capacidade de sentir o mundo a nossa volta, demos ênfase à experiência especular que o futebol nos proporciona, a partir da qual podemos, entre outras coisas, apreciar o que se coloca diante de nossos olhos. Um dos modos menos discutíveis, de acordo com nossas consultas, de se experimentar esteticamente a modalidade consiste em simplesmente reconhecer sua beleza, possibilitada pela própria dinâmica do jogo, com os movimentos dos jogadores e a trajetória assumida pela bola no curso de uma partida, e muitas vezes potencializada por elementos que ultrapassam o jogo em si, como as circunstâncias mais diversas em que a disputa se acha implicada. Qualquer que seja a forma que ganhe aos olhos de cada espectador individualmente, essa beleza – ou, pelo menos, sua possibilidade, já que nem todo lance de futebol, em tese, despertaria o senso do belo de maneira universal – é, inclusive, apontada por alguns estudiosos como a principal responsável pela vasta popularidade do futebol no mundo contemporâneo, cujas raízes parecem repousar ainda nas primeiras décadas da oficialização do esporte.

A condição artística do futebol, no entanto, provoca maiores polêmicas, existindo argumentos contra e a favor da hipótese, além de haver quem considere desnecessário discutir

o problema nessa direção, se já se reconhece que o esporte é, de fato, um fenômeno estético, ou impertinente fazê-lo a partir de certas bases, como a ontológica, que muitas vezes pauta o debate. Em nosso trabalho, não tivemos a pretensão de oferecer uma resposta original para a discussão, que permanece acesa no universo acadêmico propriamente dito há, pelo menos, cinquenta anos, tendo sido aludida ou encarada de frente por pensadores de grande envergadura no Ocidente. Nosso intuito em reproduzir parte da polêmica visava apenas a buscar contribuições teóricas que favorecessem a análise da estética do futebol na ficção de Sérgio Sant'Anna, em meio a outros procedimentos de pesquisa de que nos valem no mesmo sentido, como as relações do jogo com outros significados para o termo "estética". Afinal, o que mais nos interessava era investigar uma possível construção do jogo enquanto fenômeno estético na literatura, a qual, por princípio, nos colocaria diante de narradores e personagens que teriam sua própria visão sobre o assunto, cabendo-nos tão somente observar para onde essa visão apontava mediante o estudo da composição dos textos. Todavia, ao revisar nossos estudos sobre o tema, terminamos por construir uma posição positiva em torno do problema, na medida em que havíamos recolhido um bom número de contatos significativos entre o futebol e as artes, e vários desses contatos, como o caráter de performance, a presença de técnica, gênio e público e a produção de efeitos estéticos, refletiram produtivamente em nossa análise literária.

De modo mais específico, verificamos, ainda na Parte II da tese, que o futebol pode estabelecer relações bastante profícuas com os campos da linguagem e da própria literatura. Basicamente, tais relações derivam da possibilidade de o esporte ser tomado como uma semiose, constituída por significantes e processos de construção de sentido próprios. Não por acaso, há autores que, a partir de diferentes abordagens e pressupostos teóricos, identificam semelhanças entre futebol, linguagem verbal e formas de produção artísticas e literárias, apontando existirem no jogo características ligadas a conceitos como os de metáfora, metalinguagem, discurso, espetáculo, representação, drama, prosa, poesia e narrativa. Nesse contexto, há, por um lado, aqueles que, reconhecendo no futebol possibilidades conceituais como as mencionadas, entendem que elas dificultam decisivamente potenciais transposições do esporte em produções da arte e da literatura, não raro servindo de explicação para uma suposta ausência de obras futebolísticas de valor com base na constituição essencialmente semiótica do jogo. Por outro lado, há aqueles, como nós, que, mesmo admitindo igualmente que o jogo é uma semiose, argumentam que sua constituição como tal não representa obstáculos intransponíveis para a utilização da modalidade como tema artístico, uma vez que há obras, como as do próprio Sérgio Sant'Anna, que conseguem lidar muito bem com

problemas ligados à constituição própria do futebol, como sua história, dinâmica e visualidade, e que trabalhar com o esporte na literatura, em vez de significar uma suposta tentativa de repetir no papel o que se vê em campo, pode nos oferecer outras formas de olhar para o jogo e para nossa própria condição humana.

Se, nas Partes I e II, elaboramos exposições voltadas, antes de mais nada, a melhor compreender o futebol enquanto fenômeno cultural e estético, sem necessariamente visar, em nosso projeto inicial, fornecer contribuições específicas para os dois campos, na Parte III procuramos oferecer o que pretendia constituir a principal colaboração de nossa tese. Partindo da hipótese de que o esporte assumiria condição estética na ficção de Sérgio Sant'Anna, acreditamos ter, com efeito, produzido acréscimos importantes à fortuna crítica do autor, por meio do percurso que construímos para investigar tal suposição interpretativa. Em uma perspectiva mais abrangente em torno da obra do escritor, mostramos que a modalidade é, de fato, uma constante representativa e significativa em seu trabalho literário. Ela aparece em cerca de três dezenas de seus contos e novelas, em um universo de pouco mais de cento e trinta narrativas, desde a estreia do tema em textos do volume **Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)**, de 1973, o segundo na produção de Sant'Anna, até sua utilização no livro póstumo **A dama de branco**, de 2021, e pode ser abordada a partir de ângulos como o histórico, o político, o memorialístico e o estético, o qual adotamos de modo mais pronunciado em nossa investigação. Por conta da recorrência do tema e da importância que ele assume em determinadas produções, trata-se de um elemento que nos parece fundamental na poética do autor, não menos importante do que outros atualmente mais examinados pela crítica de sua obra, e que guarda relações com o próprio escritor, ele mesmo um aficionado pelo jogo – aspecto que também procuramos explorar mais a fundo e conectar com alguns de seus textos, especialmente os da última fase de sua carreira literária, marcada pela retomada de memórias da infância, adolescência e parte da vida adulta.

Em um viés crítico e teórico, sinalizamos lacunas que podem ser atacadas no que diz respeito ao uso literário do futebol por Sérgio Sant'Anna, algumas das quais exploramos em nosso trabalho. Ao construirmos nossa revisão bibliográfica acerca do que já havia sido dito nessa direção por leitores especializados, focalizamos o próprio futebol em vez de percorrer sendas comumente trilhadas quando se tem como propósito fornecer uma visão global sobre a poética do autor. Desse procedimento resultou uma perspectiva possivelmente original a respeito do trabalho do escritor, colocando em primeiro plano e de maneira sistemática um aspecto realmente relevante, porém ainda pouco examinado, dessa produção. Outro avanço que possivelmente propiciamos nesse contexto concerne a uma tentativa de discriminar os

usos do futebol na obra de Sant'Anna. Para tanto, dividimos tais usos em primários e secundários, de acordo com a relevância narrativa que o esporte parece ganhar em cada conto ou novela, e estabelecemos os textos que constituiriam a ficção de futebol do autor, à luz de conceitos que traçam diretrizes para a classificação de produções no escopo desse gênero. Como resultado desses esforços, chegamos à conclusão de que nem todas as narrativas do autor que se valem da modalidade utilizam-na como elemento decisivo de sua construção, embora admitamos que possa haver algo de arbitrário em nossas escolhas, e que as que melhor responderiam às bases do citado gênero são a novela “Páginas sem glória” e os contos “No último minuto”, “Na boca do túnel”, “As cartas não mentem jamais”, “Invocações (memórias e ficção)”, “O torcedor e a bailarina”, “Tarzan e o império perdido” e “Das memórias de uma trave de futebol em 1955”.

Em um ângulo interpretativo, que corresponde ao cerne de nossa tese, acreditamos ter conseguido demonstrar que o futebol assume, com efeito, uma condição estética na ficção de Sérgio Sant'Anna. Tal condição pode ser verificada nos três recortes a que procedemos para lidar com a poética do autor neste trabalho. Dentre as narrativas que se utilizam do esporte como tema secundário, observamos que “O recorde”, “Um discurso sobre o método”, “O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro” e “O milagre de Jesus”, em especial, estabelecem, de modos menos ou mais positivos, contatos com o universo das artes, por se valerem da noção de espetáculo, da imagem do palco, de paralelos entre futebol, música e literatura, ou da atribuição do qualificativo “obra de arte” a gols imaginários em suas respectivas estruturas. Quanto aos textos que integram a chamada ficção de futebol do escritor, notamos que todos eles, apesar de suas particularidades e dos modos e graus distintos com que parecem dialogar com o campo da estética, podem ser lidos em tal perspectiva, agregando ou não os aspectos recém-mencionados e hipoteticamente integrando outros, como o recurso à éfrase, a percepção da beleza por parte da audiência, a existência de comentários críticos das vozes do texto sobre a prática, o reconhecimento do valor da técnica futebolística, a proposição de discussões em torno do lugar do futebol entre as artes, e a construção de hibridismos literários do esporte com a música e com a dança. Em se tratando de “Das memórias de uma trave de futebol em 1955”, mostramos que a elaboração do futebol por parte de Sant'Anna contém, a seu modo e de maneira hábil e convenientemente condensada, diversos elementos que evidenciam a condição estética do jogo na obra do autor, isto é, como um fenômeno significativo, belo e artístico, servindo, em nossa perspectiva, como um texto exemplar nesse sentido.

Apesar dos avanços que acreditamos ter realizado com nossa investigação, restam, naturalmente, muitas outras lacunas a serem exploradas em projetos futuros, para os quais esperamos que nosso trabalho seja de alguma utilidade. No âmbito da ficção de futebol de Sérgio Sant'Anna, seria possível perscrutar, de maneira mais específica e detalhada, como o esporte se constrói esteticamente nas outras sete narrativas do gênero que não pudemos examinar de perto em nossa tese, tomando por base, a título de sugestão, as três dimensões que ressaltamos em nossa pesquisa. Brevemente retomados no parágrafo anterior, alguns caminhos em aberto foram indicados na Parte III, quando reproduzimos trechos dos referidos textos e apontamos entradas de leitura potenciais nessa direção. Outra possibilidade seria elaborar análises comparadas, refletindo sobre construções hipoteticamente correlatas a respeito da condição estética da modalidade no mencionado recorte da obra sant'anniana, ou mesmo em textos que não pertencem a esse gênero mas fazem menções relativamente significativas ao jogo. Um exemplo nesse sentido poderia ser dado com a tessitura das relações entre futebol, música e dança em “O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro”, “As cartas não mentem jamais” e “O torcedor e a bailarina”. Pode-se investigar ainda em que medida o esporte coloca-se a serviço da discussão de questões da condição humana. Alguns desses grandes temas, como fracasso e morte, foram destacados quando parafraseamos os textos que compõem a poética futebolística de Sant'Anna, como “No último minuto”, “Na boca do túnel” e “Das memórias de uma trave de futebol em 1955”. Pelo teor desses temas e pelas configurações hipoteticamente trágicas que o jogo adquire em narrativas como essas, seria possível tomar a modalidade, em outras investigações, como um drama, entrada de leitura que reforçaria, mais uma vez, sua constituição estética. Também seria possível verificar como a construção do futebol no trabalho do autor relaciona-se com outros aspectos salientes de sua poética. Elementos memorialísticos, por exemplo, são relativamente frequentes na literatura de Sant'Anna, em especial na fase final de sua carreira, e muitas vezes conversam frontalmente com o jogo, como parece acontecer em “Invocações (memórias e ficção)”, “Páginas sem glória”, “Tarzan e o império perdido” e o próprio “Das memórias de uma trave de futebol em 1955”.

REFERÊNCIAS

- AESTHETICS. *In*: MURFIN, R.; RAY, S. M. **The Bedford glossary of critical and literary terms**. 3rd ed. Boston; New York: Bedford/St. Martin's, 2009. p. 6-7.
- AESTHETICS. RODWAY, A. *In*: CHILDS, P.; FOWLER, R. **The Routledge dictionary of literary terms**. Abingdon; New York: Routledge, 2006. p. 3-4.
- AGOSTINO, G. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002.
- ALMADA, S. Interview with Selva Almada. *In*: STEIN, S; CAMPISI, N. (ed.). **Idols and Underdogs: An Anthology of Latin American Football Fiction**. Glasgow: Freight Books, 2016. p. 30-32.
- ÁLVARES, R. Crônica brasileira atual padece de criatividade, dizem escritores: especial “A Imprensa na Copa do Mundo” mostra diversos aspectos da competição que retorna ao país do futebol. **Portal Imprensa**, [S. l.], 31 maio 2014. Últimas notícias. Disponível em: https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/66088/cronica+esportiva+brasileira+atual+padece+de+criatividade+dizem+escritores. Acesso em: 5 jul. 2023.
- ANTÔNIO, J. **Malhação do Judas Carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ARBEX, M. O teatro da representação em “A mulher nua”, de Sérgio Sant’Anna. **Scripta Uniandrade**, v. 16, n. 3, p. 43-57, 2018. DOI: 10.5935/1679-5520.20180045. Disponível em: <https://revistahom.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/1061>. Acesso em: 17 mar. 2014.
- ARNEIRO, A. L. de P. **Especulações em Sérgio Sant'Anna: relações dialógicas com a filosofia nietzscheana**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-07102011-100349/pt-br.php>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- ASSUNÇÃO, T. R. Breve nota sobre o tempo trágico no futebol. **Letras Clássicas**, [S. l.], n. 12, p. 259–262, 2008. DOI: 10.11606/issn.2358-3150.v0i12p259-262. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73912>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- ATIK, M. L. G. Au-delà des images visibles dans les récits de Sérgio Sant’Anna. **Synergies Brésil**, n. 13, p. 13-23, 2018. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Bresil13/guarnieri.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- BARBOSA. Direção: Ana Luiza Azevedo, Jorge Furtado. Produção: Nora Goulart, Gisele Hilt. 1988. (13 min.), son., color.
- BARREIRA, M. M. An aesthetic conceptual approach to soccer. **Discusiones Filosóficas**, ano 15, n. 25, p. 15-29, jul./dez. 2014. Disponível em:

<https://revistasojs.ucaldas.edu.co/index.php/discusionesfilosoficas/article/view/768>. Acesso em: 27 ago. 2022.

BARRETO, T. V. Apresentação. *In*: GASPAR, L.; BARBOSA, V. **O futebol brasileiro, 1894-2013**: uma bibliografia. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Brasília: Ministério dos Esportes, 2013. p. 1-14.

BARRETO, T. V. Gilberto Freyre e o futebol-arte. **Revista USP**, [S. l.], n. 62, p. 233–238, 2004. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i62p233-238. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13357>. Acesso em: 29 mar. 2022.

BELL, J. 1970 Brazilian Soccer Team Voted Best Ever. **New York Times**, Soccer, July 11 2007. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2007/07/11/sports/soccer/11poll.html> 2007. Acesso em: 6 jul. 2023.

BEST, D. Art and Sport. **The Journal of Aesthetic Education**, v. 14, n. 2, p. 69-80, abr. 1980. DOI: 10.2307/3332478. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3332478>. Acesso em: 26 abr. 2023.

BEST, D. Sport is not Art. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 12, n. 1, p. 25-40, 1985. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00948705.1985.9714426>. Acesso em: 26 abr. 2023.

BEST, D. The Aesthetics in Sport. **British Journal of Aesthetics**, v. 14, n. 3, p. 197-213, 1974. DOI: 10.1093/bjaesthetics/14.3.197. Disponível em: <https://academic.oup.com/bjaesthetics/article-abstract/14/3/197/49835>. Acesso em: 26 abr. 2023.

BORGE, S. **The Philosophy of Football**. Abingdon: Routledge, 2019.

BORGES, I. Ecphrasis e contemporaneidade. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 15, 2017. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2017. p. 4.153-4.163. Disponível: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522235686.pdf. Acesso em: 17 mar. 2024.

BOURDIEU, P. Como se pode ser desportista?. *In*: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 181-204.

BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. *In*: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. Revisão técnica de Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 207-220.

BOXILL, J. M. Beauty, Sport, and Gender. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 11, n. 1, 1985, p. 36-47. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00948705.1984.9714413>. Acesso em: 26 abr. 2023.

BRANDÃO, P. H. Sérgio Sant'Anna, um contista com a janela aberta para o futebol. **Ludopédio**, São Paulo, v. 132, n. 24, 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/sergio-santanna/>. Acesso em: 14 set. 2022.

CAPRARO, A. M. Mário Filho e a “invenção” do jornalismo esportivo profissional.

Movimento, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 213–224, 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.15154.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/15154>. Acesso em: 3 out. 2022.

CAPRARO, A. M. O futebol, nacionalismo e tradição: observações a partir de alguns escritos marxistas. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 7, n. 47, abr. 2002.

Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd47/futebol.htm>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CASARIN, R. Ler os contos de Sérgio Sant’Anna sobre futebol é como ver Messi jogar. **Uol**, Página Cinco, [S. l.], 10 maio 2020. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/colunas/pagina-cinco/2020/05/10/ler-os-contos-de-sergio-santa-anna-sobre-futebol-e-como-ver-messi-jogar.htm>. Acesso em: 15 set. 2022.

CEDRO, M. Bourdieu entra em “campo”: o futebol como espaço autônomo de interações, disputas, posições e consagrações. **Revista Tempos Gerais**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 9-26, 2014.

Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/temposgerais/article/view/1695>. Acesso em: 11 abr. 2022.

CLÜVER, C. Intermedialidade. **Pós**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8-23, nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/48493>. Acesso em: 23 mar. 2024.

CORDNER, C. Differences Between Sport and Art. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 15, n. 1, p. 31-47, 1988. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00948705.1988.9714459>. Acesso em: 26 abr. 2023.

CORNELSEN, E. L. Futebol e narrativa: desafios para a literatura. **Ludopédio**, São Paulo, v. 114, n. 16, 15 dez. 2018. Disponível em:

<https://ludopedio.org.br/arquivancada/futebol-e-narrativa-desafios-para-a-literatura/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

COSTA, F. M. da (org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

COUTINHO, E. **Maracanã, adeus**: 11 histórias de futebol. 9. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DAMO, A. Futebol e Estética. **S. Paulo em perspectiva**, [S. l.], v. 15, n. 3. p. 82-91, 2001.

DOI: 10.1590/S0102-88392001000300011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/DPjQ7fbKwKZsPrRSgmgwgsZz/?lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2024.

DEALTRY, G. F. A malandragem como resistência e negociação: Silvano Santiago e Sérgio Sant’Anna. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 22, p. 113-123, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8948>.

Acesso em: 8 set. 2022.

DUARTE, F. L. Aproximações exploratórias entre Antonio Gramsci e o esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 297-311, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000200004>. Acesso em: 10 abr. 2022.

EAGLETON, T. Balzac encontra Beckham. Tradução de Clara Allain. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Mais!, 5 dez. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0512200416.htm>. Acesso em: 3 out. 2021.

EAGLETON, T. Football: A Dear Friend to Capitalism. **The Guardian**, Opinion, Londres, 15 jun. 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2010/jun/15/football-socialism-crack-cocaine-people>. Acesso em: 6 out. 2021.

ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELCOMBE, T. L. Sport, Aesthetic Experience, and Art as the Ideal Embodied Metaphor. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 39, n. 2, p. 201-217, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00948705.2012.725901>. Acesso em: 26 abr. 2023.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process**. Dublin: University College Dublin Press, 2008.

ESTÉTICA. In: ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. rev. e ampl. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 367-374.

ESTÉTICA. In: D'ONOFRIO, S. **Pequena enciclopédia da cultura ocidental: o saber indispensável, os mitos eternos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. p. 184-185.

ESPETÁCULO. In: FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999a. p. 815.

ESTÉTICA. In: FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999b. p. 834.

ESTÉTICA. In: MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 168-169.

ESTEVES, B. O sobrevivente: Sérgio Sant'Anna e a obsessão pela literatura. **Piauí**, Vultos das Letras, [S. l.], abr. 2015. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-sobrevivente/>. Acesso em: 12 set. 2022..

FARACO, S. Dia dos mortos. In: COSTA, F. M. da (org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 56-61.

FIFA. More than half the world watched record-breaking 2018 World Cup. **FIFA**, Media Release, Zurique, 21 dez. 2018. Disponível em: <https://www.fifa.com/tournaments/mens/worldcup/2018russia/media-releases/more-than-half->

the-world-watched-record-breaking-2018-world-cup. Acesso em: 28 set. 2022.

FORREST, D. **Understanding Goal Nets as a Symbolic Representation of Changing Football Culture**. 2020. Dissertação (Mestrado em Creative Arts) - School of Creative Industries, University of the Sunshine Coast, Sippy Downs, 2020. DOI: 10.25907/00050. Disponível em:

<https://research.usc.edu.au/esploro/outputs/graduate/Understanding-Goal-Nets-as-a-Symbolic/99523208902621/filesAndLinks?index=0>. Acesso em: 23 mar. 2024.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FUENTES, R. Interview with Roberto Fuentes. In: STEIN, S; CAMPISI, N. (ed.). **Idols and Underdogs: An Anthology of Latin American Football Fiction**. Glasgow: Freight Books, 2016. p. 103-106.

GE. Pesquisa mostra Flamengo e Corinthians como maiores torcidas do Brasil; veja o ranking: São Paulo aparece à frente do Palmeiras, e Grêmio é o primeiro entre clubes fora de RJ e SP. **Globo**, Futebol, São Paulo, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/2022/07/19/pesquisa-mostra-flamengo-e-corinthians-como-maiores-torcidas-do-brasil-veja-o-ranking.ghtml>. Acesso em: 28 set. 2022.

GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Tradução Cibele Braga *et al.* Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

GOL DE LETRA. **Institucional**. [S. l.]: 2023. Disponível em: <https://www.goldeletra.org.br/institucional/>. Acesso em: 1 jul. 2023.

GOMES, L. H. Sérgio Sant'Anna, que completaria 80 anos neste sábado, abriu caminhos para a literatura brasileira: autor recriou o conto brasileiro ao experimentar variedade de formas e encontrou possibilidades narrativas que influencia gerações de escritores; Sérgio morreu em 2020, vítima da covid-19. **Terra**, Diversão, [S. l.], 30 out. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/sergio-santanna-que-completaria-80-anos-neste-sabado-abriu-caminhos-para-a-literatura-brasileira,42b6566a716bcc576881c4128c0c181a7abov2wx.html>. Acesso em: 9 set. 2022.

GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Corpo/matéria, gestos/material: para pensar uma estética dos esportes. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 126-135, jan.-abr. 2017a. DOI: 10.15448/1981-2582.2017.1.22600. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/22600>. Acesso em: 11 abr. 2022.

GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Produção de forma no esporte: sobre a estética do rúgbi. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 4, p. 347-354, 2017b. DOI: 10.1016/j.rbce.2017.06.005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328917301804?via%3Dihub>. Acesso em: 11 abr. 2022.

GONGORA, A. P. **Uma representação contemporânea da violência em contos e novelas de Sérgio Sant'Anna**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) - Centro

de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/Dissertacao_Gongora.pdf. Acesso em: 1 set. 2022.

GRAÇA, L. G.; LACERDA, T. O. Da estética do desporto à estética do futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2 p. 427-444, 2011. DOI: 10.1590/S0101-32892011000200010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbce/a/tDCPCFcpVnvzf7Bg96KG6hj/?lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2022.

GUIMARÃES, G. C. A “tabelinha” entre o futebol e a poesia. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 51-62, jan./abr. 2014. DOI: 10.17851/1982-0739.20.1.51-62. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/5922>. Acesso em: 23 mar. 2024.

GUIMARÃES, G. C. Inventariar contos sobre futebol: o estrangeiro e a mulher nas antologias brasileiras. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 87-121, 2016. DOI: 10.17851/2317-2096.26.3.87-121. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18702>. Acesso em: 31 mar. 2023.

GUMBRECHT, H. U. A forma da violência. Tradução de José Marcos Macedo. **Folha de S. Paulo**, Mais!, São Paulo, 11 mar. 2011. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200105.htm>. Acesso em: 23 mar. 2024.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUTTMANN, A. **Sports and American Art: From Benjamin West to Andy Warhol**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, A. **Football: The First Hundred Years: The Untold Story**. Abingdon; New York: Routledge, 2005.

HEPBURN, D. Who invented football? When and where the ball game originated - and what it's got to do with Scotland: Many people claim modern football was invented north of the border, while some believe the game as we know it started in England - but who is right?. **The Scotsman**, Football, [S. l.], 21 jun. 2021. Disponível em:

<https://www.scotsman.com/sport/football/who-invented-football-when-and-where-the-ball-game-originated-and-what-its-got-to-do-with-scotland-3281453>. Acesso em: 24 mar. 2024.

HESS, A. The Glaring Inequalities of Football Capitalism. **Tribune**, [S. l.], 7 jul. 2020. Disponível em:

<https://tribunemag.co.uk/2020/07/englands-north-west-and-the-reality-of-football-capitalism>. Acesso em: 27 set. 2022.

HILST, H. Aguenta coração. *In*: COSTA, F. M. da (org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 158.

HOBBSAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1879-1914. *In*: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 271-316.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. Revisão técnica de Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, E. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOFFMANN, R. *et al.* International women's football and gender inequality. **Applied Economics Letters**, v. 13, n. 15, p. 999-1001, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13504850500425774>. Acesso: 23 mar. 2024.

HOLLANDA, B. B. B. de. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/o-descobrimento-do-futebol/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

HOLLANDA, C. B. de. O moleque e a bola. **O Globo**, 21 jun. 1998. Disponível em: http://www.chicobuarque.com.br/texto/artigos/artigo_moleque.htm. Acesso em: 17 fev. 2022.

HOLT, J. Sport as art, dance as sport. **AUC Kinanthropologica**, v. 53, n. 2, p. 138-145, 2017. DOI: 10.14712/23366052.2017.11. Disponível em: <https://doaj.org/article/6c2bc65626724c6997fc1ebd4bfa9d3b>. Acesso em: 23 mar. 2024.

HORNBY, N. Nick Hornby answers your questions. **The Guardian**, Fiction, Londres, 22 jun. 2001. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2001/jun/22/fiction.nickhornby>. Acesso em: 12 maio 2023.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva; EdUSP, 1971.

HUMBLE, P. N. Chess as an art form. **British Journal of Aesthetics**, v. 33, n. 1, p. 59-66, 1993. DOI: 10.1093/bjaesthetics/33.1.59. Disponível em: <https://academic.oup.com/bjaesthetics/article-abstract/33/1/59/72875?redirectedFrom=PDF>. Acesso em: 26 abr. 2023.

JAMES, K. From the pen to the pitch: world literature meets soccer: the author crafting pitch-perfect prose and the soccer player setting up a picture-perfect goal might seem like diametric opposites. But they have more in common than you'd think, as a recent symposium in Berlin showed. **DW**, Berlin; Bonn, 23 jan. 2006. Disponível em: <https://www.dw.com/en/from-the-pen-to-the-pitch-world-literature-meets-soccer/a-1864758>. Acesso em: 9 jan. 2020.

JONES, M. Top 10 most popular football clubs in the world as Man Utd and Liverpool go head-to-head: Manchester United will take on Liverpool at Old Trafford on Sunday afternoon

in what is always one of the highlights of any football season, but how are they faring off the pitch?. **The Mirror**, Sport, 23 out. 2021. Disponível em: <https://www.mirror.co.uk/sport/football/news/biggest-football-clubs-world-liverpool-25267037>. Acesso em: 28 set. 2022.

KITCHIN, P. J.; CROSSIN, A. Understanding which dimensions of organisational capacity support the vertical integration of disability football clubs. **Managing Sport and Leisure**, v. 23, n. 1-2, p. 28-47, 2018. DOI: 10.1080/23750472.2018.1481764. Disponível em: <https://pure.ulster.ac.uk/en/publications/understanding-which-dimensions-of-organisational-capacity-support>. Acesso em: 23 mar. 2024.

KOSIEWICZ, J. Sport and Art: Differences and Theatrical Similarities. **Physical Culture and Sport. Studies and Research**, v. 61, p. 69-87, 2014. Disponível em: <https://intapi.sciendo.com/pdf/10.2478/pcssr-2014-0022>. Acesso em: 32 mar. 2024.

KREFT, L. Aesthetics of the Beautiful Game. **Soccer & Society**, v. 15, n. 3, p. 353-375, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970.2012.753538>. Acesso em: 19 ago. 2022.

KUNTZ, P. G. Aesthetics Applies to Sports as well as to the Arts. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 1, n. 1, p. 6-35, 1974. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00948705.1974.10654082>. Acesso em: 26 abr. 2023.

KUPFER, J. A. Commentary on Jan Boxill's "Beauty, Sport, and Gender". **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 11, n. 1, p. 48-51, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00948705.1984.9714414>. Acesso em: 26 abr. 2023.

KUPFER, J. Purpose and Beauty in Sport. **Journal of the Philosophy of the Sport**, v. 2, n. 1, p. 83-90, 1975. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00948705.1975.10654100>. Acesso em: 26 abr. 2023.

KUPFER, J. Sport – The body electric. In: MORGAN, W. J.; MEIER, K. V. (eds.). **Philosophic inquiry in sport**. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, 1988. p. 455-475.

LACERDA, T.; MUMFORD, S. The Genius in Art and in Sport: A Contribution to the Investigation of Aesthetics of Sport. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 37, n. 2, p. 182-193, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00948705.2010.9714775>. Acesso em: 26 abr. 2023.

LUCAS, I. Sérgio Sant'Anna: "Eu quero causar polémica, pode falar mal de mim se quiser". **Público**, Cultura Ipsilon, [S. l.], 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/05/13/culturaipsilon/noticia/sergio-santanna-quero-causar-polemica-falar-mal-mim-quiser-1916183>. Acesso em: 9 set. 2022.

MACÊDO, E. S. de; CHISTÉ, P. de. S. Um percurso dialógico para a leitura da obra de Rubens Gerchman. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 80-102, set./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457322325>. Acesso em: 28 ago. 2022.

MARCOS, P. O suborno. *In*: COSTA, F. M. da (org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 22-26.

MARQUES, M. Articulações e perspectivas da linguagem em Sérgio Sant'Anna. *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 5, n. 10, p. 63-83, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/flbc.2013.v5n10a17299>. Acesso em: 24 mar. 2024.

MARTINS FILHO, D. da. S. **Por uma arqueologia da memória**: as escritas de si em Rubem Fonseca e Sérgio Sant'Anna. 2019. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/11658>. Acesso em: 6 set. 2022.

MAY, A. The relationship between football and literature in the novels of Irvine Welsh. **Soccer & Society**, v. 19, n. 7, p. 924-943, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970.2016.1267631>. Acesso em: 18 fev. 2022.

MCGOWAN, L. **Football in Fiction**: A History. Abingdon: Routledge, 2019.

MELO, V. A. de. O esporte como uma forma de arte: diálogos entre (duas?) linguagens. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 111-130, maio/ago. de 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2871>. Acesso em: 16 ago. 2022.

MENESES, R. A descrição pictural nos textos do olhar de Sérgio Sant'Anna. **Revista Laboratório**, n. 17, p. 1-12, dez. 2017. DOI: 10.32995/rl17201779. Disponível em: <https://revistalaboratorio.udp.cl/index.php/laboratorio/article/view/79>. Acesso em: 24 mar. 2024.

MILAN, B. Literatura e futebol. **Betty Milan**, Rio de Janeiro, 2004. Conferências. Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/literatura-e-futebol/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MILLIET FILHO, R. **Cenários e personagens de uma arte popular**: futebol brasileiro, hegemonia, narradores e sociedade civil. 2009. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI:10.11606/T.8.2009.tde-07122009-112046. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-07122009-112046/pt-br.php>. Acesso em: 2024-03-24.

MILLIET FILHO, R. Eric Hobsbawm e o futebol. **Revista IHU On-Line**, São Leopoldo, 22 out. 2012. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/172-noticias/noticias-2012/514782-eric-hobsbawm-e-o-futebol>. Acesso em: 10 abr. 2022.

MORAES, F. T. O concerto de Sérgio Sant'Anna: por uma estética das massas. **Recorte**, v. 17, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/6185>. Acesso em: 6 set. 2022.

MORAES, M. **Futebol é arte**. Rio de Janeiro: Editorial, 2002.

MOUTINHO, M. Obra de Sérgio Sant'Anna sempre esteve ligada à ideia de imperfeição

como potência: autor carioca, que morreu neste domingo, passou por romance e dramaturgia e se tornou um dos principais nomes do conto brasileiro. **O Globo**, Cultura, 10 maio 2020.

Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/obra-de-sergio-santanna- sempre-esteve-ligada-ideia-d e-imperfeicao-como-potencia-2-24420249>. Acesso em: 14 set. 2022.

MUMFORD, S. The aesthetics of sport and the arts: competing and complementary. **Sport in Society**, v. 22, n. 5, p. 723-733, 2019. Disponível em:

<https://doi.org/10.1080/17430437.2018.1430478>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MURTINHO, J. Futebol e literatura. **Piauí**, São Paulo, 11 nov. 2013. Questões de futebol.

Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/futebol-e-literatura/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

NASCIMENTO, E. A. do. **A esfera como metáfora**: representações do futebol no campo da literatura (leituras do tema no conto de ficção). 2011. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16386>. Acesso em: 6 abr. 2022.

NIGRI, A.; PACHECO, G. Apresentação. In: SANT'ANNA, S. **O conto não existe**:

entrevistas e ensaios (1969-2020). Organização de André Nigri e Gustavo Pacheco. Recife: Cepe Editora, 2021. p. 12-13. [E-book].

O'BRIEN, G. Football was invented in Scotland, leading historian claims: A leading historian has said that the English should stop claiming the game as their own as football was invented in Scotland. [Entrevista cedida a] Rosalind Erskine. **The Scotsman**, Heritage, 1 jul. 2019.

Disponível em:

<https://www.scotsman.com/heritage-and-retro/heritage/football-was-invented-scotland-leading-historian-claims-544757>. Acesso em: 30 oct. 2022.

O'GORMAN, J. *et al.* Contemporary Issues in the Management of Grassroots Football. In:

CHADWICK, S. *et al.* **Routledge Handbook of Football Business and Management**.

Abingdon: Routledge, 2018. p. 56-70.

PACHECO, G. Apresentação. In: SANT'ANNA, S. **A dama de branco**. Organização e apresentação de Gustavo Pacheco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a. p. 7-10.

PACHECO, G. Sexo, morte e futebol no último livro de Sérgio Sant'Anna: organizador de 'A dama de branco' destaca a diversidade de temas e estilos na despedida do escritor, que morreu de COVID em 2020. [Entrevista cedida a] Carlos Marcelo. **Estado de Minas**, Pensar, [S. l.], 29 out. 2021b. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/10/29/interna_pensar,1318087/sexo-morte-e-futebol-no-ultimo-livro-de-sergio-sant-anna.shtml. Acesso em: 9 set. 2022.

PAMUK, O. 'Football is Faster than Words': In the run-up to the Euro 2008 football tournament, Nobel Prize-winning author Orhan Pamuk discusses his life as a soccer fan, the expression of Turkish nationalism in the sport and how the sport has made Turkey part of Europe over the past 50 years. [Entrevista cedida a] Christoph Biermann e Lothar Gorris. **Spiegel**, International, 4 jun. 2008. Disponível em:

<https://www.spiegel.de/international/europe/spiegel-interview-with-orhan-pamuk-football-is-faster-than-words-a-557614.html>. Acesso em: 12 maio 2023.

PASOLINI, P. P. Il calcio ‘è’ un linguaggio con i suoi poeti e prosatori. Tradução de Maurício Santana Dias. **Boitempo**, 20 jun. 2014. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/06/20/o-gol-fatal/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

PASSOS, A. A. **A subversão do épico em “Páginas sem glória”, de Sérgio Sant’Anna: a construção de José Augusto, o Conde, como anti-herói**. 2020. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8973034. Acesso em: 24 mar. 2024.

PÉCORA, A. Novela de Sérgio Sant’Anna brilha mais do que contos em novo livro: “Páginas sem glória” traz três novos textos em que autor passeia entre diferentes estilos com domínio de técnica. **Folha de S. Paulo**, Crítica Ficção, [S. l.], 25 dez. 2012. Disponível em: <https://feeds.folha.uol.com.br/fsp/acontece/85564-novela-de-santanna-brilha-mais-do-que-contos-em-novo-livro.shtml>. Acesso em: 9 set. 2022.

PEDROSA, M. **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Gol, 1967.

PERDIGÃO, P. **Anatomia de uma derrota**. Ed. rev. e ampl. orto Alegre: L&PM, 2014. [E-book]

PEREIRA, M. de S. **Fingidores em cena: a metaficção em Sérgio Sant Anna e Rubens Figueiredo**. 2013. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/6068>. Acesso em: 7 set. 2022.

PLATCHIAS, D. Sport is art. **European Journal of Sport Science**, v. 3, n. 4, p. 1-18, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17461390300073403>. Acesso em: 26 abr. 2023.

POPE, S. Why Football Needs a Gender Revolution. **The Conversation**, 19 maio 2022. Disponível em: <https://theconversation.com/why-football-needs-a-gender-revolution-182394>. Acesso em: 27 set. 2022.

PORTO, A. P. T. “A senhorita Simpson”, de Sérgio Sant’Anna, e “Bossa nova”, de Bruno Barreto: diálogos entre literatura e cinema. **Recorte**, v. 12, n. 1, p. 1-20, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5106173>. Acesso em: 24 mar. 2024.

PROENÇA, I. C. **Futebol e palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

RAJEWSKY, I. Intermediality, Intertextuality, and Remediation: A Literary Perspective on Intermediality. **Intermedialités / Intermediality**, n. 6, p. 43–64, 2005. Disponível em: <https://id.erudit.org/iderudit/1005505ar>. Acesso em: 23 mar. 2024.

RAMOS, N. **Ensaio geral: projetos, roteiros, ensaios, memória**. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

REID, L. A. Sport, the Aesthetic and Art. **British Journal of Educational Studies**, v. 18, n. 3, p. 245-258, out. 1970. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3120582>. Acesso: 24 abr. 2023.

RESENDE, B. Sérgio Sant'Anna e a morte. *In*: DEALTRY, G.; GRACIANO, I. X (org.). **Sérgio Sant'Anna**: cartografia crítica. Brasília: Edições Carolina, 2022. p. 257-271.

RIBEIRO, A. Thomaz Mazzoni: o jornalista esportivo. **Ludopédio**, São Paulo, v. 70, n. 3, 2015. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/thomaz-mazzoni-o-jornalista-esportivo/>. Acesso em: 3 out. 2022.

RIBEIRO, F. A. Futebol, política e literatura. **Contexto**, n. 3, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/7024>. Acesso em: 24 mar. 2024.

RIBEIRO, Z. O último gol de placa de Sérgio Sant'Anna. **Farofafá**, 7 out. 2021. Disponível em: <https://farofafa.com.br/2021/10/07/o-ultimo-gol-de-placa-de-sergio-santanna/>. Acesso em: 9 set. 2022.

ROBERTS, T. J. Sport and Representation: A Response to Wertz and Best. **Journal of the Philosophy of the Sport**, v. 8, n. 1, p. 89-94, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00948705.1986.9714444>. Acesso em: 12 abr. 2023.

RODRIGUES, S. **O dribble**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RODRIGUES, S. O grande romance do futebol. **Todoprosa**. Futebol & literatura. 5 jan. 2010a. Disponível em: <https://todoprosa.com.br/o-grande-romance-do-futebol/>. Acesso em: 2 ago. 2022.

RODRIGUES, S. O Grande Romance do Futebol e outras lendas. **Todoprosa**. Futebol & literatura. 25 jun. 2010b. Disponível em: <https://todoprosa.com.br/o-grande-romance-do-futebol-e-outras-lendas/>. Acesso em: 2 ago. 2022.

RODRIGUES, S. Por que o futebol é pouco presente na literatura brasileira?. **Todoprosa**. Futebol & literatura. 17 maio 2014. Disponível em: <https://todoprosa.com.br/por-que-o-futebol-e-pouco-presente-na-literatura-brasileira/>. Acesso em: 2 ago. 2022.

ROSENFELD, A. O futebol no Brasil. *In*: ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 73-106.

ROSENFELD, A. **O teatro épico**. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018. (Coleção debates, 193).

ROSSO, M. **Lima Barreto versus Coelho Neto**: um Fla-Flu literário. 2010.

RUFFATO, L. A nossa literatura esnoba o futebol. [Entrevista cedida a] Tiago Rogero. **O Globo**, Alcelmo.com, Rio de Janeiro, 10 jun. 2018. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/nossa-literatura-esnoba-o-futebol.html>. Acesso

em: 26 jun. 2022.

RUFFATO, L. Futebol e literatura: introdução longa, porém ilustrativa, sobre a presença do esporte bretão em contos e romances brasileiros, para saudar novo livro de José Trajano.

Rascunho: o jornal de literatura do Brasil, São Paulo, 9 jul. 2021. Disponível em: <https://rascunho.com.br/liberado/futebol-e-literatura/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SANT'ANNA, S. **A dama de branco**. Organização e apresentação de Gustavo Pacheco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANT'ANNA, S. **Anjo noturno: narrativas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SANT'ANNA, S. As molecagens de um narrador: o escritor Sérgio Sant'Anna comenta o lançamento de seus dois novos livros. [Entrevista cedida a] José Geraldo Couto. **Folha de S. Paulo**, Mais!, 1 jun. 1997a. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs010619.htm>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SANT'ANNA, S. **Contos e novelas reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.

SANT'ANNA, S. Interview with Sérgio Sant'Anna. In: STEIN, S; CAMPISI, N. (ed.). **Idols and Underdogs: An Anthology of Latin American Football Fiction**. Glasgow: Freight Books, 2016a. p. 84-86.

SANT'ANNA, S. **O conto zero e outras histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

SANT'ANNA, S. **O homem-mulher: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANT'ANNA, S. O futebol arte tem que andar junto com a eficiência. [Entrevista cedida a] Rodrigo Casarin. **Uol**, Página Cinco, [S. l.], 27 jul. 2018. Disponível em: <https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2018/07/26/sergio-santanna-o-futebol-arte-tem-que-andar-junto-com-a-eficiencia/>. Acesso em: 15 set. 2022.

SANT'ANNA, S. **O voo da madrugada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANT'ANNA, S. **Páginas sem glória: dois contos e uma novela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SANT'ANNA, S. Um escritor na biblioteca. [Entrevista cedida a] Luís Henrique Pellanda. **Cândido**, Curitiba, 17 out. 2011. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Um-Escritor-na-Biblioteca-Sergio-SantAnna>. Acesso em: 9 set. 2022.

SANTOS, C. V. V. dos. **O contexto autoritário em Notas de Manfredo Rangel, repórter, de Sérgio Sant'Anna**. 2008. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2008.tde-16102009-145952>. Acesso em: 4 set. 2022.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desastinos. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 30-37, jun./ago. 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p30-37>. Acesso em: 8 abr. 2022.

SILVA, D. da. As letras do maior esporte nacional. **Jornal do Brasil**, Observatório da Imprensa, Brasília, 29 maio 2002. Disponível em: <http://www.observatoriodaimpresa.com.br/primeiras-edicoes/deonsio-da-silva-4/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

SILVA, M. R. da. Nas margens do futebol, a literatura (e vice-versa). **InterFaces**, v. 1, n. 20, p. 15-27, jan.-jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/29803/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

STAIGER, E. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1972.

STEIN, S. Focus on Faculty: Shawn Stein. [Entrevista cedida a] Christine Baksi. **Dickinson College**, Carlisle, 6 maio 2016. Disponível em: <https://www.dickinson.edu/news/article/2127/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

STEIN, S. Movimientos defensivos: la figura del entrenador en las parábolas futbolísticas de Juan Sasturain, Sérgio Sant'Anna e Juan Villoro. **Studies in Latin American Popular Culture**, v. 23, p. 51-71, 2014. DOI: 10.7560/SLAPC3204. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/545566/pdf>. Acesso em: 24 mar. 2024.

STEIN, S; CAMPISI, N. (ed.). **Idols and Underdogs: An Anthology of Latin American Football Fiction**. Glasgow: Freight Books, 2016.

SUITS, B. The Elements of Sport. In: OSTERHOUDT, R. G. (ed.). **The Philosophy of Sport: A Collection of Original Essays**. Springfield: Charles C. Thomas. p. 48-64, 1973.

SWENEY, M. England's Euros triumph draws record TV audience of 17m: Audience peaked at 17.4 million viewers, making it the biggest UK television event of the year to date. **The Guardian**, Football, 1 ago. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2022/aug/01/england-victory-in-womens-euro-2022-fin-al-draws-record-tv-audience-of-17m>. Acesso em: 28 set. 2022.

TRUCCO, G.; ANDREUCCI, R. Sérgio Sant'Anna e a intimidade de um pênalti. **Ludopédio**, São Paulo, v. 148, n. 11, 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/sergio-santanna-e-a-intimidade-de-um-penalti/>. Acesso em: 14 set. 2022.

UEHARA, L. *et al.* The role of informal, unstructured practice in developing football expertise: the case of Brazilian Pelada. **Journal of Expertise**, v. 1, n. 3, p. 162-180, 2018. Disponível em: <http://shura.shu.ac.uk/24199/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

VAZ, A. F. Uma Europa inventada pelo futebol. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1.395-1.406, out./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.75919>. Acesso em: 10 abr. 2022.

VIVEROS, J. Interview with Javier Viveros. *In*: STEIN, S; CAMPISI, N. (ed.). **Idols and Underdogs: An Anthology of Latin American Football Fiction**. Glasgow: Freight Books, 2016. p. 206-210.

WELSCH, W. **Sport** — Viewed Aesthetically, and Even as Art?. *In*: INTERNATIONAL CONGRESS OF AESTHETICS, 14., 1999, Ljubljana. *Proceedings* [...]. Ljubljana: Filozofski inštitut ZRC SAZU, 1998. v. 20, n. 2, p. 213-236. Disponível em: <https://ojs.zrc-sazu.si/filozofski-vestnik/issue/view/358>. Acesso em: 23 mar. 2024.

WERTZ, S. K. A Response to Best on Art and Sport. **The Journal of Aesthetic Education**, v. 18, n. 4, p. 105-108, 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3332634>. Acesso em: 26 abr. 2023.

WERTZ, S. K. Representation and Expression in Sport and Art. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 12, n. 1, p. 8-24, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00948705.1985.9714425>. Acesso em: 26 abr. 2023.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOOD, D. **Football and Literature in South America**. London: Routledge, 2017.

WORLD POPULATION REVIEW. Most Popular Sport by Country 2022. **World Population Review**. Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/most-popular-sport-by-country>. Acesso em: 27 set. 2022.

ZIFF, P. A Fine Forehand. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 1, n. 1, p. 92-109, 1974. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00948705.1974.10654085>. Acesso em: 26 abr. 2023.